

MARCOS NOGUEIRA



SOCIEDADE SECRETA DO SEXO

*O luxo
e a lascívia
das orgias mais
exclusivas do mundo*



Ficha Técnica

Copyright © 2014 Marcos Nogueira

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora executiva: Maria João Costa

Revisão de texto: Thiago Brigada

Design de Capa: Ideias com peso

Produção Gráfica

Direção: Eduardo dos Santos

Gerência: Fábio Menezes

cip-brasil. catalogação-na-fonte

sindicato nacional dos editores de livros, rj

Nogueira, Marcos

Sociedade secreta do sexo: o luxo e a lascívia das orgias mais exclusivas do mundo / Marcos Nogueira. – Rio de Janeiro: LeYa, 2014.

ISBN 978-85-441-0001-1

1. Sexo 2. Luxuria I. Título

14-0112 CDD: 306.7

2014

Todos os direitos desta edição reservados a

TEXTOS EDITORES LTDA.

[Uma editora do Grupo LeYa]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil

www.leya.com.br

INTRODUÇÃO

O preto, o branco, os tons de cinza e todas as outras cores

Preto e branco. P&B ou, na linguagem oral, pebê. Assim são chamadas, por quem acha que um casal é pouco quando se trata de sexo, as pessoas adeptas da monogamia convencional. Apenas os *swingers* e libertinos são coloridos. O resto da população reside numa zona repleta de tons de cinza, mas sem nenhum amarelo, azul ou vermelho. Os coloridos têm lá seu método para reconhecer os semelhantes. É como se, ao se iniciar no sexo liberal, o sujeito recebesse uma lente que o permitisse distinguir seus pares coloridos do resto do mundo – repentinamente esmaecido até ficar P&B.

Os P&Bs não têm nenhuma lente semelhante para detectar os jogadores do outro time. Os *swingers* não ostentam um estilo de se vestir que os identifique como uma tribo urbana, como os skatistas ou os *hipsters*. Os frequentadores de orgias não desenvolveram uma gíria própria como a dos surfistas – há alguns termos específicos, a exemplo dessa coisa de colorido e P&B, mas nada que seja vocalizado fora dos ambientes frequentados exclusivamente por eles. Não adotam como código nenhum corte de cabelo ou adereço corporal particular (pelo menos nada que possa ser observado em um sujeito vestido adequadamente para qualquer ocasião social). Essas pessoas não são necessariamente jovens, velhas, ricas, pobres, gordas, magras nem tatuadas.

A gente de que eu trato em *A Sociedade Secreta do Sexo* pode ser aquela quarentona enxuta, com roupa de ginástica, que está à sua frente na fila do supermercado com dois filhos pré-adolescentes. Pode ser o gerente da sua conta bancária. Pode ser a linda morena de 25 anos que começou

anteontem no departamento de marketing da sua empresa. Pode ser o *chef* de cozinha que já virou celebridade. Podem ser os seus sogros. Ou os seus pais. Pode ser qualquer um.

Swingers, libertinos, orgiastas e afins constituem uma camada invisível da sociedade. O que eles não desejam é que amigos, família e colegas de trabalho saibam de suas travessuras sexuais. Temem o preconceito dos outros e têm razão em pensar assim. Não é preciso mais que uma fração de segundo para que a mente de um cidadão mediano rotule de “corno” um homem que sente prazer em ver sua esposa transar com outro homem e de “vagabunda” a mulher que se entrega para vários indivíduos de ambos os sexos numa mesma noite.

Por isso, essas pessoas são extremamente discretas e receosas de se expor ao mundo exterior. A invisibilidade é o que lhes dá a possibilidade de serem tratadas com dignidade no escritório, na igreja, em lugares públicos e dentro da própria casa.

Para viabilizar meu trabalho e não prejudicar ninguém, eu garanti anonimato aos entrevistados que confiaram em mim e me deram a chance de frequentar, como visitante, seu universo. Não estou falando das casas de *swing*: estas estão abertas ao público, basta pagar para entrar. Falo das conversas em que eles escancaram os dois lados de suas vidas, algo que não costumam fazer a um P&B, quanto mais a um jornalista. Em respeito a essas pessoas, tomei a liberdade de trocar nomes, datas, locais e outras informações que não alteram a essência da história. Só não farei isso nos (poucos) casos em que obtive autorização para publicar o nome real de alguém. Para que você saiba se estou protegendo a identidade de um personagem do livro, estabeleci a seguinte regra: quando ele tiver nome e sobrenome, essas informações são verdadeiras; se for chamado apenas pelo prenome, é porque mudei um ou mais dados.

Como qualquer grupo social, as pessoas retratadas aqui não compõem uma massa homogênea. Existem os *swingers*, que sozinhos constituem um grupo complexo. Na acepção original, estes são casais que praticam a troca de parceiros com outros casais. Eles construíram uma comunidade organizada, com estilo de vida e códigos de conduta mais ou menos iguais em qualquer parte do mundo. Essa comunidade é quase universalmente conhecida por “o meio” e engloba também aqueles interessados em sexo a

três ou em grupos de todo tamanho, inclusive gente solteira que participa de orgias.

Para complicar, dentro do meio há aqueles que rejeitam firmemente o rótulo “*swinger*”, por não se julgar 100% pertencente à comunidade ou por preciosismo semântico. Quem se autodenomina liberal, por exemplo, pode ser alguém que vai ocasionalmente a clubes de *swing* ou orgias, porém se recusa a adotar o *lifestyle*: não constrói um círculo de amizades a partir de suas preferências sexuais nem se preocupa muito em discutir a filosofia de vida que tem como pilar a rotação de parceiros. Pode ser também alguém que entenda o *swing* apenas como a troca de casais, deixando o *ménage* e as outras variantes sexuais como práticas liberais. Liberal é, enfim, uma palavra usada com muita liberalidade: pode significar quase qualquer coisa.

Já os ditos libertinos têm uma preocupação enorme em tratar a liberdade sexual como filosofia, mas abominam a estética *swinger* – tida por cafona – e são assumidamente exclusivistas. As sociedades libertinas selecionam seus membros com base em beleza, instrução e posição social. Existem também aqueles que querem vincular seu hedonismo ao paganismo, ao culto a Dionísio ou Baco, nomes grego e latino do deus do vinho e dos excessos. E há, claro, aqueles que não se encaixam em nenhum rótulo e circulam como elementos avulsos em qualquer um desses círculos. Por serem pouco numerosos, os participantes de todos os subgrupos se misturam em muitas ocasiões: *swingers* frequentam orgias de libertinos e dionísicos organizam festas em casas de *swing*.

É raro alguém ser colorido desde a iniciação sexual. A metamorfose costuma se dar quando o indivíduo P&B começa a ter curiosidade sobre formas alternativas de sexo e, na maioria das vezes, vai a um clube de *swing* apenas para olhar. O passo seguinte é transar com o próprio companheiro num ambiente público – o exibicionismo e o voyeurismo, e não apenas a troca de parceiros, são fundamentais ao *swing*. O casal então conhece pessoas nesses ambientes e pode ou não avançar para o próximo estágio, que é efetuar a troca em algum nível, do beijo na boca à penetração. A última etapa da conversão de um P&B é a admissão na panelinha, no clube fechado, na comunidade, na sociedade secreta.

As sociedades secretas existem para esconder do resto do mundo aquilo que se pratica sob o manto do anonimato. Elas protegem seus membros da

exposição pública e inibem a contaminação de determinado grupo social por elementos estranhos. Entre os *swingers*, isso significa principalmente evitar que homens solteiros acompanhados de amigas ou prostitutas entrem apenas em uma parte da transação – pegar a mulher do próximo. Já as sociedades libertinas tentam coibir o ingresso de gente feia, iletrada e grosseira. A nota de corte estética vale especialmente para as mulheres.

Quando comecei a fazer este livro, pensava na sociedade secreta do sexo como uma licença poética. Pensava em como essas pessoas, de tão ciosas da própria reputação, conseguiam fazer o que fazem às escondidas de todo o resto da sociedade. Ao longo da apuração, entretanto, descobri que *swingers* e libertinos se organizam de fato em sociedades secretas. A internet é uma ferramenta indispensável para que essas comunidades se conectem remotamente, com associados em diferentes Estados ou países. Como num facebook sacana, formam-se redes sociais para conversar, marcar encontros e divulgar eventos.

Só que, diferentemente do que ocorre no Facebook, não basta criar um perfil para participar. Na Madame O, sociedade libertina internacional que ocupa boa parte das páginas deste livro, o pleiteante a sócio é minuciosamente avaliado em fotos e precisa dar as respostas certas em um questionário de perguntas altamente subjetivas. Precisa, sobretudo, agradar ao dono do clube. No CRS, rede brasileira que visa atestar a autenticidade dos casais *swingers* para aumentar a segurança nos encontros às cegas, os novos sócios só chegam por indicação e apenas ganham acesso ao conteúdo do site depois de abençoados por quatro padrinhos. Os acusados de se infiltrar na rede são julgados sumariamente sem direito a defesa e expulsos. Aconteceu comigo.

O germe de *A Sociedade Secreta do Sexo* foi uma orgia de luxo que a rede Madame O promoveu em São Paulo em 2009. A festa rendeu uma reportagem de boa repercussão na revista masculina VIP e me despertou o interesse pelo tema, que ressurgiu no meu horizonte profissional três anos depois, quando me propus a fazer este livro. Para compor o material a seguir, demorei cerca de um ano. Restringi minha pesquisa aos círculos heterossexuais que admitem a bissexualidade feminina – o universo gay tem padrões de comportamento e outras peculiaridades que rendem um livro só para ele. Procurei também não mergulhar fundo nas incontáveis variantes do fetiche. Seria uma digressão longa demais para um tema que

também merece uma obra própria (ou várias, como comprova E.L. James). Concentrei-me em uma modalidade de sexo que, no fim da contas, é conservadora em sua transgressão. Fui a sete orgias, frequentei oito clubes de *swing*, hospedei-me em um hotel para *swingers*, estive em quatro países e quatro Estados brasileiros, entrevistei ou conversei informalmente com dezenas de pessoas, devorei livros e artigos, naveguei além do limite da prudência em sites muitas vezes suspeitos e me cadastrei em pelo menos meia dúzia de outras sociedades mais ou menos exclusivas. Apesar de se tratar de uma reportagem, e não de literatura erótica, precisei recorrer ao linguajar explícito e a descrições gráficas de sexo. Perdão a quem se ofende com palavrões.

Eu queria descobrir qual era a motivação desses indivíduos. Creio que consegui algumas pistas. Constatei, como já esperava, que eles não mordem. Que são vítimas de preconceito. Que não fazem mal a ninguém, a não ser, em alguns casos, a eles mesmos.

O sexo inseguro é uma questão delicada no meio. Todos dizem usar preservativos quando se relacionam com um parceiro alheio, mas eu vi mais de uma vez pessoas em penetração desprotegida com dois ou mais parceiros consecutivos. O fato é que em toda casa de *swing* e toda orgia a que fui havia camisinhas à disposição. Vi embalagens rasgadas e vi camisinhas usadas no chão. Muitos dos que eu vi transando sem elas poderiam estar com seu par fixo. No mais, os ambientes que frequentei são em geral escuros e não permitiam que eu carregasse um bloco de anotações. Para que a observação equivocada ou um lapso de memória não se transformasse em acusação leviana, decidi não tocar no assunto nos capítulos que seguem.

Há ainda o impacto emocional. Ninguém se aventura nessa selva de traições consentidas sem levar ao menos algumas picadas de mosquito. O problema maior ocorre quando aparece à sua frente um búfalo ou um rinoceronte – apenas para mencionar dois animais ferozes dotados de chifres. Brincadeiras à parte, todo mundo que participa de orgias (não há meros expectadores, quem olha participa como *voyeur*) precisa lidar com a contrapartida psicológica que pode se materializar em consequências boas ou más. Pode ser a epifania que te mostra o caminho para uma vida sexual mais excitante. Pode ser um casamento desfeito. Pode ser a loucura.

Esses são casos extremos. As coisas, em geral, transcorrem de maneira mais suave. Para quem nunca foi a uma orgia libertina, eu recomendo fortemente que vá. Pelo menos uma vez na vida. Você vai se surpreender de início, pois é uma festa a que todos os convidados vão para ter diversão genuína, não por obrigações sociais. Como não se pode usar o celular (câmeras, previsivelmente, não pegam nada bem), a atenção das pessoas é direcionada às outras pessoas no ambiente, não a um amigo distante no WhatsApp. Quase todos são gentis e cavalheiros. O álcool circula livremente, porém quase ninguém bebe ao ponto de ficar inconveniente ou agressivo (por razões bem presumíveis). E há sexo, muito sexo. Sua reação na hora pode ser de estranhamento, mas tenha certeza de que o bichinho da fantasia se instalou em seu cérebro. E que você vai ter transas ótimas com o seu parceiro ou sua parceira nos dias seguintes. Enfim, em muitos aspectos uma orgia é uma festa bem melhor que a maioria das festas “normais”.

Eu era um P&B convicto quando comecei a trabalhar em *A Sociedade Secreta do Sexo*. Acho que peguei uma certa cor no final.

1

A primeira noite de um homem

Um é pouco, dois é pouco, no três começa a ficar bom. Essa é a lógica da orgia. Quem nunca participou de uma festa de sexo não sabe o que está perdendo – ou melhor, ainda não sabe, pois a intenção deste livro é mostrar como essas festas funcionam. Quem já foi deve concordar comigo: a primeira orgia fica gravada para sempre na cabeça. A minha foi na noite de 18 de abril de 2009.

E que orgia! O Brasil nunca tinha visto suruba tão luxuosa. A locação seria uma mansão no bairro do Morumbi, em São Paulo. Para entrar, pagava-se uma pequena fortuna, mas dinheiro não era tudo. Se você fosse feio, barrigudo, dentuço, mal-vestido, cafona ou tivesse cara de pobre, seria barrado. Nessa orgia, só entrariam os bonitos, os ricos, os elegantes, a elite devassa da capital paulista. Eu... bem, eu entrei porque era jornalista.

A festa chamava-se “Os Sete Pecados Capitais”. Ninguém iria a um lugar assim à procura de preguiça ou de ira, imaginei. Mas eu incorri no pecado da avareza: o acordo com os anfitriões me poupou de pagar os R\$480 referentes ao ingresso de um casal. Minha acompanhante era a jornalista e amiga Cláudia de Castro Lima. Ambos trabalhávamos como editores na revista VIP e ambos éramos virgens em matéria de suruba. Escreveríamos uma reportagem a quatro mãos sobre a experiência. Um pouco antes de a orgia começar, Claudinha estava ligeiramente nervosa, visivelmente desconfortável com a situação; eu tentava acalmá-la e fingir que não temia o que poderia vir a acontecer nas próximas horas. Não

sabíamos o que veríamos, não sabíamos como os outros agiriam conosco e – agora falo apenas por mim – eu não sabia como me comportaria.

O caminho para conseguir entrar em um evento tão fechado foi tortuoso. Um mês antes, um colega da Editora Abril nos havia mostrado um exemplar da edição espanhola da revista *GQ*. Ela trazia um texto sobre festas exclusivíssimas de sexo grupal, sempre temáticas, com nomes como “Delta de Vênus” ou “Divina Comédia”. Havia três anos, as surubas de luxo aconteciam de forma muito discreta na Itália, França e Suíça. E anunciava: em breve, São Paulo entraria na rota da tal Madame O. Até onde sabíamos então, esse nome era usado para proteger as identidades dos verdadeiros promotores das orgias. Chegar a ela (ou melhor, a eles) era a tarefa seguinte.

Madame O possui um site, mas é impossível de avançar além da tela de abertura – um logotipo com uma máscara veneziana dentro da letra “o” e a foto de uma mulher também mascarada – sem uma senha. Caminho errado. Por feliz coincidência, outro colega da editora conhecia Eduardo, um ilustre empresário da noite paulistana, que tinha conexões com os europeus da Madame O. Dizer que ele tinha conexões é pouco: em uma viagem à Itália, Eduardo havia tratado de negócios com a Madame O (ou com quem se escondia atrás do codinome), de quem ficou amigo. O brasileiro foi convidado para a festa libertina, gostou muito e propôs trazê-la a São Paulo. Em pouco tempo, Eduardo seria sócio na primeira versão tropical da orgia.

Após uma negociação com a chefia da revista, Eduardo concordou que alguns jornalistas fossem à festa com as seguintes condições: não poderiam fotografar ou anotar nada, não poderiam se identificar como repórteres e não poderiam abordar convidados para entrevistá-los (nada foi mencionado sobre outros tipos de abordagem). O uso de celulares era vetado. Eu e Cláudia fomos designados para representar um casal *voyeur* e relatar nossa experiência. O redator-chefe Renato Krausz também iria com a mulher, a passeio.

Como condições autoimpostas, eu e Cláudia não iríamos participar da orgia, apenas observá-la. Ambos éramos comprometidos com outras pessoas (e ainda somos enquanto escrevo isto) e cairíamos em um dilema insolúvel ao nos deixar levar pela luxúria. Se narrássemos as peripécias na

revista, nossos relacionamentos seriam feridos de morte; se as omitíssemos, atentaríamos contra o jornalismo e sua ética.

Além das instruções específicas para trabalhar discretamente, deveríamos seguir as regras propostas a todos os convidados. Engana-se muito quem acredita nos dicionários que definem as palavras “suruba” e “orgia” como sinônimos de tumulto e bagunça. Uma festa de sexo grupal é uma das coisas mais organizadas que existem, com uma intrincada etiqueta própria e ditames que quase ninguém ousa desobedecer.

As primeiras orientações vinham no convite oficial, uma peça confusa com ilustrações eróticas de mulheres, um longo texto sobre a suposta libertinagem do movimento modernista de 1922 e algumas palavras em italiano que explicavam o espírito da coisa. “A história desta festa (...) é uma história de mulheres, de amores, de paixões e de desejos secretos. Uma história de mulheres que amam as mulheres, que amam os homens e (...) se reúnem para trocar seu homem por outro e gozar de ambos.”

Nas letras miúdas, o convite estipulava o seguinte *dress code*: “social para os senhores e elegante para as senhoras, ambos com máscaras, em sintonia com as vestes”. A máscara, como se podia perceber no site, deveria ser do tipo usado no Carnaval veneziano. Havia claramente a inspiração na cena de orgia do filme *De Olhos Bem Fechados*. Felizmente, nada era dito sobre capas ou black-tie, itens que o personagem vivido por Tom Cruise precisou caçar na noite nova-iorquina. Outra diferença em relação às regras da orgia fictícia era o horário: enquanto o médico Bill Harford chegou no meio da madrugada, nós seríamos barrados caso não chegássemos entre 22h e 23h. O endereço exato só nos seria revelado alguns minutos antes disso.

Com máscaras alugadas em um brechó, nos dirigimos ao ponto de encontro combinado por e-mail, o restaurante Casa da Fazenda, no carro de Renato, um Citroën Picasso que teve a cadeirinha de criança do banco traseiro removida para acomodar quatro pessoas. Em frente ao muro do restaurante, um rapaz contratado pela organização nos entregou um rolo de papel (que nosso contato chamou de “pergaminho”) com as direções para chegar ao local da festa. Rodamos alguns quarteirões até que, numa rua tranquila e arborizada, uma concentração incomum de BMWs, Mercedes e Land Rovers denunciava: havíamos chegado. Pontualmente às 23h.

Nada indicava que aquele seria o cenário de uma bacanal. Parecia uma festa comum em uma casa comum de gente rica mas nem tanto, uma construção dos anos de 1970 em concreto armado com dois andares, quatro quartos e um espaçoso jardim com piscina – ainda assim, nenhum palácio. Na entrada, formou-se uma pequena fila de convidados que esperavam sua vez de dar o nome à hostess. As mulheres, quase todas jovens, esguias e bonitas, usavam vestidos curtos, porém elegantes. Os homens vestiam ternos escuros. Tudo conforme mandava o convite, com exceção de um detalhe: as máscaras. Ninguém as usava.

Previendo que muitos teriam dificuldade em encontrar máscaras venezianas (e que outros tantos tentariam burlar esse detalhe do *dress code*), os anfitriões montaram uma lojinha bem na entrada da casa. As máscaras eram vendidas a R\$60 (modelo masculino) e R\$90 (modelo feminino), e quem alegava não ter encontrado o acessório era gentilmente intimado a comprar uma. Dentro da casa, todos se encontravam devidamente mascarados. Havia peças de diversos estilos, mas todas diferiam das máscaras usadas em *De Olhos Bem Fechados* num aspecto fundamental. Enquanto no filme elas escondem completamente o rosto, lá elas cobriam, quando muito, da testa ao nariz. Em nome de criar um clima sombrio e misterioso, Stanley Kubrick parece ter-se esquecido de que, quando vão a festas, as pessoas usam a boca para beber, comer, fumar e beijar. Numa festa daquela natureza, então, as possibilidades de uso da boca tendem ao infinito.

Quando entramos, as bocas eram usadas para falar muito. Conversa, não o flerte explícito, era o que se via mais no início da orgia. Havia rodinhas de amigos, com algumas pessoas que se revezavam entre uma roda e outra. Parecia que todos se conheciam naquele lugar. Com a escada que conduzia ao piso superior bloqueada por uma fita, a maior parte do grupo se concentrou no salão principal do térreo. Alguns se acomodavam nos sofás, outros sentavam desajeitadamente nos pufes. Garçons circulavam com bandejas. O som – música lounge – estava alto, mas não o bastante para atrapalhar a conversa incessante. Todo mundo estava vestido como se estivesse em uma festa de casamento. Aliás, tudo lembrava uma festa de casamento – sem noivos, sem padre e com todos os convidados mascarados.

Do lado de fora, à beira da piscina (o relativo frio do outono paulistano nos privou do show aquático dos convidados nus), a concentração humana era mais esparsa, com grupos menores, fumantes avulsos e um ou outro casal deslocado. Era lá que nós quatro estávamos. Àquela altura, tínhamos poucos indícios de que a noite seguiria o roteiro descrito no convite:

22h – 24h

Cocktail

Atmosfera misteriosa, glamour, delícias e sabores, músicas sensuais, olhares e sussurros, licores inebriantes e doces fragrâncias, à procura de outros libertinos com quem animar a própria noite.

24h

Ritual

24h – 5h

Lounge

O clima se faz quente e excitante, quem desejar poderá viver em plena liberdade as próprias fantasias. O ambiente íntimo e sensual vos levará a socializar ou a retalhar os prazeres de uma área reservada.

Se você achou alguns trechos incompreensíveis, relaxe. Mais tarde eu descobriria que a Madame O é fã do uso do tradutor do Google em seus comunicados. Mas voltemos à festa. Como estávamos na etapa “cocktail”, fui checar os comes e bebes. No setor dos sólidos, havia uma mesa de sushi perto da piscina e salgadinhos que os garçons levavam nas bandejas: coxinhas, quibes e outras frituras típicas de um aniversário de criança. Perto da porta de entrada ficava um bar de caipirinhas. A seleção de bebidas incluía ainda cerveja Itaipava, uísque Johnnie Walker Red Label e prosecco da marca Sperone – cuja garrafa, naquela época, podia ser comprada por cerca de R\$30. Gula não era um pecado prioritário naquela festa.

Renato, que havia participado da negociação para nos incluir na lista de convidados, me apresentou a Eduardo. Ninguém tirou a máscara: seríamos incapazes de nos reconhecer mutuamente mais tarde. Trocamos algumas palavras, e ele pediu licença para voltar à sala interna, onde sua mulher o esperava. Foi quando formou-se uma pequena aglomeração na sala adjunta à cozinha. A mesa de jantar havia sido substituída por uma grande cama, e sobre ela duas mulheres trocavam carícias e se despiam enquanto um fotógrafo disparava seu flash. A vaidade e a luxúria haviam finalmente dado as caras na festa dos pecados capitais. Ou nem tanto: eram modelos contratadas e posavam, como eu viria a saber mais tarde, para as fotos *fake* que ilustrariam nossa matéria na VIP.

Já era meia-noite, quando deveria começar a fase “ritual” da noite. Todos os convidados estavam presentes – o convite dizia que 70 casais, no máximo, seriam admitidos. A iluminação foi reduzida e uma música orquestral dramática começou a ser tocada no salão principal, atraindo a atenção de todos para lá.

Com parte da mobília removida, as pessoas em pé se dispuseram em um grande círculo. No centro dele, um canhão de luz apontava para uma jovem miúda, muito magra, de feições orientais, completamente nua. Ela tinha a pele coberta de tatuagens, cabelo raspado de um lado e ostentava vários piercings, incluindo um na genitália depilada. Ao lado da moça, um homem em terno escuro e mascarado como os demais, com um longo rolo de corda na mão. Começava o ritual de bondage. O homem a vendou, a amordaçou, prendeu seus braços e pernas, passou a corda entre as coxas, pela barriga, em volta das nádegas, acima e abaixo dos minúsculos seios. Por fim, pendurou a companheira toda amarrada em um gancho de uma estrutura metálica com roldanas. Ela não esboçou nenhuma reação ou movimento durante todo o procedimento. Cláudia e eu, que nunca tínhamos visto algo semelhante, precisamos segurar o riso: o corpo da moça havia virado um cilindro coberto por uma trama quadriculada que fazia saltar “gominhos” de pele nos espaços vazios. Lembrava um salame ou um queijo provolone. O homem então saiu por alguns segundos e retornou com uma vela acesa. Pacientemente, ele pingou parafina derretida por todo o corpo da parceira, até a vela se reduzir a quase metade do tamanho original. Para o *gran finale* do show fetichista, ele puxou uma

corda presa às roldanas e içou o corpo inerte a cerca de um metro e meio do chão.

A música ambiente foi bruscamente interrompida. Após um ou dois segundos de silêncio, os alto-falantes emitiram as primeiras notas de *Musica Ricercata II*, peça para piano de György Ligeti, compositor de etnia judaico-húngara nascido na Transilvânia (Romênia). É a música estranha e incômoda que Stanley Kubrick escolheu para criar a atmosfera de pesadelo na cena da orgia de *De Olhos Bem Fechados*.

Se você ainda não viu o filme e pretende se surpreender ao vê-lo, pule para o próximo parágrafo: este contém *spoilers*. Lançado em 1999, *De Olhos Bem Fechados* é a última obra de Kubrick. Nele, o médico Bill Harford (Tom Cruise) sai caminhando a esmo pela noite em Nova York, atordoado após a esposa Alice (Nicole Kidman) ter-lhe confessado que pensara seriamente em traí-lo. Após uma série de situações inusitadas, ele se dirige a uma mansão nos arredores da cidade, onde acontece um baile de máscaras. A festa, percebe-se logo, é uma orgia promovida por um culto composto pela elite do poder político e econômico. Uma sociedade secreta que não hesita em riscar do mapa quem puser em risco o sigilo de suas atividades.

Na festa da Madame O, a alusão à orgia perversa da ficção era apenas estética. Pelo menos assim esperávamos.

O martelar das teclas do piano ressoava pela casa quando removeu-se a fita que fechava a escada de acesso ao piso superior. Um a um, em passo lento, os casais começaram a subir em fila indiana como se uma força irresistível os guiasse para cima. Juntei-me aos demais, segurando Cláudia pelo braço e com o coração na mão.

A serpente humana que subia a escada virava à esquerda no andar de cima e depois novamente à esquerda, onde se dissipava numa massa amorfa de gente amontoadada na entrada de um quarto lotado. Abri caminho entre as pessoas e arrastei Cláudia pelo braço para dentro. Ali calhava de ser a suíte principal da casa, com luz de velas, música suave e duas camas king size, unidas por um grande lençol de cetim roxo, na parede adjacente à porta. Ocupando o restante do perímetro do cômodo, encostados na parede, os convidados observavam atentamente a ação que se desenrolava sobre a cama gigante. A atmosfera era pesada, quente, sufocante.

Um casal fazia sexo ritmado, coreografado, enquanto a plateia olhava em silêncio. Ela, de quatro, urrava e gritava e gemia enquanto ele penetrava sua vagina. Em seguida, sem parar um segundo, eles trocavam de posição, com o homem por cima. Logo depois, outra mudança atlética, sem perder o pique nem desengatar as duas genitálias: a mulher agora sentava-se sobre o púbis do parceiro enquanto continuava a gemer e a gritar palavrões. Quase todos já haviam percebido que o casal era uma dupla de atores pornô contratados para uma performance que, pelo menos na teoria, iria inspirar e desinibir os presentes, dando o pontapé inicial da orgia propriamente dita.

Na prática, os espectadores começaram a perder interesse pelo sexo encenado no quarto. O silêncio hipnótico foi substituído por murmúrios que em breve se transformaram em conversa animada e gargalhadas despidoradas. A massa de gente, que já havia desviado os olhares do espetáculo, se dissipou pouco a pouco. Aquele era o momento de explorar os ambientes daquele andar, e foi o que nós fizemos.

Além daquela suíte, havia quatro aposentos preparados para a maratona de sexo que a noite prometia. Bem em frente à escada, com saída para uma ampla varanda, uma sala foi equipada com uma coleção de pufes em formatos diversos, mas nenhuma cama. Ao lado dele, um quarto era mobiliado com um divã e um sofá. Na extremidade oposta do corredor, fui impedido por uma funcionária de entrar no dormitório que estava aparentemente vazio. “Aqui é exclusivo das meninas”, ela disse. Se não ultrapassasse a porta, eu poderia espiar o sexo lésbico. Não havia o que ver naquele momento, me assegurou Cláudia. Ao lado da escada, ficava algo que parecia ter sido um jardim de inverno, mas que agora estava com o chão concretado – com porta de vidro e iluminação forte, foi forrado de almofadas para agradar aos muito exibicionistas. Um último quarto estava fechado, provavelmente para servir de depósito ou escritório improvisado dos organizadores da festa.

Os minutos seguintes foram de ansiedade crescente. Percorri a casa toda, subi e desci a escada várias vezes em busca de algo interessante para narrar na matéria. No salão do térreo, grupos de meninas davam beijos coletivos; lá em cima, alguns casais se enroscavam em carinhos um pouco mais ousados. Nada que não pudesse se ver em uma festa universitária. A maior parte das pessoas, assim como eu, vagava pelos aposentos na espera

de que algo acontecesse para entretê-los – ou para estimulá-los a agir também. Desci para pegar um uísque e fui para a beira da piscina, onde meus três acompanhantes conversavam. Ficamos lá tempo suficiente para eu terminar meu copo e observar que uma quantidade crescente de casais subia a escada. Foi quando Renato, que só fuma depois de tomar umas doses e nunca compra um maço, sugeriu que subíssemos para ele conseguir um cigarro com alguém.

Atravessamos a suíte principal. Ninguém ocupava a cama dupla que tinha sido o palco do showzinho de sexo explícito. No sofá e nas duas poltronas, casais se beijavam, se bolinavam e se apalpavam. Um pequeno grupo conversava e fumava no fundo do quarto, junto a uma cortina que separava o ambiente principal de um closet e um banheiro. Fomos para lá. Eis que onde havia fumaça também havia fogo: no closet, um casal fazia sexo sem se incomodar com o fato de que mais seis ou sete pessoas compartilhavam com eles um espaço tão pequeno. Apesar da pouca luz, era possível ver muito bem o que se passava naquele canto. O homem aparentava ter uns trinta e tantos anos, era branco, tinha estatura mediana, cabelo preto curto e porte robusto, mas não gordo. A mulher, um pouco mais nova, era miúda com corpo muito bem-feito, usava próteses de silicone nos seios e uma longa cabeleira tingida de loiro. Ele estava sentado em um pequeno sofá com a calça arriada. Ela montada sobre ele de frente e com o tronco ereto, nua. Ele segurava os quadris dela com as duas mãos, ajudando-a no movimento de sobe e desce sobre seu pênis. Ela gemia de olhos fechados e mordida os lábios. Numa almofada ao lado, um homem se masturbava com os olhos fixos no casal. As outras pessoas no recinto se alternavam entre a curiosidade e a indiferença. Fiquei hipnotizado pela cena até minha visão periférica perceber uma garota vasculhar a bolsa, sacar um isqueiro e acender o cigarro que acabara de dar a Renato. Voltamos para o jardim: ele para fumar e eu para contar a Cláudia que a orgia tinha começado para valer.

Começava também o meu aprendizado sobre as peculiares normas de etiqueta das orgias e do *swing*. Numa festa desse estilo, não é indelicado olhar fixamente e com lascívia para pessoas acompanhadas. É assim que se inicia o flerte entre os casais. Contato físico na abordagem, por sua vez, é falta gravíssima: não se vê um homem pegando uma mulher desconhecida pelo braço. A bissexualidade feminina é estimulada. A

masculina, sublimada: no *ménage à trois* e em qualquer outra combinação que envolva mais de um homem e pelo menos uma mulher, eles não se tocam mutuamente. O consumo aberto de drogas recreativas é muito incomum, e bebe-se pouco para preservar o desempenho sexual. Quando um casal se interessa por outro casal, a mulher do casal paquerador aborda a mulher do casal paquerado.

Já as mulheres desacompanhadas são alvo da aproximação dos homens. Por volta de meia-noite e quarenta, depois de descer e dizer para Cláudia o que eu havia visto, fui para a fila do banheiro. Ela decidiu explorar o terreno por conta própria. Tinha uma expressão mista de susto e excitação quando voltou para me contar: um homem lhe havia feito sinal de “venha cá” com o dedo indicador. Cláudia tinha sido convidada a participar das brincadeiras de um casal que se despia no quarto mobiliado com o divã. Sorriu, agradeceu e fugiu o mais rápido que pôde. Nós dois subimos juntos para constatar: o casal não se abalou com a negativa e arrumou outro parceiro. Outro homem penetrava a mulher enquanto seu provável marido ou namorado assistia a tudo com o pênis na mão, masturbando-se. Àquela altura, já se via sexo por toda parte. No quarto ao lado, o dos pufes, dois casais – um em cada canto do cômodo – praticavam sexo oral aos olhos de um expectador. No primeiro, era o homem que explorava a vagina da companheira com a língua, lábios e dentes; no outro, os papéis se invertiam. Um expectador solitário acompanhava de perto os lances ora de uma dupla, ora da outra. A cama da suíte principal era ocupada por um casal apenas, o que a fazia parecer maior ainda.

O *dress code* virou poeira. Na medida em que a temperatura subia – literalmente, pois as pessoas estavam ocupadas com uma atividade física que as fazia suar –, as desconfortáveis máscaras venezianas eram deixadas de lado, revelando os rostos de homens e mulheres. Pelos quartos, corredores e terraços, circulava uma mistura de pessoas vestidas, nuas e seminuas. As garotas, que chegaram à festa de vestido, tinham somente uma peça de roupa para tirar e pôr (a maioria dispensou sutiã e calcinha) quando se alternavam entre o sexo e o convívio social quase casto. Já os rapazes, de quem se exigia o uso de traje social, precisavam se livrar de gravata, paletó, camisa, calça e cueca quando iam participar da suruba. E colocar tudo de volta para ir ao banheiro ou buscar uma bebida. Muitos não se davam a esse trabalho, andando em cueca e camisa pelas áreas

comportadas da festa – no térreo, durante toda a noite, a orgia não foi além dos beijos e amassos.

Em muitos aspectos, uma orgia dessa categoria é uma festa comum. Enquanto os convidados transam, o anfitrião precisa se preocupar com o serviço, a limpeza e a manutenção do convívio pacífico entre os presentes. Na casa do Morumbi, trabalhavam cozinheiros, barmen, seguranças, copeiras e faxineiras. Como os convidados, os funcionários eram obrigados a usar máscaras – neste ponto a coisa começa a ficar diferente de uma festa comum. Garçons e garçonetes tinham um figurino um tanto particular. Elas usavam espartilhos e perucas de estilo rococó para parecer cortesãs francesas do século XVIII. Eles eles tinham o corpo coberto por andrajos de algodão cru, como se fossem escravos ou algo semelhante.

Os garçons não se limitaram a servir comida e bebida, recolher copos e limpar cinzeiros. Alguns decidiram por conta própria se envolver sexualmente com as convidadas – Eduardo me diria mais tarde que isso estava totalmente fora de seus planos. Um desses trabalhadores chamava naturalmente a atenção: era um homem negro muito alto e corpulento, com a cabeça coberta por *dreadlocks* espessos que se estendiam até a metade das costas. Perto do fim da noite, ele deixou a bandeja de lado e se apoiou na parede para apreciar a visão de uma bela mulher que chupava e lambia avidamente o pênis de outro homem. Ela estava nua, de quatro e de costas para o garçom, que julgou ser uma boa ideia se unir ao casal e participar do ato. A aproximação foi tímida: suavemente, o rapaz encostou a mão direita nas nádegas da mulher e, como nem ela nem o parceiro se mostraram incomodados, passou a massagear sua vulva. Sem parar o que estava fazendo para ver quem a acariciava, ela respondeu fazendo movimentos circulares com os quadris. O gigante maltrapilho se sentiu encorajado a penetrar o longo e grosso dedo médio na vagina da mulher, que começou a rebolar com mais intensidade. Nesse momento, o garçom foi interrompido por um colega – um rapaz branco e franzino –, que o afastou com o braço e tomou sua posição. O funcionário menor pulou qualquer preliminar e sacou de imediato o pênis, penetrando a moça que seguia fazendo sexo oral no outro parceiro. Ele copulou com ela por um ou dois minutos e cedeu de volta o lugar para o companheiro de 1,95 metro, como quem diz “veja como se faz”. Vendo-se intimado a fazer algo além da assistência manual, o homenzarrão também pôs o pênis para fora. O

órgão não estava ereto, mas ainda assim ele passou algum tempo na tentativa de encaixá-lo no sexo da mulher. Depois de alguns minutos, ela interrompeu pela primeira vez o boquete no parceiro original. Voltando-se para o garçom, pôs a cabeça dele em seu ombro e deu um abraço consolador. Ele subiu a calça e desapareceu.

Cláudia e eu assistimos a essa cena sem que nossa presença perturbasse ninguém. Tínhamos a impressão de que sequer éramos notados, pois os olhares das pessoas que transavam jamais cruzavam com os nossos – que, é claro, observavam fixamente a ação. De início, olhávamos acanhadamente os amantes. Logo percebemos que o *voyeur* é uma figura essencial à orgia: quem participa delas quer ser invisível para o mundo exterior, mas se exhibe para os seus semelhantes. Em qualquer bacanal ou casa de *swing*, há uma parcela considerável de casais que não trocam parceiros. Eles se excitam por transar em público. Se não fosse assim, ficariam em casa. O *swinger* é um exibicionista. E não existe exibicionista sem o *voyeur*.

Nós éramos *voyeurs* do nível 1, principiante. Excitar-se com o sexo dos outros é algo que pode ser feito com graus de sofisticação que não conhecíamos até voltar ao quarto do divã. Foi nesse cômodo que, no começo da festa, o homem que abordou Cláudia ofereceu a própria mulher a outro sujeito. Retornamos cerca de quinze minutos depois disso para encontrar a mesma moça fazendo sexo com um terceiro parceiro, enquanto seu acompanhante olhava, se masturbava e, de vez em quando, a beijava na boca ou nos genitais. Nas duas horas que se seguiram, ela trocou pelo menos seis vezes de parceiro sexual – perdemos a conta porque às vezes saímos para ver o que se passava nos outros ambientes. O homem que a acompanhava só a penetrou em uma ocasião. O último a copular com ela não encontrou uma amante muito dedicada: cansada, a mulher se esquivava de seus beijos e carícias. Até que ela interrompeu o ato, levantou-se e começou a se vestir, ajudada pelo acompanhante. Ambos caminharam para a suíte maior da casa, onde várias pessoas em pé assistiam a dois casais que transavam. Nos posicionamos ao lado da dupla para ouvir sua conversa. Conseguimos escutar apenas o que ela disse: “Eu achava que você ia me trazer para uma festa normal, não sabia que era assim”. Com a fala um pouco enrolada por excesso de álcool ou exaustão, ela voltou a se dirigir ao parceiro para fazer uma reclamação. “Você não

me disse seu nome a noite toda.” Tínhamos ali uma relação muito recente, negociada sabe-se lá em que bases.

Esse tipo de dupla era a exceção, não a regra. Muito casais usavam alianças na mão esquerda, indicando que a união era oficializada por lei. Outros, mesmo sem aliança, trocavam beijinhos e abraços carinhosos quando estavam na área social da festa. Lá pelo meio da noite, por volta das duas horas e meia, eu já havia visto e aprendido um bocado sobre aquele mundo novo que se abria diante de mim. As pessoas que estavam lá não correspondiam à imagem estereotipada do *swinger*, aquela que se vê nos programas americanos que a TV por assinatura passa na madrugada: gente estranha, gasta pela idade e com um gosto muito peculiar no que diz respeito a roupas, penteados e maquiagem. O público da Madame O era jovem, bonito e de bom gosto. Eram as classes alta e média-alta dos Jardins e de Ipanema. Na ocasião, fiquei perplexo ao me dar conta de que pessoas do meu convívio social poderiam se despir e fazer sexo na frente de dezenas de pessoas com tanta naturalidade – isso em teoria, pois não encontrei nenhum conhecido em minhas andanças por orgias e casas de *swing*.

Eu estava deslumbrado por perder minha virgindade em matéria de suruba. Sentia-me ao mesmo tempo excitado, confuso com tanta informação nova e muito curioso. Curioso para tentar entender o que movia todas aquelas pessoas a fazer o que faziam. Na cabeça do heterossexual latino, ceder o(a) próprio(a) parceiro(a) é uma ideia que vai contra sua natureza possessiva e ciumenta – vide o extenso repertório de canções que falam da dor da traição em nossa música popular. Não apenas cediam o parceiro, mas o faziam na frente dos outros em um ambiente onde muitos fazem sexo simultaneamente. É inevitável que, além da visão e da audição, o olfato também trabalhe para compor a impressão geral da experiência. Ali, depois de algumas horas, misturavam-se os cheiros de suor, de saliva e de outros fluidos corporais com o odor de látex dos preservativos e o aroma dos perfumes de mulher e dos incensos acesos nos cantos da casa. Nosso sistema límbico transforma toda essa informação olfativa em tesão ou repulsa. Ou em algo no meio do caminho.

O quarto reservado às meninas não funcionou como o planejado. Em apenas uma ocasião Cláudia presenciou o sexo entre duas mulheres. Por volta de 1h30, a entrada foi liberada para os homens, e o cômodo passou a

receber casais. A atividade bissexual feminina, no entanto, era intensa. No andar de baixo, durante toda a noite havia grupos de mulheres que interrompiam a conversa para se beijar umas às outras, além de se dedicar a carícias nas pernas, na bunda e nos seios das amigas. No piso superior, as trocas de casais quase sempre envolviam uma fase em que as duas mulheres beijavam-se e faziam sexo oral. Outro padrão comum nessas trocas era deixar para o final – a parte em que o homem ejacula – o ato sexual com o parceiro fixo.

Por volta das quatro horas, Cláudia e eu estávamos exaustos, querendo ir para casa dormir e assimilar tudo que havíamos presenciado na noite. Mas, por dever profissional, precisávamos ficar na festa até o fim. Fomos até o fundo do quarto maior e sentamos – não sem algum receio de encostar em substâncias saídas do corpo de outra pessoa – em duas poltronas que tinham uma cômoda de madeira entre elas. Todos os outros ambientes já estavam desocupados, com um rastro de papéis amassados, embalagens de camisinha e cinzeiros cheios de baganas de cigarro. À nossa frente, na cama grande, exercitavam-se os últimos atletas sexuais da orgia. Eram dois casais com uma animação notável para hora tão avançada.

De repente um outro casal surgiu de mãos dadas do corredor vazio, como se tivesse acabado de chegar e procurasse o lugar mais agitado da festa. Certamente encontrou. Os dois, bem jovens, se acomodaram sentados lado a lado em um canto da cama que não estava sendo ocupado pelos outros quatro. A garota fez o parceiro se deitar, com as pernas dobradas e os pés ainda tocando o chão. Depois de tirar os sapatos e arrastar o corpo mais para o centro do colchão, os namorados começaram a se beijar e a se bolinar mutuamente. Ela tirou o vestido e ficou só de calcinha; ele não parava de olhar ao redor, com semblante preocupado, enquanto ela arrancava sua camisa. As mãos da moça desceram para o cinto, prontamente desafivelado, e para o fecho da calça do parceiro, que em questão de poucos segundos estava nu em pelo. Na tentativa de trazer de volta à vida o pênis flácido do rapaz, ela o pôs inteiro na boca e começou a sugá-lo com entusiasmo mediano. Cerca de cinco minutos depois, a medida surtiu algum efeito – o sujeito continuava muito atento ao que acontecia ao redor, desconcentrado –, e o órgão passou do repouso total para uma ereção pela metade. O suficiente para que a garota tirasse a calcinha e o pusesse para dentro dela. O jovem tinha quase uma ereção

plena quando mais um casal, que também vagava pela casa vazia em busca da saideira, os abordou e propôs *swing*. Eles recusaram a oferta e voltaram ao que estavam fazendo – havia terreno a se recuperar no entusiasmo do garoto. Quando pareciam estar se entendendo outra vez, uma nova abordagem, seguida de outro “não” e de mais uma tentativa de começar a transa outra vez. Os outros dois casais na cama, que durante todo esse tempo se ocuparam de seu próprio sexo grupal, rolaram para perto deles, e um pé atingiu involuntariamente a cabeça do moço. Visivelmente consternado, ele levantou-se, vestiu-se e foi embora apressado, levando a namorada pela mão.

A orgia particular do quarteto se estendeu por mais ou menos uma hora, até o dia já estar em vias de amanhecer. Quando finalmente pareciam cansados, puseram-se sentados na cama e, ainda pelados, passaram a conversar sobre assuntos cotidianos. Um dos homens se levantou e caminhou em nossa direção com o pênis ainda meio ereto. Ele chegou perigosamente perto de Cláudia, com o membro a uns 30 centímetros do rosto dela, quando se esticou para pegar algo no armário entre as poltronas. Enquanto ele voltava para a cama, eu me divertia com a lividez pós-susto da minha colega. O homem havia buscado uma caixa de lenços de papel, e as meninas agora limpavam suas partes íntimas com eles. Nesse meio-tempo, os dois varões vestiam a roupa e discutiam as chances de cada time no clássico São Paulo x Corinthians que ocorreria algumas horas mais tarde ali ao lado, no estádio do Morumbi (o jogo terminou em 2 a 0 para os corintianos). Quando todos estavam prontos, só nós dois ficamos no quarto. Era a hora de encerrar o expediente.

A manhã já apontava timidamente quando descemos e finalmente pudemos ligar nossos celulares abertamente (antes disso já o havíamos feito secretamente no banheiro, para ver as horas e fazer anotações). O movimento no salão já era nulo, e próximo à saída ainda havia meia dúzia de pessoas trocando beijos na boca um tanto sonolentos. Como Renato e a mulher haviam saído cedo (alegadamente sem participar da orgia), precisávamos ainda esperar o táxi que iríamos dividir na volta. Enquanto ele não surgia, fomos ao bufê de café montado ali ao lado. Peguei três minibombas de chocolate que – somadas à coxinha, ao bolinho de carne-seca e às duas maçãs de mais cedo – foram tudo o que eu comi na festa.

Ao chegar em casa, deixei o terno que eu usava no cesto de roupa suja. A máscara eu coloquei em uma sacola para devolver ao brechó. Eu não precisaria dela na segunda-feira, quando iria entrevistar pessoalmente a Madame O.

As regras do jogo

Quase quatro anos mais tarde, eu faria contato com pessoas que frequentaram as festas da Madame O no Brasil. Já passavam dez minutos do horário combinado, e elas ainda não haviam chegado. Meus olhos se fixaram na saída da escada rolante que dava acesso ao piso em que ficava o restaurante, em um shopping center da Barra da Tijuca. Procuravam um casal que se encaixasse no perfil que eu imaginava ter um *swinger*: ela com um vestido escandalosamente curto, ele exageradamente forte e com a pele alaranjada pelo bronzamento artificial. Ainda olhava para escada quando senti uma mão em meu ombro. Era o Marcos. Atrás dele estava Érica, sua mulher. O casal que eu esperava para jantar.

No visual, Érica e Marcos não eram o cúmulo do recato, mas passavam longe da imagem distorcida que eu tinha na cabeça. Ela usava uma calça justa o bastante para atrair a atenção de qualquer homem, uma sandália com salto plataforma e uma blusa de tecido leve, estampada em cores vivas, discreta. Quanto a ele, a combinação de jeans com camisa polo era idêntica à de 90% dos outros frequentadores do shopping. É um tanto óbvio dizer que o Hulk que eu imaginava não correspondia à figura de Marcos: ele tinha estatura mediana, pele branca levemente bronzada, cabelo preto e massa muscular de quem frequenta a academia duas vezes por semana, se tanto.

Cheguei ao casal Érica e Marcos ao procurar repercussões da reportagem que eu escrevera sobre a orgia da Madame O em São Paulo. Na época, Marcos me havia escrito no e-mail corporativo para procurar mais detalhes de como participar de tais festas. Agora, quase quatro anos

mais tarde, eu os procurava de volta para saber se haviam ido às duas festas que se seguiram à publicação de meu texto.

Descobri que, sim, eles foram às festas. Mas não apenas isso. Érica e Marcos eram *swingers* de longa data. Essa palavra, *swing* – literalmente, “balanço” em inglês –, oscila entre o céu e o inferno do público que se diz liberal. Alguns se apegam a ela como símbolo de um modo de vida que inclui, entre outras coisas, o gosto pela troca de casais. Outros, usando os mesmos elementos em uma argumentação oposta, alegam que o termo é associado em demasia à troca de casais e a uma subcultura marginal que a pratica de modo sub-reptício. Para os últimos, o uso da palavra *swing*, já desgastada e carregada de preconceito, não incentivaria os casais liberais a sair do armário.

Gostem dela ou não, a palavra ainda é a mais usada no Brasil para tratar de um estrato da sociedade que compartilha a simpatia por aquilo que a antropóloga Olivia von der Weid, estudiosa do meio, chama de “adultério consentido”. Ser um *swinger* é ter um relacionamento estável heterossexual e experimentar parceiros sexuais diferentes, com a autorização ou a presença do outro esposo.

Mas não é só isso. Os *swingers* (ou suingueiros, como dizem alguns) constituem uma comunidade coesa, organizada e fechada, com normas estritas de conduta. Eu não sabia de nada disso antes de encontrar Érica e Marcos naquele restaurante. Na minha ignorância, eu pensava que os suingueiros eram gente que perdia a compostura um sábado por mês em algum clube escuro, transava com uma série de estranhos e depois voltava para sua vidinha normal, sem desenvolver qualquer vínculo de afeto com as outras pessoas que faziam a mesma coisa.

O casal me fez perceber o quanto essa ideia era despropositada. Érica e Marcos conheciam quase todo mundo que era alguém no mundo *swinger* – sim, a comunidade tem sua hierarquia. Eles me contaram que oito entre dez pessoas que frequentaram as festas da Madame O no Brasil eram membros desse círculo, que extrapola fronteiras estaduais. As peças começavam a se encaixar. Isso explicava por que os participantes de uma orgia importada da Europa conversavam como velhos amigos antes e depois do sexo. Eles eram velhos amigos. O círculo da Madame O simplesmente havia cooptado uma parte do círculo *swinger* para sua festa. Eu precisava entrar nessa roda.

Se é que alguma guerra tem seu lado bom, esse lado é a incorporação do conhecimento obtido para fins bélicos na vida cotidiana da população. Os rios de dinheiro investidos em pesquisas militares contribuíram para o desenvolvimento, entre outros setores, da aviação civil, da indústria automobilística e da geração de energia (em que pese todo o sangue derramado na obtenção desse avanço científico). Uma guerra traz também mudanças sociais profundas para os povos envolvidos no conflito. Quando o conflito em questão é a Segunda Guerra Mundial, é certo que as transformações tecnológicas e sociais tiveram dimensão e abrangência inéditas. O mundo que ressurgiu após a queda da Alemanha nazista e a rendição do Império Japonês vinha cheio de novidades. Uma dessas novidades era o *swing*.

O intercâmbio de parceiros e as orgias sempre existiram, mas o *swing* como o conhecemos é uma invenção dos pilotos da Força Aérea dos Estados Unidos que serviram na Segunda Guerra Mundial. Essa é a tese defendida pelo jornalista canadense Terry Gould no livro *The Lifestyle – A Look at the Erotic Rites of the Swingers* (“O Estilo de Vida – Um Olhar Sobre os Ritos Eróticos dos *Swingers*”, sem tradução para o português). Durante a guerra, os pilotos muitas vezes levavam suas mulheres para as bases militares, em território americano, de onde partiam para suas missões. Dada a alta taxa de mortalidade desses militares – um a cada três era abatido em combate –, eles criaram uma espécie de rede de proteção para suas famílias. Um piloto se comprometia a tomar conta dos familiares de um companheiro morto – que, se a situação fosse invertida, presumia-se que fizesse o mesmo. Organicamente, o pacto transformou as famílias dos pilotos de guerras em uma comunidade com regras de condutas bastante peculiares. Entre elas, o compartilhamento de esposas.

O casal de sexólogos Joan e Dwight Dixon, fontes de Gould em seu livro, estudou essa mudança de comportamento sexual nas bases aeronáuticas. Segundo eles, foi na caserna que surgiram as *key parties*, festas da chave. O jogo funcionaria deste modo: cada piloto depositava uma chave dentro de um chapéu, e as esposas, como num sorteio de amigo oculto, iam uma a uma pegando uma chave aleatória. Assim eram formados os pares que fariam sexo naquela noite.

Gould diz ser impossível saber se a brincadeira era feita exatamente assim. Tampouco explica o que ocorria quando, num golpe de azar, uma

mulher pegava a chave do próprio marido. O fato é que o termo *key club* foi adotado no pós-guerra como sinônimo de um tipo muito peculiar de estabelecimento, que casais frequentavam para fazer sexo com outros casais. “No fim dos anos de 1940, instalações militares do Maine ao Texas e da Califórnia a Washington tinham prósperos clubes de *swing*”, escreve o autor. “No fim da Guerra da Coreia, esses ‘*key clubs*’ haviam-se espalhado das bases aéreas para os subúrbios adjacentes, entre profissionais de escritório certinhos, e o crescimento desses clubes foi simultâneo ao aparecimento do sexo grupal entre os primeiros *beatniks*.”

Em 1953, o pesquisador americano Alfred Kinsey fez a primeira menção ao *swing* em um trabalho científico sério, o livro *Conduta Sexual da Mulher*:

Deve ser ressaltado novamente, entretanto, que a maioria dos maridos que aceitaram ou encorajaram a atividade extramarital de suas mulheres o fez em uma tentativa honesta de dar-lhes a oportunidade de obter satisfação sexual adicional. (...) Isso representou um rompimento notável com uma tradição centenária.

A imprensa só iria dar atenção ao assunto em 1957, quando Everett Myers, editor de uma revista semipornográfica de Nova York chamada *MR*, publicou uma pequena reportagem sobre a prática sexual conhecida por “troca de esposas”. “As vendas daquela edição foram tão esmagadoras que Myers percebeu que havia encontrado algo equivalente a um grande poço de petróleo”, conta Terry Gould. A partir daí, o editor resolveu publicar uma coluna mensal em que leitores escreviam seus próprios contos suburbanos de orgias com os vizinhos. Ele foi imitado por outras revistas, que acrescentaram um detalhe que viria a ser um dos pilares do universo *swinger*: o anúncio classificado com fotos que mostram tudo, menos o rosto de quem anuncia. “Em 1960, vinte revistas dedicadas exclusivamente aos anúncios de *swing* vendiam feito água nas bancas da América do Norte”, afirma Gould.

Foi mais ou menos nessa época que o *swing* ganhou esse nome. A expressão “troca de esposas” irritava as esposas em questão por sua conotação abertamente machista – apenas os homens seriam agentes ativos, enquanto as mulheres eram reduzidas à condição de objeto de

escambo. Segundo Gould, ninguém sabe ao certo quem começou a usar a palavra “*swing*”. “Ela provavelmente é relacionada à música dos anos de 1940 [o *swing*, estilo de jazz, era popular na época], que por sua vez provavelmente foi chamada assim por causa da liberdade de movimentos que as danças daquela era permitiam.” Em 1969, quando um certo Robert McGuinley abriu o clube Wide World na Califórnia, todo mundo nos Estados Unidos já sabia o que era *swing*. E não estamos falando de música.

McGuinley, engenheiro aeroespacial e doutor em psicologia, é hoje a liderança mais importante da comunidade *swinger* mundial. Ele fundou e administra as duas principais associações do ramo: a LSO, Lifestyles Organization (algo como Organização do Estilo de Vida, nome politicamente correto do *swing* nos Estados Unidos) e a Nasca, North American *Swing* Clubs Association (Associação dos Clubes de *Swing* da América do Norte). Organiza convenções que atraem milhares de pessoas e é um dos poucos ativistas da causa *swinger*. Causa que pode ser resumida na luta contra o preconceito e na campanha para que os suingueiros “saíam do armário”, ou seja, se assumam publicamente como tais.

O herói trabalhava como prestador de serviços para a Força Aérea americana em 1966. Ele era civil, mas precisava se sujeitar a algumas regras militares de seu ambiente de trabalho. Entre elas, abrir mão da privacidade. A aeronáutica investigava todos os aspectos das vidas de seus colaboradores, inclusive o aspecto sexual. A correspondência particular de McGuinley foi devassada pelos espiões. Eles encontraram cartas que ele trocara com a mulher de um sargento que havia publicado um anúncio numa revista de *swing*. McGuinley foi demitido.

Três anos mais tarde, já havia centenas de clubes de *swing* nos Estados Unidos. Apenas na área de Los Angeles, funcionavam 18 casas do gênero. Uma delas era o recém-aberto Rancho Sandstone, mistura de clube de *swing* e comunidade alternativa que promovia o amor livre e atraía artistas e intelectuais. Das outras, a maior parte consistia de saunas, em que o cliente entrava, guardava a roupa num vestiário, fazia sexo, se lavava, se vestia e saía. Havia ainda boates em que o sexo era praticado num ambiente com música ensurdecedoramente alta. Não era esse tipo de “abatedouro” que McGuinley, agora um próspero corretor de imóveis,

tinha em mente como o clube ideal para pessoas normais como ele e a maioria dos praticantes de *swing*. E toda a filosofia por trás de Sandstone lhe parecia intimidante.

“Era como um grupo de ajuda. Esperava-se que você passasse por uma grande transformação psicológica, que tivesse uma catarse, que encontrasse o sentido da vida”, declarou McGuinley no livro de Terry Gould. Ele só queria transar num ambiente agradável e aconchegante. Para isso, abriu o Wide World, possivelmente o primeiro clube de *swing* parecido com os atuais. Mas não tão parecido assim. Era realmente um clube. Para frequentar o Wide World, era preciso se associar – em meados dos anos de 1970, o número de sócios chegava a cerca de 1500. Em vez de enfileirar salas escuras para orgias anônimas, sua sede mimetizava uma casa de campo familiar, com piscina, lareira e ambientes amplos.

Outro clube americano que fez história foi o Plato’s Retreat (“Retiro de Platão”), aberto em 1977 no porão do luxuoso hotel Ansonia, no Upper West Side de Manhattan. Eram os últimos dias da euforia sexual que precedeu a descoberta da AIDS, e o clube novaiorquino fervia com celebridades – o cantor Sammy Davis Jr. e o ator Richard Dreyfuss, entre outros, eram frequentadores – misturadas a gente comum como motoristas de ônibus e professoras primárias. O lugar, apelidado de Club 54 do *swing* (uma referência à casa noturna mais famosa em Nova York na época), só admitia casais. Já haviam sido incorporadas características presentes nas casas de *swing* atuais, como divisão do espaço em duas áreas, uma social e outra reservada para a prática do sexo. Apenas casais eram admitidos. Na pista de dança, a roupa era opcional; na área reservada, a nudez era obrigatória – norma que persiste até hoje em muitos clubes americanos.

Em 1980, as reclamações dos vizinhos fizeram o Plato’s Retreat se mudar para uma locação bem menos charmosa no sul da ilha. Em 1981, surgiram as primeiras notícias referentes à AIDS. Em 1985, a casa fechou. O *swing* saía dos holofotes e voltava a operar nas sombras.

O Brasil de 1985 tinha um presidente civil – o maranhense José Sarney – pela primeira vez em 21 anos. No período da Ditadura Militar, cujo departamento de censura trabalhava arduamente para eliminar mamilos e pelos pubianos de filmes, peças e publicações impressas, seria inimaginável uma cultura *swinger* aberta como a que existia nos Estados

Unidos. Foi somente quando o general João Figueiredo estava prestes a apegar do poder que os adeptos da troca de casais vieram à superfície.

Na segunda metade dos anos de 1970, quando o país vivia a tal “distensão lenta, gradual e segura” conduzida pelo presidente Ernesto Geisel, o *swing* no Brasil passava por um estágio semelhante ao que os americanos viveram duas décadas antes. A atividade era feita às escondidas. O contato entre os casais se dava por meio de anúncios classificados nas revistas pornográficas que circulavam semiclandestinamente. A partir de 1979, ano da posse de Figueiredo e da revogação do AI-5¹, houve um relaxamento das forças da repressão que permitiu alguma ousadia na exposição de qualquer material relacionado a sexo.

Na edição 125 da revista masculina *Ele Ela*, de setembro daquele ano, a modelo que expunha os seios na capa era Luiza Brunnet (creditada assim, com “n” duplo), então com 17 anos. A publicação pertencia à editora Bloch, que publicava também a revista de variedades *Manchete*, e ainda não se arriscava a imprimir fotos da genitália feminina, mesmo que oculta sob um espesso tapete de pelos. Os *swingers* já usavam as páginas da *Ele Ela* para marcar programas e se expressar livremente, não em anúncios pagos, mas em cartas à redação. Eis alguns exemplos pinçados do número 125 da revista:

ONDE PRATICAR?

“Quero protestar contra o preconceito de certos hotéis aqui do Rio que não permitem o ingresso, em um mesmo apartamento, de mais de um casal. Pergunto: onde podemos praticar swing, ménage a trois, grand complet e outras delícias? Façam uma campanha contra isso”

C.A.L., Rio-RJ.

PAR OU ÍMPAR

“Mãe e filha, tia e sobrinha, duas primas ou duas irmãs, escrevam-nos. Somos um casal altamente desinibido, picante, ambos morenos-claros, 1,74m/1,58m, 42/32 anos, engenheiro eletrônico/universitária. Mesmo que você não esteja na lista acima, faremos sua noite muito feliz”

A.F., São Paulo-SP

TROCA DE SONHOS

“Casal de boa aparência, que considera o amor a maior curtição da vida, que acha o orgasmo um simples ponto final do poema (porque o bom está nas preliminares, nos beijos e carícias), adepto, portanto, do sexo demorado, sem preconceitos e com muita ternura, deseja encontrar outro casal ou moça que pense da mesma forma para uma farta troca de sonhos”

M.R. de S., São Paulo-SP

Esses *swingers* dividiam as páginas de cartas com outros nove casais liberais, dois rapazes que se ofereciam para passear cães no Rio de Janeiro, a súplica de um menino de 14 anos (que, em tese, não poderia comprar a revista) pela doação de uma bicicleta e um virgem de 20 anos que compartilhava com todos os leitores da *Ele Ela* o seu endereço completo no subúrbio carioca, no afã de conseguir sua primeira parceira. A grande maioria dos missivistas, a exemplo do casto de Osvaldo Cruz, estava atrás de sexo. Afinal, era uma revista de mulher pelada. Mas, aos poucos, os classificados de *swing* tomaram também os cadernos da imprensa *mainstream*, os jornais de circulação nacional. A exemplo desta peça, publicada na *Folha de S.Paulo* em 18 de agosto de 1981, entre dois anunciantes que vendiam o próprio rim e um que pretendia passar adiante uma tela de Di Cavalcanti:

“SWING”

CLUBE

A opção exclusiva para casais modernos. Requinte e discrição. Das 16 às 2h.

O anúncio não mencionava o endereço do lugar, que aparentemente não tinha nome. A julgar pelo prefixo do telefone fornecido, a casa ficava no bairro paulistano de Perdizes, que na época tinha apenas residências, escolas e algum comércio local, com a vida noturna restrita aos botequins frequentados pelos alunos da PUC² depois das (ou durante as) aulas. O clube possivelmente ocupava um imóvel residencial, sem anúncio ou luminoso na fachada, e certamente funcionava sem licença. Não havia casas de *swing* no Brasil. O que existia era a estratégia dissimuladora de alguns empresários, que promoviam encontros de casais em

estabelecimentos registrados e anunciados como saunas, boates, bares e restaurantes.

A interação entre os *swingers* continuava a ocorrer principalmente via classificados, que agora tinham veículos ainda mais eficientes para propagar a mensagem. Da noite para o dia, o mercado editorial fora invadido por revistas pornográficas que traziam fotos de sexo explícito ou de modelos femininas em close genital. Publicavam também anúncios de pessoas em busca de parceiros sexuais, desde prostitutas até homens solitários que não conseguiam abordar mulheres de outra forma. E, claro, casais interessados em casais. Havia também publicações em que os anúncios eram o assunto principal. A *Fiesta*, por exemplo, reservou 17 das 64 páginas de sua edição de maio de 1988 aos leitores que se ofereciam em textos curtos e diretos, em alguns casos acompanhados de fotos tão toscas quanto reveladoras. O jornalista Otavio Frias Filho, diretor editorial da *Folha de S.Paulo*, descreve esse tipo de revista em “Casal Procura”, artigo sobre sua incursão no universo *swinger* que integra o livro *Queda Livre*:

Foi assim que um belo dia comprei uma revista sem perceber que era uma publicação nacional especializada em classificados sexuais.

Sabia que existiam revistas assim, mas não exatamente assim: quase todas em suas páginas, em papel de boa qualidade e muito bem impresso em cores, eram ocupadas por fotos dos anunciantes – casais, homens, mulheres, duplas de mulheres, duplas de casais – que a revista publicava de graça, conforme a ordem de chegada. Mais homens do que mulheres, mas fora isso o mostruário de polaroids reproduzia um corte transversal da humanidade, onde apareciam corpos gordos e magros, claros e morenos, jovens e maduros, feitos e bonitos, quase sempre nus. Era, tanto quanto possível, a nossa espécie outra vez em estado de natureza. Casais procuravam casais ou propunham ménage com outro homem ou mulher. Homens procuravam homens, e mulheres procuravam mulheres. A grande maioria não exibia o rosto, mas fornecia caixa postal para envio de correspondência e fotos por parte de interessados que se enquadrarem no que buscamos, o que era

descrito no texto telegráfico que acompanhavam cada foto (mais tarde, as caixas postais viriam a ser substituída por e-mails).

Eu olhava abismado para aquele desfile de imagens silenciosas, instantâneos tomados numa praia deserta, num quarto de motel ou no próprio ninho de amor que visivelmente era o dos cônjuges, uma legião de tarados do Oiapoque ao Chui. Quem seriam? O que teria levado essas pessoas a romper as barreiras da repressão, do decoro, do medo de prováveis decepções ou de violação do sigilo, sem mencionar eventuais riscos físicos, para dar um salto em direção a outro mundo, onde vigorariam outras regras sexuais, outros critérios do que é lícito e desejável? Teriam realizado coisas como as que diziam buscar? Seriam indivíduos carentes que se dispunham a qualquer coisa por algumas horas de atenção sexual? Seriam falsários e masturbadores compulsivos (já que vários fotos traziam advertência contra indecisos, curiosos e colecionadores de fotos alheias)? Como teriam começado?

O engenheiro Richard, de Sorocaba, interior de São Paulo, começou ao tomar coragem para responder o anúncio que um casal publicara em uma revista de mulheres nuas em 1989. “Eu e minha mulher Suellen sempre tivemos curiosidade e comprávamos com frequência revistas como *Ele Ela*, *Fiesta* e *Internacional Big Man*, mas tínhamos receio de entrar nesse meio.” Inexperiente, ele não observou a norma que recomendava, por prudência, o uso de uma caixa postal em uma agência dos Correios para esse tipo de correspondência. “Dei o endereço da minha casa para a resposta. Fui muito orelhudo. Mas demos uma puta sorte: conhecemos um casal muito bacana de São Paulo, uma arquiteta e um advogado.”

Richard e Suellen – esse é o apelido do casal nas redes sociais de *swing* – marcaram então um jantar com o outro casal em um restaurante da rua Franz Schubert, via de passagem próxima à Marginal Pinheiros, com apenas um quarteirão, que então concentrava as mais caras casas noturnas dirigidas para o público adulto da capital paulista. À mesa, duas conversas paralelas: homens falando de assuntos corriqueiros e mulheres discutindo fantasias sexuais a dois ou a quatro. A dupla da capital propôs continuar o programa em um motel, mas o casal do interior se intimidou com a filmadora e a câmera fotográfica que o marido paulistano havia levado ao

primeiro encontro. Não seria naquela noite que Richard e Suellen estreariam na troca de parceiros.

Não foi uma noite inútil, contudo. “A mulher sugeriu que Suellen publicasse um anúncio, e nós fomos dormir com essa ideia”, conta Richard. Ele analisou as fotos dos anúncios de sua coleção e concluiu que todas eram muito ruins, com pênis e vulvas em primeiro plano, descuido com o cenário e cabeças cortadas para ocultar o rosto dos ofertantes. Produziu um ensaio caprichado com a esposa em que ela aparecia de corpo inteiro, com a cabeça posicionada de modo a não mostrar a cara, e publicou classificados com fotos em três revistas: *Fiesta*, *Big Man* e *Privé*. Desta vez, alugou uma caixa postal para receber as respostas.

“A gente faz as coisas e esquece, sabe?”, diz o engenheiro. “Só fui checar a caixa postal mais de um mês depois da publicação dos anúncios.” Encontrou o escaninho absolutamente abarrotado de envelopes. Não fosse o bastante, o atendente dos Correios lhe entregou uma outra pilha de cartas que não couberam na caixa. Cerca de 250 pessoas haviam respondido ao anúncio de Suellen, que tinha 30 anos então. “Foi um saco ler tudo aquilo.”

Entre 1990 e 1992, o casal fazia viagens constantes de bate-e-volta a São Paulo, onde morava grande parte dos pretendentes com quem eles se correspondiam. A base de Richard e Suellen na capital era a Saint Paul, uma boate na alameda Lorena eleita como ponto de confraternização do público *swinger*. Eles não faziam sexo com ninguém, apenas conheciam pessoas, conversavam e passavam a noite dançando. Àquela altura, já estavam integrados à comunidade e deixaram de depender dos anúncios para entrar em contato com outros casais.

As viagens a São Paulo eram somente parte da atividade de Richard no meio liberal. Paralelamente, ele se tornou locatário contumaz de um sítio na região de Sorocaba. Uma propriedade com capacidade para receber até 200 pessoas e acomodação para metade dessa gente passar a noite com conforto, que era alugada para casamentos e festas de fim de ano de empresas. As festas que ele promovia no sítio eram de uma natureza um pouco diferente.

Durante dez anos, de 1990 a 2000, Richard e Suellen recebiam casais do Brasil inteiro para passar fins de semana de sexo, piscina, amizade e churrasco, não necessariamente nessa ordem. Não eram exatamente orgias,

pois durante quase todo o tempo os casais se comportavam como em uma reunião familiar – de uma família naturista, que fique claro. A farra só acabaria porque a festa começou a ganhar fama indesejada. Os caseiros do sítio espalhavam rumores de que algo extraordinário acontecia naquela propriedade, que também sediava encontros regulares da juventude da paróquia local. Richard achou por bem encerrar as atividades antes que a notícia chegasse aos ouvidos do dono do sítio, instalando um escândalo desnecessário.

Richard não era o único nem o primeiro a dar festas de *swing* numa casa de campo, e sequer era original ao fazê-lo. Isolar o grupo para gozar da privacidade é um recurso que a comunidade *swinger* conhece desde o início. Em 1985, o jornalista Marcelo Duarte, editor do *Guia dos Curiosos*, foi a uma dessas reuniões fazer uma reportagem para a revista *Playboy*. O passeio resultou no texto “Um Sábado no Paraíso do *Swing*”, republicado em 2006 num livro com o mesmo nome, que reuniu 40 matérias sobre sexo. Um trecho do texto de Duarte é o bastante para captar o espírito desses fins de semana:

Do outro lado da propriedade, por uma entrada privativa, aparece Marcos, um dos fundadores do clube, com sua simpática e atraente mulher, Eleonora. Depois de ficar de cueca, vem à quadra de tênis. Irritado com o ruído das máquinas, manda o porteiro – um caboclo bem velho, que não parecia nada empolgado com o desfile de nudez – oferecer 10 mil cruzeiros para os trabalhadores levarem o trator para longe. Eles aceitam.

(...)

Regressamos para a piscina e nos juntamos aos outros. Um dos casais recém-chegados mostra-se tímido. (...) O outro casal... bem, o outro casal está completamente à vontade, os dois nus, do outro lado da piscina. Ele tem o porte de um lutador de boxe e cara de poucos amigos. Ela é do tipo mignon.

– Existem dois tipos de novatos: os iniciantes em swing e os que só participaram, por enquanto, de transas a quatro, e que se adaptam em pouco tempo – descreve Marcos.

(...)

O papo é interrompido quando um dedo aponta o casal do outro lado da piscina. Eles estão em plena relação sexual, sem qualquer tipo de pudor. A moça, com os olhos cerrados e uma fisionomia de dor e prazer, movimenta-se alucinadamente e grita palavrões.

(...)

Indiferentes aos comentários, os jovens amantes não pararam de transar a mil, dentro e fora d'água, em pé, sentados e deitados. Sueli e Ivete aproximam-se silenciosas e, no momento do clímax, acariciam a moça, que urra com algum exagero. Jorge, um rapaz bastante jovem, simulando uma vontade incrível de nadar, atira-se na piscina e vai até a borda para ver o espetáculo mais de perto.

(...)

O melhor da festa, entretanto, ainda estava por vir. Alguns casais foram se formando e gradativamente entravam na sede. Marcos passou por nós e fez o convite:

– Vamos ver um vídeo?

Vídeo é uma senha, o pretexto para o início do sexo grupal. Os casais se deitam no grande colchão do quarto do swing. Logo nas primeiras cenas do filme pornô, acariciam-se, beijam-se e... pronto, estão transando. Em seguida, passam a trocar continuamente de parceiro.

Ao mesmo tempo em que popularizava o *swing* na zona rural, Richard ajudou a criar a cena liberal da maior cidade do país. Numa das noites na boate Saint Paul, ele ficou sabendo da existência de um lugar chamado Cervejaria Samantha, na avenida Miruna, em Moema. A casa, embora não possuísse as instalações típicas de um clube de *swing* – entenda por isso os ambientes feitos sob medida para a prática do sexo –, foi a primeira da cidade, de funcionamento regular, a receber quase exclusivamente casais liberais.

Richard e Suellen passaram a frequentar a Samantha e se tornaram amigos do dono, Luigi. A cervejaria era um imóvel assobradado. A luz era muito baixa nos dois pavimentos. No piso térreo, ficavam o *hall* de entrada e uma pista de dança de dimensões bem reduzidas. As escadas levavam a uma sala dotada de algumas cabines privativas, com grossas cortinas separando-as da área de circulação dos garçons. Qual cabines de um trem

de passageiros, esses compartimentos tinham dois bancos inteiriços voltados de frente um para o outro, além de uma mesa baixa entre eles. Comportavam entre quatro a seis pessoas cada um. Ou, se preferir, de dois a três casais. Era nesses cubículos que as coisas esquentavam. Mas, segundo Richard, não chegavam a ferver. “Ali só rolava uma troca de beijos. Quando ia ficando mais tarde, sempre havia um casal que convidava alguns outros para uma festa particular em seu apartamento.”

A Samantha fez tanto sucesso que Luigi, ao perceber que havia uma demanda reprimida, decidiu montar, em 1992, uma outra casa dedicada ao *swing*, desta vez com quartos para os casais se divertirem. Richard, que com sua simpatia já havia feito amizade com todo mundo no circuito, fora encarregado de fazer a divulgação do clube. O ponto da Bon Vivant ficava na alameda dos Arapanés, também em Moema. Assim como a Samantha, ocupava um imóvel de dois andares. Com a diferença de que a porta da rua abria diretamente para a escada que levava ao piso de cima. Lá estavam o bar e a pista. Descendo-se novamente nos fundos da casa, havia um quintal que fora convertido em uma espécie de praça, com seu centro ocupado por uma gaiola usada por dançarinas profissionais (ou frequentadoras animadas) para shows sensuais. No fim da pracinha, uma edícula com dois ou três quartos acolhia os frequentadores que quisessem fazer sexo lá mesmo.

O sucesso da Samantha se repetiu na Bon Vivant, o que inspirou Luigi mais uma vez a pensar em expandir seus domínios, novamente com a ajuda de Richard. Cerca de um ano mais tarde, ele arrendou por um mês a Marrakesh, a um quarteirão do seu estabelecimento. Em funcionamento desde os anos de 1980, a Marra, como a conhecem os habitués, era uma casa noturna já frequentada majoritariamente por casais. Até a entrada de Luigi, não havia *swing*. A Marra era um tipo de lugar que não existe mais, em que casais clandestinos e semiclandestinos se aproveitavam da escuridão para namorar em paz, trocando carícias que acabariam em expulsão num bar comum. Ou um lugar a que o homem solteiro, interessado em apressar o andamento da corte, levava a moça cobiçada com a esperança de que a proximidade forçada pelos sofás estreitos a fizessem capitular mais facilmente. Foram Luigi e Richard que introduziram o *swing* naquelas dependências. Quando o dono da boate

percebeu que aquele era o caminho para melhorar a situação financeira da casa, não renovou o arrendamento.

A Marrakesh está aberta até hoje e é a casa de *swing* mais antiga de São Paulo. Richard e Suellen, pródigos promotores de festas, ainda são figuras ilustres no meio *swinger*. Depois do sucesso da Marrakesh, várias outras casas perceberam a riqueza do filão do *swing*. Só em Moema, que se tornou o epicentro do movimento em São Paulo, existem ainda a Casablanca, a Inner, a Enigma e a Vogue.

O imóvel em que a Bon Vivant se instalou, na alameda dos Arapanés, chegou a abrigar mais dois clubes para casais: o Image Night e o Lust. O inquilino mais recente é a UK Club Teen, uma balada voltada para jovens de 12 a 17 anos que fecha às 10 horas da noite e não serve álcool.

O carioca é folgado. O paulista é arrogante e não sabe aproveitar a vida. O mineiro é desconfiado. O gaúcho gostaria de viver num país à parte. O baiano é preguiçoso. O corintiano e o flamenguista são bandidos pobres e iletrados. O são-paulino é um playboy com tendências homossexuais. Os povos do Oriente Médio são negociantes imbatíveis. O argentino é um italiano que fala espanhol e pensa que é inglês. O italiano é um ótimo amante. O espanhol tem sangue quente. O inglês sempre chega na hora. O português toma tudo ao pé da letra. O brasileiro não sabe respeitar regras, leis e normas de conduta. O *swinger* é um depravado.

Generalizações como essas são fruto de preconceito e ignorância. Em um grupo de milhares ou milhões de pessoas, qualquer exame superficial de uma fração de seus integrantes demonstra o óbvio: a diversidade de pensamento e atitude é grande demais para que se possa criar um rótulo universalmente válido. Ainda assim, é impossível não generalizar em algum grau quando se tenta traçar o perfil deste ou daquele setor da sociedade. O *skinhead* tende a ser violento, o estudante de administração tende a ser mais conservador que o estudante de ciências sociais, o velho tende a ser mais prudente que o jovem.

O *swinger* tende a pensar mais em sexo que a média da população.

O modo como se encara o sexo é um fator que separa o indivíduo *swinger* dos demais. Em geral (olha a generalização aí, gente), ele tem uma visão flexível e aberta a novas experiências nesse campo. Isso não significa que todos os *swingers* encarem o sexo da mesma forma. A

expressão “troca de casais” foi tão usada que se cristalizou como um sinônimo de *swing*, o que ela não é. Nem todos os casais *swingers* fazem troca de parceiros. Aliás, sequer é preciso ser parte de um casal para ser *swinger*. Por último, os casais que praticam a troca são *swingers* não apenas porque o fazem. O buraco é mais embaixo. E, para entender o que é o universo *swinger*, é preciso explorar o buraco a fundo.

O sexo é o elemento inicial de união desse grupo. Em decorrência da procura por sexo, eles frequentam os mesmos ambientes, tornam-se amigos (ou desafetos) uns dos outros, viajam juntos, criam suas próprias redes sociais na internet, tornam-se cúmplices, desenvolvem gírias e um senso estético comum. São, enfim, uma comunidade com valores próprios. Para proteger tais valores, criaram os próprios padrões de conduta.

Assim, a palavra “*swing*”, de tão vinculada ao sexo no imaginário da população, está caindo em desuso nos Estados Unidos. Lá, o politicamente correto é dizer “*lifestyle*” (“estilo de vida”), algo que abrange tudo o que é descrito no parágrafo acima. Na verdade, abrange todos os aspectos da vida de qualquer pessoa. É genérico demais. No Brasil, o termo não pegou: *swing* é *swing*, mesmo.

Em que pesem todas as afinidades que fazem dos *swingers* uma comunidade, trata-se de uma comunidade muito heterogênea. Como apetite sexual independe de ideologia, fortuna, profissão, tipo físico, idade (graças aos fármacos que devolvem aos velhos a potência) ou gosto musical, o *swinger* é um tipo muito difícil de ser identificado fora dos ambientes que reúnem seus pares. Ele se mistura à massa na balada sertaneja e no clube alternativo de rock; no estúdio de design e no escritório de contabilidade; no diretório do PSOL e nas reuniões da juventude do DEM; nos *beach clubs* de Trancoso e no churrasquinho na laje. Ele pode estar em qualquer lugar, inclusive nos mais surpreendentes.

O coral da igreja é uma boa aposta para quem quiser encontrar Érica, a esposa de Marcos, num domingo pela manhã – apenas poucas horas depois de ter feito sexo com dois, três, quatro ou mais homens e mulheres em uma casa de *swing*. Érica e Marcos, o casal que me apresentou ao universo *swinger*, são evangélicos praticantes. São participantes ativos dos cultos, reuniões e obras sociais da igreja presbiteriana. Conheceram-se na igreja, casaram-se na igreja, tiveram dois filhos e só então deram vazão à curiosidade sexual que ambos, graças ao bom acaso, compartilhavam.

Érica, cantora e bacharel em filosofia, integrava o grupo musical da igreja que ela e Marcos frequentam, na zona oeste do Rio. Um dia ele entrou no templo e a viu cantando. “Eu bati o olho e gostei do que vi”, relembra ele, que trabalha como analista de sistemas. “Mas, como eu namorava outra menina da igreja, só fiquei de antena ligada.”

Mais tarde, quando o namoro dele já havia acabado, Érica e Marcos se encontraram por acaso em um estacionamento onde outros jovens da igreja estavam reunidos para bater papo. Foram apresentados e começaram a conversar. A conversa evoluiu para o contato físico e, antes que eles percebessem direito o que acontecia, já estavam abraçados diante do grupo de amigos comuns. “Eu dei um ultimato a ela”, recorda Marcos. “Falei: ‘Você tem duas horas para me largar’.” Passaram-se duas horas, três horas, 15 anos, e ela ainda não largou.

A descoberta do *swing* viria oito anos depois, numa festa familiar. “O pai de uma amiga abriu um clube. Os aniversários dela e do irmão aconteciam lá mesmo”, conta Marcos. Para essas ocasiões, ele lacrava o labirinto – área em que ficam as salas de encontros sexuais – e deixava aberta a parte social da casa. Parentes e amigos da família confraternizavam em meio a palcos para *pole dance* e paredes espelhadas. A revelação sobre a atividade atrás da porta trancada aconteceu em uma dessas festas. “O irmão da minha amiga, que era solteiro, vivia lá dentro. Ele me disse que eu precisava ver aquilo num dia normal. E foi contando o que se passava.” Marcos relatou as histórias a Érica, o que fez brotar a curiosidade e despertar uma tensão sexual crescente no casal.

Érica e Marcos moravam em Juiz de Fora, mas viajavam regularmente ao Rio. Uma noite, rodavam a esmo pela capital fluminense, à procura de um programa. Com alguma hesitação e timidez, um confessou ao outro que gostaria de conhecer a casa de *swing* em pleno funcionamento. Para lá se dirigiram. E não gostaram da experiência. Ou talvez tenham gostado. “Saímos de lá comentando – ‘ai, meu Deus, que absurdo’ –, só que 15 ou 20 dias depois estávamos com vontade de voltar”, conta Érica. As visitas começaram a ficar cada vez mais frequentes, e a cada uma delas o casal experimentava uma novidade. Demorou três ou quatro anos para que eles se entregassem à troca completa de casais.

Quando alguém ingressa na comunidade *swinger*, precisa de um *nick* – do inglês *nickname*, apelido. O *nick* é o nome de guerra do casal. É pelo

nick, e não pelo nome de batismo de cada um dos cônjuges, que a dupla será conhecida e chamada dentro do círculo liberal, em especial dentro das redes sociais como a CRS ou a D4 (sobre elas, falarei no capítulo 8).

No Brasil, existem basicamente dois tipos de *nick*. Um segue o modelo “Fulano e Sicrana”. Por exemplo, se os nomes forem Romeu e Julieta, o casal pode adotar o *nick* Ron e Judy. Muitos *swingers* adoram usar nomes estrangeiros ou de figuras famosas, ou os dois. “A Suellen pegou o *nick* de uma personagem da série americana *Dallas*, que passava na TV quando entramos no *swing*. O meu tem uma história parecida, mas eu não lembro bem qual”, conta Richard, do casal Richard e Suellen. A segunda categoria estabelece, além dos nomes de guerra individuais, um *nick* único para marido e mulher. Quase sempre esse apelido obedece ao padrão “Casal Alguma Expressão Sacana ou Romântica”. Assim, Ron e Judy seriam o Casal Morre de Amor. Nem todos os casais incorporam um *nick* deste tipo, porém quase todas as pessoas que participam do *swing*, para preservar a identidade, trocam o nome de batismo por um apelido.

Em geral, os *nicks* de casal contém palavras como “sedução”, “tesão”, “carinho”, “paixão”, “sensual”, “pimenta” ou “fantasia”. Não necessariamente essas palavras, mas algo com o mesmo espírito. Vale mencionar que o vocábulo “casal” muitas vezes é grafado “kasal”, “kazal” ou “ksal”. Para garantir um *nick* inédito – ele não raro é o nome de usuário nas redes e/ou o e-mail criado para se corresponder com outros casais – é frequente o abuso de letras duplas, entre outras aberrações ortográficas. Um exemplo: se a palavra “delírio” já está tomada, uma grafia alternativa seria “dhellyrius”.

Também não há limites para a criatividade na hora de compor o guarda-roupa. Os *swingers* não se distinguem pela aparência quando estão misturados ao resto da sociedade; isolados do mundo exterior em festas, clubes e outros eventos fechados, a coisa muda totalmente de figura. A mulher *swinger* compra suas roupas de festa em sex shops, lojas de fantasias, de lingerie e lojas direcionadas a dançarinas sensuais. As saias são curtas ao extremo; os decotes são profundos; as calcinhas são opcionais; quando usadas, as calcinhas são diminutas; os saltos são altos, muito altos; as cores são berrantes; as estampas são impactantes; o corte das peças é singular; o brilho ofusca; a transparência impera. Claro que esse dress code não é obrigatório, e nem todas aderem a ele – trajas

discretos e sóbrios, entretanto, são a exceção. Faz parte do jogo provocar os eventuais parceiros com esse tipo de exibicionismo.

Quanto aos maridos, não existe para eles um padrão de vestimenta. Um clube de *swing* se destaca por exhibir, unidos pelo apetite sexual, vários tipos de homem que não frequentariam a mesma festa em outra circunstância. Esportistas, playboys, *hipsters*, sertanejos, todos se vestem como se vestiriam se fossem a uma balada sem sexo. A exceção é quando a festa é temática e pede, por exemplo, que os homens se fantasiem de go-go boys.

Outro traço peculiar da aparência dos *swingers* reside nos pelos corporais – ou na ausência deles. Na região genital, praticamente todas as mulheres optam pela depilação completa. As restantes poupam somente uma faixa estreitíssima de pelos logo acima da vulva. Tatuagens e piercings íntimos são relativamente comuns. A maioria dos homens também prefere tirar os pelos pubianos, uma medida higiênica e estética: sem a base do pênis escondida atrás desses pelos, o órgão parece maior. Muitos depilam o corpo todo. Por extensão, barba e bigode não são populares nesse meio.

O novato no meio também acaba aprendendo algumas palavras novas. Os *swingers* não têm exatamente uma gíria própria, já que não criam termos para designar coisas ou ações cotidianas. Como todas as palavras inventadas se referem ao *swing*, o vocabulário se aproxima mais de um jargão técnico. Apresento a seguir alguns exemplos desse jargão, parcialmente adaptados de um *post* de Marina e Márcio, casal que mantém um dos blogs mais interessantes do meio. Eu recomendo marcar esta página para consulta posterior, pois trata-se de um vocabulário que se repete ao longo do livro:.

- Amigo(a): pessoa solteira (ou avulsa) que acompanha o casal em uma festa ou visita à casa de *swing*.
- Bater carteira: arregar, dar para trás. Expressão usada quando um casal só avisa que não faz troca quando a brincadeira com outro casal já chegou a um estágio avançado.
- Bi feminino: brincadeira entre mulheres. Quando um casal anuncia que procura ou aceita bi feminino, significa que ambos estão abertos a ter uma mulher como terceira parceira de um *ménage*.

- Brincadeira: beijos, carícias e sexo sem penetração.
- Camão: cama grande que equipa a sala coletiva; por extensão, a sala coletiva.
- Casal *fake*: dupla mista que não é composta de marido e mulher, namorados ou amantes. Normalmente vai às festas para caçar parceiros separadamente, sem transar entre si. Por exemplo, amigos ou um homem com uma prostituta.
- Casal montado: o mesmo que casal *fake*.
- Casal tacinha: casal que passa a festa toda bebendo.
- Confessionário: sala do reservado com janelas de treliça de madeira voltadas para o corredor.
- *Cuckold*: homem que gosta de ver sua mulher transando com outro homem.
- Curioso: pessoa que frequenta clube e festas para ver como o *swing* funciona; que tem interesse, mas não necessariamente disposição de participar.
- *Dark room*: sala coletiva em que a iluminação é tão baixa que não se enxergam as pessoas presentes.
- Exibicionista: pessoa que faz sexo em público, para ser observado pelos *voyeurs*.
- Festinha: encontro para sexo com dois ou mais casais, em motel, hotel ou na casa de alguém.
- *Full swap*: troca de casais que inclui a penetração no parceiro do outro.
- *Gang bang*: transa de uma mulher com três ou mais parceiros sequenciais. O marido pode ou não participar, mas geralmente assiste ao ato, o que lhe dá prazer.
- *Gang room*: o mesmo que sala coletiva.
- *Glory holes*: buracos distribuídos na divisória de uma sala do reservado, feitos para a interação.
- Grupal: relação sexual que envolve cinco pessoas ou mais, com rotação de parceiros.
- Labirinto: a) labirinto escuro instalado no reservado dos clubes de *swing*, em que estranhos se tocam sem se ver; b) por extensão, o reservado dos clubes de *swing*.
- Lanchinho: parceira avulsa que um casal leva à festa ou ao clube.

- *Lifestyle, lifestyles*: literalmente, estilo(s) de vida. Eufemismo usado principalmente nos EUA para se referir ao *swing* e à comunidade que o cerca.
- Meio: a comunidade do *swing*.
- *Ménage* feminino: sexo entre um homem e duas mulheres.
- *Ménage* masculino: sexo entre uma mulher e dois homens.
- Mesmo ambiente: modalidade em que dois ou mais casais fazem sexo no mesmo recinto, sem troca de parceiros.
- Mundo colorido: o meio *swinger*.
- Mundo P&B: o universo das pessoas que não praticam *swing*.
- Namoradinho: parceira fixa de um casal.
- *Playcouple*: casal praticante de *swing*.
- Reservado: setor de uma casa de *swing* com ambientes para a prática de sexo; labirinto.
- Sala aquário: sala do reservado com uma ou mais janelas de vidro para o corredor.
- Sala coletiva: sala do reservado, em geral mais espaçosa que as outras, projetada para acomodar o sexo grupal ou várias transas simultâneas..
- Sala separada: a troca de parceiros em que o casais recém-formados transam em ambientes separados.
- *Single*: pessoa que vai ao *swing* sem parceiro.
- *Single* casado: pessoa que tem companheiro fixo, mas não o leva para o *swing*.
- *Soft swap*: troca de casais sem penetração.
- *Voyeur*: espectador do sexo alheio.

Alguns itens do glossário acima merecem uma explicação um pouco mais detalhada. Os verbetes “amigo(a)”, “lanchinho”, “namoradinho”, “*single*” e “*single* casado” referem-se todos a pessoas que frequentam o *swing* de forma avulsa ou como convidadas de um casal. A presença desses indivíduos nas festas liberais é um ponto de discórdia na comunidade.

A ala mais progressista admite a presença dos singles e até os considera desejáveis para a dinâmica de uma festa. Os conservadores alegam que *swing* diz respeito a casais e à cumplicidade desenvolvida entre eles, sendo os participantes avulsos elementos estranhos ao espírito *swinger*. Mas

mesmo os mais ferrenhos opositores à presença dos singles abrem exceções quando um casal amigo se desfaz, seja pela separação, seja pela morte do marido ou da mulher. O senso de comunidade fala mais alto, e o(a) separado(a) ou viúvo(a) continua frequentando os encontros do meio na condição de *single*.

Já os casais montados ou fake são uma unanimidade no meio. Todos os odeiam. Odeiam porque rompe o pacto de confiança em que o *swing* se fundamenta: a troca só é verdadeira quando todos estão dispostos a ceder seu parceiro a outra pessoa para desfrutar do sexo com o parceiro alheio. Os casais montados ficam só com o desfrute. A infiltração dessas duplas é inevitável nos clubes abertos ao público em geral. Por não agir como um casal verdadeiro, sem beijos e sem transar entre si, eles são logo identificados e excluídos das trocas e do sexo grupal. Algumas redes sociais voltadas para o meio *swinger* têm mecanismos para mitigar a contaminação de seus quadros com os fake: exigem fotos íntimas do casal, só aceitam membros indicados por outros membros e fazem entrevistas antes da admissão. Mais ou menos como um clube de tênis ou iatismo, mas dedicado a um esporte diferente.

Uma vez admitidos no clube, os novos membros perdem gradualmente a timidez. Vão, aos poucos, aceitando e praticando modalidades sexuais que não praticavam antes. As etapas da escalada sexual, em ordem crescente, geralmente são estas: voyeurismo, exibicionismo, mesmo ambiente, soft swap, *ménage*, full swap, sexo grupal e gang bang. Há os que progridem até o fim da lista, há os que param numa posição intermediária. E há aqueles para quem o exibicionismo já é uma ousadia e tanto.

Os que avançam somente até o exibicionismo ou o *ménage* podem não ser considerados *swingers*, de acordo com a linha de pensamento dos puristas. Eles entendem como *swing* apenas o swap (troca) e chamam as outras práticas de sexo liberal. É uma filigrana conceitual: as festas liberais e as de *swing* são frequentadas basicamente pelas mesmas pessoas, e quem participa da troca de parceiros costuma diversificar o cardápio experimentando as outras variações de vez em quando – com a possível exceção do gang bang, um fetiche muito específico.

O *ménage* a trois com dois homens e uma mulher, apesar de aceito, é relacionado diretamente com um tabu do modo de vida *swinger*: a homossexualidade masculina. Se de um lado a comunidade abraça

conceitos libertários no que diz respeito à fidelidade conjugal, ao pudor e à promiscuidade, do outro ela prega valores que são conservadores sob qualquer ponto de vista. É um meio que usa caminhos heterodoxos para preservar uma instituição que ele considera sagrada: o casamento monogâmico entre um homem e uma mulher.

A brincadeira entre mulheres é vista com bons olhos. Há o sentimento quase unânime de que o ato homossexual de duas fêmeas é o aquecimento, tanto delas quanto dos maridos que assistem à cena, para a posterior cópula com seus respectivos machos. O *ménage* de um homem com duas mulheres, por sua vez, é a fantasia sexual predileta de nove entre dez homens. Para gozar do privilégio de possuir duas mulheres ao mesmo tempo (ainda que não seja exatamente isso o que ocorre de verdade), eles alimentam fantasias homoeróticas das esposas.

Já a presença de mais pênis que vaginas no mesmo ambiente é algo que os *swingers* buscam evitar. Nos anos de 1970, o clube Plato's Retreat, de Nova York, já vetava o ingresso de homens desacompanhados. Seu proprietário, Larry Levinson, tinha o receio de que o público gay começasse a frequentar a casa, espantando de lá os casais hétero. Nos clubes brasileiros, há o entendimento tácito de que um casal é composto de um homem e uma mulher. Para entrar, um casal gay feminino paga como duas mulheres avulsas, o que é muito pouco ou nada. Um casal gay masculino desembolsa duas vezes o valor de um homem desacompanhado, que pode ser o dobro ou o triplo do preço de um ingresso para casal hétero. Ou simplesmente é barrado na porta.

O ato sexual entre dois homens é virtualmente inexistente nos eventos *swinger*. Mas há o *ménage* masculino. Em teoria, o jogo consiste de dois homens usufruindo do corpo de uma mulher, que por seu lado desfruta de dois corpos masculinos. Os varões não transam entre si. O toque de um homem no outro não tem como ser evitado, porém é computado como acidente de percurso ou fruto do arrebatamento. Na prática, o compartilhamento da parceira com outro homem algumas vezes é uma forma de dar vazão aos próprios impulsos homoeróticos. Lúcio, sócio-proprietário de um clube de *swing* paulistano, expõe uma visão um tanto radical sobre esse ponto e, por extensão, sobre a natureza do negócio em que trabalha: “O homem que traz a esposa para o *swing* não é corno, é gay. Faz que tem tesão em ver a mulher ser comida pelo outro, mas na

realidade está de olho no cara. Já cansei de ver clientes que abandonaram o casamento para se juntar com outro homem”. Apesar de atuar no meio, Lúcio diz que não é *swinger*.

Se a homossexualidade é tabu para o *swing*, o *swing* é tabu para quase todas as doutrinas religiosas.

A fim de conciliar o *swing* e a fé evangélica, Érica e Marcos precisaram abrir mão de dogmas. “Para entrar no *swing*, a gente tem que mudar muita coisa na cabeça. Você começa a enxergar as coisas de uma maneira diferente, inclusive a religião”, conta Érica. Do lado da igreja, eles sabem, não há espaço para essa mudança de pensamento. A vida dupla que quase todo *swinger* leva é ainda mais acentuada para o casal presbiteriano. As atividades sexuais de Érica e Marcos nunca poderiam chegar ao conhecimento dos pastores e dos outros fiéis. Tal situação já criou uma grande saia-justa.

Érica e Marcos estavam em uma festa de aniversário. “Era uma festa normal, mas de gente do meio”, conta ela. Então eles foram abordados por outro casal, que disse: “Nós temos tanto medo de vocês. Somos da mesma igreja e sempre vemos vocês por lá”. Érica os tranquilizou. Afirmou que nunca os entregaria, pois eram todos da mesma comunidade – referindo-se ao *swing*, não à igreja. “Aí fomos conversando, e foi dando uma vontade de ficar com eles...”

A noite terminou com quatro evangélicos dividindo a mesma cama.

O jogo sexual tem nuances que já podem ser bem complexas quando envolve apenas dois indivíduos. Se jogado em quatro ou mais pessoas, fica mais complicado. Cada movimento seu vai afetar não uma, mas três, quatro, cinco jogadores de uma vez. E você precisa estar preparado para reagir bem às jogadas de cada um deles. Para que tudo acabe bem para todos, convém conhecer as regras do jogo e obedecê-las.

É terrivelmente equivocada a noção de que o *swing* é uma bagunça, uma suruba em que qualquer um entra sem pedir licença e faz o que bem entender. O *swing* possui uma etiqueta própria, um código de conduta com normas que variam um pouco de acordo com o grupo, o lugar e a situação, mas que seguem uma diretriz universal: todos os envolvidos na brincadeira devem estar de acordo com aquilo que será feito. Nem sempre é simples chegar a esse acordo.

A começar pelo flerte. Quando são duas pessoas a jogar, primeiro os parceiros se exibem e se avaliam à distância; em seguida vêm a abordagem e uma conversa sedutora de poucos segundos ou vários meses; a fase final é o bote, que pode ser fracassado ou bem-sucedido. A azaração entre casais segue uma lógica semelhante, apenas com um processo mais intrincado.

Quem vai pela primeira vez a uma orgia ou casa de *swing* surpreende-se com a desfaçatez e a insistência dos olhares lascivos disparados em todas as direções. Pelo código *swinger*, é absolutamente normal encarar com volúpia uma pessoa casada, mesmo quando ela está acompanhada do parceiro. Esses eventos têm um propósito definido e conhecido por todos – transar ali mesmo. Não há espaço para o pudor, verdadeiro ou fingido, e outras dissimulações que a corte a dois adota como ritual. É tudo muito direto. E com a presunção de que todos os presentes deixaram o ciúme em casa.

Quando os olhares se cruzam e há receptividade, o flerte pode não progredir diretamente para a abordagem. Muitas vezes a troca de olhares se dá apenas entre dois ou três dos quatro participantes da brincadeira. Antes de tomar a iniciativa de falar com o outro casal, a mulher precisa estar certa de que seu parceiro aprova a escolha; se foi ele quem começou o flerte, deve convencê-la de que os pretendentes são atraentes o bastante para que ela os aborde.

É a mulher quem aborda, reza mais uma regra fundamental do *swing*. E puxa conversa com a outra mulher.

Se a conversa da mulher encontra eco no casal paquerado, inicia-se uma conversa preliminar entre os quatro. A não ser que os sinais de excitação estejam evidentes em todos, é comum interromper esse papo em algum estágio, sob pretexto de buscar uma bebida ou ir ao banheiro. É nessa hora que, longe um do outro, os casais debatem se a boa impressão se sustentou e se vale a pena prosseguir além daquele ponto. Em caso positivo, a dupla que saiu volta e parte para jogadas mais agressivas com a outra – como o convite para ficar mais à vontade em um quarto. Na hipótese de alguém ter mudado de opinião, o convite pode ser gentilmente recusado ou nem chegar a ser feito.

Dentro do reservado ou dos quartos, essa dinâmica muda um pouco. Quem entra no labirinto ou na dark room vai (ou deveria ir) ciente de que

está sujeito ao toque de estranhos – algo considerado muito rude fora dali. Para rejeitar, basta afastar a mão-boba: esse é um sinal que, ao menos em teoria, todos no meio compreendem bem e respeitam. Mostrar-se irritado(a) com a bolinada indesejada é mais indelicado do que esfregar o próprio corpo nas partes íntimas de um estranho.

Nem todos aceitam o “não” com naturalidade. Como narra a blogueira Marina, do casal Marina e Márcio:

Depois que eu entendi como é que funciona a coisa, eu não deixo que ninguém passe a mãozona boba em mim. (...) Além de totalmente deselegante e deseducado é anti-higiênico. Imagina em quantas bocetas o tal cidadão colocou o dedão antes de querer bolinar você? (...) Aí, semana passada, fomos no Casablanca e lá vem algum tarado querendo passar a mão em mim. Eu não deixei, dei um tapa na mão do cara e segui em frente. Quando a gente estava saindo do labirinto, vocês não acreditam: eu vi o mesmo cara reclamando com o segurança porque não conseguiu passar a mão em uma mulher lá dentro! (...) Como se fosse obrigação de toda mulher que entra no espaço reservado deixar que qualquer um passe a mão nas partes íntimas dela...

Se todos estão a fim de jogo, é de bom tom combinar de antemão as regras específicas daquele encontro. Alguns casais não topam que o outro ponha a mão aqui ou a boca ali, e os limites precisam ser estabelecidos antes que todos estejam nus na mesma cama. Bater a carteira do outro casal, como se diz no jargão *swinger*, configura falta grave.

Os riscos emocionais de participar de *swing* e orgias serão abordados mais adiante, no capítulo seguinte. Há um princípio básico, no entanto, que pode ser arrolado como regra de etiqueta: nunca se faz ou diz alguma coisa que venha a causar ciúme no seu próprio parceiro. Isso significa não forçar a barra para ele transar com um casal que você adorou (visto que o elemento do sexo oposto era atraente) e ele não gostou (da aparência, do papo, de qualquer coisa). Significa também não fazer nada com terceiros sem que ele esteja presente. Significa, ainda, não mostrar-se encantado(a) demais com o novo par e deixar de lado aquele que você trouxe de casa.

Outra norma essencial do *swing* é a cortesia. Os *swingers* dizem – e o fazem com razão – que o ambiente de suas festas é muito mais relaxado do que o de uma balada comum. Homens não seguram mulheres pelo braço. Homens não puxam mulheres pelo cabelo. Ninguém força a barra com uma pessoa que não está a fim de conversa. Não há brigas.

Resumindo, estas são as regras básicas do *swing*:

1. Só faça o que for de consentimento geral.
2. A negociação entre os casais é feita pelas mulheres.
3. Deixe sempre claros os seus próprios limites.
4. Respeite os limites dos outros e aceite o “não” com naturalidade.
5. Não desrespeite o seu próprio parceiro.
6. Cortesia e educação, sempre.

Como em qualquer outro meio, ocorre às vezes que mesmo quem se preocupa em cumprir todo o rito termina por se envolver em situações embaraçosas. Um exemplo é o episódio a seguir, narrado por Marina:

Um casal nos chamou para a salinha da casa de swing e nós aceitamos. Quando trocamos, o Márcio pegou a menina de quatro. Deve ter doído alguma coisa, porque ela começou a gritar: “Devagar! Devagar!”. Eu estava de frente para a moça, com o marido dela, já transando e tudo o mais. E o Márcio não ouvia! E ela: “Devagar! Devagar!”. Ele nada. Então eu parei, o cara parou, e a gente ficou assim, olhando. Quando eu fui falar, o sujeito já estava quase voando no pescoço do Márcio. Antes disso, ele parou.

Márcio toma a palavra:

Na posição em que eu estava, tinha ela na minha frente, a Marina e o cara mais adiante ainda. Eu estava lá longe. E a Marina estava gemendo alto. Às vezes eu entendia “vamos lá!” e às vezes achava que ela falava com o marido ou com a Marina.

Marina conclui:

Depois do mal-entendido, a gente retomou a transa por mais um tempo. No final, eu chamei o Márcio e perguntei se ele não ouviu a moça pedindo para ele ir devagar. Ele respondeu: “Não”. Então eu disse: “Ela reclamou por MUITO tempo. Acho melhor você ir lá pedir desculpas”. Foi terrível. Foi engraçado.

O que nos leva à sétima e última regra básica de etiqueta do *swing*:

7. Não descuide da higiene. Tome banho antes de sair para o *swing*. E mantenha os ouvidos sempre limpos, pois você pode precisar deles.

¹ O Ato Institucional Nº 5 (AI-5), assinado pelo presidente Costa e Silva em 1968, foi o quinto de uma série de decretos emitidos pelo governo militar. Ele restringia as liberdades civis e suspendia diversos direitos constitucionais, sendo considerado o principal marco do endurecimento da ditadura no Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica.

O monstro de olhos verdes e outras criaturas

*Eu quero levar uma vida moderninha
Deixar minha menininha sair sozinha
Não ser machista e não bancar o possessivo
Ser mais seguro e não ser tão impulsivo
Mas eu me mordo de ciúme!*

“Mas eu me mordo de ciúúúúúme!”, gritava a plenos pulmões o público que enchia a pista de dança da Boate 2A2, no bairro carioca de Botafogo, enquanto a dupla de músicos sobre o pequeno palco tocava o sucesso *Ciúme*, da banda paulistana Ultraje a Rigor. A letra de Roger Moreira conta a história de um rapaz que, convencido pela namorada e muito a contragosto, abre o relacionamento para a participação de terceiros, quartos e quintos. Era meia-noite de um domingo de maio de 2013, e a catarse coletiva acontecia em um lugar no mínimo curioso. Aquela é uma casa de *swing*. Os jovens casais que dançavam abraçadinhos – invariavelmente elas de costas para eles – logo subiriam para o labirinto de salinhas onde veriam seus parceiros fazer sexo com outras pessoas. E iriam gostar da cena.

O ciúme é o maior perigo do *swing*. Ele é, nas palavras de Shakespeare, o monstro de olhos verdes. É a fera que precisa ser domada porque, se fugir do cercadinho, destrói o gramado, come todas as galinhas e manda o relacionamento para o bebeléu. Isso vale para qualquer relacionamento. Mas a questão torna-se particularmente delicada para casais que, por

concordância mútua, dividem um ao outro com dezenas ou centenas de parceiros sexuais.

Se você perguntar a um *swinger* (ou a qualquer um em relacionamento aberto) por que ele faz o que faz, é de 99% a chance de ele vir com esta resposta pronta: porque é muito mais honesto que o casamento tradicional. Porque, uma vez que tudo nesse meio pressupõe o consentimento do outro, o *swing* não configura traição. Porque a monogamia convencional, que exige a fidelidade conjugal, não passa de uma balela hipócrita. Uma farsa que conduz fatalmente ao adultério, já que uma aliança no dedo esquerdo não mata a atração pelo(a) colega de trabalho, pelo(a) personal trainer, pela(o) amiga(o) da(o) mulher(marido). Uma hora ou outra, diz esse discurso, o impulso sexual será mais forte que o pacto de fidelidade do casal.

Faz sentido. No casamento “fechado”, a infidelidade viceja. O sexo consentido com outros parceiros é uma forma de extravasar as fantasias sexuais sem abrir mão da segurança da instituição família nem trair a confiança do parceiro. O *swing* se encaixa na equação como uma modalidade de sexo extramarital em que o parceiro “traído” não apenas consente a aventura, mas participa dela. Na concepção ideal, é um casal que faz sexo com outro casal, não os parceiros trocados formando novos casais. No fim, o casal é cúmplice em uma travessura conjunta. Marido e mulher voltam para casa com os laços de amor fortalecidos e não se envolvem emocionalmente com os “namorados” ocasionais.

Essa é a visão idealizada. Como sabemos, todo sistema apresenta falhas. A chance de um casamento entre *swingers* naufragar é tão grande quanto a de qualquer outra união. Dentro do meio existe ciúme, intriga e traição – aqui entendida como o envolvimento sexual e emocional com outras pessoas sem que o parceiro tome conhecimento. Não mais que em outros ambientes. Não menos, tampouco.

Ingressar no *swing* ou mudar radicalmente os termos do contrato do relacionamento implica abrir uma caixa de pandora de emoções. Lidar com elas é a questão. Alguns encontram o caminho que procuravam, alguns enlouquecem. A maioria segue tocando a vida sem grandes abalos emocionais.

Abrir mão da monogamia convencional significa abrir a porta do armário em que se guardam fantasias e fetiches. Um deles é justamente o

oposto do ciúme conjugal: a excitação ao ver o parceiro no ato sexual com uma terceira pessoa. Esse é o caso de Joana e Gustavo, um jovem casal de Goiânia.

Gustavo é um cuckold, palavra em inglês que deriva de cuco, o pássaro: a fêmea dessa espécie de ave tem a fama de ser promíscua e põe ovos nos ninhos alheios. Nos meios do *swing* e do fetiche, designa o homem que se excita ao ver sua mulher com outros homens. No Brasil, é comum o uso da palavra “corno” pelos próprios cuckolds.

Joana é uma semicelebridade da televisão local. Fez curso de modelo para agradar à mãe, que sonha em ter uma filha famosa. Trabalha como assistente do apresentador de um programa que mistura variedades e notícias policiais. Dançarina, aos fins de semana viaja pelo interior de Goiás com uma banda que anima bailes de formatura e festivais rurais. Também arranja bicos numa empresa de promoção de produtos em bares e casas noturnas: é aquela moça bonita que distribui amostras de enxaguante bucal ou energético. Foi numa dessas ações que ela conheceu Gustavo, que hoje trabalha na administração de uma casa de shows.

São dois jovens que chamam a atenção pela beleza. Ela é pequena e bem proporcionada, de pele bronzeada, cabelos lisos tingidos de loiro e seios ligeiramente aumentados por uma prótese de silicone. Ele tem estatura mediana e músculos trabalhados na academia, mas sem exagero.

Joana fala. É uma pessoa expansiva, extrovertida. E fala. Conta espontaneamente que perdeu a virgindade aos 12 anos, com um homem de 22. Que é uma pessoa de apetite sexual muito intenso. Que gosta de meninas. Gustavo só intervém na conversa se lhe perguntam algo. Então sua resposta é calma, baixa e curta. Depois, ele volta a observar calado. No dia da entrevista, estava particularmente emburrado porque ela havia saído com uma amiga e um outro rapaz, sem avisá-lo, na noite anterior. Mas, aos poucos, relaxou.

O namoro de Joana e Gustavo começou como tantos outros. Resumidamente, ele era chefe dela e, numa noite em que saíram tarde do trabalho, ofereceu-lhe uma carona. As caronas tornaram-se frequentes. Os dois perceberam que gostavam um do outro e, quando ele terminou com a namorada de então, passaram a sair juntos. Um dia, durante o ato sexual, Joana pediu para ele contar como era com a antiga namorada:

Era a gente transando, e eu perguntando: “conta aí como é”. Mas ele não quis. Depois de muita insistência, ele disse: “Então conta você”. Aí eu comecei a contar todos os meus casos de transa. Cada noite era um. E o Gu adorava, ficava excitado. Até que uma hora acabou, né? Demorou um bocado, porque eu até perdia a conta dos homens com quem transei, mas acabou.

Percebi que a ideia de me ver com outro o deixava com tesão. Então eu comecei a azucriná-lo com uma proposta: eu pegar o Juliano, melhor amigo do Gu. Ele me xingava e dizia que não queria saber disso. Até que estávamos os três em uma festa – festa de gente normal, sem suruba nem swing. O Gu, que já tinha tomado algumas, chegou para mim e falou: “Leva o Juliano para o carro com a desculpa de buscar alguma coisa, daí mostra os peitos e agarra ele”.

Eu fui e fiz o que ele disse, mas o Juliano ficou furioso: “Está louca? Eu não faço isso com amigo!”. Eu expliquei que era ideia do Gu, que ele fosse falar com o amigo. Voltamos para a festa para tirar o assunto a limpo, os dois conversaram e vieram para mim: “Vamos lá? Nós três?”. Nós fomos para a casa dos pais do Gu, que estavam viajando. Foi maravilhoso. Foi perfeito.

No dia seguinte, o amigo quis repetir a dose, mas só com Joana. Ela pediu permissão para o noivo – sim, o casal usa aliança de compromisso – e foi ao apartamento de Juliano, no mesmo prédio, enquanto Gustavo jogava videogame em casa. Joana mandava para ele fotos e vídeos do sexo com o amigo. Gustavo se masturbava com as imagens. Os dois ainda encontraram disposição para transar entre si quando ela voltou para casa.

Decidiram então expandir seus horizontes numa casa de swing. Com a palavra, Joana:

O lugar era um show de horrores. Altos homens chegavam no Gu e pediam para ficar comigo. Ele dizia “tudo bem”, mas eu não queria não, credo: era só cara vesgo, cara que não sabe falar direito, cara gago. Aí demos muita sorte de encontrar um casal que nos levou a um camarote cheio de casais bonitos. Não dei para todos os homens, não: acho que foram uns sete. As mulheres

começaram também a me querer, e eu falei: “então, beleza”. Peguei uma, peguei duas, peguei quatro, peguei cinco. Uma de cada vez. Aí a gente fez trenzinho. O Gu no canto, só olhando. Adorando, né?, porque o sonho dele era me ver pegando mulher. O meu sonho também era pegar mulher.

O fetiche principal de Gustavo, entretanto, era ver a noiva fazendo sexo com outros homens. Isso tornou-se uma rotina na vida sexual do casal.

Todo dia ele me pede para transar com outra pessoa. Às vezes eu falo para ele que fica até chato. Mas ele gosta muito de me ver com outro homem. Muito. Ele sente muito tesão. Teve um tempo em que eu estava meio devagar, e ele me pedindo: “Você não vai transar com ninguém, não? Arruma alguém pra você transar, que esses homens com que você está transando são todos frouxos. A gente chama e eles não vêm, sempre tão ocupados, alguns namoram. Aí nunca dá”. Eu também sinto muito tesão em ver ele com outra mulher, só que eu ainda tenho ciúme... Ele já tem menos, né? Aprendeu com o amigo.

Por ironia, o amigo foi o pivô da maior cena de ciúme de Gustavo. Juliano se tornou o terceiro vértice de um triângulo amoroso. E se apaixonou por Joana.

A gente sempre fazia a três. Quer dizer, os dois comigo, porque o Gu é hétero (eu até tento convencê-lo a transar com um homem, mas ele diz que não sente atração). Depois de um tempo, o Juliano começou a me ligar toda hora e ficar bravo porque eu falava dos telefonemas para o Gu. Cada vez mais e mais, ele queria que a transa fosse só entre nós dois. Ele não estava entendendo direito. O Gu ficou doido quando soube. Brigou comigo, brigou com o Juliano, sumiu por um dia. Quando voltou, queria terminar comigo. Depois de um tempo, ficou tudo certo. Os dois fizeram as pazes. O Juliano sossegou e me disse: “Jô, você precisava ter uma irmã gêmea. Você é demais”.

O sexo casual está sempre em risco de ser contaminado pela paixão e, assim, deixar de ser casual. No *swing*, dado o número de parceiros que a mesma pessoa coleciona em pouco tempo, essa chance se multiplica, certo? Talvez não. O esquema funciona de modo a eliminar do sexo quaisquer componentes de romance. A abordagem é direta e crua. Os ambientes em que o *swing* acontece tendem a ser nada aconchegantes e completamente práticos, com colchões impermeáveis e material de limpeza ao alcance da mão. Nos casais trocados, as demonstrações de afeto são inexistentes. O ato sexual em si parece mecânico, animalesco, com gemidos e urros às vezes forçados, muitos palavrões e nenhuma palavra carinhosa.

A antropóloga Olivia von der Weid, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, estudou o comportamento dos *swingers* cariocas nos anos de 2003 e 2004, trabalho que resultou no artigo *Swing: o Adultério Consentido*. Ela encontrou pessoas que separam – ou ao menos pensam poder separar – completamente o sexo do amor, o “foder” do “fazer amor”.

“Eu estou muito à vontade para sentir tesão por pessoas que eu não amo. E o tesão e o amor tá muito ligado [sic] na mídia. As pessoas dizem: ‘Ah sexo, só com amor’. Porra nenhuma. Isso é hipocrisia. Não tem isso.” A declaração é de André (nome falso), de um dos 19 casais entrevistados pela antropóloga. E assim pensam todos no meio. A crença na separação total entre o fisiológico e o emocional é o sustentáculo do *swing*. É essa convicção que permite à esposa entregar seu marido a uma mulher visivelmente mais nova e bonita sem sentir ciúme – e ao marido ceder sua esposa para um garotão. É ela que possibilita que um casal transe (vá lá, faça amor) apaixonadamente em casa depois de uma orgia em que os dois treparam com oito ou dez parceiros. Como conclui Olivia von der Weid: “A exclusividade sexual não é a maneira pela qual os casais *swingers* protegem o compromisso com o outro. Essa exclusividade, entretanto, não deixa de aparecer, ainda que sob nova roupagem. É justamente na separação entre sexo e amor que se encontra a exclusividade.”

Muitos *swingers* são extremamente possessivos em relação aos seus parceiros. O ciúme faz parte do repertório emocional dessas pessoas, mas não se manifesta no momento da troca de casais. Controle: para o psiquiatra gaúcho Carlos Eduardo Carrion, essa é palavra que explica por que um marido sente ciúme quando a esposa sai para almoçar com um

colega, mas não quando ela é penetrada e beijada e sodomizada por meia dúzia de homens na sua frente. “Existe muita necessidade de controlar nesse meio. Saber o que está acontecendo é fundamental. A pessoa até abre mão de alguns preconceitos sexuais desde que possa controlar o que acontece.”

Ana Canosa, psicóloga e terapeuta sexual em São Paulo, concorda e faz a ressalva de que esse controle é ilusório. Para ela, o *swing* é uma forma de marido e mulher se entregarem às suas fantasias sexuais sem correr os riscos do adultério, nem romper os laços matrimoniais. “Você reproduz a traição em ambiente controlado. E aí esse ‘controlado’ é muito entre aspas, pois isso pode se descontrolar a qualquer momento.”

“Todo mundo tem fantasias sexuais com pessoas de fora do casamento”, afirma Canosa. Segundo ela, existem três maneiras de lidar com isso, nenhuma delas fácil. A primeira é seguir adiante e ter casos extraconjugais. Os riscos desta escolha são bastante conhecidos de todos, então passemos para a segunda: sublimar esse desejo e trazer as fantasias sexuais para dentro do casamento. Esta opção não funciona quando só um dos parceiros está disposto a brincar – situação em que o outro tende a procurar diversão fora de casa. A terceira via passa pelo *swing*, pelo relacionamento aberto, pelo adultério consentido. É um caminho cheio de obstáculos. E assombrado pelo fantasma da troca efetiva de casais – quando o homem ou a mulher opta pela companhia permanente de um parceiro que deveria ser transitório.

No *swing*, as regras estipuladas por cada casal – o que é permitido e o que é proibido, os critérios de escolha de parceiros, as palavras-código para situações embaraçosas – são o que preserva a cumplicidade entre marido e mulher. É uma coisa só dos dois, que não é compartilhada com o terceiro parceiro, nem com o quarto, o quinto, o sexto... “Agora, quem tem cabeça para lidar com isso?”, pergunta a terapeuta. Muitos não têm. “O vínculo da exclusividade já foi rompido, o que é muito perigoso.”

O *swing* não é para todo mundo. “O problema dos casais é ultrapassar o limite da fantasia”, afirma Canosa. “Porque a fantasia é boa para ser vivida na fantasia.” Ao concretizá-la, entra-se num território pantanoso em que a intimidade e a concordância de ideias são essenciais.

Para tudo dar errado, basta que um dos parceiros não esteja tão convicto assim de que entrar no meio tenha sido a melhor escolha. Quando o

homem ou a mulher ingressa no *swing* a contragosto, apenas para agradar ao outro, surgem problemas. “A coisa pode não aparecer na hora, mas em algum momento vai aparecer”, diz a psicóloga.

O designer Wander Vieira, morador de São Paulo, já havia praticado *swing* com uma antiga namorada quando conheceu Rebeca. No novo relacionamento, porém, manteve por um tempo razoável o esquema monogâmico. Até que um dia o casal encontrou Larissa – a ex de Wander – e Álvaro, amigo dela. Os quatro saíram juntos para tomar cerveja na noite paulistana. Dado momento ficaram entediados, com uma pergunta pairando no ar: “Para onde agora?”. Álvaro sugeriu: “Inner?”. As meninas não sabiam que se tratava de uma famosa casa de *swing* em Moema. Depois das explicações, concordaram, ainda que reticentes, em visitar o lugar.

No clube, Larissa e Álvaro desapareceram da vista de Rebeca e Wander. Eles, por sua vez, ficaram olhando o sexo dos outros casais em uma área coletiva. O estímulo visual cumpriu seu papel: em questão de minutos, os dois estavam transando. Não fizeram troca naquela noite, nem a fariam nos próximos seis meses.

Rebeca e Wander eram *swingers*, por assim dizer, moderados. Em quatro anos no meio, relacionaram-se com oito casais – número baixo para os padrões de um grupo que tem a orgia como passatempo trivial. No final desse período, Rebeca começou a se sentir culpada e a renegar o *swing*. “Ela me dizia que nunca quis fazer isso, que só ia para me satisfazer”, conta Wander com evidente mágoa. “E ela sabe que isso não é verdade, que eu nunca a obriguei a fazer nada.”

O que incomodou particularmente a Wander foi a decisão unilateral, por parte de sua namorada, de romper quaisquer vínculos com as pessoas que conheceram no meio. “Eu não corto relações dessa maneira. Para mim, o *swing* nunca foi só sexo. Eu fiz amizade com muita gente e não iria abrir mão disso.” Àquela altura, o relacionamento do casal já havia azedado. Rebeca começou a fazer análise. Além de renegar o *swing*, deixou de ter qualquer interesse por sexo. “Fiquei seis meses sem transar com ela ou com ninguém. Então acabou.”

A propalada separação entre sexo e amor às vezes falha, apesar de todos os mecanismos de controle que o *swing* oferece. “Você pode conhecer alguém que transe melhor que o seu parceiro. Você pode se apaixonar”, diz

Ana Canosa. Apaixonar-se por um parceiro de *swing* é falta gravíssima. Cair de amores por alguém de fora do meio também é. É traição.

Outra infração imperdoável consiste em romper com as regras estipuladas pelo casal, ainda que não haja um envolvimento emocional profundo. Se ambos concordam que encontros com terceiros devem ter o consentimento do outro (o pacto da maioria dos casais inclui essa regra), escapadas clandestinas são traição.

E dói muito ser enganado por alguém que tem a liberdade de transar com quem bem entender. Nas palavras de Olivia von der Weid, “a possibilidade de viverem aventuras sexuais de forma negociada dentro do próprio casamento tornaria uma eventual traição de um dos parceiros ainda mais grave”. A infidelidade não raro destrói a união de casais *swingers*.

Foi assim com Paula e Ivan.

O bancário Ivan, de Campinas, conheceu Paula no RPG – sigla de role playing game, “jogo de interpretação de papéis” em inglês. Como o nome diz, os participantes assumem a identidade de personagens, e a partida é em si uma encenação teatral. Por ser colaborativo, o RPG gera em torno de si uma rede social. E uma comunidade em que os membros passam a se ver fora do jogo em si, a criar laços de amizade e de afeto. Ivan e Paula se enroscaram em laços ainda mais estreitos. Começaram a namorar.

Paula sofre de fibromialgia, síndrome que causa dores intensas em vários pontos do corpo, entre outros sintomas. A doença a impediu de construir uma carreira e, enquanto o relacionamento durou, Ivan a tratava como uma bonequinha de porcelana. Não obstante a doença dela, os dois mantinham uma vida sexual bastante ativa, com a fantasia comum de se aventurar com outros casais. Uma noite, decidiram visitar um clube de *swing*. Logo na primeira vez, mergulharam de cabeça. Trocaram com outros casais e se enturmaram com as pessoas do meio, o que é um tanto incomum: em geral, os novatos perdem aos poucos o pudor e a timidez.

“Passamos meses saindo todos os sábados com o povo do *swing*”, conta Ivan. O pessoal do RPG ficou de escanteio por um tempo. Quando o *swing* já não era novidade, Paula voltou a flertar com a turma antiga. “Ela passou a sair com umas pessoas do RPG de quem eu não gosto. Uma gente que usa o jogo para ficar se pegando. Eu a avisei para não dar trela para eles.” Então a vida de Ivan entrou em parafuso. Seu pai morreu, e ele precisava

cuidar de detalhes burocráticos como a compra do caixão e a emissão do atestado de óbito. Chamou a namorada para lhe fazer companhia. Ela não pôde se juntar a ele naquele dia por causa de uma crise aguda. Era tanta dor que não dava para sair de casa.

Paula, Ivan descobriria depois, mentia. Ela estava bem e bem-acompanhada, com o amante. Traía o namorado havia algumas semanas com alguém de fora do meio *swinger*, um rapaz da comunidade RPG. Ivan terminou imediatamente o namoro: “Não acredito que ela fez isso comigo enquanto eu passava por um momento tão difícil”.

Por ser um elemento emocionalmente disponível, a figura do *single* é vista com muita desconfiança por boa parte dos *swingers*. Enquanto a troca de casais exige um quinhão de desapego de todas as partes, a entrada de uma pessoa desacompanhada desequilibra o jogo. A participação do *single* se limita ao usufruto, sem nenhuma contrapartida.

Mulheres sozinhas gozam de algum prestígio porque sua presença aumenta a chance de ocorrência do *ménage* feminino – a outra possibilidade de ele acontecer é um marido ceder a esposa e não participar do ato. E fazer sexo com duas mulheres é a fantasia predileta de quase todo homem. Tanto que as esposas *swingers* são incentivadas a deixar aflorar seus impulsos homossexuais. Tanto que mulheres sozinhas têm desconto ou passe livre na maioria dos eventos. Essa é a dinâmica – um tanto machista, *bien sûr* – do meio.

Mas há até homens que pensam que mulher demais nem sempre é coisa boa. Alberto, heterossexual convicto até prova em contrário, argumenta que as singles femininas frequentam a comunidade com o interesse único de ficar com mulheres – fazer sexo com os maridos delas seria uma concessão necessária. “Numa festa, elas pegam outras mulheres e se isolam; ficam lá num canto e não chamam os outros para participar.” Alberto, que promovia orgias luxuosas em São Paulo, era também um *single* antes de se aposentar do meio. Ele defende a categoria dos machos avulsos: “O *single* masculino dá o start na festa, é ele quem agita as transas grupais”.

Swingers casados, na sua maioria, discordam. Especialmente os homens. “Conhecemos alguns singles que se casaram e continuaram no meio”, conta Marcos, do casal evangélico. “Assim que começa a levar a mulher

para o *swing*, ele passa a não aceitar homens *single*. Porque sabe como a coisa funciona.”

O *single* masculino é muito útil também para os casais em que o marido é um *cuckold*. Na fantasia desses casais, há espaço apenas para uma mulher. Além dela, participam o marido – que atua como espectador – e um ou mais sujeitos que vão transar com a esposa dele. O *cuckold* acumula tensão sexual enquanto vê o ato e a alivia na própria mulher depois de ela ter sido possuída por outro.

Mas muitos *swingers* “tradicionais” – aqueles cujo negócio é a troca de casais – têm um quê de *cuckold*, diz Ana Canosa. “Muitos homens gostariam de ver suas mulheres transando com outro. É uma fantasia mais comum do que se pensa. Só que o cara não vai sair falando disso na mesa do bar.” Uma das graças dessa fantasia, segundo a psicóloga, é projetar-se no outro homem. Como ninguém consegue assistir a si mesmo enquanto faz sexo (OK, espelhos no teto e na parede resolvem precariamente essa questão), alguns apreciam a visão da mulher com um sujeito que poderia ser ele.

Também não é incomum que a obsessão por incluir outros homens na vida sexual do casal seja uma manifestação da homossexualidade latente do marido. Canosa diz que já atendeu um caso assim no Rio Grande do Sul. “Começou como uma brincadeira: eles se hospedavam em um hotel e pediam qualquer coisa para o serviço de quarto. Quando o copeiro chegava, o cara fazia a mulher atender a porta só de roupão, enquanto ele espiava, escondido atrás da cortina.” De uma pegadinha quase inocente, o ato do casal evoluiu para o sexo consumado. A mulher passou a atacar os empregados do hotel. Então, os dois passaram a frequentar clubes de *swing*. “A moça começou a desconfiar do marido, que ficava próximo demais aos homens com quem ela transava”, conta a terapeuta. Ele não tinha interesse por outras mulheres. E muito pouco pela esposa quando não havia um garotão por perto.

Canosa diz que esse comportamento reflete a relutância em aceitar a própria natureza. “Por que há homens que transam com travestis? Porque travesti tem peito de silicone, cabelo comprido, usa maquiagem... É homem, mas parece mulher. Isso se chama autoengano.”

Ao ingressar no meio pelas vias convencionais – como um casal interessado em se relacionar com outros casais – marido e mulher abrem mão, de certo modo, de suas identidades individuais. Dentro da comunidade, o senhor Boa Pinta e a senhora Gostosa se transformam no Casal Delícia. Fazem tudo juntos, tomam decisões conjuntas e são vistos pelos outros membros – ao menos na esfera social – como um bloco uno e indivisível. Claro que há algum exagero nisso, mas, para todos os efeitos, o casal corresponde a um indivíduo nas relações dos *swingers*.

Isso cria um fenômeno curioso: o casal que namora outro casal. O roteiro do relacionamento é o mesmo do envolvimento amoroso entre duas pessoas: curiosidade, descoberta, arrebatamento, acomodação, desgaste e rompimento, nessa ordem cronológica. Se alguns pares conseguem evitar o rompimento (ou até o desgaste), não se tem notícia de um casal de casais que tenha sido feliz para sempre. Se alguém tiver, por favor me avise.

Carolina e Renato, de São Paulo, participaram de um romance a quatro. Eles conheceram Denis e Diana em uma festa *swinger* e fizeram full swap na primeira noite. Trocaram telefones e se adicionaram uns aos outros na lista de amigos do Facebook. Passaram a se ver fora dos clubes de *swing*. E dentro também. Cada vez com mais frequência. Viajavam juntos dentro e fora do Brasil. Quando perceberam, estavam deixando de lado as outras amizades para sair sempre com o mesmo casal. Estavam namorando, enfim. “Percebi que estávamos saindo muito juntos quando comecei a encontrar nas minhas roupas fios de cabelo que não eram da Carol. Primeiro foi na calça jeans; depois, na cueca”, conta Renato.

Enquanto no plano social a dinâmica é semelhante à do relacionamento de duas pessoas, no campo sexual o número de variantes se multiplica – ainda mais em se tratando de *swingers*, que vão continuar procurando outras pessoas fora de seu relacionamento expandido. Como num casal, os indivíduos devem entrar em acordo sobre o que é permitido, o que é eventualmente aceito e o que é terminantemente vetado na cama. Esses contratos tácitos podem ser de uma complexidade surreal. Um exemplo: o Casal A e o Casal B namoram; todos se beijam na boca entre si; a penetração só ocorre entre homens e mulheres, sendo exigida a camisinha quando os parceiros são trocados; sexo anal entre parceiros trocados é vetado, pois o Casal A não gosta da prática; o sexo entre a sra. A e a sra. B é liberado; entre o sr. A e o sr. B é limitado à masturbação mútua e a uma

eventual dedada no ânus; o Casal B é adepto de um sadomasoquismo suave, podendo os parceiros do Casal A lhes dar uns tapinhas quando tiverem vontade.

No caso de Carolina, Renato, Diana e Denis, o acordo era este: troca de parceiros total, com sexo entre mulheres, mas nenhum contato erótico entre homens. Foi-me dito isso, pelo menos.

Quando a novidade passou, o tesão arrefeceu. “Éramos como aquele casal que, sem perceber, deixa de ser namorado e namorada para tornar-se melhores amigos”, conta Renato. Sobreviveram a pizza dos domingos e o carteado das terças, mas o sexo minguou. E entraram em cena o ciúme e as brigas. A reboque, vieram as duas letras mais temidas por qualquer casal: DR, de discutir o relacionamento.

Some a isso algo que se manifesta de forma mais acentuada em um casal de casais – a competição – e temos o cenário ideal para o conflito definitivo. No *swing*, a disputa envolve novos parceiros. “Estávamos em uma festa aonde também foi uma menina que estava na mira do Denis”, diz Renato. “Ele já havia avisado que queria ser o primeiro a transar com ela.” Só que, no decorrer da suruba, Denis e Diana acabaram por se enrolar com outro casal. Quando ele terminou de fazer sexo com a mulher – e se encontrava fisicamente incapacitado de encarar outra parceira –, a cobiçada garota apareceu. Pediu para entrar na brincadeira. “Eu era o único homem disponível por perto”, conta Renato. “E fui com ela.”

O episódio irritou profundamente Denis, abalou a confiança entre os casais e acirrou ainda mais a competição. Meses mais tarde, estavam os dois casais na praia quando o assunto migrou para um terceiro casal, em que Diana e Denis estavam de olho. “O Denis saiu para pagar a conta do bar, e a Diana começou a elogiar o cara do outro casal, a dizer o quanto ele era gostoso, a fazer propaganda”, recorda Carolina. “A gente não estava nem um pouco a fim do cara, nem da mulher dele.” Quando ele voltou e ouviu o papo da esposa, ficou transtornado. Conta Carolina: “Já chegou gritando: ‘Porra, você está de que lado? Tem que agitar o casal para nós, não jogar para eles!’”.

Denis e Diana passaram a discutir feio na mesa de bar, o que fez Carolina sair andando para o hotel. E Renato, como bom marido, seguiu-a. Carol, Renato, Denis e Diana nunca mais saíram juntos. Quando se encontram em alguma orgia, conversam sobre os bons tempos, dão risadas

e arrumam uma desculpa para se afastar. Como ex-namorados que nunca vão conseguir aprender a ser amigos.

Dentre as armadilhas emocionais do *swing*, aquela que provavelmente é a mais perigosa não tem a cor vermelho-sangue da paixão. Nem o roxo profundo da traição. Sua tonalidade fica entre o amarelo esmaecido do desgaste e o cinza opaco do desinteresse.

Qualquer um que já tenha se casado ou mantido um relacionamento longo sabe que, passada a paixão, a vida do casal se acomoda. É uma fase perigosa, sujeita ao ganho de peso, ao surgimento de implicâncias mútuas e à morte lenta da vida sexual. Muitos casais percebem o processo em andamento e tomam providências para revertê-lo: frequentam a academia, retomam os encontros românticos, ingressam no *swing*. Sim, embora não haja nada que prove sua eficácia, o *swing* é largamente praticado por gente que quer salvar o casamento. Gente que não se dá conta de que, quando a euforia inicial se vai, o *swing* também cai na vala comum do desinteresse.

Foi o que aconteceu com Ana e André, ouvidos por Olivia van der Weid para o artigo *Swing, o Adultério Consentido*. No início da pesquisa, a antropóloga encontrou o casal entusiasmado com as novas possibilidades que o *swing* abria. Três anos mais tarde, em nova entrevista, a empolgação dava lugar à frustração. Ana e André tornaram-se membros atuantes no meio, promovendo festas para outros casais. Eles mesmos não se divertiam. “Era sempre mais do mesmo”, disse André à pesquisadora. “Então, por exemplo, eu estava numa festa com um monte de gente pelada, a maioria das pessoas transando e eu não tinha o menor tesão, não conseguia me excitar. E ela também não. (...) A gente montava a festa, organizava, todo mundo transava e a gente não.”

Como ocorre com drogas, o hábito cria tolerância e leva o usuário a procurar doses cada vez maiores para obter prazer, sustenta a antropóloga. Doses maiores, frequência maior e a disposição de expandir os próprios limites.

Otávio e Marcela, de Belo Horizonte, estão na faixa dos 40 anos. Casados havia 12 anos, tinham uma vida sexual tépida até ela descobrir que ele mantinha um caso extraconjugal. Deflagrada a crise, o casal resolveu repensar todo o modelo de relacionamento. Os dois buscariam juntos novas formas de prazer.

No começo deu muito certo. A vida sexual do casal, que chegou a quase morrer – as transas se reduziram a uma por mês, quando tanto –, recebeu uma injeção de novidade e excitação. “Saíamos duas vezes por semana para encontrar outros casais”, conta Otávio. “Fazíamos sexo com muita gente nesses dias. Entre nós dois, era quase diário.” O problema é que as novidades que a vida liberal apresentava perdiam a graça rapidamente, como brinquedos entregues a uma criança mimada. E, cada vez mais, o casal levava as práticas ao extremo.

No início, bastava a atmosfera de uma orgia para ativar a libido de Otávio e Marcela. Depois, o exibicionismo tornou-se combustível do tesão. Seguiu-se a incorporação de novos parceiros: primeiro uma *single* feminina, depois outros casais, então qualquer um que se aproximasse deles em uma festa ou casa de *swing*. Sob o olhar de Otávio, Marcela era penetrada por seis ou sete homens em apenas uma noite. Mas sem emoção. Para piorar, as coisas em casa haviam degradingolado novamente. “Eu só conseguia fazer sexo daquela maneira. Nunca sozinho com a Marcela, em nossa cama.” Meses depois, ela pediria o divórcio. Casou-se outra vez e vive, até onde Otávio sabe, dentro das normas da monogamia tradicional. Ele, depois de vários meses de psicanálise, também encontrou uma nova parceira. Otávio e Livia são *swingers*, mas sem exagero.

O ciúme, a traição, os atritos cotidianos e o mero esgotamento destroem casamentos de *swingers* ou de qualquer outra pessoa. Não existem números específicos, mas nada do que eu vi em um ano de convivência e pesquisa indica que os casais adeptos desse estilo de vida são mais infelizes que os outros casais. O *swing* não é a fórmula mágica para salvar um relacionamento murcho, porém tampouco é a certeza de um rompimento trágico. A maioria das pessoas do meio leva sua vida sem sobressaltos.

Vale frisar novamente, contudo, que o *swing* – e as práticas sexuais correlatas – não é para todo mundo.

Para se dar bem no meio, o ciúme precisa ser posto de lado. Ou, preferencialmente, transmutado em fantasia. É necessário que a ideia de ver o parceiro com outro seja não apenas aceitável, mas excitante. Isso vale para pessoas de ambos os gêneros.

Uma boa dose de exibicionismo também se faz fundamental para quem deseja se aventurar nessas praias. Boa parte do jogo, nas festas de *swing* e orgias em geral, consiste em olhar e ser olhado. *Voyeurs* e exibicionistas convivem em plena simbiose nesse ambiente. Pessoas com excesso de pudor não passam por lá. Quem é muito ligado na aparência física dificilmente se adaptará: estrias, celulite, sobrepeso, rugas, calvície e outras imperfeições fazem parte do pacote. Aceite-as em você e nos outros. Ou nem tente brincar.

Gente antissocial pode fazer *swing* e gostar da parte sexual da coisa, mas certamente não se sentirá à vontade no meio. Há um forte sentimento de comunidade entre os *swingers*, que nasceu da necessidade de proteger-se uns aos outros do preconceito das pessoas de fora. Evoluiu para um grupo que compartilha uma série de valores éticos e estéticos e interage frequentemente, tanto nas redes sociais quanto pessoalmente. Nesse grupo há pessoas com mais e com menos prestígio. Existem intrigas. Existe fofoca. Existe competição. Ingressar no meio é como ingressar num clube. É preciso gostar de viver em comunidade.

Por fim, o *swing* não é lugar para obsessões e fobias. “Imagine alguém com mania de limpeza em uma casa de *swing*”, comenta a psicóloga Ana Canosa. Por mais que esse lugares sejam cuidadosos no que diz respeito à higiene, trata-se da interação com outras pessoas nuas e de contato nos objetos em que muitas delas encostaram. Espere resíduos de fluidos corporais, pelos, cheiros diferentes. Ou veja pela TV. Claustrofobia, então, é fator eliminatório: todos os reservados de casas de *swing* são apertados e escuros. O que é a fantasia de uns pode ser o pesadelo de outros.

Se você é desapegado(a), desinibido(a), relaxado(a) com o próprio corpo e com o corpo dos outros, gregário(a) e livre de neuroses, parabéns: você está apto(a) a entrar no meio. Compre roupas sensuais, camisinhas e vire a página para visitar um clube de *swing*.

Minha casa, sua casa

Duas dezenas ou mais de mulheres vestindo trenchcoats se alinhavam na rua Padre Antônio José dos Santos, na zona sul de São Paulo, na noite do primeiro sábado de março de 2013. Apesar de ainda ser verão, a chuva insistente havia baixado a temperatura, mas nada que justificasse as capas grossas e compridas que as moças usavam. Todas, sem exceção, estavam cobertas do pescoço ao joelho, enquanto seus namorados ou maridos pareciam bem mais confortáveis em camisas de manga curta. Os casais aguardavam a vez de dar seu nome para a hostess, pegar uma comanda e entrar na festa de inauguração do novo endereço da Nefertitti, a casa de *swing* mais famosa do Brasil. Uma vez dentro, a primeira parada seria na chapelaria, onde os sobretudos eram deixados para revelar um panorama completamente diferente.

Por baixo de suas capas, algumas expunham decotes tão profundos que permitiam ver o piercing no umbigo. Outras trajavam saias curtas o bastante para deixar à mostra parte das nádegas. Alguns vestidos eram totalmente transparentes, exibindo por completo os seios de suas donas. Também havia aquelas frequentadoras que optavam por um visual temático: enfermeira sexy, dominatrix, mulher-gato, sempre abusando da renda ou das peças ultrajustas de vinil. As que usavam vestidos apenas muito curtos passavam por recatadas e, caso não fossem de beleza excepcional, não chamavam a atenção de muita gente.

Da porta para dentro, uma casa de *swing* permite quase qualquer coisa para quem quer extravasar as fantasias sexuais. E é um ambiente democrático, que admite a entrada de qualquer um que possa ou se disponha a pagar por isso.

Existem basicamente dois meios de ingressar no meio *swinger* sem ser convidado. Um deles é vasculhar na internet atrás de páginas e blogs de casais – eles estão por toda parte, é só usar as palavras “blog”, “*swing*” e “casal” no mecanismo de busca. Muitas dessas *webpages* permitem comentários e o envio de mensagens. O interessado pode escrever para um ou mais casais *swingers* e esperar por um contato que pode vir em minutos ou não vir nunca.

A outra maneira é tirar um sábado para passar a noite em uma casa de *swing*. Esse tipo de casa, também conhecido como clube de *swing*, é a janela que a comunidade liberal abre para o resto do mundo. É o único espaço em que a comunidade admite ser observada por pessoas de fora, ou até mesmo interage com elas. Na entrada, ninguém pergunta se o cliente já fez troca de casais, se já visitou um estabelecimento do tipo ou se foi indicado por um frequentador antigo. As recepcionistas desses clubes só estão interessadas no cartão de crédito do freguês e em um documento que prove sua maioridade. Em especial aos sábados, quando os *swingers* realmente frequentam tais casas, o ambiente é uma mistura interessante de praticantes do lifestyle, todo tipo de gente estranha ao meio – casais que buscam tirar o relacionamento do marasmo, amigos que fingem ser casais e homens que levam acompanhantes pagas como se fossem suas esposas ou namoradas. Enquanto os dois últimos grupos só querem uma boa farra, os casais curiosos têm boa chance de sair da casa de *swing* totalmente transformados pela experiência. Com corredores escuros e abafados, onde mãos desconhecidas apalpam corpos alheios e onde gritos e sussurros vêm de todas as direções, os clubes de *swing* são o principal canal de recrutamento de novatos para as fileiras do sexo liberal.

São Paulo tem pelo menos dez clubes de *swing* em funcionamento regular. O Rio de Janeiro conta com cerca de metade desse número. Nas capitais menores, como Belo Horizonte ou Porto Alegre, não é arriscado dizer que ao menos dois ou três estabelecimentos do tipo abram as portas às quintas, sextas e sábados. E as cidades médias quase sempre escondem (ou escancaram) um endereço que é o porto seguro para os casais que não querem fazer aquilo que os casais caretas fazem à noite. Cada uma dessas casas se orgulha de ter algo exclusivo nas instalações ou no atendimento. É possível, no entanto, descrever a fórmula geral de um clube de *swing* como recurso pedagógico, por assim dizer. Há os grandes e os pequenos, os que

tocam música eletrônica e os que tocam sertanejo, os de relativo bom gosto e os decididamente feios. Todos seguem mais ou menos o mesmo padrão de funcionamento e de divisão de espaço.

O público-alvo desses lugares, como é praxe no meio *swinger*, são os casais heterossexuais. O lesbianismo é incentivado, mas o homossexualismo masculino não é bem-vindo. Não há nenhuma proibição expressa à entrada de homens gays, mas toda a comunicação das casas é voltada às duplas homem-mulher. Alguns clubes têm uma noite da semana reservada para festas gay, porém não há a mistura dos dois públicos. Não se vê homem transando com homem numa noite típica.

Toda casa de *swing* reparte a área aberta ao público em duas zonas distintas: a pista e o labirinto. A pista fica junto à entrada e tenta reproduzir o ambiente de uma balada convencional. Nem sempre a tentativa é bem-sucedida, pois a iluminação e presença ostensiva dos queijos – pequenos palcos circulares com postes para artistas e clientes se exibirem no *pole dancing* – muitas vezes deixa o lugar mais parecido com uma boate de striptease. O labirinto é posicionado nos fundos do imóvel ou em outro andar. É lá que a ação que interessa acontece.

Os preços também obedecem a uma fórmula comum: mulheres sozinhas não pagam ou pagam pouco, casais desembolsam o valor regular do ingresso e homens desacompanhados, quando permitidos, são obrigados a deixar uma quantia absurda apenas para entrar no recinto. Essa política de cobrança, mais que encher a casa de mulheres avulsas, visa evitar que o lugar seja invadido por homens em busca de sexo fácil. Funciona bem até um certo ponto. A distribuição dos gêneros é equilibrada, pendendo ligeiramente para uma maioria feminina. Cria, contudo, um efeito colateral indesejável para os frequentadores e, conseqüentemente, para os donos do clube: a simbiose entre machos desgarrados e prostitutas. O homem ganha porque entra pagando o preço para casal e pode pegar a mulher do próximo sem a contrapartida de ceder a própria companheira; no caso de sair no zero a zero, ainda lhe resta a possibilidade de um programa com a garota que entrou com ele. A prostituta ganha porque entra de graça num ambiente que concentra fregueses em potencial. Os frequentadores comuns perdem porque correm o risco de ser enganados pela dupla.

Suponhamos que você e o seu par, que nunca estiveram em um clube de *swing*, decidam matar a curiosidade. Escolhem um sábado qualquer, o que

é sorte de principiante: as noites de quinta e de sexta, além de muito menos concorridas, quase só atraem paraquedistas. Os corredores do labirinto passam a noite toda meio vazios, com um ou outro casal inspecionando os quartos para ver se algo acontece. Pode até acontecer, mas acontece pouco. Muito menos do que nas noites de sábado, aquela que vocês escolheram para sair.

Vocês tomaram o cuidado de entrar no site do clube e deixaram seus nomes na lista, o que reduz um pouco o valor do ingresso para quem chega até as 23h30. Para ter uma margem de segurança com o horário, vocês chegam às 23h. Primeiro engano. As noites em casas de *swing* começam muito tarde. Ninguém ocupa o labirinto antes da 1h da manhã, e a coisa só começa a esquentar mesmo uma hora depois. Guarde sua energia, não beba muito depois do jantar e apareça na balada depois da meia-noite, mesmo que precise pagar um pouco mais.

Ocorre que vocês já chegaram cedo demais ao clube. A pista está vazia, e você examina o jeitão do lugar. Camarotes com todas as cadeiras voltadas para o mesmo lado, uma pista de dança que acaba em um palco e, na lateral, um bar de cujo balcão saem barras para pole dancing que vão até o teto. Você decide tomar algo para passar o tempo enquanto o anjinho que mora sobre um de seus ombros lhe diz para ir devagar com o álcool, já que a noite ainda nem começou. O diabinho que mora no outro ombro começa a campanha para convencê-lo de que o anjinho é um chato que não deve ser ouvido, mas desaparece magicamente quando você pega o cardápio. As margens de venda de bebida que a maior parte dos clubes de *swing* pratica se assemelham a das baladas e, em alguns casos, a dos prostíbulos de luxo. Beber muito pode doer muito no bolso.

Você pede um uísque num copo lotado de gelo, que é para durar mais. Escolhe uma mesa que não esteja reservada e repara em quanto a música está alta. O telão sobre o palco apresenta um clipe em que a Beyoncé rebola em trajes sensuais, mas seus olhos não conseguem deixar de fitar fixamente o DJ. Ele é um homem de corpo trabalhado, mas que ainda assim aparenta ter cerca de 50 anos de idade. Veste calça jeans justa, tênis, boné e nenhuma camisa ou camiseta. Seu torso nu e suado exhibe músculos definidos, mas já um tanto castigados pelo tempo. O equipamento do DJ fica no canto direito do palco. Ele aperta um botão aqui, empurra uma chave ali e tira apressadamente os fones de ouvido para correr até o meio

do palco e fazer uma dancinha. A coreografia pode ser mover os dois braços juntos como se fosse uma onda, imitar movimentos quebrados de robô ou ficar mexendo no boné para os lados, para a frente e para trás. Então ele precisa voltar ao seu posto para encaixar a próxima música. Feito isso, volta ao centro das atenções para mais uma dança. A rotina se repete por uma hora ou quase isso. Bem antes disso, você percebe que o seu uísque durou muito menos do que você gostaria. Não é o caso de pedir outro imediatamente. Melhor buscar distração no labirinto atrás da pista, onde, por sinal, não se pode entrar com copos.

Há certas coisas que se repetem com pequenas variações na área reservada dos clubes de *swing*. A luz, invariavelmente, é muito baixa. A fonte de iluminação pode ser avermelhada ou luz negra, sempre muito tênue. É preciso permanecer lá dentro por alguns minutos até que seus olhos comecem a se acostumar com a escuridão, e você consiga enxergar alguma coisa. Ainda assim, a visão das figuras humanas dificilmente tem nitidez suficiente para distinguir mais do que silhuetas meio borradas. Fica complicado saber quem é bonito e quem é feio. E é praticamente impossível entender o que entra onde quando você se depara com cenas de sexo grupal.

A escuridão contribui para a sensação claustrofóbica do lugar. Os corredores são propositalmente estreitos, para que os passantes sejam obrigados a se esfregar uns nos outros. As paredes têm pintura escura, geralmente preta, e o trajeto tortuoso faz com que só se possa divisar a luz da saída quando já se está muito próximo dela. Aliás, só há uma entrada e uma saída – isso quando as duas não são feitas pela mesma porta. Nos horários de maior movimento, as pessoas que ingressam são obrigadas a fazer o circuito completo se não quiserem abrir espaço à força para andar no contrafluxo.

Os corredores dão acesso a diversos tipos de quarto separados por divisórias de madeira. A configuração *standard* desses compartimentos inclui pelo menos uma cama, preferencialmente de alvenaria – imagine que muitas pessoas podem subir nelas ao mesmo tempo, então ripas de madeira não são confiáveis – cobertas com colchonetes revestidos de material impermeável, de fácil limpeza. Outros itens obrigatórios são caixas de toalhas de papel e dispensers de gel sanitizante. Algumas casas

fazem a cortesia de deixar um pequeno estoque de preservativos em cada uma das câmaras; outras os vendem na entrada ou no bar.

A categoria mais básica de “apartamento” pode ter dois metros quadrados ou até menos, mas geralmente um pouco mais. Vem com um banquinho estreito e de comprimento variável – pode acomodar duas pessoas sentadas lado a lado, como num ônibus, ou ser longo o suficiente para uma pessoa de altura mediana se deitar. Em frente ao banco, há um espaço com mais ou menos a mesma área, em que os usuários podem ficar de pé para tirar a roupa, pôr a roupa ou fazer o que bem entender. Não existe nenhuma comunicação com o exterior além da porta, que pode ser trancada. Por garantir a privacidade de quem está dentro, esse tipo de quarto é a escolha habitual de casais iniciantes, de gente que se excita com o clima de uma casa de *swing*, porém ainda não se livrou da inibição de fazer sexo em público. Quando o clube está lotado e não resta espaço nos outros ambientes, grupos de dois ou mais casais podem vir a ocupar o minúsculo espaço, contrariando as leis da física newtoniana. As orgias particulares, entretanto, costumam ocorrer em quartos maiores que também podem ser trancados.

Os compartimentos restantes permitem a interação, em diferentes graus, dos passantes com quem está fazendo sexo. Os aquários, como o nome já indica, têm vitrines para o corredor. As portas dos chamados confessionários são dotadas de aberturas com treliças, o que obriga o *voyeur* a encostar o rosto nelas se quiser espiar. Outros quartos atraem os mais atirados por contar com vários buracos em diferentes alturas das divisórias, sempre de tamanho suficiente para que um braço possa passar. São os chamados *glory holes*, buracos da glória. É uma brincadeira sujeita a surpresas: quem põe a mão onde quer pode acabar pegando o que não quer.

Isso me obriga a fazer uma breve digressão.

Três anos atrás, fui pela revista VIP ao clube Enigma, no bairro paulistano de Moema, para apurar uma certa tendência que já havia sido noticiada nos jornais, o *swing* universitário. Estudantes estariam frequentando esse tipo de casa para fazer festinhas comportadas até certo ponto: a maior parte só bebia e conversava, mas alguns se aventuravam no labirinto. Resumindo, a matéria fracassou. Eu e Cláudia de Castro Lima – os editores extraoficiais de *swing* da revista – não encontramos

universitários, mas conversamos com alguns casais que se encontravam no clube naquela quinta-feira. Uma dessas conversas se deu numa esquina do labirinto, bem onde havia um quarto com aberturas para a participação do povo da geral. Enquanto Cláudia ouvia o casal, minha atenção estava mais voltada para o movimento no quarto e nas divisórias ao seu redor.

Dentro do compartimento, que tinha uns quatro metros quadrados, havia três casais transando. Umas pessoas estavam em pé, e outras se acomodavam como conseguiam sobre os dois colchonetes. Do lado externo, um número semelhante de pessoas se aglomerava para, através dos buracos, ver o que acontecia lá dentro e participar de certa forma do ato. Entre esses “bicões”, uma jovem de um metro e meio de altura, se tanto, movia o braço direito por um orifício um pouco acima dos colchonetes, apalpando quem estivesse do outro lado. Em questão de segundos, a expressão facial da moça mudou da alegria sacana para a dor extrema. Ela se curvou, se agachou, começou a gritar e a tentar tirar o braço.

Atrás da divisória, um casal havia se deitado sobre o braço da garota. Ela se contorcia em dor enquanto a suruba seguia normalmente – ninguém, dentro ou fora do quartinho, estava entendendo o que se passava. Quando finalmente a moça conseguiu fazer as pessoas ao seu lado compreender que alguém a esmagava, um rapaz começou a esmurrar a divisória e a gritar. Os casais então perceberam que havia algo errado e interromperam a orgia. A jovem retirou o braço, examinou-o apressadamente para assegurar-se de que nada havia sido fraturado e saiu, chorando de dor e vergonha, para desaparecer nos corredores escuros.

Imprevistos também acontecem no labirinto, outra atração clássica dos parques de diversão *swinger*. A palavra “labirinto” pode designar tanto o conjunto de corredores escuros e quartos quanto um cantinho específico dessa área do clubes. O termo é autoexplicativo: trata-se de um caminho com bifurcações que podem dar em becos sem saída, obrigando a pessoa a voltar à bifurcação e tomar o outro rumo, até encontrar o percurso que leva à saída. A diferença de um labirinto comum é que este é percorrido na escuridão quase total. A graça da brincadeira é se perder no caminho sem luz e encontrar os corpos de desconhecidos que você sequer consegue ver. Ninguém deve entrar no labirinto se não estiver disposto a levar algumas passadas de mão na genitália, na bunda ou nos seios.

Outro ambiente quase totalmente sem luz é a dark room. Mas nela não há o pretexto de achar a saída de um caminho tortuoso. A dark room consiste simplesmente de uma sala sem iluminação e com sofás ao redor das paredes, destinada ao sexo grupal. Muitas vezes, entre pessoas aleatórias. Nesses sofás, quem senta se declara aberto aos toques de quem está próximo. Os curiosos que entram e ficam em pé, na tentativa de entender a cena, se deparam com um caos sonoro de gemidos, palavrões e respirações ofegantes.

Por fim, todo clube brasileiro que se preze tem um espaço para reunir muita gente fazendo sexo ao mesmo tempo, em casais, grupos de vários tamanhos ou mesmo de modo solitário, masturbando-se inspirado na atmosfera erótica ao redor. Essa sala, em geral a maior da casa, pode receber vários nomes. Os mais comuns são *camão* (referência óbvia ao tamanho da cama) e *gang room* (sala do bando, da turma, da cambada). Diferentemente da dark room, aqui há iluminação suficiente para que se possa observar o que os outros estão fazendo. A *gang room* costuma ser o ambiente mais interessante de uma casa de *swing*. É a praça da matriz da cidadezinha *swinger*, onde todos se encontram e onde aqueles que só estão passando sentem o clima antes de decidir se vão entrar no baile ou não.

Mas ainda não é nem meia-noite, e ninguém ainda faz SEXO que mereça todas as letras maiúsculas na *gang room* do clube que você decidiu conhecer. Em dois cantos da sala, dois casais distantes um do outro se pegam em beijos entusiasmados. As mulheres estão sentadas sobre os homens e não dá para ver bem onde estão as mãos dos envolvidos. Mas só isso. Nos outros ambientes, nem isso. O que se vê pelos corredores são casais na mesma situação de você e seu par: andando de mão dadas, olhando em cada buraco e abrindo cada porta na tentativa de presenciar algo excitante. Aparentemente, algo mais interessante está acontecendo na área social do clube.

Meia hora depois do fim da validade da entrada promocional, o lugar está cheio. Não dá para dizer lotado, porque a pista tem o tamanho de uma quadra oficial de tênis e comportaria ainda mais gente, porém cheio o suficiente para afastar qualquer suspeita de festa micada. Nos camarotes, as mesas baixas têm baldes de gelo cheios de latinhas de energético e, em poucos casos, garrafas de uísque. Todos estão em pé. As mulheres, em seus vestidos surrealmente ousados, conversam entre si; os homens,

uniformizados em camisas polo com emblemas superdimensionados, também se agrupam em rodas exclusivamente masculinas. Explica-se: esse é o espaço ocupado pelos frequentadores assíduos. Os camarotes são reservados por grupos de *swingers* de raiz, pessoas que se conhecem e se relacionam há muito tempo na comunidade. Para eles, a noite de sábado no clube é a oportunidade de rever os amigos.

Os novatos e curiosos estão espalhados pela pista. Sua indumentária se aproxima mais daquilo que se veria em uma balada “normal” de São Paulo: mulheres com vestidos um pouco menos curtos, homens com camisas xadrez ou camisas polo com estampas gigantes. Há casais e grupos mistos de amigos. A troca de olhares é intensa, mas, descontando alguns beijos apaixonados de casais jovens, ninguém ainda se toca. Duas amigas resolvem competir no pole dancing e, surpreendentemente, demonstram uma destreza quase profissional na arte de dançar no poste. Uma delas termina o espetáculo trajando só a calcinha.

O clima geral é de expectativa. Nada, contudo, acontece sobre o palco. É o momento propício para visitar o banheiro masculino, que esconde uma peculiaridade comum a quase todas as casas de *swing*. Ao lado de cada mictório, há acoplada à parede uma ducha higiênica – mangueira com jato de água de alta pressão, que substitui o bidê nos banheiros mais modernos. Ali, a finalidade da ducha é lavar o pênis do frequentador que vai urinar imediatamente após o sexo.

Ao voltar do banheiro, você encontra a pista com iluminação reduzida. Já é perto da 1h da madrugada. A hora em que, segundo a praxe das casas de *swing* brasileiras, começa o show que precede a debandada do público para a área reservada do clube.

O primeiro show é um striptease feminino. Uma moça quase bonita começa a apresentação vestida de calcinha, sutiã, meia fina, colete, luvas, sapato de salto e chapéu. Despe-se ao som de *You Can Leave Your Hat On*, música do americano Randy Newman que virou o maior clichê dos shows eróticos na voz do inglês Joe Cocker. Como esperado, sai do palco usando somente chapéu. Na sequência, para agradar ao público feminino, sobe ao palco um go-go boy com seu smoking mágico que pode ser arrancado sem rasgar, até que o dançarino de corpo marombado fique somente com a gravata-borboleta e uma sunga minúscula. Ao final, a sunga cai e o stripper sai com as duas mãos tentando esconder o pênis. A

terceira e última performance envolve um casal que tira a roupa e faz uma dança que simula uma relação sexual enquanto o sistema de som inunda o ambiente com a gritaria rouca da cantora Bonnie Tyler em *Total Eclipse of The Heart*, hit romântico dos anos de 1980.

O casal termina sua apresentação totalmente nu e com os corpos encaixados de forma que o público não consiga ver os genitais de nenhum dos dois. As luzes do palco se apagam e, enquanto os artistas recolhem suas roupas do chão para voltar ao camarim, a pista já treme com algum hit do rapper cubano-americano Pitbull tocado no último volume. Os novatos e curiosos se dirigem em massa para a zona do labirinto; os veteranos dos camarotes continuam bebendo e conversando sem aparentar pressa de sair de onde estão. Aqui e ali, grupos de três ou quatro mulheres começam a trocar beijos coletivos para atíçar os maridos, para quem olham enquanto brincam com as amigas. Eles não dão atenção. Ou fingem não dar atenção, só para atíçá-las.

Você acha melhor fazer como os veteranos e pede uma cerveja no bar, que agora ficou tranquilo, e espera para entrar quando os trabalhos já estiverem começados.

Na porta que leva aos quartos, antes escancarada a quem quisesse entrar, agora paira um enorme segurança que decide quem pode ou não passar. A regra é clara: homens só são admitidos se estiverem acompanhados de pelo menos uma mulher; mulheres avulsas têm passe livre. A inspeção, que também procura inibir o contrabando de copos e latinhas, cria uma pequena fila. Ela é a razão da demora para conseguir entrar, você pensa. Errado. A razão da demora é a lotação da área do labirinto.

Depois de alguns minutos, vocês dois estão dentro. Nos corredores, a multidão de casais tenta se locomover nas duas direções, causando um trânsito em que fica impossível não tocar as pessoas ao seu redor. A luz continua escassa, e a temperatura subiu pelo menos dez graus. Você sente a umidade vinda da respiração de tantas pessoas espremidas em um espaço tão exíguo e, por um segundo, sua mente deixa de pensar em sexo para divagar sobre a localização das saídas de emergência em caso de incêndio. Ao fazer a varredura dos arredores, você nota que muitas das portas dos quartos pequenos estão fechadas. No aquário, meia dúzia de pessoas se amontoam em frente ao vidro para ver um homem de meia-idade, um tanto gordo, copular com uma mulher também acima do peso, que estava

deitada sobre uma mesa de sinuca revestida de feltro vermelho. Ele está com a calça arriada, e ela já havia se desfeito das roupas, exceto da cinta-liga e do sutiã, que, desafivelado nas alças e abaixado, circunda seu tórax logo abaixo dos fartos seios.

Vocês se afastam de lá em direção a um dos confessionários. Abrem espaço entre os corpos de estranhos para espremer o rosto contra a treliça e espiar. Para sua decepção, o ângulo, a luz vermelha e o enquadramento – seu campo de visão é limitado por um pequeno losango de madeira – não colaboram. É possível ver que há quatro ou cinco pessoas lá dentro, que algumas delas estão peladas e que elas se tocam entre si. Não dá para processar uma imagem completa que faça algum sentido.

Um pouco adiante, fica a passagem para o labirinto escuro. Vocês não chegaram a conversar sobre isso, mas ambos estão inquietos, para dizer o mínimo, a respeito da possibilidade de entrar lá. Com o coração saindo pela boca, caminham lentamente e param em frente à porta. Olham-se por alguns instantes e, como crianças assustadas diante do tobogã mais alto do parque aquático, dão meia-volta e se afastam. Para compensar o ataque de covardia, entram sem titubear na dark room.

Entram e olham ao redor, mas não veem nada. A tensão – não o tesão – toma conta de vocês. As mãos suam. Guiados pelo ouvido, encontram um canto do sofá de onde não parte nenhum gemido nem o ruído mecânico de corpos se chocando. Aproximam-se com cautela e verificam que o posto está realmente vago. Sentam-se devagar, não sem o receio de encostar em algo que algum ocupante anterior possa ter deixado lá. Ficam estáticos por vários minutos, até que os olhos, já adaptados à escuridão, começam a perceber as silhuetas que se movem umas sobre as outras. Vocês se abraçam, mas estão tensos demais para se beijar ou qualquer coisa além disso. Um casal chega e senta-se perigosamente perto de vocês. Vocês tentam se afastar, mas notam que há pessoas fazendo sexo do outro lado. O casal não perde tempo: ainda que a luz seja pouca, é fácil perceber que ela está a fazer sexo oral nele. Para não deixar dúvidas, o cara grita: “Chupa gostoso esse caralho!”. Quando a mão dele encosta – de propósito ou não – na sua perna, você levanta automaticamente. A experiência na sala escura termina aí.

Resta ainda fazer uma visita ao camião, a sala do sexo grupal. Algumas casas de *swing* personalizam esse ambiente de acordo com sua proposta

temática. O camião pode ser um palácio romano. Ou uma masmorra medieval. No clube que vocês escolheram, o camião ocupa a carcaça de uma perua antiga, dessas que faziam transporte escolar no final do século passado. A frente e a traseira do veículo são separados de modo a caber uma cama para 20 pessoas ou mais entre eles. Os sofás ao redor do camião também são ocupados. Na cama propriamente dita, cerca de 12 pessoas se divertem. Há homens penetrando mulheres, mulheres chupando mulheres, homens chupando mulheres, mulheres beijando mulheres e homens alternadamente. Nos sofás e nos cantos da sala, o que se vê são casais em diferentes posições: elas sentadas sobre eles, de frente; elas sentadas sobre eles, de costas; ele em pé e ela sentada, chupando-lhe o pênis; ambos em pé, com ele a penetrá-la por trás, enquanto um *voyeur* abandona momentaneamente sua postura passiva para acariciar os peitos da moça. Vocês param na entrada do ambiente e observam a orgia por vários minutos. Ensaiam um beijo e até algumas carícias que não fariam normalmente em público.

Depois disso, o mais provável é que vocês saiam para casa, excitados mas assustados, sem ter feito sexo algum. Não conversam sobre o assunto no táxi e, ao chegar, vão para a cama e fodem como se não houvesse amanhã.

A história acima, que mescla experiências minhas com relatos de casais, reproduz o roteiro típico do início da conversão de uma pessoa careta em um *swinger*. A iniciação geralmente acontece dentro de um clube de *swing*. A primeira visita a um clube costuma terminar no zero a zero, mas é um programa do qual ninguém sai indiferente. Alguns realmente o reprovam, por repulsa ou pudicícia, e nunca mais retornam. Outros, contudo, deixam que a curiosidade e o tesão ainda latente superem a vergonha e o preconceito. Voltam. E voltam de novo. E viram frequentadores. Nas primeiras visitas, limitam-se a observar, agora sem medo. Os passos seguintes são o sexo em público, a troca de carícias com outros casais e o sexo completo (entenda-se: que envolve penetração) com pares trocados. Há quem fique satisfeito somente com o voyeurismo ou o exibicionismo.

Não é o caso de Marina e Marcio.

Os paulistanos Marina e Marcio têm status de quase celebridades no meio *swinger* brasileiro, graças a um blog em que narram suas aventuras sexuais. Eles também começaram tímidos, sem participar da ação. “Na primeira vez, saímos da casa de *swing* pensando que aquilo não era para nós”, conta Marina. Só que eles voltaram. Voltaram e não fizeram nada, outra vez. Continuaram voltando e, a cada retorno, adicionavam uma pitada de ousadia à noite, até chegar ao *full swap*. “Até a gente entrar de vez se passaram uns quatro anos”, prossegue a blogueira.

É ela quem escreve – muito bem, por sinal – a maior parte dos textos da página do casal. Uma das seções do site chama-se “Casas de *Swing*”. É lá que o casal, como críticos profissionais de gastronomia, resenha os clubes que frequenta. Fala bem e, com muita assiduidade, desce o malho nos estabelecimentos. Veja o que eles dizem a respeito do Casablanca, em Moema:

Quando entramos no labirinto... meu Deus! Colchonetes postos de qualquer jeito, as camas (antes redondas, amplas e limpas) agora parecem camas de motel de estrada de quinta categoria. As paredes das cabines, pretas, TODAS arranhadas, como se fosse um filme de terror onde a mocinha se segura com as unhas na parede para não ser morta. Tivemos uma sensação horrível nesse espaço, tanto que não conseguimos fazer sexo ali.

Os críticos de casa de *swing* são implacáveis quando o lugar peca pela falta de conforto ou de higiene. Como quando eles escreveram sobre o Enigma Club:

Fomos para os reservados nos divertir melhor, entramos em uma cabine com glory holes, tirei a roupa e fiquei chupando o Marcio enquanto várias mãos vindas dos buracos passeavam pelo meu corpo. Depois fomos para a sala coletiva para ter mais espaço. Ficamos num canto da cama, sem roupa, transando. Mas a impressão que tivemos é que tinha muitos curiosos ou iniciantes, porque a sala ficou lotada, mas ninguém se aproximou (medo de serem atacados por nós??). O Marcio fez sinal para um garoto lindo chegar mais perto e fizemos um ménage delicioso com ele.

Depois ainda ficamos um tempão ali na cama transando entre nós, sem ninguém sequer chegar perto. Ficavam só olhando. Até que nos cansamos daquela cama barulhenta, furada, desconfortável e da falta de um ar-condicionado ou ventilador naquela sala. Nos vestimos e fomos embora.

A aparência dos frequentadores e dos artistas contratados também rende alfinetadas se não agrada aos resenhistas. Idem para a música e o nível artístico dos shows. Sobre a veterana Marrakesh, também no bairro de Moema:

Os shows foram bem caseiros. Os strippers queriam interagir com os convidados, mas acabavam sendo muito “amiguinhos”, rindo, se divertindo, e esqueciam de sensualizar. Os frequentadores daquela noite estavam beeeeeeeem abaixo do padrão. Não teve ninguém (single ou casal) que nos atraísse o mínimo. Nem os strippers. E pra piorar, o DJ soltou um sertanejo pra “animar” a galera! Claro, a pista esvaziou. Olha, nada contra quem curte sertanejo, mas nós não curtimos, ainda mais pra uma balada liberal.

A julgar pelas críticas acima, Marina e Marcio são os ranhetas do swing. Vou tentar corrigir a injustiça. O casal também elogia as coisas que lhe agradam. Um bom exemplo é a rasgação de seda para cima de uma dançarina do clube Vogue, outra das cinco casas de Moema:

O show de strip foi feito pela maravilhosa Sarah Lopez. Ficamos encantados com a beleza e a simpatia dessa atriz e dançarina. Ela me puxou pra dançar, adoro isso, e fui rapidinho. Eu usava um vestido bem coladinho, sem calcinha e sem sutiã, e a primeira coisa que a Sarah fez foi tirar a minha roupa. Fiquei nua no meio da pista dançando com a gostosa da Sarah por um bom tempo.

O Enigma, que foi duramente criticada pelo desconforto da cama, também recebe palavras de aprovação:

Mas a melhor surpresa foi a parte dos reservados. Assim que entramos sentimos cheirinho de novo. E cada cabine por onde passávamos dava pra ver que a reforma ali atrás foi completa! Toda a madeira foi trocada, os estofados impecáveis, os papéis e o gel de limpeza funcionando direitinho, resumindo: perfeito! O melhor reservado que já vimos até hoje!

Marina e Marcio têm o blog de *swing* mais articulado do país – a grande maioria se limita a publicar fotos pornográficas e textos que são pura sacanagem –, porém outros casais também fazem diários que ajudam o cidadão “baunilha” ou “P&B” a entender as sutilezas desse universo. Há inclusive concorrência no campo da crítica de clube de *swing*. Por falar em competição, veja o que o casal Amelie e Beto, do Rio de Janeiro, diz a respeito da falta de opções que os obriga a frequentar o Henri Club, na Barra da Tijuca:

O Henri é muito legal, mas o atendimento do caixa é uma porcaria, sempre foi. (...) Já jurei mil vezes que nunca mais piso lá, mas acabo voltando, porque não há competição razoável. Saco. Quem até tem mais competição é o McDonald's, que agora está com a frescura de não poder trocar a paçoca por castanha no top sundae. Isso é porque o Ronald não é swinger. Se fosse, seria mais bem-humorado e não vinha com estas palhaçadas. Vou no Bob's, pronto.

Por serem tão parecidos em tantas coisas, os clubes de *swing* buscam se diferenciar uns dos outros com ideias originais nas instalações ou na forma de funcionamento. Sempre há a casa que busca ser a maior, a melhor ou a que atrai mais pessoas jovens e bonitas. Salas temáticas, brinquedos à disposição dos clientes e a seleção da trilha sonora são algumas das armas usadas nessa guerra.

Mas, antes de conhecer os esforços dos empresários do *swing* para se diferenciar uns dos outros, é interessante voltar no tempo para ver como essas casas funcionavam no século passado. Não falo metaforicamente: a arqueologia do sexo pode ser feita na prática, com uma visita à casa mais antiga da capital paulista. A Marrakesh preserva o conceito e a atmosfera

da época em que abriu, em 1989. Parece preservar também a decoração e boa parte da mobília dos primórdios. Até a segunda metade da década de 1990, era uma boate que recebia um público adulto, formado principalmente por casais, que a frequentava para beber, conversar, dançar música romântica e assistir a shows musicais à meia-luz. O *swing* não estava planejado, aconteceu naturalmente. No final da década, a Marrakesh já era um ponto conhecido dos casais liberais; antes da virada do século, assumiu-se como uma casa de *swing*.

O tom nostálgico já está presente do lado de fora, onde um velho toldo branco anuncia o estabelecimento como um “bar dançante” – o tipo de boate que o Marrakesh era na origem, algo em que os nascidos dos anos de 1970 em diante provavelmente nunca puseram os pés. Por dentro, o lugar é a antítese das casas modernas, como a Nefertitti e o Code Club, que apostam na amplitude do espaço para comportar centenas de pessoas. Lá é tudo pequeno, intimista, de dimensões quase liliputianas. Ao entrar, você é recebido por um homem de meia-idade vestido em terno escuro, como o maître de um restaurante tradicional. Não há hostess, não há fila para pegar comandas individuais. O gerente conduz os clientes até a área da pista e os senta em um dos apertados bancos “para casal”, em que o homem necessariamente fica ao lado da mulher, com uma mesinha baixa à frente e, mais adiante, outra dupla que fica de costas para eles. A pista, quadrada, não tem mais que 20 metros quadrados e é rodeada por esses assentos – alguns duplos, para que dois casais fiquem frente a frente – e, em duas paredes opostas, há nichos em que a luz é ainda mais baixa. Nesses nichos, alinham-se duas fileiras de bancos, cada uma virada para um sentido, de modo que os ocupantes da fila A encarem o pessoal da fila B. Fora o minúsculo bar na entrada e a pista de dança, não existe espaço para ficar em pé na parte social do clube. Para minimizar a sensação de falta de espaço, as paredes têm espelhos emoldurados por ripas de madeira. Em um dos cantos, uma passagem meio escondida leva ao diminuto fumódromo ao ar livre. Ao lado dos queijos, em uma das extremidades da pista, um pequeno jardim de plantas tropicais completa o ambiente.

Após acomodar os clientes, o funcionário entrega-lhes um cardápio com bebidas e prontamente liga uma lanterna para que se possa ler o que está impresso nele. Pedido feito, chega à mesa um prato descartável de plástico cheio de pipoca fria, cortesia da casa. De sua cabine, o DJ manda a todo

volume um sucesso de um gênero que não existia em 1989: o sertanejo universitário. As caixas de som inundam o ambiente com a poesia da dupla goiana João Lucas e Marcelo:

Se prepara pra me ter, me ter, me ter, me ter, me ter, me ter, me ter
Hoje eu tô por cima, se prepara pra me ter
Me ter, me ter, me ter, me ter, me ter, me ter, me ter
Hoje eu tô por cima, se prepara pra me ter

A casa começa a encher com pessoas de perfil variado: casais curiosos, visivelmente deslocados, homens acompanhados de garotas de programas, grupos de amigos interessados em se divertir numa noite exótica. Mas principalmente casais que parecem ser frequentadores fiéis desde muito tempo, gente de meia-idade com lugares reservados no “Marra”. Quando alguns destes chegam, a dançarina que exibe seus dotes nos queijos interrompe a coreografia para recebê-los aos beijos e abraços.

Atrás da pista, a área reservada reproduz o que existe em outros clubes de *swing*, apenas em escala reduzida. Existem somente dois corredores a se percorrer, distribuídos em forma de “L” a partir do ponto que divide os setores. Na entrada, desprovida de porta, um funcionário simpaticamente oferece copos de plásticos àqueles que, por distração, atravessam a fronteira com bebidas em punho (vidro quebrado pode causar problemas graves em cubículos cheios de pessoas peladas). As cabines privativas mal comportam uma pessoa, quanto mais um casal ou mais gente. A maior aglomeração de curiosos, obviamente, se reúne atrás da treliça do confessionário, onde um casal faz sexo enquanto, sentado ao lado, um homem de poucos cabelos brancos e barriga protuberante se masturba. Dois cômodos são maiores, destinados ao sexo em grupo. No fim do corredor à direita, o quarto tem bancos estreitos ladeando as paredes. Sem uma cama, o que se consegue divisar na penumbra são homens em pé, de costas, provavelmente recebendo sexo oral de uma mulher sentada. O cenário se repete na sala imediatamente à esquerda da entrada, onde só casais podem entrar.

A Marrakesh é uma casa de *swing* tradicional e se orgulha disso. Seu slogan é: “Pensou *swing*, pensou Marrakesh”. A tendência mais recente dos estabelecimentos do gênero é aliviar essa atmosfera em que tudo

lembra, a toda hora, o cliente de que ele está numa noitada com o objetivo único de fazer *swing*. Muitas casas buscam reproduzir a ambientação de baladas “normais”.

A Boate 2a2, no Rio de Janeiro, tem talvez a localização mais pitoresca de todos os clubes do Brasil: um sobrado do início do século 20 em uma rua sem saída de Botafogo. Não tem luminoso, sequer uma placa na entrada – somente um segurança que chama para dentro os casais hesitantes e enxota adolescentes. Do lado de dentro, o piso térreo não se parece em nada com as espaçosas casas do gênero de São Paulo ou da Barra da Tijuca. O ambiente é pequeno, aconchegante e mantém características originais da casa. Não há postes para dança nem shows de striptease na área do bar, que é separada da pista de dança por uma porta com isolamento acústico. As paredes são decoradas com pôsteres de bandas de rock e objetos vintage. Tudo isso deixa a 2a2 – ou o seu andar térreo – com a aparência de uma casa noturna para jovens roqueiros. Até a cerveja é gelada e vendida a preço honesto.

Tudo muda de figura na área reservada. Por uma imposição da planta da casa, o labirinto não é contíguo ao bar e à pista de dança. Fica no piso superior, para onde se sobe por uma estreita e íngreme escadaria de madeira tão antiga quanto o próprio casarão. Isso pode ser um desafio nos horários de maior lotação, em especial para as mulheres de salto alto. Uma vez no alto, o clima é abafado e claustrofóbico. Os corredores são mais apertados que de costume – outro senão de ocupar um imóvel velho e charmoso –, e as pessoas literalmente se empurram no afã de passar de um lado o outro. Fora as atrações *standard*, como os *glory holes*, o labirinto conta com um quarto mobiliado com uma cama cercada de uma tela de proteção alta, como um octógono de MMA, e equipado com um boneco para treinar socos.

Espaço não falta na Liberty, em Balneário Camboriú, Santa Catarina. Atrás do labirinto, o clube possui uma área ajardinada com piscina, várias camas ao ar livre, uma casa anexa grande demais para ser chamada de edícula – também com quartos abertos aos frequentadores – e estatuetas dos anões da Branca de Neve espalhados pelo gramado. A Venus, de Curitiba, se gaba não somente da área ampla (são 1800 metros quadrados), mas também da estrutura, que propagandeia como a melhor do Brasil. O lugar tem 16 espaços privativos, que se assemelham a um quarto de motel:

cama redonda com botões para controlar luz e som, banheiro com ducha e espelhos no teto e nas paredes. O que diferencia a casa, no entanto, é uma piscina em que uma das bordas é de vidro transparente, possibilitando aos frequentadores da pista de dança enxergar o que se passa embaixo d'água.

Outro modo de se destacar são as festas temáticas. Em Porto Alegre, a Sofazão é propriedade de Roque Rauber, um padre que abandonou a batina e se tornou empresário da noite. Não obstante o passado clerical, ele se diverte ao satirizar a maior festa do cristianismo. Todo fim de ano, o Sofazão promove uma festa natalina. Em 2011, foi a Festa do Peru. O *flyer* do evento dizia:

No mundo inteiro, as atenções estão voltadas para o Natal. E, no Sofazão, também pensamos no prato mais tradicional desta festa. (...) Serão muitos perus para serem saboreados nestas noites.

Em 2013, o mote da festa foi o panetone:

Venha degustar um panetone em locais que você nunca imaginou, pois sua criatividade é o limite. Seja você a massa ou o recheio, a decisão é sua.

Nos Estados Unidos, onde o *swing* moderno foi criado, a estrutura e a operação dos clubes são um tanto diferentes das casas brasileiras. O bar, na maioria dos casos, não pode vender bebidas alcoólicas. Por uma peculiaridade da lei americana, esses estabelecimentos não obtêm a licença específica para isso e recorrem a subterfúgios. O mais comum é o BYOB, iniciais de *bring your own bottle* (leve sua própria garrafa). O cliente aparece no clube e entrega ao bar sua cerveja, vinho ou destilado. No caso dos destilados, a casa fornece os suprimentos não alcoólicos (refrigerantes, sucos, gelo) e contrata bartenders para preparar coquetéis.

A nova-iorquina Ava foi bartender no clube Role Play, em Atlantic City. Antes de ser promovida a essa posição, ela desempenhava uma função quase inexistente nas casas brasileiras: a party girl. Trata-se de uma mistura de hostess, animadora e artista de shows sensuais. “Eu dançava, levava os casais para conhecer a casa e os fazia sentir-se confortáveis”.

Tudo isso em trajes apropriados para a ocasião. “Se fosse a Noite do Pretinho Básico, eu usaria sutiã e calcinha fio-dental pretos.”

Os clubes de *swing* americanos se dividem em off-premise e on-premise. No primeiro tipo, os casais podem socializar, mas não fazer sexo dentro das dependências do clube. O segundo é mais parecido com o modelo que conhecemos no Brasil, com a diferença de que o labirinto escuro é suprimido. A casa oferece quartos e outros ambientes para a prática de *swing* e orgias – incluindo a onipresente *dark room* –, mas o caminho que leva a eles é amplo e bem-iluminado.

Ava conta como é a área reservada do Role Play: “O segundo andar tem um espaço aberto com uma cama grande de couro e outros móveis de couro ao redor do ambiente. Há também quatro quartos privativos. Três deles não possuem portas, apenas cortinas de contas penduradas nos batentes. O quarto ambiente é a nossa sala VIP, com uma porta que está sempre trancada. É do tamanho de um quarto normal, com espelhos e luz negra. Os donos cediam a chave desse quarto apenas ocasionalmente. Às vezes eram eles mesmos que usavam, às vezes emprestavam a chave para um funcionário usar o quarto no fim da noite. Esse era o quarto que eu usava”.

Se nos Estados Unidos donos e funcionários de clubes admitem abertamente praticar *swing*, no Brasil muitos empresários procuram se distanciar do termo. Eles preferem que seus estabelecimentos sejam conhecidos por “baladas liberais” ou “baladas para casais”. O motivo dessa implicância com o nome próprio da coisa é uma estratégia de marketing inclusiva: eles acreditam que a palavra “*swing*” traz uma carga negativa, desperta preconceito. É a mesma lógica do açougueiro que chama sua loja de “casa de carnes nobres”. De acordo com esse pensamento, um clube de *swing* atrai somente os praticantes de troca de casal e repele algumas fatias do público. Já uma balada liberal admite qualquer um: casais *swingers*, casais curiosos, mulheres e homens avulsos, gays, lésbicas e grupos de amigos que querem apenas beber, dançar, dar algumas risadas e uma espiadela nesse fascinante universo – talvez, depois de um drinque ou sete, dançar em cima do balcão do bar ou trocar algumas carícias mais ousadas em público.

O conceito de balada liberal sugere que ninguém lá é obrigado a fazer sexo – o que é absolutamente verdadeiro. Aliás, a frase “onde tudo é

permitido, mas nada é obrigatório” vem sendo usada como slogan da Nefertitti. A palavra “*swing*” não aparece sequer uma vez no site da casa. Conhecido pelos frequentadores como Néfer, o clube já ocupou imóveis nos bairros de Moema, da Vila Olímpia e dos Jardins antes de instalar-se no endereço atual, no Brooklin.

Quando estava nos Jardins, até o início de 2013, a Néfer viveu a fase em que essa proposta democrática teve mais sucesso. Por situar-se em plena rua Augusta – polo de vida noturna que congrega *hipsters*, adolescentes, gays de ambos os sexos e prostitutas –, a casa reunia uma fauna heterogênea em que os *swingers* de raiz quase não se faziam notar. Especialmente nas noites do meio da semana, quando eles desempenham seu papel de cidadãos comuns e saem pouco para a balada.

Foi numa quinta-feira de janeiro que eu fiz minha primeira visita à Nefertitti, ainda no endereço da rua Augusta. Cheguei cedo, bem cedo para o padrão balada liberal: por volta das 23h, quando o lugar estava às moscas. Na pista, havia somente um casal. Ela, uma bela morena em seus vinte e poucos anos, usava uma camisa azul transparente, revelando o sutiã preto de bojo, e calças brancas de brim que destacavam as suas nádegas. Ele vestia jeans e camisa xadrez de algodão. Estava atrás da companheira, encostado nela, segurando-a com uma das mãos pela cintura. Das caixas de som saía *Louca Louquinha*, outra pérola da dupla sertaneja favorita das casas de *swing*, João Lucas e Marcelo:

Looooooooouca! Louquinha!

Dá uma empinadinha

Dá uma agachadinha

Você tá soltinha

Tu tá louca, hein?

A garota executava a coreografia ditada pelos versos. Empinava a bunda em direção ao quadril dele, depois descia sem perder o contato entre os corpos. Ele parecia não conseguir decidir se estava extasiado com a performance da parceira ou se ficava constrangido por ser o centro das atenções. Movia-se pouco e desajeitadamente, sem tirar os pés do chão, segurava uma garrafa de cerveja pelo gargalo e tinha o olhar perdido no infinito.

Aos poucos, a casa foi enchendo. O público era muito variado. Havia pequenos grupos de lésbicas masculinizadas. Havia uma ou outra prostituta que provavelmente teve um dia fraco na rua e resolveu tentar uma sorte melhor na Néfer – além, claro, daquelas trazidas pelos clientes como se fossem suas namoradas ou mulheres. Havia alguns casais: naquele momento não era possível distinguir quais eram *swingers* e quais eram curiosos. Havia, sobretudo, grupos de jovens recém-saídos da adolescência que chegavam dos bares da região numa euforia gerada, provavelmente, por litros de bebida alcoólica.

De repente, a música parou e seguiu-se o ritual habitual das casas de *swing*: os shows eróticos que anunciam que a noite começou para valer. Há a apresentação de um casal que se despe mutuamente e faz sexo simulado. Há a dança da stripper principal, nem sempre uma mulher muito atraente. Na Néfer, a performance inclui o “sequestro” de um homem da plateia para ser provocado, esfregado, bolinado e despido pela dançarina – e ao fim da música deixa o palco apenas de cueca, recolhendo as outras peças de roupa pelo chão. Como metade do público é feminino, há também um strip-tease masculino. Naquela noite, o stripper era um médico que chamou uma frequentadora ao palco para brincar com seu estetoscópio.

No labirinto, os corredores escuros estavam congestionados com uma massa de gente que buscava se locomover – sempre em duplas de mãos dadas, para que um não se perdesse do outro – de quarto em quarto. Para quase todo mundo lá, a ânsia para bisbilhotar o ato sexual alheio era muito maior do que a disposição de se expor aos olhos (e mãos) da massa humana em trânsito. Havia muito mais *voyeurs* do que exibicionistas, o que tornava a experiência um bocado frustrante para todos. Algumas portas estavam trancadas. Outras, ao serem abertas, revelavam que não havia ninguém do outro lado. As salas coletivas não atraíam muita gente. Os poucos casais que foram para ela trocavam amassos que seriam aceitáveis em baladas convencionais. Menos numerosos ainda eram aqueles que estavam em posição que indicasse (a penumbra não deixava ver ao certo) a ocorrência de sexo oral ou de qualquer modalidade.

Aos poucos, os corredores se esvaziaram, e os curiosos voltaram à pista para pegar mais um drinque e dançar ao som de funk, sertanejo ou música eletrônica. Afinal, naquela noite a Néfer era apenas uma balada liberal. Os clubes de *swing* (como a própria Néfer em noites mais inspiradas) são

um bocado mais interessantes. Mas, sem nenhum demérito a esses clubes, as orgias de luxo dos ricos europeus estão em outro patamar. É para Saint-Tropez, na França, que viajamos no próximo capítulo.

A misteriosa Madame O

Que tipo de pessoa viajaria até a França apenas para ir a uma orgia de luxo com a mulher? Que tipo de pessoa levaria a sogra e o filho de oito meses nessa viagem?

Eu.

O filho foi condição da minha mulher, Mariana, que ainda não o havia desmamado. Amanda, a mãe dela, nos acompanhou para ajudar a cuidar de Pedro durante todo o passeio e prestar serviços de *baby-sitter* na noite em que ficássemos fora. “Luxo e Luxúria na Riviera Francesa” era o tema da festa, promovida pela Madame O – a mesma que deu em São Paulo a primeira orgia de que participei. Aconteceu em uma cidade litorânea próxima de Saint-Tropez em 24 de maio de 2013, mas as negociações para eu ser admitido começaram quatro anos antes. Precisamente, dois dias depois da suruba paulistana, quando conheci Madame O.

Eduardo, o empresário brasileiro que negociou minha entrada no primeiro evento, arranjou a entrevista. No dia seguinte ao bacanal, falamos por telefone. Ele me contou que a pessoa que respondia pela Madame era um designer franco-italiano chamado Jacques. Sua família era de Veneza, mas ele nasceu em Paris, onde morava a maior parte do tempo. Falava francês e italiano com a mesma fluência e vivia transitando entre os dois países. Nos encontraríamos na manhã de segunda-feira, dia 21 de abril, no lobby de um hotel no Itaim – bairro paulistano conhecido por seus bares e restaurantes, mas distante do circuito hoteleiro tradicional. Como era feriado, tudo estava vazio. Seria fácil reconhecer o tal francês, que eu imaginava ser alguém com pose de dândi europeu. Quem se aproximou de mim foi um homem de jeito simples, magro, não muito alto, vestindo calça

jeans e camisa polo. Após um aperto de mão cordial, Jacques sugeriu um café na praça de alimentação do conjunto de prédios onde fica o hotel.

Minha primeira pergunta foi: “Você é a Madame O?”. A que Jacques respondeu: “Não, é a minha esposa”. No decorrer da conversa, entretanto, ficou claro que é ele, não a mulher, o responsável por planejar e administrar os negócios da entidade batizada de Madame O. Mas o que seria isso?

“Criei a Madame O para poder frequentar orgias de bom gosto. Os clubes de *swing* são cafonas e só têm gente feia”, disse o francês. Ele definiu a Madame O como uma sociedade libertina. Até onde pude entender naquele momento, tratava-se de um clube declaradamente elitista. De uma associação presidida por Jacques, que organiza orgias e decide quem pode ou não participar delas. De uma comunidade fechada que cultua o hedonismo e a beleza. Ele fez questão de dizer que não tirava seu sustento dessas festas – muito pelo contrário, às vezes precisava usar seu próprio dinheiro para cobrir o prejuízo de eventos tão caros.

A inspiração estética e ideológica da Madame O vinha do século 18, notadamente da obra literária do Marquês de Sade, das aventuras sexuais do italiano Giacomo Casanova e dos clubes libertinos da aristocracia inglesa. O nome da sociedade foi pinçado do livro *A História de O*, romance erótico publicado em 1954 pela francesa Anne Desclos, sob o pseudônimo Pauline Réage. Nele, a personagem O, mulher ativa e independente, é aprisionada em um castelo pelo amante, de quem se torna escrava sexual.

Os critérios de admissão nessa comunidade, segundo Jacques, são muito rígidos. A Madame só admite casais e mulheres avulsas. “Homens solteiros, só se forem perfeitos.” Os interessados precisam se cadastrar no site (a versão brasileira é madameo.com.br) e preencher um curto questionário. Por culpa da tradução automática, feita por algum programa de computador, algumas perguntas parecem charadas:

Como se identifica o seu erotismo e o que espera encontrar em nosso circuito de relações e iniciativas?

A etapa seguinte consiste em fornecer informações sobre sua aparência (peso, altura, cor do cabelo) e enviar fotos para a apreciação de Jacques.

Diferentemente de outros sites de encontros sexuais, aqui cenas de sexo explícito e closes de genitais significam a eliminação dos postulantes. “Não quero poses eróticas. A pessoa deve mandar uma foto de roupa e outra na praia. Vou reparar nas roupas, no relógio, no sapato.” Se a aparência agradar, há ainda uma entrevista personalizada por e-mail, em que os erros de gramática e o linguajar chulo são, em tese, falhas inadmissíveis. “Você pode ser o Barack Obama. Se for mal no teste, eu aperto um botão e você desaparece do meu computador.” Vencidos esses desafios, os solicitantes recebem uma senha que lhes dá acesso restrito ao site. Eles então precisam aparecer em sua primeira orgia para provar que não mentiram no cadastro e serem admitidos como membros plenos da sociedade libertina.

Mas é claro que conhecer as pessoas certas pode encurtar esse caminho.

Um ano e meio após a orgia no Morumbi e a entrevista com Jacques, recebi um telefonema de Eduardo. Madame O promoveria mais uma festa em São Paulo, e ele queria saber se a revista VIP, onde eu ainda trabalhava, tinha interesse em fazer outra reportagem. Respondi que isso dependeria de informações novas, pois não faríamos a mesma matéria duas vezes. Marcamos um almoço para conversarmos sobre o assunto.

O encontro foi em um restaurante nos Jardins. Eduardo estava acompanhado de um amigo, figura notória da noite paulistana, também frequentador de orgias. Conversamos sobre a possibilidade de conhecer melhor o funcionamento da comunidade e, mais adiante, de participar de uma festa na Europa. Segundo ele, lá a coisa era bem mais fiel à proposta original da sociedade: locações espetaculares em castelos e palácios, roteiros temáticos seguidos à risca e frequentadores que levavam toda essa fantasia muito a sério, inclusive a parte de manter a máscara no rosto até o fim da festa. Seguiu-se uma negociação de algumas semanas que terminou em impasse. Eduardo queria que a revista pagasse meu ingresso, mas a revista não quis pagar. Não fui à festa e não fiz a matéria.

Conseguí algo muito melhor, porém: uma senha de acesso ao site da Madame O.

Todas as etapas do processo admissional foram ignoradas. Bastou a menção do nome de Eduardo no cadastro para receber a aprovação do perfil e poder navegar no site. Como membro “basic” (há ainda as categorias “silver”, para a qual eu seria promovido mais tarde, “silver

class”, “gold”, “platinum” e “diamond”), meu acesso à rede social era limitado: poderia ver o perfil dos outros associados, porém não poderia contatá-los por iniciativa minha, apenas responder às mensagens e solicitações de amizade enviadas por eles.

O site da Madame O é uma rede social em que as pessoas criam um perfil e trocam mensagens entre si. Nos perfis, são abundantes as imagens de nudez e erotismo que Jacques disse barrar nas etapas seletivas. São pessoas da Itália e do Brasil, principalmente. Juntos, os dois países têm 1200 das 1600 filiações. A seguir vêm a França, o Reino Unido e a Espanha. A variedade de nacionalidades se reflete numa miríade de tipos físicos. O denominador comum a quase todos os perfis – cada um corresponde a um casal, na maioria dos casos – é o corpo escultural da mulher, mesmo o daquelas que já passaram dos 50 anos. Boa parte dos homens também exhibe forma invejável, porém no setor masculino é mais frequente a presença de tipos com aparência pouco atraente. Uma grande diferença em relação às redes sociais abertas é que muitos poucos usuários exibem o rosto nas fotos.

Outra característica distinta é a impossibilidade de espiar anonimamente as fotos alheias. A cada visita que o seu perfil recebe, uma notificação aparece no canto superior direito da tela, dedurando o libertino enxerido. É lógico que ninguém se incomoda com essas indiscrições, pois a rede social é feita para esse tipo de interação.

A seção de eventos é dedicada exclusivamente à divulgação e à venda de ingressos para as festas libertinas da Madame O. Estão lá as informações e os *flyers* das orgias futuras e passadas – o circo libertino já esteve em Paris, Barcelona, Milão, Ibiza, Genebra e Veneza, onde todo ano há o baile mascarado de carnaval. Foi nesse setor do site que eu comprei a entrada para a orgia em Saint-Tropez por 500 euros.

A ideia de promover orgias de luxo não é exclusividade da Madame O. Nos Estados Unidos e na Europa, existe uma variedade de opções para quem quer fazer sexo grupal com pessoas supostamente selecionadas pela beleza e pela posição social. Para participar dessas festas, basta estar disposto a passar pelo processo seletivo – ou ser reprovado – e pagar o preço do ingresso, invariavelmente alto.

Em Nova York, jovens da elite e celebridades se entregam à luxúria nas festas SiN (“pecado”) e Behind Closed Doors (“atrás de portas fechadas”), ambas organizadas por um grupo chamado School of Sex (“escola do sexo”) em coberturas e suítes presidenciais de hotéis em Manhattan. A diferença básica entre elas é que a SiN admite homens solteiros. A jornalista americana Meagan Drillinger narra sua experiência numa festa Behind Closed Doors, em reportagem publicada na revista brasileira *Status* em junho de 2013:

Os “playrooms”, como são chamados os ambientes da festa onde tudo é permitido, são os quartos da cobertura. É lá que o sexo começa e geralmente continua até as primeiras horas da manhã, embora, na maioria das vezes, por volta das 2 ou 3 horas, qualquer superfície livre esteja valendo. Depois da meia-noite, para ficar no playroom, todos têm de estar nus.

Além da nudez obrigatória, essas orgias têm várias peculiaridades. Uma delas é o fato de as entradas serem vendidas pelo site Ticketleap, similar ao Ticketmaster (mas bem menor), que também disponibiliza ingressos para o MoMA e para o Festival de Ciência da Filadélfia. Outra coisa singular é a sala equipada com o Sybian, artefato de masturbação feminina em forma de sela: a mulher senta no aparelho com a vagina acoplada a um pino vibratório que promete induzir orgasmos em qualquer uma. Também é característico da School of Sex o hábito de não avisar ao pessoal do hotel a natureza do evento para o qual a suíte foi alugada. A estratégia garante mais privacidade aos convidados, mas tem seus riscos. Segue a manchete policial do jornal *New York Post* em 19 de junho de 2012:

SWING INTERROMPIDO

Uma festa sexual de swingers na cobertura do Mondrian SoHo teve fim prematuro na noite de sábado, seguido de confronto entre a segurança do hotel e os organizadores do evento. Fontes nos disseram que a SiN White Party, promovida pela School of Sex, estava começando a pegar embalo quando os guardas do hotel exigiam policial o evento. Assim que eles viram o que estava

acontecendo, a festa foi encerrada e todos ordenados a sair – inclusive um casal exageradamente amoroso que insistia em transar na varanda da cobertura com vista para o skyline de Nova York.

Mais discretos, os ingleses da Fever Parties (“festas da febre”) preferem promover suas orgias em imóveis alugados unicamente para esse propósito. Eles anunciam em seu site: “Nós demos festas em uma variedade espantosa de lugares, incluindo casas de campo superluxuosas em Surrey e Dorset, uma vila de ganhador de loteria em Ibiza, uma ilha particular no rio Tâmisa, um dúplex no 30º andar em Canary Wharf...” Quando a festa é no West End (área turística de Londres), os convidados têm à sua disposição uma limusine. “Por uma pequena tarifa extra, ela leva miniorgias pelas ruas lotadas de gente”, informa o site. No ambiente principal da orgia, a principal atração é a cama de 15 metros quadrados “onde dúzias de pessoas podem atuar nas mais incríveis cenas”. Os participantes dessas surubas precisam ser atraentes, magros e ter menos de 40 anos – para os mais velhos, o mesmo grupo promove as Fervour Parties (“festas do fervor”), sem limite de idade.

Também em Londres, a Killing Kittens (“matando gatinhos”) é uma comunidade nos moldes da Madame O, com uma rede social própria que permite a interação dos membros a qualquer momento e em qualquer lugar. “Para manter as credenciais de elite da nossa base de associados, não nos envergonhamos de discriminar idade, aparência e carisma”, diz o site da festa. Todas as peças de comunicação da Killing Kittens enfatizam que, em suas orgias, as mulheres ditam as regras. A edição brasileira da revista *Marie Claire* publicou em 2010 um relato de Charlotte Hunt Grubbe, do *Sunday Times*:

A proporção é de 60 garotas para 40 homens, o que torna inevitável o sexo entre mulheres. Para um homem entrar na “brincadeira”, ele precisa ter uma espécie de autorização, o que significa receber uma piscada de alguma mulher, por exemplo.

Portugal também tem sua rede de orgias de luxo, a Purília Luxury Events. Como na Madame O, suas festas exigem máscaras venezianas para

simular a cena do filme *De Olhos Bem Fechados* – e vai mais longe, pois nomeia os eventos com “Eyes Wide Shut”, título original da obra. Como a comunidade do francês, é extremamente rígida nos critérios para a admissão de convidados para suas orgias, que costumam ocorrer em casas alugadas em Lisboa, no Porto ou em Cascais – cidade litorânea próxima da capital. Novamente, a nota de corte é beleza e educação, além da disponibilidade para pagar os cerca de mil euros que são cobrados por casal a cada festa.

“Quando entrei na festa, a impressão foi de total luxúria, um ambiente só visto em filmes”, disse à revista portuguesa *Happy Woman* uma frequentadora identificada apenas por Sandra. “Senti que havia classe e muito respeito entre todos os participantes, muito cavalheirismo, gente cuidada.” O depoimento confere com o que vi na festa paulistana da Madame O.

Inscribi-me no Purília, que insistia em agendar uma entrevista ao vivo às vésperas da festa, em Lisboa. Inscribi-me no Killing Kittens, que até hoje me envia correspondência semanal sobre seus eventos no Reino Unido. Menti a idade (tinha 42 anos na época) para inscrever-me no Fever Parties, e ninguém pediu meu RG antes de enviar convite atrás de convite.

Não paguei para ver nenhuma dessas. Mas eu sempre teria Saint-Tropez. A Saint-Tropez devassa da Madame O.

A imagem é brega, mas ficou gravada na minha mente: a lua cheia iluminava o Mediterrâneo quando eu e minha mulher Mariana partimos em direção à nossa primeira orgia da Madame O na Europa. Por cerca de uma hora, eu dirigiria um Peugeot 5008 alugado na estrada que margeia as praias da Riviera, saindo de Saint-Aygulf, onde ficava nosso hotel, para chegar ao ponto de encontro em Ramatuelle, balneário vizinho a Saint-Tropez. Deveríamos deixar o veículo em um estacionamento de um clube de praia e pegar o transfer que nos levaria à casa da festa – cuja localização era mantida em segredo.

Chegamos a uma pista vicinal, escura e deserta, para onde nos levaria o navegador GPS. Algumas centenas de metros adiante, cruzamos dois ou três carros cujos condutores estavam visivelmente perdidos. Eles manobravam em uma saída sem sinalização para pegar a estrada no sentido oposto. Confiamos no GPS e viramos à esquerda na saída seguinte. Após

um curto trajeto em declive, cheio de curvas, chegamos à praia. Em seguida notei que rodava sobre a areia em um lugar absolutamente ermo. Dou meia-volta e, na primeira bifurcação que encontrei, escolhi o caminho que havia preterido da primeira vez. Logo avistaríamos um grande pátio de estacionamento, com chão de areia e grama, com cerca de duas dezenas de carros parados. O tal clube de praia tinha todas as luzes apagadas. Na entrada do estacionamento, iluminados apenas pelo luar, havia dois casais: as mulheres usavam vestidos de noite, e os homens vestiam fardas brancas de oficial da Marinha.

“Madame O?”, perguntei ao “almirante”, que consentiu com um balançar de cabeça.

Estacionamos e nos juntamos aos outros quatro. Logo chegaria mais um casal – tínhamos agora um tenente-coronel do Exército, em farda verde-oliva, casado com uma oficial da Marinha, em vestido branco justo e quepe. Todos falavam italiano entre si. Uma mulher de meia-idade, muito simpática, me perguntou em inglês de onde éramos. “Brasil??”, repetiu ela com espanto. “E vocês viajaram até aqui só para vir a esta festa?”. Sim, senhora. Uma van chegou e todos nos acomodamos nela. A italiana prosseguiu a conversa com os visitantes exóticos. “Tenho ótimos amigos brasileiros. Um foi jogador de futebol. Toninho Cerezo, já ouviu falar?”

O trajeto entre o estacionamento e o destino final foi ridiculamente curto, menos de dois minutos. O motorista abriu a porta e ajudou as mulheres a descer no pátio de seixos. Um caminho de pedras conduzia à entrada da casa modernista de dois andares. Como na festa no Morumbi, o piso superior estava com acesso bloqueado no início da noite – na França, a porta principal se abriu às 22h30 e se fechou às 23h15. Ao chegar, uma mulher muito bonita e bem-vestida, com trinta e poucos anos, conferiu nossos nomes na lista. Ela nos entregou a uma das hostesses, todas jovens extremamente belas, que circulavam pela casa em sapatos de salto alto, meias finas, cinta-liga, calcinha e corpete. Uma delas carregava na cintura uma saia montada em varetas de arame, como um guarda-chuva. Outra, miúda e com nádegas quase esféricas que saltavam aos olhos, nos recebeu. Ela sugeriu que Mariana se acomodasse enquanto eu levava o casaco e a bolsa dela à chapelaria. Ao abrir a porta de vidro que dava para a piscina e o jardim, fui golpeado pelo cortante vento gelado da primavera da Côte

D'Azur. Era difícil avaliar a extensão do gramado na escuridão, e tampouco era possível saber se no fim dele havia um vizinho ou o mar.

No final do caminho que margeava a grama, voltado para a piscina, havia o quarto que foi transformado em chapelaria. Entreguei o casaco e a bolsa a um senhor italiano já idoso e impecavelmente vestido com terno e gravata. Voltei em passo acelerado para me aquecer e colher minhas primeiras impressões de uma orgia europeia.

Das áreas abertas aos convidados, o térreo da casa era um ambiente único dividido em três seções: o bar de um lado, uma área central com poucos móveis para que as pessoas conversassem em pé e, do outro lado, uma sucessão de sofás, poltronas e pufes com um pequeno palco e a cabine do DJ na extremidade. As paredes estavam decoradas com pinturas e gravuras de apelo evidentemente erótico, ainda que de algum modo discretas e sóbrias.

O perfil dos convidados diferia bastante daquele que eu vi no Morumbi. Havia muitos casais na faixa dos 50 aos 60 anos, outros tantos entre 35 e 50 e um número pequeno de jovens. Desses, cinco ou seis mulheres se destacavam pela beleza cativante e pelo porte: com sapatos de salto, ultrapassavam facilmente 1,80 metro. As línguas que mais se ouviam no salão eram o italiano, o francês e o inglês. Não havia grande excentricidade na indumentária feminina: todas usavam vestidos de festa curtos, mas comportados na sua maioria. Quanto aos homens, metade usava terno (eu incluso) e a outra, uniformes militares: o *dress code* assim mandava. Em meio a tantos capitães de fragata, pudemos detectar não um, mas dois sócias italianos do cantor Roberto Carlos: homens baixos e de idade um pouco avançada, com jaqueta branca, quepe e mullet alisado caindo sobre o ombro.

Esse era o público pagante. Além dele, o ambiente contava com artistas e outros profissionais contratados para animar a festa. Além da meia dúzia de mulheres bonitas em trajes menores, duas figuras masculinas chamavam a atenção. Uma delas, um rapaz esguio, com mais de dois metros de altura e de corpo bem-trabalhado, vestia sunga cavada, jaqueta militar verde sem camisa por baixo, uma máscara antigás da Primeira Guerra Mundial, além de coturnos com salto que o deixavam mais gigante ainda. A outra, um homem já maduro, tinha a cabeça raspada, bigode e usava um tapa-olho. Na parte inferior do corpo, trazia sapatos de salto alto

e fino, meia rendada, cinta-liga e calcinha. O tronco era coberto por uma jaqueta do exército alemão da Segunda Guerra. As suásticas costuradas na manga tinham sobre elas um “x” riscado com caneta hidrográfica, para explicitar que o dono da peça repudiava o nazismo.

No bar, um jovem vestido de camisa social, colete e gravata preparava coquetéis simples como gim tônica e vodca com ginger ale. Peguei duas taças de champanhe Veuve Clicquot e, antes de voltar para o centro do salão, examinei o pequeno bufê com brusquetas, croquetes e alguns tipos de castanhas. Um ator circulava com um narguilé e oferecia baforadas aos convidados. Por um instante cheguei a achar um pouco inadequado tanta gente compartilhar o mesmo pito – tal pensamento desvaneceu quando me dei conta de que estávamos em uma suruba.

Encostados na parede oposta à porta de entrada, nós nos ocupamos em observar as pessoas ao redor. E percebemos que todos faziam a mesma coisa. Os olhares se cruzavam constantemente no salão e, quando isso acontecia, baixávamos a cabeça para que isso não fosse interpretado como flerte de nossa parte. Além da timidez que sentíamos e do pânico de pensar que a troca de casais poderia se transformar em uma possibilidade real – não estávamos preparados para isso –, tínhamos medo de ser desmascarados. Não avisei a Jacques (o senhor “Madame O”) que iria à festa porque temia que ele vetasse minha presença para preservar seus convidados. Contava que ele não me reconheceria e, como não havia preparado nenhuma mentira consistente sobre minha ocupação e o motivo de estar ali, temia cair em contradição quando puxassem conversa conosco.

Pela primeira vez na vida, fui confrontado com um ambiente em que vários homens encaravam despudoradamente minha mulher ao mesmo tempo – e precisava lidar civilizadamente com esse fato. Isso só se tornaria mais frequente no decorrer da festa. Surpreendi-me comigo mesmo ao notar que sentia muito pouco ciúme, já que aquela era a regra do jogo e que valia para todos ali. Foi libertador.

Quando as portas da festa já estavam fechadas, a casa reunia gente de todo tipo. O coroa americano de black tie, com pinta de magnata, que desfilava com a mulher, uma loira exuberante pelo menos 20 centímetros mais alta que ele. A bela morena de olhar perdido, também acompanhada de um homem mais velho, que observava tudo com expressão de tédio e

melancolia. As mulheres em seus cinquenta e tantos anos, com corpos mantidos a plásticas e horas de academia, que conversavam como se estivessem tomando chá na casa de uma delas. O casal jovem em que o homem destoava de todos os demais: de barba por fazer, ele improvisou um uniforme de guerrilheiro com botas Dr. Martens, calça baggy camuflada, camiseta cinza-chumbo, *keffiyeh* (lenço palestino) ao redor do pescoço e um boné verde como o de Fidel Castro.

No centro de tudo, o moço da máscara de gás e uma das atrizes de espartilho faziam um show. Esparramada em uma poltrona no meio da sala, ela passava as mãos pelo corpo e simulava masturbação por cima da calcinha. Em determinado momento, expôs os seios e começou a enfiar os dedos na boca para distribuir saliva sobre os mamilos em movimentos circulares. Ele, munido de uma longa vara de borracha com ponta chata (algo como um chicote), passava o artefato pela pele da mulher e a golpeava suavemente. Quando a brincadeira chegou ao meio das pernas da performer, ele se livrou da máscara e da jaqueta e deitou-se sobre a colega. Uma convidada mais afoita se juntou a eles. Após alguns beijos cenograficamente ousados e mãos que viajavam pelos corpos de cima a baixo, o espetáculo cessou.

Era hora de me abastecer de champanhe. Deixei Mariana em nosso canto seguro e fui disputar nossas taças no bar, que naquele momento pós-show estava um tanto concorrido. Três ou quatro minutos depois, peguei a bebida, girei o corpo para voltar ao ponto de partida e me deparei com a primeira cena de sexo espontâneo da noite. Duas das senhoras que conversavam como comadres estavam agachadas e com a boca ocupada. A primeira fazia sexo oral em um homem; a segunda chupava outra mulher. Resolvi ficar por lá até que Mariana, percebendo que eu estava entretido com algo interessante, veio me fazer companhia. Não demorou muito para que as duas mulheres se cansassem da posição de cócoras e levantassem, reiniciando a conversa após limpar a boca com um guardanapo de papel.

Minutos depois, o acid jazz que vinha da cabine do DJ foi interrompido subitamente, e a luz da sala reduzida. O único setor bem-iluminado era o pequeno palco nos fundos. Os casais migraram para aquele lado do ambiente e, enquanto alguns permaneciam em pé, outros se acomodavam nos sofás, poltronas e pufes para apreciar o espetáculo iminente. Fiquei em pé e senti uma pequena pancada no alto da cabeça. Ao voltar-me para trás,

vi que a autora, com um sorriso maroto no rosto, era a loira que chegara com o coroa americano. Ela segurava o chicote com que havia batido em mim. Não sabia se aquilo era provocação ou simplesmente um aviso de que eu, com 1,92 metro, atrapalhava a visão de quem estava atrás. Na dúvida, procurei uma poltrona e me sentei.

O careca de tapa-olho era o mestre de cerimônias. Em inglês com forte sotaque germânico, ele fez um discurso de apologia ao estilo de vida libertino e explicou o que iria cantar: uma música de cabaré alemã da década de 1920 que exaltava o amor em todas as suas formas. Seguiu-se a tal canção, que o artista interpretou com caretas e olhares exagerados dirigidos a indivíduos da plateia, enquanto uma das meninas contratadas fazia um strip-tease burlesco. Ela se despiu para um ator de aparência lânguida, com os olhos pintados de preto, deitado desleixadamente em um divã. Quando a última peça de roupa caiu, o rapaz se levantou e pegou a moça nua no colo. Os dois atravessaram a plateia e subiram a escadaria.

O mestre de cerimônias assumiu um tom mais sóbrio para anunciar: a partir daquele momento, as damas deveriam procurar as hostesses, que as conduziriam ao piso superior. Lá, uma certa Madame Tatiana cuidaria de ajudá-las a “vestir-se para despir-se” (*dress to get undressed*, na expressão em inglês). Elas voltariam com o corpo coberto somente com sua melhor lingerie que, se a noite fosse boa, também cairia. Mariana me olhou com apreensão. O que fazer? Seguir as outras mulheres ou guardar apenas para nós as peças de roupa mais caras (ainda que íntimas) que já pousaram sobre o seu corpo?

Na manhã de 15 de agosto de 1944, o horizonte do Golfo de St. Tropez estava apinhado de barcos muito mais numerosos e muito maiores que os veleiros e iates que normalmente se reúnem na baía para a festa da Assunção. Todos portavam bandeiras de cor azul, branca e vermelha, porém com as estrelas e listras da Marinha dos Estados Unidos. A invasão do sul da França havia começado. Em Setembro, os velhos oficiais nazistas e a Gestapo eram apenas uma memória ruim, e os novos senhores eram os americanos. Os navios trouxeram a liberdade e muitos rapazes altos de sorriso brilhante, ombros quadrados e um fraco pelas atrevidas e deliciosas garotas francesas. O melhor lugar para encontrá-las era administrado por

Madame Tatiana em St. Tropez. A casa era notória também para a polícia, mas ela permaneceu quieta para não quebrar o brinquedo favorito dos americanos. Acordos foram feitos com os “bons companheiros” de Marselha, que eram amigos e apoiadores de Madame Tatiana.

Esse é o texto inicial do anexo de um e-mail que a Madame O enviou aos participantes da festa de Saint-Tropez em 22 de abril de 2013, pouco mais de um mês antes do evento. Daquela vez não haveria baile de máscaras venezianas, como é a praxe nos eventos a Madame O, mas uma proposta diferente. O tema da festa, detalhado na mensagem, era a Riviera Francesa no imediato pós-guerra, quando a região estava ocupada por soldados americanos, que frequentavam bordéis cujas proprietárias tinham relações estreitas com a máfia regional. Isso explicava o *dress code* excêntrico da orgia a ser promovida na casa da fictícia Madame Tatiana: para os homens, traje militar, smoking ou algo que o fizesse parecer um gângster dos anos de 1940; para as mulheres, um vestido sexy e retrô com lingerie condizente.

Eu estava tranquilo quanto ao traje. Vestiria um terno escuro de risca-de-giz e chapéu. O problema era explicar para Mariana o que vinha a seguir no guia de vestimentas da festa:

A partir das 23h30, elas serão convidadas por Madame Tatiana para o vestiário, onde vão trocar de roupa e vestir sua lingerie mais erótica. Um toque dos anos de 1940 é necessário: look burlesco, bustier, cintas-liga... pense em Betty Page e Dita Von Teese.

Não somente arrastaria minha mulher para uma orgia, mas precisava avisá-la de que ela precisaria usar trajes menores em público. A questão foi contornada com surpreendente facilidade. Para agradecer a colaboração de Mariana, eu propus comprar e dar-lhe de presente a lingerie mais bacana que ela encontrasse. Ocorre que os preparativos para nossa viagem foram atribulados, e saímos do Brasil sem as tais peças sexy. Fomos encontrar tempo para comprá-las em Saint-Tropez, no dia da festa.

Numa estreita rua de pedestres próxima ao porto, encontramos uma lojinha de roupa íntima feminina que não ostentava nenhuma grife famosa na placa. Nada tinha etiqueta de preços. Mariana começou a conversar com a atendente e, em menos de 15 minutos, havia escolhido um corselet com ligas, uma calcinha, e um par de meias 7/8. Disse-me: “Posso ir?”. Saiu para encontrar sua mãe e nosso filho do lado de fora. A moça pegou uma antiga calculadora sob o balcão e foi somando os valores. Imprimiu o resultado e me entregou a fatura: 724 euros. Derreti por dentro, mas tudo o que consegui fazer na hora foi sacar a carteira e entregar meu cartão de crédito à vendedora.

Eram essas peças preciosas que Mariana vestia sob o vestido quando se principiou um vaivém de mulheres, que subiam a escada vestidas e desciam de volta seminuas, somente em lingerie. Uma das primeiras a aparecer transformadas foi a companheira do rapaz vestido de guerrilheiro palestino, uma morena rechonchuda de cabelos curtos: ela chegou em uma peça de roupa íntima bastante peculiar, composta de tiras trançadas ao redor do seu torso, que deixavam os seios à mostra. A atriz que interpretava Madame Tatiana, uma mulher alta num vestido composto de uma armação de arames e mais nada, percorria o salão para convencer as convidadas a entrar na brincadeira. Mari foi abordada pelo menos três vezes por ela e por outras garotas que se ofereciam para conduzi-la ao cômodo em que trocaria de roupa. Todas as vezes ela declinou do convite, dizendo que esperaria um pouco mais. Quando restavam somente cinco ou seis mulheres completamente vestidas na festa, Mariana perguntou-me o que eu achava que ela deveria fazer. Disse-lhe que fizesse o que a deixasse mais à vontade. Como ficar vestido em meio aos pelados pode ser mais constrangedor que tirar a roupa, ela procurou uma das garotas e desapareceu escada acima.

Minha menina voltou deslumbrante do vestiário, de braços dados com um homem em uniforme naval de gala que a ajudou a descer as escadas. Com um sorriso envergonhado e a pele branca do rosto ligeiramente enrubescida, trocou os braços do almirante pelos meus. “Minhas coisas foram guardadas no armário do *gang room*”, avisou. Esse era o quarto da suruba master, em que mais é mais.

Subimos a escada para explorar os ambientes, como é praxe nesse tipo de festa. Além do *gang room*, havia mais três quartos preparados para

receber a orgia. Dois deles não tinham tema definido, e o outro era o *whip room*, literalmente “sala do chicote”, destinado à atividade fetichista. Todos eram iluminados apenas por velas e equipados com o essencial: lenços de papel, camisinhas e álcool gel. O clima estava morno em três desses cômodos, mas parecia estar acontecendo algo curioso no *whip room*, que reunia uma pequena plateia a observar a cama.

Abrimos passagem no espaço exíguo e juntamo-nos ao grupo. O quarto do chicote tinha cerca de 25 metros quadrados. Além da cama e uma cadeira antiga de madeira escura, era mobiliado com uma estante e uma cômoda. Nas prateleiras e sobre a cômoda, repousava uma coleção formidável de instrumentos para a prática de sadomasoquismo: chicotes de todas as formas, tamanhos e materiais; algemas, mordanças, vendas e afins; metros e mais metros de corda; grampos de mamilo; falos de borracha pequenos, grandes e enormes. Essa era a fração convencional dos brinquedinhos. Sobre uma das prateleiras, havia uma seleção de cilindros de madeira – mogno, cedro, carvalho – moldados ou não como um pênis, em diversos comprimentos e calibres. Imediatamente abaixo deles, uns dez ou doze braços de manequim, tanto de fibra quanto modelos mais vintage, de madeira e com articulações no cotovelo e nos dedos. Na cômoda, um antigo espécuro de ferro – instrumento que os ginecologistas usam para manter aberto o canal vaginal durante exames de rotina.

Na cama, uma mulher se posicionava sobre os joelhos, com os quadris nus erguidos para o alto e o tronco inclinado, os braços em volta das coxas de outra garota sentada junto à cabeceira e o rosto enfiado entre suas pernas. Atrás da moça de quatro, o homem da máscara de gás dava-lhe golpes de violência simulada com um chicote. Suavemente, as tiras de couro da chibata estavalam sobre as nádegas, indo de um lado para o outro e de cima para baixo, culminando com uma lambada mais forte exatamente no ânus. A plateia, a essa altura, já somava umas vinte pessoas, o que tornava o ar dentro do quarto quase irrespirável. Eu estava um pouco à frente de Mariana quando a ouço me chamar: um homem aproximara-se dela por trás e apalpou sua bunda. Eu coloquei meu corpo entre ela e o “meu rival”, que entendeu o recado e se distanciou em silêncio. Não tive uma reação mais veemente porque achei que a atitude dele fazia parte dos acontecimentos normais de uma suruba – mais tarde, viria a descobrir que não faz.

Voltando a atenção ao que ocorria na cama, agora havia uma quarta participante. A americana alta e loira, de cabelo curto, acompanhante de um homem mais velho, entrou sem ser convidada: vestia calcinha, minissaia de vinil, sapato de salto e discos adesivos sobre os mamilos, a única parte coberta de seus seios perfeitos. Com um pequeno chicote na mão direita, ela circulava em volta da cama. Ora beijava e trocava carícias com a moça na cabeceira. Ora mirava chicotadas delicadas no ânus na garota submissa. Ora beijava seu próprio parceiro, que estava sentado na cadeira ao lado da cama, e fazia graça para os espectadores. Poucos minutos depois, cansou da performance e se uniu à plateia. A moça que recebia sexo oral, então, levantou-se da cama e passou a investigar cada objeto disposto na estante. Finalmente optou por uma cinta que tinha acoplado um cilindro de plástico ou espuma que lembrava vagamente um órgão sexual masculino – e tinha cerca de meio metro de comprimento por dez centímetros de diâmetro. Passou gel lubrificante no brinquedo e pediu para o mestre do chicote se afastar. Ela então penetrou vaginalmente a mulher deitada na cama. Claro que só a ponta do cilindro entrou, senão teríamos uma emergência médica.

Resolvemos então ver o que se passava nos outros ambientes do andar. No *gang room*, quarto equipado com a maior cama da festa, a visão coincidia com a imagem mental que os não iniciados fazem de uma orgia: um bolo meio indefinido de gente sobre o colchão. Com a iluminação muito tênue, não era possível identificar muito bem o que entrava onde e quem eram os participantes do sexo grupal. Com um pouco de esforço, conseguimos contar dez pessoas na cama.

A ampla suíte na extremidade oposta do corredor era ocupada principalmente por convidados com copos na mão, que conversavam animadamente num ambiente carregado de umidade e exalações corporais. Eles pareciam ignorar a transa que ocorria na cama, entre dois atores contratados para trabalhar na festa. Naquela hora, a impressão era de que eles estavam em um momento de folga, enquanto o rapaz – o mesmo que participara do show de strip-tease – cuspiu no ânus de sua parceira para lubrificá-lo antes da penetração. Ela gemia e gritava baixarias em português. Era brasileira. Contornamos essa cama e quase fomos atingidos pela porta do banheiro que se abria. De lá saiu um homem totalmente nu,

se enxugando depois de uma chuveirada, em busca das roupas deixadas em algum canto do cômodo.

Descemos para comer algo, pois já passava de 1h da madrugada, e a fome começava a atacar.

De volta ao térreo, percebemos que muitos haviam dispensado a cama, mas não abriram mão de fazer sexo. Ao contrário do que ocorreu na primeira festa da Madame O em São Paulo (e em outras orgias a que eu fui no Brasil), a ação não se restringia aos quartos ou qualquer área delimitada. Espalhados pelos sofás e poltronas da sala, cinco ou seis casais estavam transando simultaneamente, mas sem nenhuma troca de parceiros. Alguns desses sofás consistiam de estofados dispostos circularmente ao redor de uma torre cilíndrica e hospedavam minissurubas. Do outro lado do ambiente, gente vestida – um ou outro esquecia de pôr a calça – bebia e comia e conversava em voz alta.

Deitado no chão sobre um tapete, o cantor careca de tapa-olhos se divertia com duas mulheres. Uma delas chupava o seu pênis, que estava longe do estágio máximo de excitação; a outra, sentada no colo de um homem, lhe oferecia o salto alto do sapato. Ele lambia e sugava com resignação enquanto a dona do sapato abria a braguilha de seu parceiro para uma rápida felação. Até que apareceu o rapaz lânguido que sodomizava a brasileira no andar de cima. Ele abordou o homem no chão e lhe disse alguma coisa ao pé do ouvido. O outro interrompeu o ato sexual sem parecer contrariado, respondeu algo para o colega e começou a vasculhar os bolsos de sua farda. Quando encontrou o que procurava, estendeu ao jovem um maço de cigarros e voltou ao que estava fazendo antes, mas com entusiasmo ainda menor.

Comemos uns salgadinhos e notamos que muitas mulheres já estavam vestidas. A sala estava mais vazia, e havia algum movimento na porta de saída. A moça que levava chicotadas no ânus agora se submetia ao vento frio enquanto fumava um cigarro numa porta entreaberta. Já se aproximavam as duas horas da madrugada: parecia que nossa primeira orgia europeia acabaria cedo para padrões brasileiros. Subimos para constatar que, nos quartos, acontecia um pouco mais do mesmo, só que com menos gente. O quarto do chicote já havia sido desativado. Decidimos então que iríamos embora. O gang room, onde Mariana havia deixado a roupa, ainda era palco da transa de dois casais. Enquanto Mari se vestia,

eu fui à chapelaria buscar seu casaco e sua bolsa. Nos encontramos de volta na sala sem saber como sairíamos dali.

Abordamos uma das meninas contratadas, que nos levou à porta, onde uma belíssima mulher nos atendeu com um sorriso: “Meu marido os levará até a van. Esperem um segundo, por favor”. Quando o marido chegou, ele era quem eu esperava que fosse: Jacques. Ele me cumprimentou sem me reconhecer, então tirei o chapéu como se isso me tornasse mais parecido comigo mesmo. “Lembra de mim? Sou o jornalista que o entrevistou em São Paulo depois da primeira festa da Madame O.” Naquele momento, o máximo que ele poderia fazer caso não gostasse da minha presença era me levar pessoalmente ao estacionamento.

Jacques abriu um sorriso. “Claro que lembro! Como vai? Você veio até aqui para fazer uma reportagem?”. E nos apresentou à esposa Anne. “Esta é a Madame O”.

O anfitrião se mostrava um pouco constrangido por sua festa estar acabando relativamente cedo. “Você precisa ir a um baile de máscaras. É muito diferente. Melhor. Isto aqui é uma festa pequena.” Prometi que iria e perguntei-lhe se a coleção de arte erótica que adornava a sala já estava lá quando o imóvel foi alugado. Não, tudo era de propriedade do próprio Jacques e foi trazido de Paris especialmente para a orgia.

Enquanto caminhávamos em direção ao portão, ele me explicou por que a última festa no Brasil havia sido há mais de dois anos. Seus dois parceiros brasileiros de negócio, Eduardo e Alberto, tinham decidido se afastar do universo das orgias. Eduardo, que rachava as despesas da montagem das festas, tivera um divórcio desastroso, aparentemente causado por sua atividade nos círculos libertinos: a ex-mulher fugira com os dois filhos para Portugal, e ele vivia entre São Paulo e Lisboa na tentativa de reaver a guarda da prole. Alberto, muito bem relacionado no universo *swinger* paulistano, era quem divulgava as festas e trazia o maior volume de convidados – ainda assim em número insuficiente para que os eventos da Madame O fechassem as portas com saldo positivo de caixa. Ele também havia acabado um relacionamento por causa das orgias e, após um breve período promovendo suas próprias festas de sexo em São Paulo, embarcou em uma viagem mística, no sentido figurado. Discípulo de um guru tântrico indiano, abandonou tudo que se relacionasse ao seu

passado de devassidão para se dedicar exclusivamente à elevação espiritual.

“Estou procurando novos parceiros. Mas não quero gente ligada ao *swing*. Você se interessa?”, perguntou a mim o parisiense. Agradei e recusei a oferta quando a van que nos levaria se aproximou. Antes de se despedir de vez, Jacques lembrou-se de algo que contou com excitação.

“Você viu que o cara dos Rolling Stones está lá na sala, de cueca, bebendo uísque?”

“Como assim? Que cara dos Rolling Stones?”, perguntei de volta, espantado.

“O velho acabado. Como é o nome dele?”, rebateu Jacques.

Keith Richards, concluí. “Impossível”, disse em tom de desafio ao francês. Era impossível que o Keith Richards estivesse o tempo todo diante dos meus olhos sem que eu o reconhecesse. Jacques então começou a gesticular como louco e garantir pela mãe e por Jesus Cristo que o guitarrista dos Rolling Stones estava lá, em sua sala, em trajes menores, bebendo e conversando com plebeus igualmente seminus. Um amigo que conhece a banda lhe havia dito que estava 100% certo disso.

“Você sabe que agora eu preciso voltar para a festa e ver isso, não?”, disse a ele. Dispensamos o transporte e retornamos para a casa com Jacques jurando por tudo que o homem era Keith. Ele só me pedia para que eu não me identificasse como jornalista, pois essas celebridades não costumam gostar das ocasiões em que a imprensa os descobre participando de orgias. Eu estava quase convencido.

Entramos novamente no salão ainda mais vazio, e Jacques me apontou um indivíduo com cabelos grisalhos desgrehados, de camisa e cueca brancas, bebendo e conversando animadamente em uma rodinha de homens e mulheres de meia-idade. Me aproximei. O cara falava inglês com sotaque britânico. Certamente se parecia com Keith Richards. Enquanto observava a figura, o francês ficava atrás dele fazendo caras e bocas para mim, como quem diz “é ele”. Infelizmente não era. Era um inglês da mesma idade e bastante parecido com o Keith, mas não era ele.

Jacques não se convenceu disso. Semanas mais tarde, quando falava com ele pelo Google Talk para negociar minha ida a uma orgia na Itália, ele interrompeu a conversa para dizer: “ERA o Keith Richards”.

Minha próxima incursão no mundo da Madame O seria um baile de máscaras em um palácio barroco nos arredores de Milão. Quem sabe eu não encontraria alguma celebridade por lá?

Amor livre S.A.

Da varanda do apartamento no segundo andar veem-se as luzes que piscam e giram para todos os lados na favela logo abaixo. O som alto do funk se mistura à gritaria geral e à música do apartamento, vinda de um velho toca-discos que roda vinis dos Mutantes, dos Rolling Stones e da Legião Urbana. Lá embaixo, na entrada da comunidade do Morro dos Prazeres, três camburões da Polícia Militar fluminense e meia dúzia de soldados armados com fuzis guardam o posto da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) no início da madrugada de 4 de maio de 2013. Os jovens reunidos no prédio em frente – universitários, músicos, hackers, atores e representantes da elite intelectual carioca – estão alheios ao baile dos favelados. Eles conversam e bebem vinho, cachaça e latas de cerveja que, dada a avidez dos convidados, nunca chegam a ficar geladas. Alguns fumam maconha de vez em quando. Sobre a mesa da sala, um pavê ignorado pelos convidados é calmamente devorado a lambidas pelo gato sorrateiro enquanto uma garota que exagerou no álcool dorme profundamente no sofá. Num dos quartos, a banda afina os instrumentos para a *jam session* que começaria em breve. O clima é idêntico ao de uma festa qualquer de universitários. Com a ressalva de que parte das pessoas está sem roupa. Aquele é o encontro da Sociedade Dionísica, grupo fundado no Rio de Janeiro para exaltar o deus do álcool, do teatro e do sexo. Por uma noite, Santa Teresa foi Atenas antiga e o velho apartamento carioca se transformou num templo a Dionísio, onde um grupo de adoradores promovia uma versão atualizada – ainda que um pouco esculhambada – de uma orgia da Grécia Antiga.

O que aconteceu naquela noite no Rio de Janeiro foi uma versão teatralizada de algo que se repete incontáveis vezes desde que a humanidade descobriu o efeito inebriante do álcool e sua propriedade de remover as amarras que contêm os impulsos sexuais. Orgias não precisam de deuses gregos ou romanos, embora esses ajudem a pôr alguma ordem na suruba. Orgias não dependem de uma comunidade física ou virtual que organize bailes caríssimos em palácios e castelos. Orgias não necessitam de rótulos como *swinger*, liberal ou libertino. Tem vezes em que uma suruba é só uma suruba. Para começá-la, basta um grupo de pessoas dispostas a abrir três coisas: a mente, uma garrafa de vinho e a braguilha.

A verdade é que o modelo de monogamia adotado pelo Ocidente moderno, em que qualquer tipo de sexo extraconjugal configura um delito, tem menos de mil anos. Até a metade da Idade Média, a Igreja teve pouco sucesso em impor sua cartilha de comportamento sexual aos povos pagãos da Europa. Celtas (que habitavam da Escócia ao norte de Portugal, passando pela França) e germânicos (que deram origem aos alemães e aos ingleses) resistiram ferrenhamente à proibição das antigas religiões. Estas invocavam divindades relacionadas à fertilidade e à fartura em cerimônias marcadas pela simbologia erótica, pelas danças sensuais e, não raro, pelo sexo ritual. O mesmo aconteceu com os romanos, que não abriram mão tão facilmente do seu próprio culto politeísta de forte natureza orgiástica.

Mesmo depois que a Igreja fez valer suas noções de moral, não faltaram contestadores das regras cristãs a respeito de sexo e matrimônio. Profetas do amor livre e da poligamia, alguns religiosos e outros profanos, nunca tiveram dificuldade em encontrar seguidores.

Antes de o catolicismo nos incutir a ideia de que sexo por prazer é pecado, as orgias faziam parte do calendário de festas sagradas, e as escapadas do casamento eram até encorajadas – para os homens de elevada posição social, vale frisar.

Em nenhum outro lugar isso foi tão evidente quanto na Grécia Antiga. Lá nasceu o hedonismo, doutrina filosófica que considera o prazer o bem mais importante da vida humana. Tal visão de mundo destitui de culpa quase todo comportamento sexual, incluindo o adultério, a homossexualidade e a prostituição.

“Os gregos entendiam o que praticamente ninguém mais parecer ter observado nos dois mil anos que se seguiram, ou seja, que uma atração

passageira por A não é incompatível com o amor mais permanente por B”, escreve o inglês Burgo Partridge no livro *Uma História das Orgias*, publicado em 1958. O conceito grego de casamento permitia a infidelidade contumaz do marido e, menos frequentemente (a depender da época e da região), da esposa. No âmbito cotidiano, o sexo extraconjugal do marido se dava com prostitutas e com garotos.

A homossexualidade masculina era incentivada na Grécia. Tinha-se como virtuosa a relação entre um homem maduro e um menino, sendo o amante mais velho considerado uma espécie de tutor e educador. Por sua vez, a prostituição era uma atividade que não possuía a carga negativa que se atribuiu a ela na civilização cristã. “Na Lídia³, aceitava-se como coisa natural que jovens solteiras pagassem a própria roupa e formassem um dote prostituindo-se”, afirma Partridge. Na sociedade helênica, as heteras eram cortesãs de luxo de quem se esperava talento artístico, sagacidade, boas maneiras e sólida formação intelectual – algo comparável, em certos aspectos, ao papel da gueixa no Japão. Essas mulheres tinham relacionamentos duradouros com homens poderosos e conquistavam posições respeitáveis. Como demonstra a inscrição na lápide de uma prostituta de Bizâncio⁴:

Fui meretriz na cidade de Bizâncio e concedi a todos o amor que vendia. Sou Kallirrohe, experiente em todas as artes da volúpia. Movido pelos tormentos do amor, Tomé pôs este epitáfio no meu túmulo e com isso revelou a paixão que lhe residia na alma.

A atitude relaxada dos gregos em relação ao sexo podia ser observada também no modo com que eles tratavam a exposição do corpo. A nudez pública era natural. Para os atletas que competiam nos jogos gregos, ela era obrigatória. Usar sunga ou calção, como os praticantes de algumas modalidades olímpicas modernas, seria ofensivo. Assim interpreta Partridge: “Os gregos achavam que cobrir somente as partes íntimas, quando o resto do corpo estava exposto, sugeriria desprezo ou vergonha pela genitália, quando na verdade a opinião que tinham sobre o assunto era exatamente a oposta, pois os órgãos genitais, na qualidade de instrumento de prazer exaltado e miraculosa fertilidade, inspiravam-lhes gratidão e reverência”.

Na esfera religiosa, o sexo e a bebedeira conduziam à teolepsia, comunhão com os deuses. O prazer e os estados alterados de consciência seriam o portal para que os mortais pudessem transcender e entrar em contato com suas divindades, por demais assemelhadas aos humanos em caráter e comportamento. O excesso, assim, consistia uma característica tão divina quanto mundana e não deveria ser condenado. As orgias faziam parte do culto a diversos deuses. Alguns mais que outros. Entre as divindades mais homenageadas com rituais hedonistas, estava Dionísio – que representava o vinho, o teatro, as festas, o transe alcoólico e o êxtase ritual.

Dionísicas (ou dionísias) era o nome que se dava a três festivais que ocorriam em diferentes épocas do ano: as dionísicas rurais, que aconteciam em dezembro e janeiro nas áreas agrícolas ao redor de Atenas; as dionísicas urbanas, que os atenienses celebravam em março e abril; e as leneanas, que ocorriam em janeiro em Atenas e algumas partes da Ásia Menor. Historiadores e outros intelectuais costumam enaltecer as manifestações artísticas presentes nessas celebrações – concursos de poesia e teatro, música, dança. Essa era realmente uma parte fundamental das dionísicas que, entretanto, não havia como ser dissociada do consumo desenfreado de vinho e do sexo generalizado que decorria da bebedeira e do transe religioso. Ou que simplesmente fazia parte do ritual de adoração ao deus.

O principal evento de uma dionísica rural era uma procissão em que homens mascarados e vestidos como sátiros (figuras mitológicas que tinham características de humanos e de bodes) levavam um falo ao teatro onde se dava a apresentação dramática. O pênis gigantesco era esculpido em madeira, na posição ereta, e colocado sobre uma carroça empurrada pelos fiéis, que gritavam insultos e obscenidades uns para os outros e também para pessoas escolhidas a esmo na multidão. Nas dionísicas da cidade, os membros da elite posicionavam divãs no espaço público, de onde podiam assistir deitados à passagem do falo enquanto bebiam copiosamente. Qualquer uma dessas festas chegava ao ápice tarde da noite, quando, já embriagados de vinho e de louvor religioso, os participantes se entregavam à orgia.

“Quase por toda parte, o centro dessas celebrações consistia numa desenfreada licença sexual, cujas ondas sobrepassavam toda vida familiar

e suas venerandas convenções”, escreveu o filósofo alemão Friedrich Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia*, a respeito não só dos costumes gregos, mas também dos rituais praticados por vários povos do mundo antigo, dos babilônios aos romanos.

Por falar nos babilônios, estes tinham sua própria deusa do amor, chamada Milita. É assim que o historiador grego Heródoto, do século V a.C., descreve o culto a essa divindade:

Muitas mulheres, orgulhosas de sua grande riqueza e desejosas de se manter à parte da plebe, viajam até o templo em carruagem fechada e coberta, seguidas por grande número de criadas (...). Ao chegar, a mulher senta-se e só volta para casa depois que um estranho lhe atira uma moeda de ouro no colo e mantém relações com ela fora do templo, mas ele, ao atirar a moeda, deve dizer ao mesmo tempo: “Eu a solicito em nome de Milita”.

A liberação da tensão sexual era geralmente antecedida por um período de castidade. De volta à Grécia, as tesmofóricas eram celebrações em homenagem a Deméter, a deusa da colheita e da fertilidade, tanto da terra quanto das mulheres. Para participar da festa, as mulheres precisavam passar pelo menos nove dias sem praticar sexo. “A esperteza dos sacerdotes exigia isso como um ato de piedade”, escreve Burgo Partridge. “A verdadeira razão, naturalmente, é que, estimuladas pela longa abstinência, as mulheres participassem das orgias eróticas com menos comedimento.” Para garantir que a meta dos nove dias fosse cumprida, era costume entre as gregas comer quantidades absurdas de alho, de modo que a boca tivesse cheiro repugnante o bastante para manter longe qualquer homem.

O cheiro que vinha do apartamento em Santa Teresa não era de alho, era de bacon. Ao sair do velho elevador de porta pantográfica e tocar a campainha da entrada de serviço, fui recebido na cozinha por um casal jovem a fritar tiras de porco defumado em uma velha frigideira de alumínio, amassada e manchada pelo tempo. Não era exatamente essa a primeira impressão que eu esperava ter da festa Todo Mundo Nu, para a qual eu tinha me deslocado de São Paulo ao Rio de Janeiro numa noite de

sexta-feira, e que havia sido convocada via Facebook pelo grupo Sociedade Dionísica. O convite dizia que a nudez era “sugerida, nunca obrigatória” e recomendava levar roupa de banho, pois todos se atirariam na piscina ao raiar do Sol. Mas que diabo de orgia era essa em que era preciso se vestir para nadar de madrugada?

Entendi a razão quando cheguei ao cenário da festa, o edifício Raposo Lopes, carinhosamente chamado de Raposão. O prédio, erguido na década de 1940, tinha originalmente ocupação de caráter misto. Os andares superiores eram apartamentos para pessoas abastadas do comércio e da indústria carioca; o térreo e as construções anexas eram sede do Santa Teresa Piscina Clube, que por alguns anos treinou atletas de natação na piscina semi olímpica situada nos fundos. A tal piscina se debruça espetacularmente sobre o morro, sustentada por 29 colunas de concreto armado. Sob ela, há um espaço fechado que já foi um salão de baile equipado com cozinha industrial. O altíssimo custo de manutenção e as infiltrações fez com que o clube fechasse, deixando o imóvel somente para os ocupantes residenciais. Mais de meio século depois, a antiga piscina exibia água esverdeada e abundante sedimento no fundo. Os vizinhos da festa já não eram figuras influentes da sociedade, mas ainda causariam problema se, escandalizados com a presença de dezenas de pessoas nuas em uma área comum do condomínio, resolvessem acionar a polícia.

A cozinha do apartamento da festa parecia ter os mesmos azulejos e instalações hidráulicas da época da inauguração do prédio. Nenhum dos cômodos, por sinal, possuía sinais visíveis de ter passado por uma reforma séria ou pela troca de equipamentos como interruptores de luz e maçanetas. Era como se eu entrasse em um lugar que, relevando-se o estrago causado por décadas de ocupação, ainda se mantinha igual ao que era na época do suicídio de Getúlio Vargas. Isso tinha vantagens, como o estado da enorme varanda. Cercada de vidro nas unidades que passaram por renovação, lá ela ainda era aberta ao vento fresco do outono e ao som do baile funk que vinha da favela Morro dos Prazeres.

Foi na varanda que eu fui finalmente apresentado a Rodrigo Vaz Curado, apelidado de Will devido à semelhança física com o ator americano Will Smith. Will Vaz é um rapaz de 26 anos, formado em comunicação e que vive de trabalhos avulsos e esporádicos nessa área. Com fala mansa e olhar atento a tudo o que se passa ao redor, ele é o principal líder da Sociedade

Dionísica. Foi ele quem, após a troca de algumas mensagens pelo Facebook, autorizou a minha entrada na festa.

A sociedade de Will é livremente inspirada nos cultos dionísicos da Grécia Antiga. O grupo diz querer reviver a adoração ao deus, com foco um tanto ampliado. De deus do teatro, do vinho e do sexo, Dionísio passa a ser o deus das artes em geral, do álcool em geral e... do sexo. O perfil do grupo no Facebook detalha a pequena alteração que fez no tripé do ideário dionísico:

Dionísio era deus do teatro. Para nós, ele é deus de uma qualidade inerente a toda a arte e, usando isso, falaremos de teatro, cinema, música, poesia, pintura, escultura, performance...

Dionísio era deus do vinho. A qualidade libertadora que o vinho possui está em várias outras bebidas que não existiam na Grécia Antiga: vodca, cachaça, tequila, cerveja, licores...

Os ritos da fertilidade promovidos nos cultos a Dionísio frequentemente terminavam em orgias homéricas. Aqui na SD, o sexo é tratado com a naturalidade que ele merece – nem mais, nem menos.

Um pouco de cada um desses elementos estava presente na festa da SD em Santa Teresa. O mais evidente, ao menos no início da noite, era o álcool, que compareceu em forma de vinho, de cerveja, de uísque, de cachaça, entre outros fermentados e destilados. Will, ainda vestido, bebia a sua dose calmamente na varanda quando fomos apresentados e trocamos poucas palavras, por volta da meia noite de sábado. Ao redor, todos ainda mantinham a roupa do corpo quando Clara se aproximou com uma bandeja de salgadinhos nas mãos, oferecendo-os aos convidados. Vestia uma camisa xadrez muito maior que sua diminuta figura, certamente peça do guarda-roupas de um homem bem mais volumoso que ela. A camisa, que ia até seus joelhos, estava desabotoada. Era o único pedaço de pano a cobrir o corpo da pequena Clara. Ela tinha a face pintada como um palhaço – ou como o anti-herói Coringa, inimigo do Batman – e circulava pelos ambientes do apartamento como se estivesse alheia ao que acontecia lá.

Aos poucos, as pessoas começaram a perder a inibição. A blogueira e escritora Helena Brandi, conhecida pelo *nickname* Lasciva, foi instada a fazer um strip-tease na varanda enquanto meia dúzia de convidados gritava “Lasciva!, Lasciva!”. Tirou a saia, o corpete e a calcinha, mas ficou nua somente por um minuto ou dois. O vento friozinho do outono carioca a fez vestir-se novamente. Já alguns dos outros presentes pareciam insensíveis à temperatura que caía. No avançar da madrugada, a varanda do apartamento exibia uma pequena coleção de pessoas absolutamente normais, quase todas entre 20 e 30 anos, algumas bonitas e outras nem tanto – mas sem dar a menor importância para o que os outros pensariam de sua aparência –, em diversos graus de nudez. Rapazes de camiseta e cueca, de camiseta e sem cueca, sem camiseta e de calça jeans, moças em roupa de baixo, de calça e sutiã, de calça e sem sutiã. Will foi um dos primeiros a ficar completamente pelado. Ele falava com duas garotas quando uma terceira se aproximou e entrou na conversa sem cumprimentá-lo. “Não vai dizer ‘oi’”? perguntou ele à recém-chegada. “Não”, respondeu ela, “não vou perder tempo com você: vou direto ao assunto e dizer ‘oi’ para o seu pau.” A mulher então começou a beijar o pênis de Will, no que foi imitada pelas outras duas. O quarteto então se retirou para a sala.

Deitado no sofá da sacada, um casal que acabara de se conhecer trocava beijos e carícias. Ela vestia calcinha e uma echarpe ao redor do pescoço, mais nada; ele só usava camiseta, cueca e meias. Num dos quartos, equipado como sala de ensaio de uma banda, com instrumentos, amplificadores e revestimento acústico, o terceiro pilar do modo de vida dionísico, a arte, se manifestava em forma de música. O grupo tocava de porta fechada e em volume baixo, para não irritar a vizinhança.

Enquanto isso, Will se esparramava nu em um sofá da sala, como um sultão paparicado por seu harém. A primeira moça lhe beijava na boca, enquanto a segunda acariciava seu peito, e a terceira chupava seu pênis. Àquela altura, metade dos convidados já havia ido embora. Will pegou uma de suas parceiras e a posicionou de quatro, ajoelhada sobre o sofá. Ele, em pé, a penetrou vaginalmente por trás. Seus amigos dionísicos, já vestidos dos pés à cabeça, conversavam, bebiam e fumavam sem dar atenção ao que se passava a meio metro deles. Foi a única cena de sexo em público até aquela hora. O Sol logo iria nascer, e eu estava cansado demais

para esperar a natação matinal nas águas pouco atraentes da piscina abandonada do antigo Santa Teresa Piscina Clube.

Muito antes dos dionísicos do Rio de Janeiro, os romanos já haviam herdado dos gregos o culto ao deus do vinho – que em Roma se chamava Baco – e o gosto pelas orgias. Mas, se nas festividades gregas o prazer se impunha como uma forma de comunhão com o divino, as orgias romanas incorporaram elementos inadmissíveis em qualquer civilização atual: o abuso deliberado, a tortura, o sacrifício ritual de humanos. Estávamos lidando, vale lembrar, com uma sociedade que se divertia com gladiadores matando-se uns aos outros e infelizes sendo mortos ou mutilados por animais selvagens na arena.

Em *Uma História das Orgias*, o inglês Burgo Partridge afirma: “Muita gente não admite que tem instintos sádicos; outros se deixam fascinar completamente por eles. Nisso reside um dos riscos da orgia, caso seja usada por pessoas que não entendam a natureza dela. Os romanos pertenciam a essa categoria”.

As bacanais surgiram no sul da Itália como celebrações relativamente inocentes do vinho e de seu deus, Baco. Quando chegaram a Roma, essas festas causaram tanta comoção pública que as autoridades se viram forçadas a proibi-las por decreto. Os relatos do historiador Tito Lívio (59 a.C. – 19 d.C.) sugerem que as bacanais se assemelhavam a um Carnaval fora de controle, com pessoas embriagadas, nuas e seminuas, provocando desordem pelas ruas da cidade.

As descrições de Tito Lívio, principal fonte de informações sobre os ritos dessa época, são contestadas por serem tendenciosas. Ele tinha antipatia declarada pela religião e julgava as bacanais como um sinal da decadência da civilização romana. Sua obra, entretanto, é uma das poucas referências mais ou menos confiáveis das bacanais. E traz episódios de puro horror.

Uma dessas histórias diz respeito a um rapaz chamado Públio Ebúcio. Por razões de dinheiro, sua mãe pretendia iniciá-lo no culto a Baco e, assim, livrar-se dele. Ebúcio namorava Fecênia Hispala, escrava liberta e ex-prostituta. Quando contou à amada as intenções da mãe, Fecênia ficou apavorada. Disse que, na condição de acompanhante de uma antiga ama, havia assistido ao que acontecia no santuário. Que os ritos de iniciação

consistiam em “atos imorais” e “de desonra” entre homens. Que aqueles que oferecessem resistência à desonra ou fossem lentos em infligi-la eram abatidos como animais. Que alguns homens eram arrastados a cavernas secretas para serem “levados pelos deuses” – esses eram os que se recusavam a fazer o voto e de serem violados. A denúncia de Hispala chegou aos ouvidos do cônsul Postúmio, que obteve do Senado a permissão para investigar amplamente o assunto. No relatório que apresentou aos senadores, concluiu que as bacanais eram usadas como pretexto para a ação de criminosos. Seguiu-se um período de perseguição aos sacerdotes e adoradores de Baco.

Na Etrúria, região que compreendia o território hoje ocupado pelas regiões italianas da Toscana e da Úmbria, praticava-se algo análogo ao amor livre. Como descreve Ateneu, pensador grego do século III, na obra *Deipnosophistas (O Banquete dos Eruditos)*⁵:

Entre os etruscos, que se tornaram extravagantemente luxuriosos, Timeu registra em seu primeiro livro que as meninas escravas servem os homens nus. E Teompopo, no quadragésimo-terceiro livro de suas Histórias, diz que é costume deles dividir suas mulheres entre si. (...) Além disso, [as mulheres] ceiam não com os maridos, mas com quaisquer homens que estejam presentes e bebem à saúde de qualquer um. Também bebem em excesso e são muito bonitas. Os etruscos criam todos os bebês que nascem, mas nunca sabem quem é o pai. Os filhos, por sua vez, adotam o mesmo modo de vida, com bebedeiras frequentes e tendo relações com todas as mulheres.

A bebedeira e a comilança, por sinal, eram elementos mais importantes que o sexo nas orgias particulares da elite romana. Os banquetes duravam muitas horas e, para continuar na esbórnia, os participantes tinham o costume de vomitar para voltar a comer. O vinho, a que por costume se misturavam água, mel e especiarias – para disfarçar seu gosto ruim, pois a bebida não era nada parecida com os vinhos modernos –, muitas vezes era tomado puro nessas ocasiões. Isso causava porres épicos. “Era frequente o comensal se embriagar a ponto de não ser capaz de urinar num urinol ou jarra de vinho sem a ajuda da mão de seu escravo”, narra Partridge.

Quando, depois de tantos excessos, a pessoa (estamos falando de homens poderosos) ainda guardava condições de fazer sexo, satisfazia-se com escravos jovens de ambos os sexos, meretrizes ou esposas de homens menos poderosos. Se César ou algum senador queria a mulher de alguém, ele a tinha – e restava ao marido aceitar esse fato.

Com a queda do Império Romano e a subsequente ascensão da Igreja Católica, o clero teve dificuldade em impor seu código moral aos “bárbaros” que vieram do norte e do leste, ocupando toda a Europa. Celtas e germânicos tinham hábitos sexuais bastante abertos e ignoravam, por exemplo, a visão cristã de que a exposição da genitália – natural ou representada em objetos rituais – fosse algo indecente. A própria igreja não era tão draconiana. O casamento e o concubinato eram rotineiros dentro do clero. Apenas no século XII a ideia do celibato obrigatório para sacerdotes ganhou força e emplacou.

Ainda assim, a igreja demorou vários séculos para eliminar a Festa dos Tolos, uma espécie de carnaval celebrado pelo baixo clero, especialmente na França, para ridicularizar a própria igreja. No início do ano, os subdiáconos – subordinados aos diáconos, que são subordinados aos padres – tomavam as ruas das aldeias vestidos de mulheres. Bebiam até cair, cantavam versos obscenos e atiravam chouriços de sangue à multidão. O ponto alto da celebração se dava quando os foliões entravam com um jumento na igreja.

Em 1444, os padres de Sens, na Borgonha, tentaram pôr ordem na Festa dos Tolos. Ordenaram que, se alguém quisesse copular, que o fizesse fora da igreja, por favor. Isso nos estertores da Idade Média, quando o catolicismo já havia se tornado uma instituição de poder comparável apenas ao do Império Romano.

As orgias chegaram a habitar o centro desse poder – ou seja, o palácio papal. “A corte de Alexandre VI foi palco de devassidão de um grau em que mal consegue se acreditar”, escreve Burgo Partridge. Alexandre VI tinha por nome de batismo Roderic Llançol de Borja – mais conhecido pela forma italianizada de seu nome, Rodrigo Bórgia. Nasceu em uma cidadezinha perto de Valência, então pertencente ao reino de Aragão. Seguiu a carreira eclesiástica, não obstante a extensa prole que trouxe ao mundo – oito filhos de três mulheres. Em 1492, assumiu a cátedra papal. Com ele, o devasso clã Bórgia se instalou de vez no Vaticano.

O bispo alemão Johann Burchard narra o seguinte episódio⁶ envolvendo o papa e seus filhos César e Lucrécia:

Na noite de 30 de outubro de 1501, houve um banquete nos aposentos do duque de Valentinois [César Bórgia], no palácio papal. Estavam presentes cinquenta prostitutas do tipo conhecido como cortesãs, que não são gente comum. De início estavam vestidas, depois se despiram completamente. Encerrada a refeição, as velas acesas que estavam sobre a mesa foram colocadas no chão, e castanhas foram atiradas para que as cortesãs nuas as pegassem, rastejando de quatro por entre os candelabros. O papa, o duque e Lucrécia, sua irmã, estavam presentes, assistindo. Finalmente uma coleção de capas de seda, meias, broches e outras coisas foi exibida e prometida a quem tivesse relações com o maior número de prostitutas. Isso ocorreu em público. Os espectadores, que atuavam como juízes, entregaram os prêmios aos que foram considerados vencedores.

Alguns anos mais tarde viria a Reforma Protestante, seguida da Contrarreforma católica, que expeliu do seio da igreja de Roma – pelo menos de forma tão descarada – práticas heréticas como as festas de embalo dos Bórgias. A Igreja Católica Apostólica Romana tornaria-se uma máquina de repressão a quaisquer atitudes que ela julgasse um desvio de conduta. As orgias sexuais passariam a ser administradas por aqueles que não davam tanta importância à religião.

Nessa época, o Brasil havia sido recém-ocupado pelos portugueses. A vastidão do território e a distância da metrópole tornavam impossível a aplicação de leis e preceitos morais aos poucos desgarrados que aqui se estabeleceram. Então era natural que os colonos se aproveitassem das nativas. “O padre Simão de Vasconcelos mencionou Pascoal Barrufo, um abastado colono que vivia em Bertioga [no litoral que hoje pertence ao Estado de São Paulo], que ficara famoso pelos hábitos licenciosos e atos imorais”, escreve o historiador Paulo Sérgio do Carmo no livro *Entre a Luxúria e o Pudor – A História do Sexo no Brasil*. “Seus convidados eram servidos por escravas nuas, e ele possuía nada menos que 150 mulheres para animar suas orgias.”

Certamente não foi esse tipo de orgia, entre bananeiras e borrachudos, que inspirou as festas de luxo que vemos hoje pelo mundo. A glamurização da suruba ocorreu na Europa do século XIII. Os clubes libertinos ingleses, com seus ritos pseudomacônicos e uma queda para o ocultismo, seriam a referência da cena da orgia em *Breve Romance de um Sonho*, do austríaco Arthur Schnitzler, editado em 1926. Adaptado para o cinema, o livro transformou-se em *De Olhos Bem Fechados*, filme de Stanley Kubrick que popularizou o uso de máscaras venezianas na suruba.

Se hoje as máscaras e os rituais são meros artifícios cênicos, os britânicos dos anos de 1700 os levavam a sério. Pelo menos um pouco. “Alguns encontraram o que buscavam num conjunto de crenças, ritos e práticas neorreligiosos que podiam ser acrescentados a suas orgias para dar a elas a vida sem a qual logo levariam ao tédio, morbidez e enfado”, afirma Partridge. “Descobriram o satanismo.”

Surgiram assim centenas de *hellfire clubs*, ou clubes do fogo do inferno, por toda a Grã-Bretanha e pela Irlanda. O mais famoso dele era presidido por sir Francis Dashwood, um nobre excêntrico do condado de Buckingham, Inglaterra. Em 1755, ele comprou uma casa com uma antiga abadia abandonada para ser a sede de seu clube. Em Medmenham, Dashwood construiu um parque temático da orgia satanista. Transformou a igreja em ruínas num templo bizarro com caricaturas dos apóstolos de Cristo, ergueu torres e arcos, decorou os jardins com estátuas de divindades pagãs. Sua maior extravagância foi retirar pedras de West Wycombe – palácio onde residia sua família – para a construção de uma estrada e transformar o sítio de mineração em uma rede de cavernas onde aconteceram muitas orgias. Essas cavernas são literalmente um parque temático aberto à visitação pública até hoje.

Pouco se sabe sobre os ritos dos monges de Medmenham, como eram conhecidos os confrades, pois o livro de atas da sociedade foi queimado no início do século XX por um puritano que o achou obsceno demais para continuar a existir. Por meio de relatos de frequentadores, contudo, é possível traçar um esboço geral do funcionamento do clube. Havia duas ordens de monges, a superior e a inferior. A mais alta era reservada para os fundadores do clube, visitantes ilustres e figuras proeminentes da sociedade.

As reuniões ocorriam somente duas vezes por ano, e duravam quinze dias. As “freiras” eram recrutadas nos bordéis de Londres e levadas para a reunião nas noites em que apenas a ordem superior estivesse presente. A cada noite, um monge assumia o cargo de abade. Ao abade cabia verificar se a adega estava abastecida e se as celas em que ocorriam as orgias estavam limpas e equipadas. Mas ele também gozava de certos privilégios, como o de escolher primeiro as mulheres com quem iria se deitar. Já a posição de grão-mestre era permanente. “Ele oficiava nas sinistras cerimônias reparatórias na capela, ministrava um sacramento pervertido ao babuíno de Medmenham, iniciava os novos irmãos na ordem e oferecia libações ao diabo”, escreve Partridge.

Não há nenhum indício de que as orgias satânicas dos britânicos incluíssem tortura e sacrifícios – algo trivial nos rituais da Roma Antiga. Mais do que devoção genuína, o ocultismo de Dashwood e outros desajustados era uma forma de afronta ao poder eclesiástico e à moral repressora.

Por volta da mesma época, um cidadão veneziano chamado Giacomo Girolamo Casanova di Seingault era um fervoroso adepto da devassidão, mas não de Satanás. Ao morrer, no ano de 1798, Casanova deixou detalhadas memórias que, aparentemente, não pretendia publicar. São esses relatos que o tornaram tão famoso, a ponto de seu sobrenome virar sinônimo de mulherengo em diversas línguas. Suas histórias também fazem parte do imaginário das orgias modernas – as máscaras que aparecem em *De Olhos Bem Fechados* e em metade das festas luxuosas de sexo são típicas do carnaval de Veneza, famoso por sua licenciosidade. Essa era uma das ocasiões prediletas para os ataques de Casanova.

Em um dos episódios narrados nas memórias, o *bon vivant* se encontra ceando na casa de Bassi, um parceiro comercial. Na presença de todos – o dono da casa e sua mulher, mais um homem fantasiado de arlequim – Giacomo Casanova transa com a filha do anfitrião e com a namorada do palhaço carnavalesco. Enquanto isso, o arlequim limita-se a lamentar seu infortúnio com a cabeça entre as mãos, fitando a lenha a crepitar na lareira.

As orgias dos tempos de Casanova e dos *hellfire clubs* tinham uma diferença fundamental em relação às festas de sexo da atualidade: o papel feminino. Naqueles tempos, as mulheres envolvidas nas orgias eram

prostitutas. Ou então tratavam-se de moças presumidamente ingênuas que, embriagadas e submetidas à persuasão agressiva dos homens, eram convencidas a participar da brincadeira. Hoje, as mulheres que frequentam surubas e assemelhados o fazem por escolha consciente. Isso não significa que o machismo tenha desaparecido desse meio.

Um dos mantras mais repetidos no meio *swinger* e no universo das orgias é: a mulher detém o controle. Essa é uma meia-verdade.

O que é verdade:

A mulher faz as abordagens;

A mulher tem o poder de veto a um parceiro que não lhe agrada;

O clima nesses meios é de total cavalheirismo, com os homens exaltando e tratando bem suas mulheres (e as dos outros também).

No microcosmo de uma orgia, o poder de decisão é realmente feminino. Ocorre que, se afastarmos um pouco a lente, vamos observar que a dinâmica da relação entre os sexos não difere muito daquela existente no mundo “lá fora”. O meio *swinger* é tão machista quanto qualquer outro. Geralmente são os homens que convencem suas esposas a entrar na brincadeira, pois são eles que querem satisfazer sua fantasia de transar com outras mulheres. É o homem, na maioria das vezes, que organiza as orgias e administra clubes e redes sociais. A homossexualidade feminina é estimulada para satisfazer uma tara masculina, não por desígnio das próprias mulheres. Quando elas pegam gosto pelo *swing*, não raro é porque se sentem admiradas, cobiçadas, são objeto do desejo dos outros homens e da inveja das outras mulheres. O tal cavalheirismo que impera nesse ambiente, em alguma medida, reforça os papéis clássicos do homem protetor e da mulher frágil.

Geralmente. Na maioria das vezes. Não raro. Em alguma medida. Relativizar é preciso porque há, como sempre, exceções à regra. Renata Arcoverde e Helena Brandi, por exemplo, são duas mulheres independentes – e solteiras – que frequentam os meios liberais e lidam com naturalidade com a questão dos parceiros múltiplos. Ambas escrevem blogs corajosos em que expõem suas vidas íntimas e dão a cara a bater.

A designer Renata é autora do blog Biscoitices (rebiscoito.com.br), em que narra sua vida (inclusive a amorosa) em tom confessional e assume a identidade de Rebiscoito. Também mantém no Twitter o perfil alternativo

@rebiscate, para falar abertamente de sexo em todas as suas formas. Ela morou por um ano em Londres, onde começou a namorar o holandês Maikel. Por sugestão dele, o relacionamento era aberto a outros parceiros. Renata e Maikel, que não são *swingers*, se aventuravam no universo das festas de fetiche da capital inglesa. Abaixo, o relato dela de uma dessas festas, transcrito por mim a partir de uma entrevista.

Eu sempre tive vontade de ir a uma orgia ou a uma festa de fetiche, mas só tive a oportunidade ao conhecer o Maikel, em Londres. Ele tinha a cabeça superaberta, e aberto também era o nosso relacionamento. Na virada de 2011 para 2012, resolvemos passar o réveillon em uma festa chamada Torture Garden, que bomba por lá e aceita todo tipo de gente, independentemente da idade, da orientação sexual e do tipo de fetiche.

Fazia muito frio. Chegando ao lugar, que era uma ex-igreja no sul da cidade – acho que era em Brixton –, já vimos uma fila enorme de pessoas em seus casacões. Algumas seguravam malas com as roupas que vestiriam lá dentro. Quase todo mundo ia de metrô, então não dava para chegar montado.

Quando entramos, por volta das dez da noite, havia um monte de gente se trocando lá mesmo, no corredor. Eu já estava com a roupa da festa, só vesti um casaco por cima. Para a ocasião, eu comprei uma saia de látex bem curtinha e um corpete preto, meio de dominatrix, com umas correntes e tal. O Maikel também usou látex, uma camiseta de látex. Antes de deixarmos nossas coisas na chapelaria, passamos lubrificante nas roupas para elas ficarem brilhantes.

Descendo a escada, encontramos uma passagem para uma espécie de cripta, onde ficava um bar e uma salinha com todo tipo de instrumentos de tortura. Tinha uma mesa em forma de “X” em que as pessoas eram amarradas com pernas e braços abertos para levar chicotadas, uns bancos para os podólatras lamberem os pés descalços de homens e mulheres, umas cadeiras de exame ginecológico. O lugar reunia desde garotas muito gostosas quase peladas até uns caras sendo puxados por uma coleira pela mulher e velhinhos com saia de balé. Sempre fui muito aberta a esse tipo

de coisa, mas mesmo assim foi uma coisa bem diferente, algo que eu nunca tinha visto na vida.

No começo da festa, estava um pouco devagar. O povo só bebia e conversava. Então meu namorado disse que ia pegar algo no bar e me deixou desacompanhada. Eu estava lá, esperando por ele, quando se aproximou de mim um sujeito meio ajoelhado, que pediu com toda a educação: “Oi, posso fazer uma massagem no seu pé?”. “Pode”, eu respondi. Ele tirou o meu sapato e começou. Foi delicioso.

Nessa hora, o Maikel chegou. Eu disse que aquele cara tinha me oferecido uma massagem, que eu aceitei. Ele respondeu, desinteressado: “Legal, mas vamos lá na pista dançar um pouco?” Virei para o sujeito que me massageava os pés e falei: “Muito obrigada, foi ótimo e coisa e tal, mas agora eu preciso ir”. Como se fosse a coisa mais corriqueira do mundo. Então ele me veio com esta: “Posso ser seu escravo por esta noite?”

Era minha primeira festa, eu nem sabia como brincar. Mas eu queria experimentar. Perguntei o que deveria fazer. O cara me disse: “Nada”. E explicou: ele me seguiria por todo lado, sem encostar em mim; eu poderia pedir qualquer coisa, mandar nele, tratá-lo mal se quisesse.

O homem vestia um tipo de cueca de couro com um buraco que deixava o pau para fora. Usava também uma coleira, mas sem a corrente. Eu achei legal. Perguntei para ele: “Se você vai ser meu escravo, cadê a sua correia?” Ele me disse que tinha deixado com um amigo, mas não sabia onde esse amigo estava. “Vamos procurar o seu amigo”, eu falei. “Enquanto isso, eu puxo você pelo pau.” Ele não hesitou em responder: “Tudo bem”

Passei a festa com meu namorado e puxando um estranho de cueca de couro pelo pau. Teve horas em que parávamos a encenação e conversávamos normalmente. Descobri que ele era um cara muito legal, que era músico, que trabalhava com crianças autistas. Só tinha essa coisa de ser escravo, de gostar de ser maltratado. Mantemos contato pelo Facebook até hoje.

Chegamos à dark room, que é onde todo mundo transa com todo mundo. Naquela noite eu não cheguei a transar com outro cara,

porque estava meio deslumbrada e um pouco ressabiada... não sabia de nada, era minha primeira vez, estava em outro país. Na dark room conhecemos um casal muito bacana, um inglês e uma australiana. Eles estavam se beijando, e nós chegamos perto porque eram muito bonitos. Aí eu fiquei com a menina, depois com o cara, depois o meu namorado ficou com a menina. Nós dois meio que nos apaixonamos por eles.

Lá pelas duas da manhã, o casal disse que precisava ir embora. Eles nos convidaram para esticar a noite. Queríamos fazer sexo com os dois, mas não queríamos ir para a casa deles naquela hora, já que a festa estava muito boa. O convite continuou em pé: “Tudo bem, vocês podem passar lá mais tarde”.

Só havia uma questão: o meu escravo. Tive que pedir: “Ó, eu tenho um escravo. Posso levá-lo comigo?” O casal concordou. “Ele não vai transar com ninguém. Só vai olhar e fazer o que a gente pedir.” E assim aconteceu.

Lasciva é uma figura razoavelmente popular na internet. Sua *fanpage* no Facebook tem cerca de 5,5 mil seguidores. O blog (lasciva.blog.br) tem 5 mil visitantes diários e 550 mil visualizações mensais. Seu perfil no Twitter (@-lasciva) é seguido por 7600 usuários, aproximadamente. Lasciva é uma personagem que dá dicas de sexo, narra experiências sexuais próprias, alheias e fictícias e ocasionalmente tira a roupa para ensaios sensuais produzidos por ela mesma ou amigos. É uma mulher que fala abertamente de sexo e se comporta de acordo com o que diz. Escreveu um livro chamado *Guias do Sexo Ilustrados*, projeto levado a cabo com recursos levantados por *crowdfunding*, em que descreve e desenha práticas sexuais em detalhes naturalistas. É uma mulher que não tem medo nem vergonha de se expor.

Helena Brandi é nome impresso na carteira de identidade da Lasciva. Helena é uma mulher pequena, magra e de aparência frágil. Ao telefone, sua voz aguda pode ser facilmente confundida com a de uma criança. Brasileira, é uma mãe solteira que trabalha com mídias sociais para sustentar o filho e a si mesma no Rio de Janeiro. Apesar dos belos olhos claros, de tons azulados e cinzentos, considera-se pouco atraente. Diz ter sofrido bullying na infância e, em vez de se retrair, abre ao mundo sua

intimidade. Lasciva é seu alter ego, mas é Helena quem aparece nas fotos do blog, sem retoques nem disfarces, muitas vezes nua.

“Lido com rejeição desde que nasci”, conta Helena. “Meu pai biológico não quis me assumir, meus coleguinhas criavam apelidos depreciativos para mim desde o jardim da infância.” Na adolescência, mais um apelido veio a engrossar a lista de insultos: “galinha”. “Ganhei essa fama porque não vi problema em deixar os rapazes se divertirem com o meu corpo – isso me divertia.” Aos 15, teve a primeira experiência homossexual, com duas amigas.

Crescida, Helena continuou a explorar formas menos convencionais de sexo. Só aceita namorar se o relacionamento for aberto. Entrou com tudo no *ménage à trois*. “Já participai de 20, pelo menos”, diz. Sempre com outra mulher e um homem. “Nunca fiz um *ménage* masculino. Já propus a diversos rapazes, mas é muito difícil eles toparem – homens são muito orgulhosos.” Transformou-se em pornógrafa amadora: produz fotos e filmes em que ela mesma é a protagonista (algumas imagens menos explícitas estão em seu blog).

Não entrou para o meio *swinger*, mas visita regularmente casas do gênero, sempre acompanhada de amigos e amigas. “Gosto de frequentar a sala coletiva”, diz. Esse ambiente, também conhecido por sala escura ou dark room, é o maior espaço de um clube de *swing* – o espaço em que todos transam na frente de todos e se pode experimentar um pouco de tudo.

Várias das aventuras sexuais de Helena vão parar no blog *Lasciva* em forma de contos eróticos. No post “Mais que amigas”, ela conta como transou com uma de suas melhores amigas e um rabbit – nome dado ao vibrador com estimulador de clitóris. Em “O Bom moço”, descreve como um fotógrafo chamado para fazer um ensaio seu acabou por levá-la ao motel no dia em que eles se conhecem. O título do texto “Você já se masturbou em um banheiro público?” se refere à pergunta que ouviu de um amante, na cama. Ela não apenas respondeu positivamente como incluiu outros lugares públicos em que praticou o ato: sala de aula, cinema, na praia. Todos os posts são ricos em detalhes anatômicos e linguagem explícita. Em “Suruba de réveillon”, Helena relembra um certo 31 de dezembro em que fez sexo com uma garota e dois rapazes:

Apertei seus mamilos arrebitados, percorri sua pele com meus lábios. Meu namorado a colocou na posição de papai e mamãe, enquanto eu dedilhava seu clitóris. Lia gritou de tanto prazer. Notei uns olhares enciumados do meu amigo sobre ela, nesse momento. Meu gato continuava incrivelmente excitado, e eu também estava louca pelo seu pau. Levei-o para o sofá e me empinei de quatro. Lia veio me bolinar e seu marido ficou bebendo cerveja, como espectador.

O preço que a blogueira paga por ser tão aberta e desinibida é a dificuldade de encontrar parceiros que pensem do mesmo modo para estabelecer relações afetivas. “Homens não gostam de saber que outros comeram sua mulher”, desabafa. “É diferente comigo, sabe? Eu fico excitada quando meu namorado me conta que pegou outra, mesmo que eu a ache uma baranga.”

Pessoas que pensam como Helena existem. E estão se organizando para propagar a filosofia do amor livre.

O céu parecia desmoronar, e a parede de água batia tão violentamente no asfalto que o único outro som audível era o dos trovões que irrompiam das nuvens negras de quando em quando. Janeiro em São Paulo é assim, mas naquela noite de terça-feira a tempestade veio mais forte do que o habitual. Em uma rua arborizada da Vila Beatriz, na zona oeste da capital, homens e mulheres de várias idades corriam para se abrigar da chuva. Entravam na casa de Wander Vieira, designer mineiro que seria o anfitrião da reunião do grupo Amor Livre.

Ao chegar, as pessoas deixavam sapatos e meias molhados antes da porta de entrada. Esta dava para a sala principal, onde cerca de vinte pessoas já se sentavam no chão enquanto Flávia Amorim, coordenadora informal do grupo, acertava a posição da webcam – a reunião seria transmitida ao vivo pela internet. Um casal picava melancia e carambola para a salada de frutas que seria oferecida aos participantes. Outros se serviam de vinho nas taças em formato de crânio que o dono da casa mantém na cristaleira junto à parede. Ajustes finalizados, Flávia pediu silêncio. O encontro iria começar.

O grupo de que Flávia e Wander participam, como o nome sugere, discute alternativas ao modelo monogâmico imperativo na sociedade ocidental. O termo “amor livre” dispensa definições: cada um ama como quiser. Poliamor, relacionamentos abertos, homossexualidade, bissexualidade, a prática de orgias, a possibilidade de ser solteiro e pegar quem quiser, quando quiser... tudo isso é contemplado no conceito de amor livre. O grupo, que no início de 2014 reunia pouco mais de 2,1 mil pessoas no Facebook, se restringe à discussão teórica de todo esses tópicos na internet e no encontro presencial de cada mês. As práticas podem ocorrer – e ocorrem – a critério de cada participante. O grupo Amor Livre não é uma comunidade organizada para a prática sistemática de formas alternativas de amor e sexo.

Tais comunidades, entretanto, existem desde o século XIX. Por irônico que possa parecer, a mais importante surgiu de uma interpretação radical da *Bíblia*.

John Humphrey Noyes foi o fanático cristão que fundou, no ano de 1848, a Comunidade Oneida. Aristocrata da Nova Inglaterra, Noyes era filho de um congressista agnóstico pelo Estado americano de Vermont. Desde a adolescência preparou-se para se tornar um líder religioso: estudou no Seminário Teológico de Andover e quase concluiu a Escola de Teologia de Yale, já nos anos de 1830 uma das universidades de maior prestígio nos Estados Unidos. Sua leitura extravagante dos textos bíblicos, porém, o impediu de ser ordenado.

Uma das conclusões que Noyes tirou em seus estudos foi a certeza de que Jesus Cristo já havia visitado a Terra uma segunda vez, por volta do ano 70. A humanidade, portanto, já estaria redimida do Pecado Original. Em 1834, ele se declarou publicamente “perfeito e livre de pecados”, o que ultrajou colegas e professores. Foi expulso de Yale e teve sua licença para pregar revogada. Claro que isso não o impediu de seguir pregando.

“O que mais incomodava os líderes da igreja da Nova Inglaterra eram as ideias de Noyes sobre sexo e casamento e a sua afirmação de que a Bíblia defendia o amor comunal e a relação física entre todos os verdadeiros crentes em Deus”, escreve o jornalista americano Gay Talese no livro *A Mulher do Próximo*. O líder julgava a monogamia um ato de egoísmo. Propunha um casamento complexo, em que um grupo de homens e mulheres morasse e trabalhasse junto. Todos transariam entre si, sem

exclusividade de parceiros, e as crianças que nascessem dessas relações seriam criadas em conjunto pela comunidade.

Tudo isso era a vontade de Deus. Mas, no plano terreno, a utopia de Noyes era inspirada no ideário do francês Charles Fourier, morto em 1837. Fourier, filósofo socialista, propunha que os países dividissem suas populações em falanstérios, unidades autossuficientes com capacidade para 1600 a 1800 pessoas. Mais que cidades, os falanstérios seriam prédios gigantescos em que homens e mulheres teriam os mesmos direitos e se repartiria igualitariamente o resultado do trabalho entre a comunidade. Fourier acreditava que a monogamia levava ao tédio, e seu ideal previa que os rejeitados sexualmente tivessem “fadas” à sua disposição para satisfazer a necessidade física.

Seguidores de Fourier decidiram aplicar na prática muitas de suas ideias sobre convivência comunitária e amor livre. Nos Estados Unidos, surgiram núcleos em lugares remotos no Texas, no noroeste e no meio-oeste do país. Como boas intenções não encham o bolso de ninguém, todas fecharam por insustentabilidade econômica. Oneida, o grupo que Noyes estabeleceu no interior do Estado de Nova York, era diferente.

“John Humphrey Noyes conhecia bem o movimento fourierista e na década de 1830 visitara comunidades de amor livre em lugares como Brimfield, Massachusetts, mas preferia pensar que tinha pouco em comum com os radicais sexuais e reformistas de seu tempo”, escreve Talese. “Acreditava que tinha uma orientação divina, que era um mensageiro espiritual designado para auxiliar Deus a estabelecer na terra uma religião que inspiraria as pessoas a amar o próximo de modo verdadeiro e completo.”

Outro diferencial de Oneida consistia em ser um empreendimento altamente lucrativo. Noyes instalou uma planta industrial que produzia vassouras, artefatos de palha, armadilhas de caça, farinha e, mais tarde, talheres e todo tipo de utensílio para o serviço de mesa. Em 1870, Oneida empregava cerca de 200 pessoas dos arredores – aproximadamente o mesmo número de residentes da comunidade.

Os primeiros habitantes de Oneida eram, em sua maioria, casais convertidos por Noyes. Uma vez integrados, a relação marido-mulher deixava de ser exclusiva. Noyes estimulava a prática sexual livre entre todos os discípulos, porém impunha aos homens a abstenção da

ejaculação. Assim, as 35 crianças que nasceram no núcleo até 1869 foram frutos de acidentes. Naquele ano, o líder decidiu que havia dinheiro o bastante para expandir a população de Oneida e recrutou mais de 40 mulheres para participar do programa reprodutivo com machos selecionados também por ele. “Das mulheres selecionadas, que eram em média doze anos mais jovens que os garanhões escolhidos, algumas eram virgens”, conta Gay Talese. “E não surpreende que o homem preferido para engravidá-las fosse ele mesmo.” Como resultado, 58 crianças nasceram vivas em alguns anos.

A expansão da colônia esbarrou em uma onda de moralismo que se abateu contra os Estados Unidos na década de 1870. Pressionado por ameaças de processos por ter mantido relações com menores, o que era verdadeiro e configurava estupro, Noyes refugiou-se no Canadá em 1879. Naquele mesmo ano, aboliu a prática do casamento complexo e estabeleceu o celibato como norma de conduta em Oneida, que comandava remotamente do seu refúgio no lado canadense das cataratas do Niágara. A comunidade, como seria esperado, se esvaziou. No ano seguinte, a fábrica de talheres converteu-se em uma próspera companhia de capital aberto que existe até hoje. Quem busca a palavra “Oneida” no Google encontra a seguinte frase no primeiro resultado: “Oneida – a melhor qualidade desde 1880”.

Já quem busca a palavra “sandstone” encontra o verbete da Wikipédia para a pedra arenito. Apesar de todas as pedras no caminho, o Rancho Sandstone foi um marco do ativismo do amor livre nas décadas de 1960 e 1970, a mais relevante das cerca de 2 mil comunidades espalhadas pelo território americano. Com os mais variados tamanhos e vertentes ideológicas – de crentes em Jesus a socialistas radicais –, todas elas propagavam a liberdade sexual. Mas Sandstone tinha o carisma de seu fundador, o projetista aeroespacial John Williamson. E uma localização muito privilegiada: Topanga Canyon, área nobre encarapitada nas montanhas sobre a praia de Malibu, na Califórnia. Estávamos em 1969 quando o rancho foi aberto. A elite da contracultura, que morava ao lado, começou a frequentar o vizinho.

Sandstone não tinha nenhuma orientação religiosa, mas Williamson era um excelente pregador. Ele e sua mulher, Barbara, arregimentaram cerca de 20 discípulos residentes, que usufruíam (geralmente nus) de uma

formidável estrutura com imóveis de moradia, piscina e quadras de esporte. Usufruto mais que merecido, pois tudo havia sido construído com o suor deles mesmos. Além destes, centenas de sócios, mediante o pagamento de uma mensalidade, frequentavam as célebres noites de Sandstone.

Sandstone era, de algum modo, um clube de *swing*. Pessoas pagavam para entrar e transar livremente com as pessoas que já estavam lá dentro. Só que sexo não era o único negócio de Williamson. Nas noites de festa, ele usava a sala de estar da casa principal para discussões literárias e filosóficas. Atraía para seu rancho acadêmicos, escritores, artistas e intelectuais de toda espécie. A atmosfera chegava a lembrar um sarau em que os participantes estavam todos, ou quase todos, pelados. Ao se descer a escadaria forrada de carpete vermelho, tudo mudava de figura.

No piso inferior da casa de Williamson aconteciam as orgias. Ali, como numa casa de *swing*, estranhos transavam entre si num ambiente de semi escuridão. Como descreve Gay Talese em *A Mulher do Próximo*:

Havia trios, quartetos, alguns bissexuais, corpos que podiam pertencer a modelos de alta-costura, jogadores de futebol americano, sopranos wagnerianas, nadadores, professores universitários flácidos; braços tatuados, colares de contas, adornos de tornozelo, cordões de ouro nas cinturas, pênis grossos, pintos moles, púbis femininos encaracolados, lisos, cerrados, aparados, pretos, loiros, ruivos. Era um panorama que não se via em nenhuma outra sala dos Estados Unidos, um afrodisíaco audiovisual, um tableau vivant⁷ de Hieronymus Bosch⁸.

Mais adiante na obra, Talese admite que ele mesmo fazia parte desse quadro – algo que, somado às outras aventuras sexuais na apuração do livro, quase lhe custou o casamento. Quanto a Sandstone, foi vendido em 1973 por Williamson, por ser uma operação deficitária. Fechou de vez três anos mais tarde.

Os encontros do grupo de amor livre em São Paulo estão longe da lubricidade das noites de Sandstone. Participam deles ativistas do poliamor, casais bem-resolvidos (ou não) em seus relacionamentos abertos, *hippies*, *geeks*, *swingers*, feministas atuantes, pessoas desiludidas

com o fim de um relacionamento monogâmico. A pauta se resume ao debate de questões nem sempre diretamente relacionadas à liberdade sexual. No dia em que visitei o grupo, o tema eram as relações familiares. Ninguém tira a roupa. Ninguém come ninguém.

A comunidade formada ao redor do grupo, entretanto, pratica o que prega. A mesma casa em que aconteceu a reunião de terça fora palco, no sábado, da festa de aniversário de Flávia Amorim. “Ela queria um lugar que não tivesse regras: onde fosse possível beijar quem você quisesse beijar, beber o que você quisesse beber e fumar o que você quisesse fumar”, conta Wander Vieira, que mora no imóvel com cinco gatos.

Entre 40 e 50 pessoas apareceram naquela noite. No início, parecia a mistura de uma festa comum com uma reunião do grupo Amor Livre. Participantes da roda e outros amigos de Flávia bebiam e ouviam música; na sala, a discussão de temas sérios era levada a sério. Quando o álcool relaxou os convidados, a sala de debates se transformou em um beijódromo generalizado. Quem queria transar recorreu a um dos três quartos abertos – o outro dormitório fora reservado para garantir a tranquilidade dos felinos de Wander.

O anfitrião quebrou a própria cama ao dividi-la com uma garota e dois rapazes. “Na manhã seguinte, uma amiga minha saiu tirando algumas fotos”, lembra ele. “Recolhemos as camisinhas usadas e fizemos uma montanha com elas. Contamos 48, fora as que haviam sido jogadas no lixo.”

Festinhas desse tipo não são anunciadas com alarde em eventos abertos no Facebook. Quem participa delas não é necessariamente do *swing* nem de grupos antimonogamia ou pró-poliamor. Não se organizam em sociedades secretas nem em redes sociais fechadas. Você só vai saber da existência dessas festas caso seja amigo das pessoas que participam delas. Muitas vezes, a coisa sequer é planejada. Em determinados círculos que congregam pessoas de pensamento aberto, como o cinema e o teatro, pequenas orgias acontecem naturalmente.

O amor livre já era tratado com naturalidade na classe artística brasileira desde a década de 1960, pelo menos. Em 1969, a atriz Leila Diniz (1945-1972) disse em uma entrevista ao semanário carioca *O Pasquim*: “Eu não acredito nesse amor possessivo, acho chato. Você pode amar muito uma pessoa e ir para a cama com outra. Isso já aconteceu comigo”. A

publicação dessa entrevista motivou a imposição da censura prévia da imprensa pelo regime militar: a medida ficou nacionalmente conhecida como Decreto Leila Diniz.

O ator Jece Valadão (1930-2006), famoso pelo papel de cafajeste que interpretava nos filmes e na vida real, contou em entrevista à revista *Playboy* que participou de diversas surubas no apartamento de Daniel Filho, que se tornaria um diretor poderoso de cinema e TV, nos anos 1960: “Os pais dele foram para a Argentina e ele ficou morando sozinho num apartamento grande, no Leblon, em que tinham uns quatro homens e umas oito mulheres”⁹.

Ainda hoje, reuniões insuspeitas na casa de um integrante de determinados círculos podem evoluir para o sexo coletivo. “As pessoas começam a beber, a conversar, a beber mais, a se beijar, e aí vai, velho!”, conta Ricardo, documentarista pernambucano que se radicou em São Paulo e frequentou várias pequenas orgias quando namorava uma produtora teatral. “É todo mundo amigo, não tem estresse. Você pode até broxar, que ninguém liga muito. É todo mundo amigo.”

Na maioria dos meios, pelo contrário, os amigos são quem você não quer encontrar de jeito nenhum quando vai a uma suruba. Para diminuir esse risco, as pessoas vão viajar, alimentando uma próspera indústria especializada no público liberal.

³ Região da Ásia Menor, onde hoje se encontra a Turquia, que pertencia ao mundo helênico.

⁴ Hoje Istambul.

⁵ Como transcrito no livro *Uma História das Orgias*, de Burgo Partridge.

⁶ Como transcrito no livro *Uma História das Orgias*, de Burgo Partridge.

⁷ Literalmente, quadro vivo. Expressão francesa para designar a representação, por atores ou modelos, de uma pintura existente ou inédita.

⁸ Pintor holandês dos séculos XV e XVI que retratava cenas absurdas e caóticas.

⁹ Como transcrito no livro *Entre a Luxúria e o Pudor*.

Quanto mais longe, melhor

São pouco mais de dez horas da manhã em Puerto Morelos, México. A praia, uma extensa faixa de areia branca e mar azul-turquesa, corresponde ao clichê de paraíso caribenho que se vê em pôsteres de agência de viagem. O sol ainda não está em sua potência total. O vento sopra forte, o que dá aos sanates – pássaros negros de cauda longa – a oportunidade de brincar de flutuar imóveis no mesmo ponto, como uma pipa. Os banhistas, a essa hora do dia, são quase todos famílias com crianças pequenas. Uma dessas famílias – pai, mãe e duas meninas com menos de sete anos – caminha com os pés na água quando entra na faixa de areia exatamente em frente ao hotel Pearl Desire. Os hóspedes jogam voleibol na praia.

Não é uma partida qualquer de vôlei. Todos os jogadores estão nus, com exceção de uma monitora do hotel (a mulher mais bonita do grupo, por sinal), que usa um biquíni razoavelmente comportado. Não somente a bola de vôlei voa de um lado para o outro: seios balançam freneticamente a cada toque e parecem se suspender em gravidade zero na hora das cortadas; quando um jogador precisa mergulhar de peixinho para alcançar a bola, levanta-se com o tronco, o pênis e os testículos cobertos de areia. As crianças olham hipnotizadas para o espetáculo esportivo. Os pais, que conversavam entre si, só se dão conta da situação quando as pequenas começam a gritar e apontar escandalosamente os nudistas. Mal conseguindo segurar as risadas, eles conduzem as filhas em passo apressado até uns 50 metros mais para a frente, onde a praia volta a ser familiar.

Vôlei nudista é um dos passatempos mais inocentes dos hóspedes de hotéis como o Pearl Desire. Nas costas leste e oeste do México, na

Jamaica, em outras ilhas caribenhas e em navios alugados especificamente para esse fim, milhares de pessoas de todo o mundo (mas principalmente dos Estados Unidos) escapam de suas vidinhas comuns para gozar alguns dias de naturismo, sexo grupal, sol, mar e coquetéis, não necessariamente nessa ordem. Em resorts assim, a roupa é opcional, e o sexo permitido em quase todos os ambientes públicos. Para manter algum controle sobre a situação, estabelecimentos dessa categoria geralmente só aceitam casais como hóspedes.

Esses hotéis temáticos representam somente uma parte da pequena, mas atrevida, indústria do turismo *swinger*. Qualquer serviço existente para turistas “normais” existe também para o público liberal. Agências organizam excursões, fecham hotéis comuns para grupos, cuidam dos traslados e dos passeios que seus clientes desejam fazer no destino. Sites vendem pacotes de viagem em que todos os participantes estão interessados em sexo. Dentro dos hotéis, há prestadores de serviço que oferecem passeios de barco e cursos de mergulho. Tudo como no turismo familiar, com a diferença de que o turista *swinger* exige a proteção de sua privacidade, além de alguns artigos peculiares à venda na butique do hotel.

Turismo é um elemento essencial do estilo de vida *swinger*. Além de amigos, parentes e colegas, os vizinhos – isso inclui membros da comunidade próxima – nunca devem saber das peripécias sexuais dessas pessoas. Então o mais sensato é conduzir tais peripécias o mais longe possível do jornaleiro, do cara do açougue, do motorista do ponto de táxi ao lado de casa. E há a rara oportunidade de se comportar como um *swinger* por um período mais longo que uma noite. Como esse tipo de turismo segrega o grupo em espaços delimitados (pode ser um hotel, uma fazenda ou uma praia), todos se despem por dias seguidos da máscara de “cidadão respeitável” que usam em casa e no trabalho.

Máscara usada até por quem oferece serviços para esse público.

Paulo e Elaine são *swingers* de meia-idade. Eles têm uma agência de turismo localizada em um bairro de classe média de São Paulo. O lugar faz o que toda agência de viagem faz: vende pacotes, emite passagens, reserva hotéis, monta roteiros sob encomenda. Atende famílias com crianças, idosos, adolescentes e gente de todos os perfis.

O que os empregados de Paulo e Elaine não sabem é que o casal de patrões mantém um negócio paralelo em funcionamento silencioso no

mesmo prédio da agência principal. A agência secundária é 100% dedicada aos *swingers*. Ela organiza excursões temáticas e envia turistas a hotéis especializados no Brasil e no exterior, além de negociar pacotes em cruzeiros marítimos fechados para casais liberais. Como qualquer empresa prestadora de serviços que obedece fielmente aos manuais de administração, a Casal First Tour publica em seu site os valores que norteiam sua gestão:

Visão: Transformar a vida dos casais em momentos inesquecíveis, de forma que possam cada vez mais se conhecerem e se respeitarem através de encontros, com intuito de trocar experiências e desejos com outras pessoas, relembrando sensações e sentimentos muitas vezes adormecidos.

Missão: Poder cada vez mais oferecer aos nossos clientes que consideramos como amigos, mais opções de lazer e entretenimento ao redor do mundo. Sempre com muita seriedade, transparência e excelência.

Objetivo: Fazer com que os casais liberais fiquem satisfeitos com nosso profissionalismo e dedicação. Como também propagar o conceito real do swing, para que possa ser levado a sério, pois muitos não acreditam que existem ainda pessoas que curtem a amizade, o respeito, o papo agradável, a sedução e também o sexo, cada um a seu modo e no seu ritmo.

Paulo afirma que a descrição é o principal produto à venda em sua agência. O esquema padrão de pacotes turísticos, com clientes usando camisetas iguais, mochila com o logotipo da operadora e um guia carregando uma bandeirola à frente do grupo, definitivamente não funciona em um evento *swinger*. “Trabalho com pessoas importantes, famosas, poderosas”, diz o empresário. “Essa gente quer tratamento de primeira, sem nenhuma exposição.”

Assim, digamos que Paulo venda 20 pacotes para o resort liberal do México na mesma data. Se todos os 40 clientes chegarem no mesmo voo, cada casal terá uma pessoa a lhe esperar no aeroporto e um carro para levá-lo ao hotel. Se esses clientes vierem a descobrir que usaram a mesma

agência, será porque se conheceram por acaso, e o assunto surgiu espontaneamente na conversa entre eles.

A descrição também é importante para alguns donos dos hotéis parceiros. Muitos dos eventos *swinger* ocorrem em hotéis e pousadas que, no resto do ano, recebem famílias convencionais. Os proprietários desses estabelecimentos temem que a divulgação das orgias em seu recinto possa afugentar a clientela mais conservadora. Assim, uma pequena operação de guerra é montada para abrigar os hóspedes liberais, por exemplo, em um hotel-fazenda em Monte Verde, Minas Gerais. Primeiro, é escolhido um lugar à prova de xeretas do outro lado da cerca, do alto do morro ou da janela de uma casa. Todos os quartos são reservados para o grupo, ainda que nem todos sejam vendidos. É evidente que não interessa a ninguém misturar o público familiar com os casais *swinger* – e são estes que pagam o preço da exclusividade. O nome e o endereço exato do hotel nunca são divulgados de antemão, nem mesmo para quem compra o pacote. Isso gera um “fator surpresa” que pode ser agradável ou não. Por fim, a recepção do hotel permanece fechada, com agentes de segurança na porta, durante todo o período da excursão liberal.

Já outros lugares não veem problema em ter sua imagem vinculada ao povo do meio. É o caso da pousada Villamor, na praia de Coqueirinho, Paraíba. O estabelecimento fica a apenas seis quilômetros de Tambaba, o reduto naturista mais conhecido do Brasil e destino fixo no calendário de pacotes da Casal First Tour. Em seu site, a Villamor se define como pousada naturista liberal – é natural que tenha se tornado o ponto de apoio da agência de Paulo nas excursões para a praia paraibana.

Foi na Villamor que aconteceu, em junho de 2013, o primeiro Arraiá *Swing* Nordeste. Durante o feriado estendido de Corpus Christi, os clientes da agência puderam desfrutar de uma festa junina com tudo o que a tradição manda: quentão, quadrilha, comidas típicas e banda de forró pé-de-serra. O pacote, claro, teve suas particularidades. Apenas puderam participar casais – a pousada não aceita solteiros, principalmente homens desacompanhados. Segundo o código de vestimenta do local, a nudez é obrigatória na área da piscina e sugerida no salão de jogos, além da sauna e da hidromassagem. Na festa em si, o maior diferencial se apresentou na quadrilha. O descritivo do passeio, no site da agência, já alertava: “Na nossa quadrilha não teremos casamento: vamos direto para a lua de mel”.

Muito justo em se tratando de um evento dirigido para gente que já chega casada.

Também exclusiva para casais é a pousada Solar das Vertentes, em Arraial d'Ajuda, sul da Bahia. Ela atende a *swingers* que não querem muita badalação: oferece somente sete acomodações e não permite a entrada de visitantes em suas dependências. O lugar só trabalha com pacotes fechados e em datas específicas, como os meses de férias e os feriados prolongados, e o valor da tarifa sempre inclui uma feijoada – que o site da pousada diz ser famosa na região.

À parte essas duas pousadas, a hotelaria para *swingers* no Brasil ainda engatinha. Existem outras opções de hospedagem para os casais do meio, mas a coisa funciona de modo improvisado. Uma busca na internet vai encontrar referências de pousadas liberais no interior de São Paulo, na Serra Catarinense e na Região dos Lagos fluminense. São lugares, porém, que sequer contam com um site para que o viajante possa ver as instalações antes de arrumar as malas.

Se estiver disposto a sair do país, o *swinger* brasileiro vai encontrar muitas e melhores opções. Tanto em terra quanto na água, já que os cruzeiros marítimos se tornaram um dos programas favoritos de quem quer conhecer casais e fazer sexo com eles longe dos olhos dos P&Bs. Para viabilizar esses cruzeiros, agências do mundo todo vendem pacotes com muitos meses de antecedência, pois uma viagem assim exige que o navio seja fretado – naturalmente, não é adequado permitir que *swingers* e idosas fãs de Roberto Carlos viajem no mesmo barco. São embarcações de grandes proporções: o *Brilliance of the Seas*, que em janeiro de 2014 faria um giro pelo Caribe com partida e chegada em Tampa, Estados Unidos, tem capacidade para 2500 passageiros e 850 tripulantes; o *Celebrity Century*, que em maio do mesmo ano viajaria da Califórnia americana à Baja California mexicana, acomoda 1800 passageiros. Em meados de 2013, já estavam à venda os pacotes para o primeiro cruzeiro a partir da costa brasileira, em janeiro de 2015. O *Azamara Journey* – navio com capacidade para 700 turistas – tinha três dos nove decks com cabines lotados em fevereiro de 2014, apesar do preço salgado como o Oceano Atlântico. Por sete dias de viagem, cada passageiro deveria investir entre 2.150 e 9 mil dólares. O barco sairia do Rio e iria até Buenos Aires, passando por Búzios e Punta del Este.

É em Punta também que fica o resort liberal mais próximo do Brasil, o Chiuaua. Mais longe é melhor? Então vá para a Jamaica. Ou para a Costa Rica. Estados Unidos, França e Alemanha têm suas opções de resort. Na Espanha, é possível se hospedar em Ibiza ou nas Ilhas Canárias. A Tailândia possui um hotel assim. A República Dominicana também.

Eu escolhi o México.

Fincado em um dos trechos de areia mais bonitos da costa mexicana, o resort Ceiba del Mar foi eleito em 2010 um dos melhores hotéis do mundo pela prestigiada revista *Condé Nast Traveller*. Com acomodações luxuosas, três restaurantes, quatro bares e um spa completo, o hotel atraía gente abastada de todo o mundo. Esse público consistia de casais, algumas famílias e ocasionais convenções de médicos e executivos. Pela localização pitoresca, era muito requisitado para casamentos cinematográficos em que os noivos terminavam a cerimônia quase invariavelmente descalços, posando para fotos na areia ou no píer que avança algumas dezenas de metros no Mar do Caribe.

No final de 2011, o Ceiba del Mar foi vendido a um grupo hoteleiro que mudou seu nome para Desire Pearl. A estrutura das áreas comuns sofreu modificações ínfimas, enquanto a mobília e a decoração dos quartos foram integralmente mantidas. A clientela passou por uma alteração drástica: saíram os médicos, as crianças e as babás que as acompanhavam. Saíram também as roupas que os hóspedes usavam.

Para quem passa em frente ao Desire Pearl, a aparência de hotel familiar permanece. Pouco antes de uma placa de trânsito que alerta os motoristas sobre o risco de atropelar quatis, há um recuo com um pequeno ponto de táxi e uma área de embarque e desembarque de hóspedes, que chegam do aeroporto de Cancún dentro de vans contratadas por agências de turismo.

Os hóspedes descem desses veículos em duplas de macho e fêmea, como os animais da Arca de Noé ao desembarcar em terra firme. Menos um (hóspede, não animal). Eu.

Hotéis da categoria do Desire Pearl não aceitam solteiros nem casais homossexuais – fora o conservadorismo do meio *swinger*, existe a possibilidade de serem amigos(as) heterossexuais disfarçados(as) de casal para pregar o cônjuge alheio sem dar nada em troca. Eu fui aceito porque era jornalista, iria fazer uma reportagem para a revista VIP e, por

limitações orçamentárias, não pude levar uma colega para interpretar comigo o papel de casal.

Na chegada, recebo uma taça de espumante espanhol e sou instruído a sentar num dos sofás para aguardar Valentina Biegun, a gerente que iria me recepcionar. Passo os olhos ao redor. Tudo – ou quase tudo – é igual àquilo que se poderia esperar de um hotel de praia na Bahia ou outro recanto tropical. No lobby, o piso é de cerâmica, e os móveis têm estrutura de madeira e almofadas de algodão cru em tons pastéis. Completam a decoração alguns objetos rústicos como vasos de argila e esculturas de madeira. A única coisa que destoa no ambiente é a loja de souvenirs transformada em boutique. Os artigos expostos na vitrine são calcinhas e baby-dolls minúsculos e de tecidos transparentes, cuecas igualmente exíguas (quando não dotadas de estampa de leopardo ou de tromba de elefante prolongando o nicho reservado ao pênis), cosméticos e brinquedos sexuais.

Enquanto ainda espero a chegada da minha hostess, um casal entra e já se dirige ao balcão de check-in. São americanos. Ele parece o Ken, namorado da boneca Barbie, na versão tenista – camisa polo laranja, bermuda, meias e tênis brancos. Ela é alta, loira, bonita e bronzeada demais para alguém que tenha apenas se deitado ao sol. Usa chapéu e veste um vestido curto em algodão branco. Parece ter próteses nos seios.

Minha análise minuciosa dos americanos é interrompida por uma voz suave de mulher. “¿Señor Nogueira?”, pergunta Valentina, uma bela morena com sotaque argentino. Sim, sou eu. “¿Estás solo?” Sim, vim sozinho. Ela fica estática por um ou dois segundos até processar a informação, depois tira uma pulseira branca de algodão que ficaria presa em mim pelos três dias da minha estadia – o resort funciona no esquema all inclusive, em que as despesas de comida e bebida são embutidas no valor da diária para que ninguém precise pôr a mão no bolso até o check-out. Mesmo porque bolso é um artigo difícil de se encontrar em um hotel nudista.

Parcialmente nudista, devo corrigir. O uso de roupas é obrigatório na área de recepção (que pode ser vista da rua) e nos dois restaurantes (por uma questão de higiene e de bom senso). Nas outras dependências do hotel, a nudez é opcional. Depois do pôr do sol todos ficam vestidos, apesar de muitos desses trajes não ocultarem nenhum detalhe anatômico

de quem os usa. Nas dependências comuns, eu fiquei vestido o tempo todo – com exceção de um mergulho solitário no mar ao cair da noite e de uma sessão de massagem no spa.

Como estamos perto da hora do almoço e supondo que eu esteja cansado depois de 20 horas em carros, aviões e aeroportos, Valentina me conduz ao quarto que vou ocupar. No caminho, sob o forte sol da península de Yucatán, passamos por uma área ao ar livre com um tanque de peixes de água esverdeada e caminhos entre blocos idênticos de apartamentos, todos com parede caiada e quartos distribuídos a cada meio lance de escada. No percurso de aproximadamente cem metros, não cruzo com nenhum hóspede nu.

O quarto não possui nenhuma peça de arte ou de decoração erótica. Tampouco há vibradores e algemas de pelúcia à disposição do ocupante. É um cômodo condizente com o resort familiar que o Pearl foi em uma encarnação passada: piso frio para facilitar a lavagem, poltrona de vime com almofada revestida de tecido impermeável, cama grande e confortável como a de qualquer hotel bom. Como fui agraciado – o hotel cedeu a hospedagem, e a revista bancou a passagem aérea – com acomodação um nível acima da mais básica, tenho uma pequena varanda com vista para o mar. Na hora de me lavar, posso optar entre banheira e ducha, que ocupam espaços separados. Somente a TV dá uma pista de que aquele é um ambiente de *swingers*: os canais Playboy e Private estão disponíveis sem custo adicional.

Sinto-me tentado a cair na cama e dormir, mas preciso explorar os arredores. A primeira parada, claro, é a praia.

O caminho do mar passa estrategicamente pela grande piscina herdada do Ceiba del Mar. Nas espreguiçadeiras, vejo as primeiras pessoas nuas: elas lêem, conversam, bebem ou simplesmente tostem ao sol com a genitália exposta. Alguns hóspedes mantêm o traje de banho completo, enquanto parte das mulheres opta por usar apenas a parte de baixo do biquíni. O bar da piscina tem um balcão voltado para a água, em que os clientes ficam submersos até a cintura, e outro virado para a praia. Pego um banquinho no setor seco, peço uma margarita e começo a analisar meus vizinhos.

O inglês, com sotaque americano ou canadense, é a língua mais falada no lugar. A faixa etária é bastante elástica, com gente de vinte e poucos

anos até os septuagenários. Mais numerosos são os casais formados por homens cinquentões e mulheres de trinta e tantos anos ou um pouco mais. Uma delas, deitada ao meu lado numa espreguiçadeira, levanta-se para tomar banho de mar. Está completamente nua e tem uma mancha escura no púbis, mas não parece que se trata de pelos. Quando ela se aproxima de volta é possível notar que a moça carrega um intrincado desenho tribal tatuado em preto no baixo-ventre. Nos postes que delimitam a área nudista da praia, há placas que avisam os casais de que sexo é proibido na areia.

Depois de um rápido almoço de tacos de camarão e cerveja com limão, devo encontrar Valentina para um tour pelo Desire Pearl. A gerente começa por me mostrar a boate, que fica atrás de uma discreta porta ao lado do bar, no lobby do hotel. Nela, as adaptações feitas para transformar o Ceiba del Mar em resort liberal começam a ficar evidentes. A pista de dança se localiza junto à entrada e, mais à direita, há um bar em formato oval. A pista é cercada por sofás e tem, junto à parede oposta à entrada, um palco do tipo queijo, com poste para dançarinas acrobáticas. Entre o bar e a pista, pendem do teto dois pares de correntes grossas – usadas, imagino eu, em algum tipo de coreografia erótica. Valentina me leva a um canto atrás do bar e abre as grossas cortinas de veludo. Lá está uma saleta de não mais que dez metros quadrados, equipada com alguns sofás.

Recebo de Valentina uma instrução que limitaria o meu trabalho: “Há dois ambientes do hotel que são exclusivos para casais, por favor não entre neles”. Um deles é a dark room, a saleta que eu via naquele momento, e onde frequentadores da boate vão para praticar *swing* e sexo grupal. O outro é a jacuzzi coletiva, uma banheira de hidromassagem superdimensionada, com capacidade para vinte casais ou mais.

Tampouco eu teria interesse em frequentar o restaurante Pearl, que só funciona à noite e para o qual é necessário fazer reserva. Nele, os decoradores contratados pelo hotel capricharam. A iluminação vem de gigantescos lustres de cristal. A parede principal é negra e tem quadros, também em fundo negro e com molduras douradas, com fotos de pernas femininas. O ângulo dessas imagens simula a visão de alguém que está sob a mesa para espiar os atributos de quem janta. Do outro lado, a separação da área social do hotel é feita por uma grande vidraça que permite ver tudo dentro do restaurante. Todas as mesas são redondas e para quatro pessoas, o que força a interação entre casais. As cadeiras reservadas aos homens

são de acrílico transparente; aquelas ocupadas pelas esposas têm um espaldar preto cuja base é uma bunda de mulher.

Passamos pela jacuzzi vermelha. Ela é redonda e ladeada por gazebos com enormes colchões brancos. Um bar molhado atende aos banhistas na parte mais funda da banheira. As borbulhas estão ligadas, mas ninguém desfruta delas no momento.

Valentina me leva para visitar uma das suítes Penthouse, a melhor e mais cara opção de hospedagem no Desire Pearl. Trata-se de um quarto dúplex que, como o nome em inglês diz, tem uma cobertura com um enorme espaço descoberto. Nesse espaço, as duas grandes atrações são a espetacular vista para o Mar do Caribe e piscina privativa. Clientes fiéis e abonados costumam alugar essas suítes – são oito no total – e viajar para lá com grupos de amigos, que ocupam outros quartos mas frequentam as orgias privé na cobertura.

Depois de me mostrar o spa, anexo ao prédio principal, Valentina despede-se de mim na recepção com um aperto de mão bastante frouxo. Preciso descansar da viagem, porém escolho o caminho mais longo de volta para o meu quarto: o que passa pela jacuzzi e pela piscina. E lá está ele: o sexo. Um *ménage* a trois acrobático é a atração na grande banheira vermelha. Sentado na borda da hidro, um homem recebe sexo oral de uma mulher, que por sua vez recebe sexo oral de outro homem. O que torna a cena singular é que nenhuma parte do corpo da moça toca o chão dentro ou fora d'água. Seus braços se apóiam nas coxas do homem sentado; suas coxas se encaixam nos ombros do outro homem, que estava em pé na jacuzzi, e seus pés pairam suspensos no ar. Vou tirar minha primeira *siesta* com essa imagem poética na cabeça.

No México, o grupo Desire possui um resort na Baja California, que fica na costa do Pacífico, e três no Mar do Caribe, próximos a Cancún. Dos últimos, dois são direcionados ao público *swinger*, digamos, tradicional. O mais antigo se chama simplesmente Desire; o outro é o Desire Pearl. “Quando o Desire Pearl abriu, o público que frequentava o Desire se dividiu naturalmente”, afirma o agente de turismo Paulo, da Casal First Tours, que vende pacotes para os hotéis mexicanos. “Os mais ricos, aqueles que prezam mais o luxo, migraram para o Pearl. No outro ficaram as pessoas que se importam mais com o *swing*, mesmo.” O terceiro hotel caribenho é o Temptation, que tem um perfil substancialmente distinto.

Enquanto os resorts com a marca Desire aceitam somente casais, o Temptation admite também pessoas avulsas. A nudez não é permitida em suas dependências públicas, apenas o topless nas áreas das piscinas. Mais jovens que os hóspedes dos outros hotéis, os clientes do Temptation só têm uma coisa em mente durante sua estadia: festa. Passam o dia todo na piscina, tomando Coca-Cola com rum; à noite, dançam, bebem mais e se pegam no sentido sexual do verbo. O sexo só é permitido dentro dos apartamentos, o que não significa um clima de castidade nas áreas sociais.

Passei algumas horas no Temptation, à beira da piscina, no início da tarde. O que se vê são pessoas muito bêbadas e muito animadas. Em meio a jovens com pele rosada e sotaque americano, um ou outro cinquentão salta aos olhos. A garotada fica dentro d'água e faz barulho. Algumas moças, mas não muitas, dispensam a parte de cima do biquíni. O som que anima a piscina é *Ai, Se Eu Te Pego*, do brasileiro Michel Teló. Então o sistema de alto-falantes interrompe o sertanejo e anuncia: a gincana vai começar.

Após algum tempo, três meninas canadenses de vinte e poucos anos são exibidas à plateia, que agora se aquieta um pouco para prestar atenção no que acontece no palco improvisado à beira da piscina. Duas das garotas não apresentam nenhum atrativo físico; a terceira, com o corpo bem-feito, tem o rosto mais feio do trio. Ainda assim, causa um certo rebuliço entre os rapazes na água quando é anunciada pela animadora do hotel. A cor da pele das três se aproxima do rosa-choque, fruto da combinação infeliz de quatro fatores: genética, álcool, vergonha e exposição irresponsável ao sol do Caribe. Elas estão de biquíni, mas não por muito tempo.

A animadora anuncia a primeira prova: rebolar até o chão, de costas para a plateia. “Shake your booty!”, “sacuda a bunda!”, ordena outro monitor enquanto o hip-hop emana absurdamente alto do sistema de som. Terminada a dancinha, vem o anúncio da segunda competição, esta bem mais complexa. Cada garota deve completar, no menor tempo possível, um circuito que começa e acaba no palquinho. A primeira tarefa é pular na água e apalpar o pênis de um hóspede aleatório. A próxima, subir numa prancha de surfe e remar até o outro lado da piscina, onde um homem se finge de morto na borda, deitado de dorso com um copo plástico e um canudinho entre as pernas, na altura da virilha. Elas devem posicionar-se com o quadril sobre o rosto desse sujeito e beber o que quer que haja no

copo. A prova termina com a competidora de volta ao palco, onde lhe entregam um fole de encher colchão de ar com um preservativo na extremidade do tubo. A missão consiste em bombear o fole com a bunda até a camisinha explodir.

As meninas se entreolham com algum espanto, mas parecem alcoolizadas o bastante para encarar o exercício sem constrangimento. A animadora então oferece um privilégio à garota que tirar a parte de cima do biquíni: cinco segundos de vantagem sobre as outras competidoras. As três canadenses se livram da peça sem titubear. Mais uma vez a funcionária do hotel toma o microfone. Agora, para dizer que dará mais dez segundos de vantagem a quem ficar completamente nua. Duas das moças se livram imediatamente da calcinha, revelando a púbis sem pelos. A terceira, justamente a favorita da plateia masculina, hesita um pouco. Cede, porém, para não ficar em desvantagem. Sua vulva, além de depilada, ostenta um piercing no capuz clitoridiano. Os rapazes urram em delírio.

As duas primeiras moças cumprem o trajeto, cujo apogeu é a tarefa do fole – que obriga a competidora a ficar de pernas abertas de frente para a plateia, movendo os quadris para cima e para baixo como se estivesse fazendo sexo. A última menina, a gostosa feiosa com piercing íntimo, tenta fazer diferente. Ela se vira de costas para todos, provocando um princípio de vaia. Mas acaba por desencaixar o tubo e precisa recomeçar. Coloca-se com a genitália exposta à audiência e bombeia com mais vigor que as outras para recuperar o tempo perdido. Sucesso total.

O tempo de cada uma, como era de se prever, sequer foi cronometrado. A animadora volta para dizer que os desempenhos foram muito próximos, portanto a vencedora seria escolhida por voto popular. A menina do piercing foi aclamada pelos gritos, urros, assobios e palmas dos jovens movidos a rum. As três sobem em um pódio onde se lê: “Ninguém te conhece e ninguém dá a mínima”.

A programação do Desire Pearl, em comparação, era bem mais tranquila. Uma coisa curiosa de um resort nudista e liberal é que, apesar de ser nudista e liberal, ele continua a ser um resort com atividades recreativas em horários fixos. Às 8h é servido o café da manhã; às 10h começam os jogos matinais, como o vôlei pelado ou o arremesso de saco de areia; ao meio-dia é servido o almoço; o começo da tarde é reservado para a soneca ou atividades leves, como ioga; às 17h é hora de todos se

reunirem na jacuzzi vermelha; o jantar é servido às 20h e; às 22h em ponto a boate abre a porta.

Acordo da minha primeira *siesta* por volta das 17h30. Saio para dar um giro pelo hotel. A piscina está completamente deserta. Idem para o bar da praia. Um barulho vem da jacuzzi, atrás da piscina. Vou espiar. Encontro todos os outros hóspedes amontoados na água ou nos gazebos ao redor. Nos colchões, grupos de tamanhos variados transam. Dentro da água, percebe-se o movimento de sobe e desce de certos casais abraçadinhos. Outros apenas conversam. Outros estão no bar, pedindo algo para beber. Como eu não posso entrar – não que eu quisesse fazer isso –, caminho pela praia até Puerto Morelos, onde tomo uma cerveja com vista para o mar na companhia de gente vestida. Na volta, a caminho do meu quarto, ouço gemidos vindos de cima. Olho para o alto e vejo um casal transando na varanda, ele a penetrando por trás.

Os meus jantares são sempre no restaurante Aphrodite, junto à praia, pois a alternativa a ele é o Pearl e suas cadeiras com bunda. São jantares meio melancólicos, frequentados somente pelos casais mais velhos e por mim, que como sozinho na mesa enquanto aprecio o som ambiente – em uma das noites, o CD escolhido traz uma banda de mariachis tocando sucessos de bandas como Queen e Abba na cadência da música folclórica mexicana. Esses momentos são interessantes por causa da possibilidade de interação com os funcionários do hotel. Com os hóspedes liberais, a equipe apresenta uma postura muito respeitosa. O garçom do bar de praia é capaz de conversar com um casal na espreguiçadeira sem parecer reparar no púbis depilado do senhor de 70 anos ou nos seios flácidos da esposa de 65. Já comigo, que estou sozinho e vestido, eles se permitem brincar um pouco. Luís, um dos garçons, fala português impecável. “Onde você aprendeu?”, pergunto a ele, que veio do interior do Estado de Quintana Roo. “Tive muitas namoradas brasileiras”, responde com um sorriso safado.

Já para os hóspedes eu sou invisível. Eu havia sido orientado a não incomodá-los, pois a presença de um jornalista poderia causar desconforto aos casais que pagaram milhares de dólares por alguns dias de sossego e privacidade no resort. Como único homem sozinho no recinto, eu sou totalmente ignorado pelos casais. Aparentemente não os perturbo; também

não desperto sua curiosidade. É como testemunha silenciosa que eu participo das festas noturnas do Desire Pearl.

Depois do jantar, passo no quarto apenas para escovar os dentes e trocar o binômio bermuda-chinelo por algo minimamente mais formal. Chego adiantado à boate, ainda fechada, enquanto os últimos clientes jantam no restaurante Pearl. De lá, sai um casal de 40 e poucos anos: o homem veste calça, camisa e paletó, enquanto a mulher usa uma espécie de camisola preta completamente transparente, calcinha fio-dental e sapato de salto alto. No sofá ao bar do lobby, outra dupla espera sentada a abertura da boate. São russos, têm quase 80 anos e aparentam muito sono. Ele está de calça jeans, camisa de manga curta e sapato de couro. Ela tem o corpo coberto simplesmente por um vestido bege transparente e curtíssimo, que termina na altura da metade das nádegas, e não veste calcinha.

As festas no Desire Pearl são temáticas: uma noite é reservada aos “anjos” de lingerie branca, em outra se pede traje vermelho e preto, e por aí vai. Antes de a pista de dança ser aberta aos hóspedes, ela é ocupada por espetáculos de dança muito sutilmente erótica. Os artistas são os monitores e monitoras do hotel, americanos e mexicanos, todos atléticos e bonitos, que não ficam nus em nenhum momento. Já as hóspedes adotam um *dress code* ainda mais ousado que o das casas de *swing* brasileiras. A maioria veste somente lingerie, que vai caindo no decorrer da noite.

Em determinado momento, um dos animadores convoca voluntárias para um concurso de dança sensual. Cinco candidatas se apresentam: quatro americanas (de Indiana, da Califórnia, do Texas e da Virgínia) e Daniela, brasileira do Rio de Janeiro. Uma por vez, elas tomam o palco. Rolam no chão, dançam ao redor do poste, esfregam-se em seus maridos e em outros homens e mulheres, tiram a roupa. A carioca, curiosamente, é a mais tímida: deixa somente os seios à mostra. Catherine, da Califórnia, masturba-se ao som da música e, ao atingir (ou fingir atingir) o clímax, se debate em êxtase como se tivesse uma convulsão epilética. Ganha o grande prêmio: uma diária grátis em uma próxima temporada.

Quando acaba a competição, por volta da meia-noite, as luzes caem ainda mais, e as paredes tremem com as ondas sonoras. Os dois telões, instalados nas paredes laterais, reproduzem clipes de música dançante: Rihanna, Shakira e o rapper Pitbull são os campeões em número de execuções. Na pista e no bar, a animação dos hóspedes é relativa. Poucos

casais trocam carícias em público, e a partir da 1h o recinto começa a esvaziar. Parte das pessoas sai na direção dos apartamentos – se vão dormir ou participar de uma orgia particular, não sei –, parte entra na dark room.

Lá pelas duas da manhã, conto dez casais na saleta. Tenho a companhia de cinco ou seis pessoas na boate. Decido voltar para o quarto, pois queria devorar *A Mulher do Próximo*. Falo do livro de Gay Talese, é claro.

Assim como alguns destinos são mais populares que outros para pescadores, surfistas, ciclistas, enófilos, gourmets, jogadores compulsivos ou quaisquer viajantes com interesse específico, os *swingers* também têm seus redutos prediletos. Eles preferem passar férias em lugares com infraestrutura adequada – clubes de *swing* e hotéis que, se não se anunciam como liberais, ao menos tratam esses hóspedes especiais com respeito e discrição, além de tolerar as festinhas noturnas. Escolhem, principalmente, lugares que concentrem muitas pessoas do meio.

Nenhum destino no mundo se compara a Cap d'Agde, no litoral mediterrâneo da França. Não só porque as praias de lá sejam repletas de pessoas nuas – isso é comum em vários lugares da Europa. Também porque dentro da cidade existe outra cidade, a *village naturiste*, que nos meses quentes do ano chega a ter uma população flutuante de 50 mil pelados. Como comparação, Agde, onde fica a sede do município, conta com 23 mil habitantes fixos. E uma parcela grande desses nudistas são também *échangistes*, literalmente “trocadores”, que é como os franceses chamam os *swingers*.

“É o lugar mais bizarro em que eu já estive”, conta a jornalista Camila Gomes, que em 2012 fez um desvio na rota de suas férias com o namorado para visitar o balneário e produzir uma reportagem para a revista *Playboy* brasileira. Cap d'Agde talvez seja o único local do mundo que permite ao turista passar semanas sem levar nenhuma bagagem. Tudo se faz sem roupa: banco, supermercado, café da manhã, almoço, jantar, levar o totó para passear.

É também a Disneylândia dos *échangistes*. Cap d'Agde tem três hotéis voltados unicamente para esses casais. São seis clubes de *swing* – um para cada noite da semana, se você tirar uma dessas noites para descansar ou

visitar Agde, onde operam mais três casas do ramo. No verão, sempre há festas privadas ou organizadas pelos hotéis. E tem a praia.

A praia de Cap d'Agde é dividida em três setores. Há um trecho frequentado por famílias e pessoas interessadas tão somente em relaxar e tomar banho de mar como vieram ao mundo. Uma bandeira sinaliza a fronteira para a parte da praia em que o *swing* é liberado, mesmo durante o dia. Mais além ficam as dunas, ponto dos praticantes de gang bang – modalidade de sexo em que uma mulher é penetrada por vários homens. A brasileira Camila esteve no setor *swinger* e narra a experiência na *Playboy* de abril de 2012:

Poucos minutos depois de chegarmos à praia, um casal próximo ao mar começou, com toda a naturalidade, uma animada sessão de sexo oral. Alguns dos pelados à volta nem se importaram, mas quatro ou cinco observavam a cena com a atenção de quem assiste à final da Copa do Mundo. Em certo momento, a moça responsável pelo show – uma loira roliça e bonita – levanta a cabeça e olha fixamente para um casal formado por uma morena alta com pinta de modelo e por um sujeito ruivo com idade para ser o avô dela. Para eles, é a senha de que devem ir até lá. Observada pelo parceiro, a morena levanta-se e se posta diante do casal. Inicia-se um ménage à trois a céu aberto. O ruivo apenas assiste enquanto se masturba. Pouco a pouco, uma roda de espectadores vai se juntando e aprecia o espetáculo, em pé. Já são cerca de 20 pessoas formando a plateia quando, poucos minutos depois do início da cena, a roda bate palmas: sinal de que uma das mulheres chegou ao orgasmo.

O Brasil não tem Cap d'Agde, mas tem Balneário Camboriú. A localidade catarinense, apesar de exigir roupas na maior parte de seus espaços públicos, foi escolhida pelas pessoas do meio como a capital nacional do *swing*. Uma capital não oficial, naturalmente: a Secretaria de Turismo local finge ignorar esse grupo, que invade a cidade aos milhares no verão. Principalmente no carnaval. É quando *swingers* de todo o Brasil tomam as ruas e praias de Balneário atrás de sexo e diversão.

Para uma cidade de seu porte – cerca de 120 mil habitantes – Balneário Camboriú é excepcionalmente bem-estruturada para receber os turistas do meio. Tem três clubes de *swing*. Tem uma praia de nudismo. Tem casas noturnas que hospedam festas para *swingers* em janeiro e fevereiro. Tem hotéis e restaurantes com funcionários acostumados a lidar com esse público de modo educado e natural.

Sobre essa relação com o staff dos hotéis, a blogueira Marina tem um episódio curioso a contar. Foi no Mercure, na avenida da praia, que uma calcinha sumiu misteriosamente. Ela e o marido Márcio haviam passado a noite no *swing*, socializando com mais quatro casais em um motel. “Dei muuuuuito!!! Tanto que achei melhor não vestir a calcinha na hora de voltar pro hotel, fui levando na mão mesmo”, narra Marina em seu blog. A chegar no quarto, sentiu falta da peça. Percebeu que a derrubara no carro ou no trajeto do lobby ao apartamento. E pediu para o marido procurá-la:

[Marcio] Desceu até o lobby, foi na entrada dos carros, nada. Olhou ao redor, nada. Pensou: deve ter caído dentro do carro, amanhã a gente pega. Quando passava pela recepção de volta ao quarto, decidi perguntar se o café da manhã já estava servido. Ele disse que sim e logo perguntou: “O senhor é do quarto xx, certo?”.

Marcio: *Sim.*

Recepcionista: *Acho que sua esposa deixou cair alguma coisa, não é mesmo?*

Marcio: *É... deixou... (morrendo de vergonha)*

Recepcionista: *Um momento, que eu vou buscar.*

Dali a pouco, lá veio o rapaz, com a minha calcinha pendurada no dedo. Ele a entregou para o Marcio, que respondeu: “Obrigado”.

O Hotel 10 é uma das opções hospedagem prediletas do turista *swinger*. No carnaval e no réveillon, quando as pessoas do meio invadem Balneário, todos os quartos desse hotelzinho feioso de beira de estrada são reservados para a “turma do CRS” – referência aos casais cadastrados na rede social Capital Real *Swingers*. O 10 fica à margem da BR 101, no município vizinho de Itajaí, o que pode ser considerado uma vantagem para um grupo que busca isolamento. A equipe sabe com quem está lidando e não

se importa com os hábitos dos hóspedes. “Às vezes eles fazem alguma bagunça, ficam pelos corredores e trocam de quarto, mas nunca houve nenhum incidente”, disse um recepcionista do 10. O maior diferencial do hotel, entretanto, está na configuração dos quartos. Eles são bem simples e nem tão espaçosos assim, porém contam com um detalhe muito apreciado pelos *swingers*: são mobiliados com duas camas de casal.

Balneário Camboriú tem a praia do Pinho. A bonita enseada, ao sul da cidade, é um marco na luta dos naturistas para ter um lugar onde ficar sem roupa sem ninguém para incomodá-los. Em meados dos anos de 1980, a prática do nudismo já era frequente no Pinho, embora clandestina. A polícia não raro era acionada para levar os pelados à delegacia. Até que os naturistas se organizaram, e surgiram lideranças que brigaram pelos direitos do grupo junto ao poder público. Em 1986, o Pinho se tornaria a primeira praia de nudismo do Brasil. E passou a atrair também os praticantes do *swing*.

Em seu discurso oficial – moldado para acalmar os setores conservadores e vigilantes da sociedade –, os naturistas alegam que a nudez anda separada da sexualidade nas praias e nos campos reservados à prática. A ausência de roupa, adotada inclusive por crianças e idosos, seria meramente um meio de se conectar à natureza. Atos libidinosos seriam duramente repreendidos e punidos.

Não é bem assim.

O *swing* e o naturismo muitas vezes caminham juntos: o resort do México é um bom exemplo disso. *Swingers* gostam de andar sem roupa, e alguns naturistas – não obstante a superexposição à nudez alheia – parecem simpatizar com o estilo de vida *swinger*.

No Pinho, *swingers* e naturistas dividem o espaço com homens *voyeurs*, homens gays e homens em busca de sexo fácil com mulheres. O acesso à praia é controlado por uma portaria que cobra R\$15 por carro e R\$8 por motocicleta. Morro abaixo, uma estradinha leva ao estacionamento, a uma lanchonete, ao camping, à pousada e à praia propriamente dita.

A lanchonete, em frente ao estacionamento, sinaliza a divisão da praia. À direita de quem olha para o mar, está o trecho reservado para mulheres, famílias e grupos mistos de amigos, além de alguns homens pertencentes à comunidade naturista. No lado esquerdo é permitida a presença de homens

desacompanhados ou em grupos exclusivamente masculinos. Poucas mulheres atravessam a fronteira para aquela zona.

Ao pisar na areia, o banhista é obrigado a despir-se completamente – exceção feita às mulheres menstruadas, que podem manter a parte inferior do biquíni. Caso ele se esqueça ou tente ignorar a norma, será abordado por um membro da Associação de Amigos da Praia do Pinho, que funciona como uma espécie de polícia pelada.

No site oficial da praia do Pinho (praiadopinho.com.br), o código de ética da Federação Brasileira de Naturismo dita o que pode ou não ser feito pelos frequentadores. O primeiro item listado como “falta grave” é este: “Ter comportamento sexualmente ostensivo e/ou praticar atos de caráter sexual ou obscenos nas áreas públicas”. O código não estipula punições, sequer a expulsão do infrator, o que deixa as coisas um pouco fora do controle no Pinho.

À medida que a manhã avança e o sol fica mais forte, o estacionamento da praia vai sendo ocupado por automóveis com um ocupante só. São homens que não se interessam em deixar o veículo para tomar banho de mar. Eles ficam em seus carros, um ao lado do outro, a olhar os corpos nus na areia e se masturbar na frente de todos.

Na praia, um rapaz vestido como motociclista, com macacão e capacete, atravessa a área familiar em direção ao morro, coberto por vegetação espessa logo após o costão. Ele é advertido de longe por um senhor de idade, que se levanta da cadeira de praia e o manda tirar a roupa com autoridade policial. Ergue o dedo médio para ele e segue seu caminho. Contrariado, o veterano nudista ergue os braços para cima em desgosto, senta-se de volta e acende um cigarro sem desamarrar a careta.

O matagal no canto direito da praia é território de homens que ficam escondidos, quietos, à espera de banhistas de ambos os sexos que sobem o morro em busca de aventuras sexuais. Alguns desses homens se masturbam com as transas de casais *swinger*, outros participam ativamente da coisa. “Uma vez uma mulher saiu para aquele lado e começou a demorar”, conta Diogo, frequentador da praia há 13 anos. “Fiquei preocupado e fui atrás dela. Ao chegar no morro, comecei a ouvir gritos femininos. Achei que ela estivesse sendo estuprada. Entrei em desespero e corri na direção dos gritos. Quando cheguei, ela estava transando com quatro homens. Ficou irritadíssima por eu ter interrompido a diversão.”

Diversão desse tipo é o que não falta no carnaval do Pinho. A praia chega a receber 4 mil visitantes por dia, e o acesso só é vetado àqueles que chegam quando os dois estacionamento estão abarrotados (além do espaço em frente à areia, há uma área grande no topo do morro, junto à portaria). Muitas dessas pessoas são *swingers*, que se mostram bastante desinibidos. “No carnaval, o *swing* rola de dia mesmo, na areia”, afirma um funcionário do bar do camping. “Mais no canto direito. Aqui, perto do camping, ficam as famílias. E à noite a praia toda fica liberada para quem quiser transar.”

À noite, quase tudo é liberado no carnaval de Balneário Camboriú. Os *swingers* têm de optar entre as festas nas praias, os clubes de *swing*, as festas liberais nas muitas baladas da região e as orgias privadas que sempre são marcadas para essa época. Agentes de turismo vendem pacotes que incluem uma noite no Liberty Club, a casa mais tradicional da cidade, que nas noites carnavalescas chega a receber quase 400 casais. Todos os hotéis ficam lotados, obrigando os *swingers* a hospedar-se em cidades vizinhas como Itajaí, Navegantes, Itapema ou Penha. A rede CRS ferve com *posts* públicos e mensagens privadas de casais para outros casais, combinando encontros e festinhas em Balneário. É no carnaval da cidade que *swingers* do Norte, do Sul, do Centro-Oeste, do Sudeste e do Nordeste se encontram. Paraguaios, uruguaios e argentinos aparecem também, atraídos pela fama do lugar.

No carnaval, mais que em qualquer outra época, Balneário Camboriú é a capital brasileira do *swing*. Para onde você olhe, há gente do meio. Como Marina escreve em seu blog:

Você acorda, vai tomar café da manhã na padaria da esquina e já desconfia que o casal da frente na fila do caixa é do meio. Você puxa assunto e descobre que eles são swingers. Tá na piscina do hotel e começa um papinho com o casal do lado. Logo descobre que ele também é liberal. E por aí vai...

Por todo o Brasil, virou lugar-comum dizer que no carnaval ninguém é de ninguém. Não em Balneário Camboriú. Ali todo mundo é de alguém. Mas, se pedir com jeitinho, a pessoa empresta.

8

A rede

Se você não faz parte dessa molecada que confunde sexo com cachorrada e deseja fazer amigos com sinceridade, entre em contato conosco, que lhe abriremos nossas portas com alegria e honestidade. Somos legalmente casados, 2 filhas (5 e 6 anos), gostamos de ler, praticar esportes, viajar, somos simples e sem preconceitos. Aceitamos casais e solteiros(as). Só exigimos respeito pelo pensamento alheio, por mais esdrúxulo que ele possa parecer, para realizarmos nossas fantasia. Podemos viajar e hospedar.

Jô, Recife, PE

O anúncio acima foi publicado na revista *Fiesta* em novembro de 1985, uma década antes de a internet se popularizar no Brasil. Naquele tempo, as revistas pornográficas eram a única mídia disponível para um casal *swinger* procurar novos parceiros, expor seus atributos, trocar informações e divulgar seus eventos. Para atrair leitores, publicações como a própria *Fiesta*, a *Club* e a *Privé* misturavam fotos de nudez nada sutis com numerosas páginas que ofereciam sexo para qualquer gosto: garotas de programa, michês, michês disfarçados, homens com dificuldade de abordar mulheres, fetichistas de todas as espécies e casais liberais. Os anunciantes eram seduzidos pela possibilidade de publicar gratuitamente. Mas a procura era muito grande – pelo menos assim alegava a *Fiesta* –, e o leitor era obrigado a comprar várias edições consecutivas até ver seu anúncio impresso. Quem tivesse pressa poderia desembolsar mil cruzeiros (o exemplar da revista custava Cr\$ 280) para furar a fila com dez linhas de texto na edição seguinte ao recebimento da carta.

As seções de classificados eram recheadas de anúncios pequenos, de texto curto, sem foto e escondidos num mosaico de letrinhas em páginas sem imagem alguma. Se quisesse ganhar algum destaque nesse oceano tipográfico, o interessado precisava enviar uma foto. As revistas ofereciam desde espaços minúsculos com fotos em P&B – nas quais, graças ao talento dos fotógrafos amadores e à qualidade da impressão, ficava impossível entender de que se tratava a imagem – a uma página inteira com fotografia colorida. Essas fotos retratavam closes de vaginas sem qualquer depilação; de pênis eretos e flácidos, pequenos, grandes e muito grandes; mulheres de pernas abertas, de quatro, deitadas de dorso e de bruços; casais nus em plena cópula; bocas femininas lambuzadas de sêmen. O cenário podia ser um quarto de motel ou da casa da pessoa, um barco, uma praia de nudismo. Quase ninguém expunha o rosto. Imagens com foco eram coisa rara.

Então veio a internet.

Se ela facilitou a vida de todo mundo, foi uma revolução ainda maior na forma com que os *swingers* se relacionam entre si. As pessoas do meio são poucas (em relação à população total) e distribuídas de forma esparsa pelo planeta. Não gostam de aparecer e se agregam muito ocasionalmente em lugares fechados – não existe, digamos, um Baixo Gávea do *swing*, um lugar a que eles possam acorrer numa terça-feira à noite se quiserem encontrar gente com os mesmos interesses. A internet permitiu aos *swingers* interagir sem atravessadores e fez com que a comunidade se tornasse verdadeiramente global. Sem dúvida isso é válido para qualquer pessoa que tenha se conectado, mas, no caso do *swing*, o pulo é maior. Antes, se quisesse encontrar sexo novo em uma cidade sem clubes específicos, um casal precisaria cumprir todo este ritual: anunciar numa revistinha de sacanagem, esperar meses para ter o anúncio publicado, aguardar as respostas numa caixa postal, selecionar as interessantes, responder de volta e aí, talvez, marcar um encontro ao vivo. Ao indivíduo hétero ou gay bastava, no limite, abordar estranhos em lugares públicos. Com a internet, um casal de Açailândia, no Maranhão, pode facilmente trocar figurinhas com outro de Alba, na Itália, em tempo real.

Das páginas mal-impressas de publicações pornográficas, os classificados de sexo migraram para sites. Já de início, a mudança foi vantajosa por criar um ambiente exclusivo para o *swing*: nas revistas, eles

dividiam espaço com prostitutas, fetichistas e homens atrás de sexo fácil e abundante, mais toda espécie de pomadas milagrosas e esticadores de pênis. De listas toscas de anúncios, as páginas do meio evoluíram para redes sociais com quase todas as ferramentas encontradas, por exemplo, no Facebook. Algumas dessas redes se fecharam a quem é de fora da comunidade, permitindo o acesso somente daqueles indicados por outros membros. É na web que os *swingers* fazem amigos virtuais – ao contrário das redes P&B, nelas há uma chance imensamente maior de eles se tornarem amigos reais – marcam encontros sexuais, conversam online e divulgam os eventos do meio. Como as grandes festas que ocorrem ocasionalmente em casas particulares.

Alberto é um homem de 50 e poucos anos, mas que aparenta muito menos. Sua forma física é invejável – culpa da power ioga – e sua figura transpira jovialidade. Ele anda de motocicleta por São Paulo. Ele se veste informalmente, usa jeans e camiseta. Ele ainda mora com a mãe. Ele promove orgias para dezenas de casais e outros tantos singles como ele. Ele promove orgias na casa em que mora com a mãe.

Na última dessas festas, que aconteceu num sábado de abril de 2013, a sala de estar da família estava aberta aos casais que se beijavam, flertavam com outros casais ou simplesmente descansavam nos sofás perto da lareira apagada. Na parede, as fotografias desbotadas não deixavam dúvida: aqueles tijolos aparentes e pintados de branco tinham história. Numa imagem em preto e branco, Alberto aparece aos oito ou dez anos, com cabelo relativamente curto na frente e longo atrás, vestido de caubói. Em outra foto, mais ou mesmo da mesma época, ele mantém o mullet. Posa, com um sorriso cheio de buracos nos dentes de leite, ao lado de uma menina que parece ser sua irmã.

Os convidados que chegavam à residência receberam o endereço do próprio Alberto, por e-mail ou mensagem de texto no celular daqueles que fizeram o depósito bancário com o valor da entrada. Ele havia anunciado a balada no CRS (iniciais de Capital Real *Swingers*), a mais respeitada rede social de casais liberais no Brasil. Era quase uma garantia de casa cheia, pois a rede contabiliza cerca de 10 mil perfis – ou quase o dobro de pessoas, já que um perfil, na maioria das vezes, corresponde a um casal. E também a segurança de não atrair curiosos e pervertidos, além da reação

de moralistas que ficariam incomodados com a divulgação de uma festa de sexo em uma rede de acesso público, como o Facebook. O CRS, entre outras coisas, funciona como um mailing seguro e eficiente para quem deseja divulgar eventos e produtos relacionados ao *swing*, orgias e sexo em geral. Quem está lá foi indicado por algum membro e realmente se interessa por *swing* e orgias (quem não se interessa por sexo em geral?).

Em uma rua tranquila da Cidade Jardim, bairro aristocrático de São Paulo, o movimento lembrava o de uma festa comum. No início da madrugada de domingo, tinha-se a impressão de que a casa de Alberto é a única habitada no quarteirão. De lá vazava alguma música, mas nada alto demais, e para lá se dirigiam todas as pessoas que estacionaram seus carros nos caminhos estreitos e tortuosos da região. Todas as outras residências estavam de luz apagadas. A temperatura era agradável, o que propiciava a permanência de pequenos grupos a conversar no jardim externo.

Aquela seria a última festa de Alberto, que depois de romper um namoro participava como *single* do eventos que ele mesmo promovia. Naquele mesmo ano, ele havia feito outros dois encontros do tipo em um casarão alugado na zona sul da capital paulista. Antes disso, ajudara na produção das festas da Madame O na cidade. Mas as festas anteriores de Alberto – pelo menos as duas anteriores – não se comparavam àquela em termos de sucesso de público. Na sua despedida, gente do interior compareceu em massa. Pessoas de outros Estados pegaram avião só para marcar presença. Até um casal de alemães em férias surgiu do nada para prestigiar a suruba final do maior festeiro do ramo. Algo que seria impensável num mundo sem internet.

Para arrumar a casa e receber os convidados no próprio lar, Alberto pedira, alguns dias antes, para que a mãe fosse viajar. O imóvel térreo tinha mais ou menos a mesma idade que o dono – e aparentava ter passado por pouquíssimas renovações desde que ficou pronto. A cerca baixa era de tempos em que os abastados não erguiam muros de cinco metros para proteger-se de assaltos. Os azulejos da cozinha e as pastilhas dos banheiro, em cores pastéis, estavam lá havia décadas, assim como todas as pias e vasos sanitários. A decoração estava intocada e provavelmente foi comprada pela mãe de Alberto ao longo de muitos anos: cômodas de madeira escura, poltronas de estofado xadrez, tapetes orientais, abajures

com cúpula de tecido, armários embutidos que ocupam paredes inteiras. O taco que revestia o piso da área social e o carpete dos quartos sentiam o peso da idade. Na sala de estar, uma velha lareira de pedra já havia visto muitos invernos; à esquerda e à direita dela, estantes com livros empoeirados e toda sorte de cacarecos que uma família acumula em uma vida. A suíte maior, possivelmente ocupada pela matriarca, tinha uma penteadeira com vários vidros de perfume e cosméticos de marcas centenárias. No banheiro da suíte, duas pias: sinal de que o cômodo fora projetado para acomodar um casal.

Mas Alberto havia feito algumas adaptações em sua espaçosa casa. A mais curiosa era a instalação de um mictório de aço inoxidável comprido, para dois usuários simultâneos, na área externa atrás da lavanderia. Aquele era o banheiro masculino da festa, sem porta e sem parede. Mas quem haveria de se incomodar de fazer xixi em público numa suruba?

No jardim em frente à casa, Alberto havia disposto uma cama de casal. Os quartos estavam equipados com colchões no chão e iluminados com velas. Havia camisinhas por toda parte. Próximo à cozinha, uma escadinha levava a um pequeno cômodo subterrâneo, provavelmente uma adega. O exíguo espaço, com cheiro forte de mofo, estava forrado de colchões para agradar aos fãs das cabines minúsculas das casas de *swing*.

Fui a quatro festas particulares de sexo em 2013, três promovidas por Alberto e uma organizada por um casal do Vale do Paraíba paulista, já em dezembro. Todas seguiam o mesmo esquema. O interessado toma conhecimento da orgia nas redes sociais de *swingers* ou ao ler de algum blog do meio. É feito um contato via e-mail com o organizador, que pede alguma referência: pergunta como soube da festa, quem são os amigos no *swing*, etc. O anfitrião então envia o número de uma conta bancária para o depósito do valor do ingresso, que gira em torno de 200 reais. Quando o evento ocupa um imóvel residencial, o endereço só é revelado horas antes de ele começar.

As casas usadas nesse tipo de festas costumam ser alugadas. Sempre são grandes e velhas – surubas de porte exigem muitos ambientes. Faz parte da diversão explorá-las. Nas duas primeiras festas de Alberto em 2013, ele locou um casarão em estilo neocolonial no Brooklin Paulista. Apesar de ter parte do mobiliário removida, com parede caiada e batentes azuis, parecia um cenário de época dos anos de 1970. Ao entrar nela, você era

transportado para um filme de Walter Hugo Khoury ou de David Cardoso¹⁰.

A última festa do ano foi ambientada em outra casa que remetia àquela época, mas de estilo totalmente distinto. O imóvel em questão, também na Cidade Jardim, tinha linhas futuristas, arredondadas, com escadas curvas e ambientes em vários níveis. Um dos quartos guardava uma coleção de latas de cerveja e garrafas vazias de outras bebidas, todas antigas e sem valor, como um vasilhame de caninha Velho Barreiro. Ao lado da piscina, um gazebo cercado de cortinas de tule aguardava os casais exibicionistas. Do amplo terraço, as pessoas prestes a se esbaldar no sexo extramarital divisavam a usina elevatória de Traição, no poluído rio Pinheiros.

Diferentemente das festas da Madame O, o elemento teatral é deixado de lado nessas orgias particulares. Elas não são temáticas, o *dress code* é bastante flexível – na festa do fim do ano, por exemplo, exigia-se somente o uso de uma peça de roupa branca, ainda que escondida sob a calça ou o vestido de outra cor, talvez uma alusão ao réveillon. Não há atores contratados para encenar rituais fetichistas. As opções de entretenimento se limitam à pista de dança, ao bar, à conversa nos ambientes menos barulhentos e, claro, ao sexo nos quartos.

Quanto ao último, ele pode decepcionar um pouco quem chega com intenções *voyeur*. O comportamento repete o padrão das casas de *swing*. Ou seja: as pessoas mantêm o recato nas áreas sociais e transam nos locais designados especificamente para isso. Na maior parte das vezes, com as portas fechadas. O sexo exibicionista é escasso. Mas acontece. Na segunda festa de Alberto, um grupo de cinco casais transava um tanto timidamente em um quarto, incomodado com os olhares das curiosos que se aglomeravam na enorme varanda. Na festa que ele deu na Cidade Jardim, um grupo de tamanho semelhante usou o quarto maior – possivelmente o aposento da mãe do anfitrião – para sua orgia particular. Na orgia da casa futurista, o gazebo foi ocupado pelo menos uma vez por um casal que fez sexo em frente a todos, expondo publicamente a dificuldade do homem em conseguir uma ereção completa.

O exibicionismo se manifesta de outra forma nas orgias particulares. Mal chegou a uma das festas no Brooklin, um casal já se dirigiu à área da churrasqueira, atrás da piscina. Ela se despiu completamente e deitou sobre mesa, enquanto ele montava o equipamento de fotografia

profissional. Ficaram meia hora lá: ela variando as poses, e ele clicando o ensaio erótico da mulher. Na casa futurista, os casais se alinhavam em frente ao gazebo, esperando a vez de clicar a esposa nua. Em determinado momento várias mulheres seminuas se emaranharam num bolo de gente que sugeria que aquele era prelúdio de uma suruba lésbica muito quente. Quando os maridos de todas guardaram os celulares, elas se recompuseram, se vestiram e ficaram a bater papo na beira da piscina. Nos dias seguintes, as imagens estariam no CRS, em blogs e em outros sites.

Assim são as orgias na era das redes sociais.

No meu primeiro encontro com Érica e Marcos – o casal de *swingers* evangélicos –, eles se entreolharam com apreensão ao mencionar “a rede”. Será que eles haviam falado demais? Seria seguro prosseguir e contar mais ao jornalista P&B? Prosseguiram. A rede havia sido fundada em Brasília e se espalhado por todos os Estados. Não era a maior plataforma de convívio virtual dos *swingers*, mas era a mais segura e mais seletiva. Seus membros formavam uma grande comunidade. Todos recebiam um número que atestava sua autenticidade na condição de *swinger*. Tinham códigos secretos de comunicação. O nome da rede era CRS. E sua primeira regra é: você não fala do CRS.

Descobriria mais tarde que eu havia sido apresentado a um segredo de polichinelo. Pelo menos dentro do meio *swinger*, onde todos conhecem o CRS, falam abertamente dela e incluem seus números de matrícula em blogs de acesso liberado a todos. Curiosamente, eu nunca tinha ouvido falar nela. Nem nenhum dos meus amigos e colegas P&B, que ouviam entusiasmados quando eu contava sobre uma rede social secreta e fechada, voltada especificamente para os encontros de *swingers* e a divulgação de orgias.

Eu tentava descobrir como me infiltrar na rede. Não era fácil. Para filiar-se ao CRS, é necessário ser indicado por um membro. Passada esta etapa, você cria um perfil de homem, mulher ou casal, com as suas informações – certas coisas básicas e outras nem tanto, como a disposição (ou não) para fazer troca completa com outros casais. Esse perfil fica inativo até que outros três associados (mais aquele que o indicou) chancelem a sua autenticidade.

O mecanismo visa proteger a rede de curiosos e casais montados que podem tumultuar as relações entre os membros. O lema do CRS é “no *fake*”, o que significa (ou deveria significar) que todos os participantes são indivíduos ativos no meio, não paraquedistas ou desocupados que criam perfis com o intuito único de ver fotos de mulheres comuns nuas. Ou pior, roubar essas fotos e disseminá-las em sites pornográficos amadores. O CRS é uma rede quase intimista. Agrega cerca de 10 mil perfis, contra mais de 2 milhões da maior plataforma do gênero no Brasil. Mas é a segurança que faz o site ser a principal referência entre *swingers* que não se conhecem pessoalmente.

Por ora, eu só conhecia pessoalmente um casal. E eles se recusaram a me indicar para o CRS – exatamente a postura que eu teria com alguém que eu só vi uma vez na vida. O jeito era explorar as redes sociais menos exigentes. Elas abundam na internet.

Os sites de *swing* não se prestam somente a facilitar encontros sexuais, porém essa é uma função muito importante. Nesse particular, eles são os descendentes diretos dos classificados das revistas pornô. As fotos reveladoras continuam lá. Também permanecem em cena os quartos de motel e ambientes caseiros no pano de fundo dessas imagens. As câmeras digitais e o espaço quase ilimitado da internet facilitou o trabalho dos maridos-fotógrafos, e o que se vê nos perfis de casais é uma profusão de bundas, peitos, vaginas, pênis, ânus, as mais variadas posições sexuais, recordações de festas com 4, 5, 10 pessoas... A tecnologia avançou, mas a sociedade nem tanto: assim, segue valendo a regra de não exibir o rosto para preservar a identidade do fotografado. Para isso, entram em cena os mais avançados recursos computacionais, que criam efeitos visuais como uma estrela brilhando na cabeça da pessoa em questão para esconder seu semblante.

O domínio mais óbvio, *swing.com.br*, foi registrado em 1996 e está no ar até hoje. O endereço leva ao site *Swingers* do Brasil, que é pago: a assinatura mensal custa R\$29, e a anual sai por R\$177. Nas seções abertas aos não pagantes, encontra-se um tour virtual pelo site. Há os rotineiros chats e videochats, uma seção de relatos dos aventuras sexuais (presumidamente verídicas) dos associados e galerias de fotos profissionais que incluem, entre outras práticas, o sexo com animais e a chuva dourada – para quem nunca ouviu falar, trata-se de ser urinado

pelo(a) parceiro(a) durante o sexo (deixemos de lado a chuva marrom). Também de acesso livre, um glossário de expressões sexuais nos ensina que *creampie* (literalmente, “torta de creme”) é o “nome dado em inglês para a vagina (extensivo ao ânus) da qual escorre esperma ali recém-depositado”. E que degustar a “torta” é uma fantasia recorrente dos *cuckolds*, homens que gostam de ver suas mulheres com outros homens. Não paguei para ver o resto.

Já o D4 (d4swing.com) é gratuito e aberto a todos. O slogan do site – “D4 é mais gostoso” – é exibido permanentemente no canto superior esquerdo da página, que de resto imita o Facebook desavergonhadamente. No centro da tela, a D4 posiciona o *feed* de atualizações dos seus membros. A diferença para o Facebook é que, para visualizar os *posts*, você não precisa fazer amizade com ninguém. Em dado momento, o meu *feed* trazia a seguinte atualização de uma bela mulher negra de Florianópolis que se identificava por Bruninha:

Resumo da noite: casal bonito, jovem e bem simpático. Rolou um bom bate-papo em um barzinho nos Ingleses, bastante cerveja e umas porções. Depois, motelzinho na SC-401 próximo a Canasvieiras. Aí, na hora H... até que foi bom, conseguimos nos divertir e gozar. Mas o casal era bem fraquinho. A moça, que se dizia bissexual, se fez um monte. E o rapaz tinha um pau lindo, mas não sabia usá-lo. Mas, como eu disse, até que foi bom!!

Como no Facebook, as páginas pessoais do D4 trazem uma foto de perfil, pequena e quadrada, mais uma foto de capa que consiste de uma faixa horizontal que ocupa todo o topo da tela. Para o perfil, Bruninha escolheu uma imagem em que aparece nua e de frente, do meio das coxas até o ombro. Sua capa era um mosaico com cinco fotos. As duas primeiras mostram um close de sua bunda, com as nádegas abertas, o que possibilita enxergar tanto a vagina quanto o ânus. A terceira repete a imagem de perfil. A quarta a retrata chupando um pênis, com uma estrela escondendo seu olhos. A quinta é comportada: exhibe Bruninha de costas, em pé, trajando biquíni fio-dental.

As outras funcionalidades do site também são iguais às do Facebook. Se isso é questionável do ponto de vista ético, torna o D4 bem mais fácil de navegar que as outras redes *swingers*. À esquerda do *feed*, a página inicial tem um menu com links para seus amigos, mensagens e fotos. No lado

direito, anúncios e uma aba retrátil com os contatos disponíveis para bate-papo.

O SWC (swingcertificado.com.br) anuncia-se como o maior portal de *swingers* do Brasil. Reúne mais de 100 mil membros, o que representa dez vezes o número de associados do CRS. Alegadamente, o SWC checa se os postulantes a participar da rede são *swingers* de verdade. Também exige pagamento, mas é mais barato que o *Swingers* do Brasil. A assinatura bianual custa R\$149. Por R\$14,90, têm-se acesso à rede durante dez dias. Foi o plano que escolhi. Imediatamente após selecionar essa opção numa manhã de sábado, recebi um e-mail assinado por uma certa Andréa, do Suporte de Clientes VIP do site. Ela se punha à disposição para ajudar e me mandava um abraço. Paguei e, após duas horas, tinha minha conta liberada mesmo sem subir uma foto para meu perfil.

Também à moda do Facebook, o SWC tem uma página inicial que é atualizada com as postagens mais recentes dos membros. E quando digo membros, não me refiro apenas aos associados. Refiro-me também aos seus pênis, que dominam a tela do computador na *home* do SWC. Se na D4 as pessoas postam mensagens de texto de vez em quando, nesta rede as fotos predominam. E os membros masculinos predominam nas fotos. Alguns assinantes chegam a pôr a imagem do próprio pau como foto de perfil.

Tal qual a SWC, o Sexlog (sexlog.com) também se vende como a maior rede do gênero no país. Diz que tem mais de 2 milhões de usuários cadastrados. A palavra “cadastrados” é importante porque denota que entram nessa conta todas as pessoas que, um belo dia, entraram no site, preencheram o formulário, fuçaram um bocadinho, saíram e nunca mais voltaram. Assim como eu, que declinei dos três dias de uso grátis oferecidos – para desfrutar da experiência, precisaria fornecer os dados do meu cartão de crédito.

De qualquer forma, o Sexlog é tido como a rede mais eficiente para quem quer marcar encontros sexuais com estranhos. A lista desses eventos é de acesso livre, e apenas em um sábado eu encontrei as seguintes opções de programa:

Uma surubinha vespertina na Galheta, praia de nudismo em Florianópolis.

Uma balada de dois dias em uma chácara em Limeira, São Paulo, com presença dos usuários parrudao111 e xupoxanabem.

Uma festa de aniversário em um clube de *swing* de Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco.

A reunião “Sábado do Pega-Pega”, aberta a solteiros, solteiras e curiosos, em uma casa de praia em Paulista, também no Estado de Pernambuco.

Uma festinha particular de aniversário, para casais e singles, em Aparecida de Goiânia, Goiás.

Um convite para praticar dogging – sexo em lugares públicos, com a presença de *voyeurs* – em Brasília.

O evento “Dou Para Machos”, criado por um assinante curitibano.

Como estamos falando da internet, ninguém é obrigado a limitar o território nacional em sua busca por sexo e interação social com *swingers*. Sediada nos Estados Unidos, o SDC (sigla de *Swingers Date Club*, “clube de encontros de *swingers*”) é um gigante mundial nessa área. São mais de 3 milhões de usuários em dezenas de países. Para o interessado não perder tempo com casais da Tailândia ou da Bósnia, o site tem um mecanismo de busca que filtra os resultados por localidade. E não é preciso saber inglês, pois o SDC tem uma versão do site em português. E outra em espanhol. E também em holandês, alemão, francês, italiano, turco e norueguês. Em tempo: a URL é sdc.com.

Voltando ao Brasil, existem ainda várias outras redes voltadas para esse público: Sexo com Café (sexocomcafe.com.br), Universo do *Swing* (universodoswing.com.br), *Swing Online* (swingonline.com.br), Libertynus (libertynus.com.br), Estilo (estiloswing.com.br), Rede Sexo (redesexo.net), *Swing Social* (swingsocial.com.br), *Swing Chat* (swingchat.com.br). A lista não acaba.

Mas eu estava interessado em apenas uma rede. Aquela que não me queria como membro.

O endereço do CRS é swingreal.com. Digite-o no seu browser e você terá uma decepção. Surge uma tela de fundo azul-calcinha com o logotipo da rede e uma caixa com campos para serem preenchidos com nome de usuário e senha. Parece muito pouco, mas já dá para extrair alguma informação importante dessa *homepage* minimalista.

O símbolo do CRS, à direita dos dizeres “no fake” – “sem [perfis] falsos” – é algo que lembra uma coroa ou a garra de um animal com quatro dedos. “Essa imagem é usada para os *swingers* se identificarem quando estão em lugares públicos”, disse Marcos, o *swinger* evangélico, em nossa primeira conversa. Segundo ele, os carros de gente do meio que vão passar o Carnaval em Balneário Camboriú muitas vezes têm o símbolo estampado em um discreto adesivo. “Me disseram que algumas pessoas chegaram a tatuar esse negócio”, relata o mineiro Wander Vieira. Um não *swinger* dificilmente desconfiaria da mensagem transmitida pelo desenho – no máximo, pensaria que o desenho representa algum bloco de música baiana.

Outro uso do símbolo como detector de *swingers* requer uma mão, um pescoço e alguma cara de pau. Suponha que você está em uma churrascaria com sua mulher ou seu marido. Vocês avistam, do outro lado do salão, um casal que lhes parece interessante e que, vocês pensam, tem jeitão de ser do meio. O que você faz? Encara a dupla até que ela perceba e retribua o olhar. Então você esconde o polegar atrás da mão e leva os outros quatro dedos, ligeiramente abertos, ao pescoço. É um jeito de representar a garra estilizada do logotipo do CRS. Se o casal retribuir o gesto ou der outro qualquer sinal positivo, é bem possível que você transe com carne nova depois da sobremesa. Caso contrário, abaixe o olhar e volte à maminha no sal grosso que estava esfriando em seu prato.

(Desconfie do que está escrito no parágrafo acima. Isso pode ser verdadeiro, mas também pode ser uma pegadinha armada para o jornalista P&B que iria escrever um livro sobre *swing*. Das três ou quatro vezes que testei o sinal, as reações variaram da total indiferença ao olhar de “você está louco”. De qualquer modo, achei que a história merecia ser contada.)

Mais tarde eu descobriria que muitos casais cadastrados no CRS deixam suas galerias de fotos abertas a visitantes. É possível chegar a elas digitando “site:.swingreal.com” no Google. As imagens têm o mesmo teor pornográfico das outras redes sociais específicas, porém há uma diferença crucial: no CRS, mais pessoas expõem o próprio rosto. É uma prerrogativa de quem está no ambiente seguro de uma sociedade secreta digital.

Depois de alguma insistência, consegui que Alberto, o *single* que organizava orgias, me enviasse um convite para o CRS. Pude criar um

perfil, mas ainda tinha todas as funções do site bloqueadas. Em alguns dias eu receberia o seguinte e-mail:

Parabéns!!!

Seu perfil cadastrado em nossa comunidade foi avaliado por um de nossos administradores e liberado para receber certificações.

Concedemos ao seu perfil, como cortesia, 7 (sete) dias de uso completo e ilimitado do CRS. Aproveite!!!

Encontrou um perfil falso? Denuncie!

Atenciosamente,

Capital Real Swingers

“Liberado para receber certificações” significava que, em uma semana, eu precisaria encontrar quatro membros da comunidade que atestassem que eu era real, senão meu perfil seria automaticamente excluído. Consegui os endossos de Alberto e do casal Érica e Marcos. Um pouco antes de o prazo se esgotar, obtive a certificação de pessoas com quem eu tinha falado muito pouco: um *single* de Bauru e um casal veterano da cena paulistana. Paguei por seis meses de uso, e pronto!, eu era um membro certificado do CRS.

No período em que pude acessar o CRS, vi que ela não diferia demais das outras redes sociais de *swing*. O design, por sinal, era bem mais precário que o de sites como o D4 e o *Swing Certificado*, tornando tudo difícil de entender e complicando a navegação. O conteúdo era praticamente o mesmo dos outros: fotos impactantes e fóruns em que casais e solteiros marcavam encontros. O que torna o CRS especial não é o CRS em si, mas o fato de ele restringir o acesso e policiar os membros já cadastrados. Quem está dentro sente-se detentor de um privilégio.

Semanas depois, fui entrevistar o dono de uma casa de *swing* em São Paulo. Ele não se mostrou nada receptivo e exigiu, em tom de ameaça velada, que eu não o citasse no livro. Saí de seu escritório com a sensação de que ele aprontaria alguma para mim. No dia seguinte recebo o seguinte recado por e-mail:

Boa tarde.

O seu perfil foi banido do CRS. Você está escrevendo um livro sobre swing e usando o CRS como laboratório, colocando a discricção e segurança dos nossos membros em dúvida.

Já adianto que, se fizer em seu livro qualquer referência ao CRS e aos nossos membros, você responderá judicialmente por isso. Somos uma comunidade fechada, privada e restrita.

O seu pagamento foi estornado.

Atenciosamente,

Capital Real Swingers

Assim, sem sequer saber a identidade de quem me escrevera, eu fui escorraçado da sociedade secreta dos *swingers*. E cá estou eu, desrespeitando a primeira regra do CRS.

Qualquer um pode ter um blog. Pessoas que almoçam e jantam cheese-salada têm blog. Resenhistas de esmalte de unha têm blog. Por que não *swingers*? Os blogs de *swingers*, assim como suas redes sociais, abundam. Ao contrário dessas redes, estão abertos a quem quiser lê-los. Basta clicar, quando surgir o aviso de conteúdo explícito, no quadradinho que assegura que você tem mais de 18 anos e está preparado emocionalmente para o que vem a seguir.

Navegar pelos blogs de casais liberais é a melhor maneira de entender o que se passa no universo dessas pessoas sem entrar para o meio. Neles, a inibição é zero – experiências são narradas e pensamentos são expostos como se o ambiente fosse o reservado de uma casa de *swing*, não a internet.

Nos blogs, os *swingers* expandem o exibicionismo que rege suas interações dentro do meio. Lá, eles se exibem para quem quiser ver ou ler. Fazem-no porque gostam e porque estão em uma situação controlada e segura. Escondem-se atrás de pseudônimos (os *nicks*) e administram o próprio conteúdo, podendo vetar a publicação de comentários ofensivos, por exemplo. Também controlam a forma como o internauta pode entrar em contato com eles. Enfim, continuam protegidos pelo anonimato. Mas nem sempre. Blogs hospedados em ferramentas como Blogspot (da Google) e Wordpress são indevassáveis para quem não é um gênio *hacker*.

Já os domínios próprios podem ser facilmente pesquisados em sites que nomeiam o proprietário da URL e exibem seu número de CPF.

Um blog também é uma poderosa ferramenta de evangelização do modo de vida *swinger*. Ele atrai o P&B pela curiosidade e abre um canal de comunicação para o mundo colorido. Muitos acabam por desenvolver um interesse maior pelo assunto e se bandeiam para o lado de lá.

Se as imagens das redes sociais podem chocar as pessoas sensíveis à exposição crua de genitália e detalhes da prática sexual, nos blogs elas não ficam nada a dever em originalidade e explicitude. Um bom exemplo é o blog do casal Paty e Ruy (casalpatyeruy.blogspot.com.br), dedicado exclusivamente à exposição pública do corpo de Paty. Na página inicial, uma enquete pergunta: “Como você prefere ver minha bucinha?”. As opções são “cabeluda” e “raspadinha”, que ganhava com 63% dos votos na última vez em que acessei o blog.

Lá você encontra fotos de Paty na praia, exibindo progressivamente o corpo. Pode assistir a vários vídeos que a mostram urinando em público. Um deles é apresentado desta maneira: “Estamos sem tempo para novas postagens. Separei um videozinho só para garantir a punhetinha da semana”. Na apresentação de outro vídeo, no qual ela se masturba, Paty explica melhor as intenções do casal: “Umas das taras do Ruy é ficar imaginando o tanto de homem se masturbando vendo nossas fotos e vídeos”. Os masturbadores de plantão encontram variedade de material para se divertir. Sexo explícito – nas modalidades oral, vaginal e anal – é o básico do cardápio. Os podólatras são contemplados com um vídeo que mostra Paty masturbando o marido com os pés. Uma sequência de fotografias traz a mulher em uma fantasia estilizada de Branca de Neve: top azul, saia amarela, calcinha vermelha e uma tiara da mesma cor. Nas imagens finais ela está introduzindo um pênis de borracha na vagina e algo do tamanho de um batom no ânus, simultaneamente. Os objetos inseridos no corpo de Paty incluem ainda uma banana-nanica embalada em uma camisinha e uma linguça calabresa, ambas na vagina. No ânus, ela enfia um pincel pelo cabo. A tal *creampie* marca presença em ambos os orifícios. Em outra sessão fotográfica, a moça aparece com diversas mensagens escritas em batom vermelho pelo corpo: sobre os belos e fartos seios naturais, “puta”; nas nádegas, “come meu cu” e setas apontando para o ânus; nas coxas e no púbis, “safada”, “puta” novamente e “vadia”.

É no texto, entretanto, que os casais *swinger* revelam, sem filtro, como pensam e como agem. As pessoas que escrevem os blogs têm pouca ou nenhuma preocupação em suavizar a linguagem usada nas surubas e nos reservados dos clubes. Palavrões e descrições detalhadas da performance sexual são corriqueiros.

Neste trecho do blog Devaneios de Casal (devaneiosdecasal.blogspot.com), o Casal Safado, do Rio de Janeiro, conta como começou uma transa que seria filmada pelo marido, o sr. Safado. Quem narra é a sra. Safada:

Outro dia o Safado sugeriu que fizéssemos um vídeo da gente transando. Amei a ideia e logo resolvemos colocar em prática. Então ele me chamou para a frente do computador para regular a webcam. Enquanto ele ajustava tudo resolvi dar o bote! Rs!

Não aguentei aquele pau duro tão perto de mim, o tirei do short e comecei bater uma punheta com carinho. Logo comecei a chupar a cabeça daquela pica maravilhosa enquanto punhetava.

Quando a cam começou a gravar, eu já estava chupando aquela rola como uma puta. Batia com o pau no meu rosto, colocava ele quase todo na boca, punhetava, chupava as bolas... Uma loucura!

O humor também tem vez. Também carioca, o casal Amelie e Beto não deixa a peteca cair no blog Meu Diário Swing (meudiarioswing.blogspot.com.br), em que conta suas experiências em detalhes. Eles narram, inclusive, os episódios em que tudo dá errado. Um personagem que frequenta suas crônicas é uma certa Rolinha Gostosinha de 18 Aninhos, jovem que faz as vezes de namoradinha ocasional do casal. Abaixo, Beto conta sobre um a ocasião em que a Rolinha não apareceu para encontrá-los:

Seguinte: a Rolinha Gostosinha nos deu o bolo no sábado.

A mãe dela não a deixou sair conosco. Aí eu fico pensando no diálogo:

Rolinha: Mãe, vou sair hoje com Amelie e Beto, não sei que horas volto.

Mãe: De novo? Não foi com eles que você foi ao motel na quarta, chegou bêbada e de cabelo molhado às 5 da manhã e não foi trabalhar na quinta? Não vai sair com eles hoje, não!!

Rolinha: Mas mãe, já combinei tudo! Vamos num motel na Barra que eles dizem que é legal.

Mãe: Não, Rolinha! Já disse que não. Não dá pra todo dia agora tu querer sair pra fazer ménage com o casal isso ou aquilo, gente que nem conhece direito.

O tema mais recorrente dos blogs brasileiros de *swing* é o fetiche de alguns maridos pela ideia de outro homem fazer sexo com sua mulher. São os *cuckolds*, que nos blogs eles assumem um nome bem mais fácil de entender para o brasileiro não-*swinger*: corno. Não que eles gostem de ser chamados assim por outras pessoas: assim como só gay pode fazer piada de gay e só judeu pode fazer piada de judeu, apenas quem decide ser um cuckold pode chamar seus pares de “corno”. O mesmo vale para as mulheres, carinhosamente tratadas por “putas”. Os nomes dos blogs são pouco sutis: Corno da Bia Casadinha, Corno Manso da Puta, Corno da Taty.

O conteúdo desses blogs se resume a duas coisas: a descrição de ocasiões em que o dito corno é corneado e imagens de suas mulheres fazendo sexo com diferentes homens. Tudo, quase sempre, aparece de forma explícita e bruta. Como, por exemplo, a foto usada como pano de fundo na página inicial de Corno da Taty (cornodataty18.blogspot.com.br): a boca de uma mulher, talvez a própria Taty, com um grosso fio de esperma pendurado no lábio inferior. Num dos posts, o cuckold fala da vez em que entregou a esposa para um sujeito identificado como Negão Arrombador:

Depois de muito conversar com o negão arrombador no MSN, resolvi entregar minha esposa de presente aos cuidados da sua pica preta. Minha gentileza foi retribuída de forma nobre, em estocadas fortes na bocetinha e no ânus da minha gata. Há tempos eu não via a Taty soltando lágrimas pra acomodar um pau no rabo!!!

Ela estava muito safada essa noite. Vivia tirando o pau do negão da boceta e pedindo para eu beijá-la. O gosto de rola na boca dela

era muito forte até mesmo pra mim...

Finalizando com um leitinho na boca de sua putinha, o Negão Arrombador fez seu ultimo comentário.

“Depois de mim, esse cu nunca mais sera o mesmo.”

Tenho que concordar. Se a Taty tivesse seguro, eu ia acionar porque foi quase perda total :(

O texto é ilustrado com a foto de Taty segurando um pênis negro, ereto e enorme, que acabara de ejacular sobre sua face. Em outros *posts*, o marido revela pouco a pouco detalhes da vida do casal. Quando começaram a fazer o blog, em 2011, ela tinha 18 anos, e ele 22. Eram recém-casados. O marido fala várias vezes de um primo de sua mulher que atua como um parceiro fixo dela. “Fiz questão de dar um cartão de crédito meu pra ele poder bancar o que a minha putinha merece”, escreve em um dos *posts*. Oferece a esposa a quem enviar fotos para um e-mail criado para o blog.

JM, de Minas Gerais, é um cuckold menos manso. No blog que escreve para narrar as peripécias da esposa Vi (casalviejm.blogspot.com.br), muitas vezes manifesta desconforto e até ciúme. A mulher, diz ele, tem desejo sexual insaciável. O marido sublima o sentimento de posse em tesão. Como no trecho a seguir, que descreve JM enciumado, acabando com a festinha de Vi em uma casa de *swing*:

Naquele sábado, quando a retirei do “bolo”, ela já havia sugado a boceta de duas mulheres, punhetado alguns e chupado dois maridos... Ela saiu de lá protestando. Como já o fizera, até severamente, outras vezes. Quando envolta por vários, ela esquece o marido. Daí o ciúme, acho eu. Mas devo admitir que esse comportamento me deixa completamente doido de tesão. A lembrança das cenas me deixa de pau duro por dias em pleno horário de trabalho... Agora chega. Chega de enrustir meu tesão e coibir o desejo dela. Agora é relaxar, sem nunca deixar de protegê-la, e deliciar-me com o show sem abrir mão da minha vez quando chegar em casa, por mais que ela tenha dado.

O casal Marina e Márcio, já citado em outros capítulos, vai além da descrição de proezas sexuais. Seu site (marinaemarcio.com.br) aborda

vários aspectos interessantes da vida de um casal *swinger*, com crônicas escritas, na maior parte das vezes, por Marina. “Comecei com o blog porque bateu uma vontade de escrever...”, conta ela. Marina muitas vezes dispara farpas afiadas contra os colegas do meio. Como este desabafo a respeito dos hábitos de higiene dos frequentadores de uma casa de *swing* em São Paulo:

Tinha um cidadão (melhor, um ser que não devia nem ser humano) fazendo xixi dentro de uma cabine no caminho do fumódromo. Imaginem a desgraça!

Daí fica todo mundo reclamando do cheiro dos reservados e com razão! Será que ele não conseguia nem chegar ao banheiro? Affff... E aquele cheiro nas salas coletivas de mulher que não se cuida? Ah, você sabe que cheiro é esse, né? Toda mulher sabe muito bem e só não sente se não tiver nariz! Pô, se a coisa tá suja lá embaixo não faz sexo, filha! O seu negócio é um ginecologista!!!!

Em outra postagem, ela fala de algo que nunca passaria pela cabeça de um P&B: o risco de ter seus pertences furtados. Em uma festa particular, um homem voltou para casa sem o celular e a carteira. Marina critica duramente a comunidade:

Sabemos de outros episódios desse tipo que aconteceram e continuam acontecendo no meio liberal. Celulares furtados, fotos roubadas, grana roubada, vidas destruídas, e nem foi por desconhecidos, foi por gente de dentro da própria comunidade, gente em quem as vítimas confiavam.

Uma leitura mais atenta dos blogs de *swingers* revela que eles não vivem para fazer sexo não convencional e publicar pornografia. Eles são furtados. E furtam, também. Eles quebram a perna jogando bola. Eles deixam de postar para se dedicar a um familiar com problemas de saúde. Eles têm filhos, sobrinhos e afilhados. Eles amam suas famílias. Eles comemoram Natal e Ano Novo. Só que eles enxergam o mundo sob a ótica peculiar dos *swingers*, colorida.

Assim sendo, antes de partir para a orgia das orgias na Itália, deixo-os com a mensagem de fim de ano de Bia, autora do blog Corno da Bia Casadinha (cornodabiacsadinha.blogspot.com.br):

A todos amigos roludos, casais, futuras putas e cornos, simpatizantes, eu sinceramente desejo que 2014 seja um ano para nosso grupo se firmar cada vez mais. E que possamos criar nossa comunidade liberal, que atenda nossos desejos, devassidões e vontades mais sacanas. A putinha aqui fará o que puder para acontecer....e palavra de Biazinha é palavra de puta!!

¹⁰ Cineastas brasileiros que exploravam a temática sexual em obras de grande sucesso nas décadas de 1970 e 1980.

A sociedade secreta do sexo

Com 200 metros de altura, a chaminé da estação termelétrica de Cassano d'Adda é um sinal inconfundível de que o viajante está chegando a essa cidadezinha de 18 mil habitantes. Cassano não é um lugar repleto de beleza evidente, como Roma ou Veneza. Falta-lhe também o charme urbano milanês. Nos lugares mais movimentados, a rua Vittorio Veneto e a praça Giuseppe Garibaldi, o comércio repete aquilo que se vê em qualquer lugar do interior da Itália: quitandas, confeitarias, casas de frios, um ponto de venda de celulares da TIM e muitos salões de beleza. Para quem é de fora, chegam a surpreender as presenças de um açougue especializado em carne de cavalo e de uma loja de cigarros eletrônicos.

Mas Cassano não é um lugarejo do interior. Fica a 40 quilômetros do centro de Milão, e a fuga dos moradores para a metrópole talvez seja a razão do marasmo que toma conta de suas ruas. No fim de tarde do sábado de Finados de 2013, não se via procissão ou missa. A grande atração da praça principal era um coral de evangélicos que entoavam hinos natalinos e tentavam converter os passantes, quase todos idosos que não entendiam muito bem o que estava se passando. Algumas lojas ainda ostentavam uma tímida e barata decoração de Halloween, com abóboras recortadas em papelão e luminosos *made in China*. No bar mais concorrido da cidade, pequenos grupos de amigos bebiam cerveja ou Campari enquanto petiscavam a batata chips e a pizza fria que são servidas de cortesia – era a hora do *aperitivo*, uma instituição sagrada no norte da Itália. Por lá também passavam alguns jovens pais que faziam um desvio estratégico no passeio compulsório com seus bebês, para tomar um drinque e fumar um cigarrinho com seus companheiros de tédio.

Nesse cenário suburbano, destacam-se duas maravilhas arquitetônicas. A dois quarteirões do centro, a sequência de lojinhas da rua Veneto é interrompida por uma grade metálica com 50 metros de extensão que dá para a Villa Borromeo, palácio construído em 1781 que ocupa um terreno de 70 mil metros quadrados. À direita da praça Garibaldi fica o castelo, como é conhecida a fortaleza Viscontea, uma edificação que paira sobre um canal do rio d'Adda desde o século XIII e hoje abriga um hotel quatro estrelas. Naquele sábado – que de modo algum era um sábado qualquer de novembro –, os moradores de Cassano nem desconfiavam que ambos os lugares foram invadidos por 400 libertinos, que chegaram de Milão, Turim, Paris e outros lugares da Europa. Cassano era, naquele sábado em que os católicos se recolhiam para homenagear os antepassados mortos, a capital mundial da devassidão. Havia chegado à cidade o circo de Madame O e sua orgia de mascarados.

A localização do palácio, onde ocorreu a festa, e do castelo, que acomodou a trupe libertina, só fora revelada aos sócios da Madame O dois dias antes do evento. Esses sócios se dispuseram a pagar antecipadamente 400 euros pelo ingresso, mais 120 euros pelo hotel, sabendo apenas que a orgia ocorreria em algum lugar acessível tanto de Milão quanto de Bergamo, cidade medieval conhecida, entre outras coisas, pela qualidade de sua polenta. O tema era adequado à data escolhida, próxima do Halloween: *Erzebeth Báthory, a Condessa Negra*.

Negra, neste caso, não tem nada a ver com a cor da pele. A tal Erzebeth – Isabel em húngaro – era uma nobre que viveu na virada do século XVI para o XVII, em uma região que hoje pertence à Eslovênia. Membro de uma das dinastias mais antigas do reino da Hungria, ela entrou para a história como uma das assassinas seriais (pode ter cometido até 650 homicídios) mais sádicas de que já se teve notícia. Também conhecida por Condessa Sangrenta ou Condessa Drácula, Erzebeth, de acordo com as narrativas de seu tempo, chegava a se banhar em sangue de donzelas na tentativa de reverter o próprio envelhecimento.

A homenageada da vez possuía, além da maldade, uma mente engenhosa. Credita-se a ela a invenção – ou ao menos o aperfeiçoamento – de um instrumento de tortura chamado gaiola de cravos. Tal artefato consistia, basicamente, de uma gaiola feita de lâminas afiadas no lugar de arame ou barras de ferro. Uma vez engaiolada a vítima, o algoz passava a

desferir-lhe golpes de lança. Na tentativa de fugir desses golpes, a pessoa se chocava seguidamente contra as lâminas e sangrava até morrer. Na masmorra da condessa, tal gaiola ficava pendurada no teto: sentada sob ela, Erzebeth banhava-se de sangue enquanto sua presa se debatia.

A julgar pelo tema, os jogos fetichistas da sala do chicote da festa de Saint-Tropez seriam brincadeira de criança perto do que estava por vir. O convite oficial, em inglês, trazia a seguinte descrição:

O feudo sombrio e erótico das bruxas lindas e lascivas para os elegantemente malditos.

O descritivo do *dress code*, também em inglês, começava com um singelo poema de seis estrofes que narrava a saga sangrenta da condessa Erzebeth. E quebrava, ainda que involuntariamente, o clima soturno. Eis a primeira estrofe:

*The black countess was a witch
And her castle was so rich
It made jealous all her peers
Grudge and greed lure more than fear
(“A condessa negra era uma bruxa
E seu castelo era tão rico
Que deixava invejosos os seus pares
Mais que medo, atraía rancor e cobiça”)*

Mais abaixo, o código de vestimenta em si. Sugeriu um visual “sombrio, gótico e erótico”. Exigia vestido elegante para elas e black tie ou terno escuro para eles. Além de máscaras venezianas para ambos. E terminava com a advertência: “vista-se adequadamente ou não vista nada”.

Quando todos estão mascarados, uma consequência óbvia é a dificuldade para reconhecer uma pessoa ou até avaliar se ela é bonita ou não. Assim, muito do flerte entre os casais é feito antes do baile propriamente dito, no hotel em que parte dos convidados se hospeda ou, como já virou costume nos eventos de Madame O, na pré-festa.

Como o nome indica, a pré-festa é uma festa antes da festa. Ocorre sempre na noite anterior à orgia e reúne um número menor de casais – apenas aqueles dispostos a farrear por duas noites consecutivas e a pagar mais 120 euros por mais uma noite com *open bar*. Na pré-festa não há máscaras, não há tema definido, não há performances e não há sexo em público. Se na orgia os convidados podem ficar nus, na pré-festa eles se despem da aura de mistério criada pela ambientação, pelas máscaras e por tudo relativo à temática dos bailes libertinos da Madame O. Lá eles são apenas pessoas comuns, vestidas feito gente comum, que se reúnem para bater papo, ouvir música, beber e, possivelmente, acertar quem vai comer quem no encontro da noite seguinte.

O *warm-up* do baile da Condessa Negra foi marcado no First Floor, um bar dentro do hipódromo de Milão que funciona somente para eventos fechados. Toda a área ao redor é tomada por enormes instalações esportivas, incluindo o estádio de San Siro, sem comércio, residências ou pessoas andando na rua à noite. O táxi nos deixou – viajei com minha mulher, Mariana – à entrada do complexo hípico, junto a um imponente portão. Cinquenta metros adiante, estava o local da festa propriamente dita, um retângulo envidraçado com mais ou menos cem metros quadrados, no piso superior de uma casa assobradada, construção solitária no amplo jardim que se estende até o *paddock* e a pista de corridas de cavalos. Uma escada de metal acoplada à casa leva ao bar. No topo, uma hostess aguardava com a lista de convidados em mãos.

Nome na lista: confere. Pagamento: *cash only*. Entramos e nos pusemos prontamente a observar os outros casais que, é claro, também nos observavam. Em uma rodinha com quatro ou cinco pessoas, estava Jacques, que deixara o faz de conta de lado e assumiu abertamente o papel de anfitrião. Com camisa sem gravata, blazer e a barba por fazer, ele interrompeu brevemente o papo para nos receber e apresentar-nos mais uma vez Anne, sua mulher, e dizer de novo que ela era a Madame O. Em seguida nos pediu licença e saiu para saudar outros convidados.

Apenas um observador muito atento poderia distinguir a pré-festa da Madame O de qualquer reunião de pessoas abastadas e maduras. A faixa etária dos presentes ia dos trinta e poucos aos cinquenta e muitos anos. O *dress code*, definido no convite como “elegante”, era vago e subjetivo. Objetivamente, Jacques queria evitar gente de camiseta, calça jeans e tênis.

Os homens, trajando calças de tecido e camisas de botão, e as mulheres, em vestidos de noite geralmente discretos, bebiam e se olhavam com um descaramento que causaria conflitos em uma festa de não libertinos. E conversavam. O lugar era uma pequena Babel: ouvia-se francês, italiano, inglês, espanhol e outras línguas mais difíceis de se reconhecer. Eu escutei vozes que pareciam falar português e disse a Mariana que isso era pouco provável naquela situação. Saí para o banheiro e, quando retornei, ela estava batendo papo com Júlio e Priscila, paulistas de Bauru.

Júlio, recém-quarentão, é fazendeiro, dono de uma rede de motéis no interior de São Paulo e não fala nenhuma língua estrangeira. Suas conversas com Jacques eram uma mistura surreal de português, de um lado, francês e italiano, do outro. Aparentemente, eles conseguiam se entender. Priscila, trinta e tantos anos, tem uma loja de calçados em Bauru e fala um pouco de inglês, que usa quando se dirige ao francês. Assim, uma conversa de dois minutos entre os três era travada em quatro idiomas diferentes.

Júlio e Priscila não são *swingers*. No Brasil, não frequentam clubes de trocas de casais nem são afiliados de redes como a CRS. Curiosamente, descobriram as festas da Madame O após lerem minha reportagem sobre a primeira orgia, no bairro paulistano do Morumbi. Compareceram à segunda e à terceira suruba promovidas por Jacques em São Paulo, fizeram amizade com o francês e, em fevereiro de 2012, foram a Veneza para o baile de carnaval da Madame O. Na ocasião em que nos conhecemos, o casal estava em uma viagem mista de negócios e turismo pela Europa – e havia incluído Milão no roteiro apenas para participar da orgia.

Júlio é alto, tem olhos claros e estava um pouco acima do peso. Priscila é uma mulher bonita, com corpo moldado em academia de ginástica. Em mais de um momento na nossa conversa, eles frisaram que não faziam troca de casais. “Ficamos na nossa e nos divertimos”, disse Júlio. Teríamos a oportunidade de verificar isso na festa da noite seguinte, o que parecia incomodar um pouco o casal de brasileiros descobertos por jornalistas em um lugar tão improvável.

Quando a conversa parecia estar esgotada por ora, levantei-me e me dirigi ao bar. “Um gim tônica e um prosecco”, pedi antes de sentir algo se chocando com meus quadris. Evitei virar o rosto e senti mais um golpe do lado esquerdo. Voltei-me para aquele lado para me deparar com uma

mulher, quarentona e enxuta, que rebojava em movimentos exagerados para que suas ancas batessem nas minhas. Ao perceber que eu a havia notado – como se houvesse uma alternativa a isso – ela interrompeu o rebojado, olhou-me fixamente e disse: “Hi”.

Imagino que todo mundo já tenha sido abordado por um parceiro potencial em uma festa. O solteiro examina a pessoa em questão e decide se vai levar o ritual adiante ou se vai dar uma negativa imediata. Se você é comprometido, as normas gerais de conduta dizem que é altamente inadequado corresponder a qualquer tipo de flerte. A exceção é a festa de libertinos, em que pessoas casadas procuram relacionar-se com outras pessoas casadas (ou não). Eu não sabia como reagir. Fiquei pensando se deveria pedir para a moça esperar um pouco até que eu buscasse minha mulher para que juntos decidíssemos o que fazer. Em vez disso, fiquei encabulado e mal consegui responder ao “oi” da morena, perguntar seu nome e sair pela tangente com as bebidas na mão. Ao entregar a taça de espumante para Mariana, apressei-me em dizer para ela: “Está vendo aquela moça encostada no balcão? Ela se chama Alexia, é sueca e começou a bater a bunda dela na minha bunda para me chamar a atenção enquanto eu esperava as bebidas”. Mariana apenas sorriu.

Sentados em um nicho com sofás e pufes, conversávamos com o outro casal de brasileiros quando a festa começou a se esvaziar, por volta das duas da madrugada. Nessa hora, Alexia se aproximou para se despedir de mim. Tascou-me um beijo na boca. Sem jeito, eu a apresentei a Mariana: “Esta é minha mulher”. Mari também ganhou um beijo na boca. Alexia deu a mão para o parceiro e saiu da festa. Parecia ser um bom momento para sairmos também e dormir, somente nós dois em nosso quarto de hotel.

A grande orgia dos mascarados, pela qual esperei meses, seria na noite seguinte.

Erguida por volta de 1765, a Villa Borromeo, em Cassano d’Adda, é um palácio de estilo neoclássico com três andares, 142 cômodos e 5 mil metros quadrados de área construída. A edificação foi feita sob encomenda para a família d’Adda, membros da nobreza lombarda cujo nome batiza o principal rio da região e pelo menos uma dúzia de pequenas cidades nas províncias de Milão e de Bergamo. No século XIX, o lugar hospedou

Napoleão Bonaparte. Durante a Segunda Guerra Mundial, abrigou tropas canadenses e italianas. Hoje, fica fechado a maior parte dos dias. A manutenção do palácio se faz com o aluguel de parte do espaço para convenções, casamentos e eventos de outras naturezas. Orgias, por exemplo.

A fila de carros que parava o trânsito na rua principal de Cassano às 23 horas do sábado de Finados terminava nos portões da Villa. Metade dos veículos vinha da Fortezza Viscontea, o antigo castelo que foi transformado em hotel e que, por sugestão do próprio Jacques, era a hospedagem oficial dos libertinos. A distância entre as duas construções é de apenas 450 metros. Um percurso facilmente feito a pé, mas não por mulheres em vestidos sensuais e sapatos com saltos ridiculamente altos e finos. Muito menos sob a chata garoa que caía incessantemente naquela fria noite de outono. Para não enfrentar o chuveiro nem o chão coberto por uma camada de brita fina, as damas eram deixadas por seus consortes na entrada da festa e os esperavam enquanto eles estacionavam seus Alfas, Bentleys e Mercedes em um pátio atrás da ala direita do palácio. Foi o que eu fiz com o Fiat Cinquecento branco que alugáramos em Milão.

Na espera para a conferência da lista, os casais ajeitavam suas máscaras. Ao contrário do que se vê em obras de ficção como o filme *De Olhos Bem Fechados*, essas máscaras não escondem a identidade de seus portadores. Primeiro, porque as pessoas escolhem modelos pequenos que cobrem a menor área possível do rosto, em geral apenas os olhos. Uma questão de conforto, pois, independentemente da temperatura exterior, o ambiente é quente e abafado nessas orgias (cheguei a desconfiar que Jacques houvesse instalado aquecedores para estimular os convidados a se despir). Em segundo lugar, porque os convidados já haviam se visto de cara limpa na pré-festa, no hotel e nas ruas de Cassano. Ou então eram conhecidos de longa data.

Mas havia de se usar a máscara na festa. Mariana escolheu uma preta com plumas também negras; eu fiquei com um modelo metade preto, metade num padrão de losangos beges e vermelhos. Ambas foram alugadas em um tipo de lugar de que você só descobre a existência quando precisa ir a uma suruba de luxo: um ateliê especializado em máscaras venezianas na rua Oscar Freire, em São Paulo.

Depois de ajeitarmos as máscaras no rosto e passar pela moça da recepção, que nos prendeu pulseiras brancas de papel – artifício para inibir a presença de penetras que pudessem se infiltrar por outras portas e janelas do palácio –, passamos ao vestíbulo que abrigava a chapelaria. Lá, praticamente todas as mulheres deixavam casacos e bolsas. Então entramos no primeiro ambiente da festa, uma grande sala retangular que tinha as paredes e o teto adornados com afrescos, como a maior parte dos cômodos da Villa Borromeo. A luz era baixa e a música suave, mas alta. Um ator vestido em trajes setecentistas, com a cara coberta de pancake e curvado para parecer corcunda, nos deu as boas-vindas em francês. Logo depois, fomos abordados por um homem com uma câmera pendurada no pescoço, figura dissonante em uma festa de gente que quer preservar sua identidade. Ele nos convidou a fazer uma pose. Tudo confidencial e enviado unicamente para o e-mail que um dos parceiros escreveria em uma planilha na prancheta da assistente do fotógrafo. Aceitamos. Nosso souvenir da grande suruba mascarada seria um retrato comportado do casal, 100% vestido e abraçado atrás de uma mesa. Exatamente um mês após a festa, recebi um e-mail com quatro opções de fotos e um pedido para usá-las no site da Madame O, o que foi gentilmente negado.

O ambiente seguinte era o bar. Ao contrário do que ocorria nas orgias da Antiguidade Clássica, ninguém bebe demais nesse tipo de festa. Os motivos são óbvios (afeta o desempenho sexual) ou nem tanto (copos costumam ser vetados nas áreas em que os casais se pegam). Um pouco de álcool, todavia, é necessário para lubrificar a interação inicial entre estranhos que se reúnem com o intuito expresso de transar uns com os outros em público. Pedi um espumante para a Mariana. Quente. Para mim, um Campari com soda e muito gelo. Jacques, em black tie, passou e nos cumprimentou apressadamente. Caminhamos para o espaço seguinte.

Ali a festa começou a dizer a que veio. Depois do bar, havia mais uma sala pequena que se comunicava com o salão principal do palácio. Este era ligado a uma pequena capela nos fundos e dava acesso à escadaria para o primeiro andar. Havia três performances sexuais acontecendo simultaneamente: duas na sala menor e uma no salão.

Na saleta, os dois grupos de artistas ocupavam camas revestidas de couro sintético. No primeiro deles, havia duas moças com cara e corpo de modelo. Elas vestiam calcinha, meia e cinta-liga, deixando os seios à

mostra. Seu espetáculo era basicamente uma encenação estilizada das preliminares do sexo entre mulheres. Beijos e toques muito suaves, num erotismo *lesbian chic* que poderia ser parte de um videoclipe de Bryan Ferry, Chris Isaak ou outro cantor romântico-cool da década de 1980. A outra cama tinha três pessoas, duas mulheres e um homem. Eles se beijavam entre si e também faziam sexo oral. As mulheres lambiam-se entre si e também chupavam o varão – palavra aqui usada como aumentativo de vara, pois o rapaz tinha um pênis de 25 centímetros ou mais. A atividade do trio era bem mais quente que o show das meninas, mas parecia sexo de novela da Rede Record se comparada ao que acontecia no salão ao lado.

Sobre um palco baixo, de uns 30 centímetros de altura, instalado no centro do ambiente, havia uma peça de mobília curiosa. Parecia uma maca ou uma mesa de massagem. Era feita em madeira e revestida com um estofado vermelho. Nesse móvel estava amarrada uma mulher miúda, muito magra, de cabelos negros. Ela encontrava-se totalmente nua, amordaçada, deitada de dorso no estofado que encostava em seu corpo da cabeça às nádegas. As pernas, abertas, caíam da extremidade da maca até os pés quase encostarem no chão. No meio das pernas tinha um anão.

O anão vestia-se como um bobo-da-corte medieval, com um macacão do pescoço aos pés e gola tudor – aquele colarinho bufante e circular comum em fantasias de Pierrô. Era careca e tinha os olhos pintados para criar olheiras exageradas. Em pé, sua cabeça ficava exatamente na altura da púbis da moça amarrada ao móvel.

O pequeno homem lambia incessantemente a genitália da mulher, enquanto grupos de convidados em roupas elegantes e com copos em mãos passavam e observavam, curiosos. Ele movia a língua para cima e para baixo, para um lado e para o outro, para dentro e para fora. Seus olhos procuravam acompanhar o movimento dos passantes e denotavam um certo tédio com a atividade. Ocasionalmente, parava os movimentos por um ou dois segundos, possivelmente com câibra ou dor muscular na língua, mas logo o retomava mecanicamente, resignadamente. Foi assim por uma hora, aproximadamente, sem exagero.

Como olhar um anão fazendo cunilíngua em uma mulher amarrada também se torna tedioso depois de algum tempo, Mariana e eu decidimos checar o que se passava na capela. O altar, que parecia ter um crucifixo,

algumas estátuas de santos e uma pintura grande, mas não se podia saber ao certo porque os objetos estavam cobertos por panos. Em frente a esse altar ficava o genuflexório: móvel que só existe em templos católicos, feito em madeira, com uma ripa para apoiar os joelhos e uma tábua na altura certa para o fiel repousar os braços enquanto faz suas orações. Mas ninguém rezava naquele momento naquele lugar. Sentada sobre a peça – que se estendia de parede a parede da capela, uns cinco ou seis metros – estava uma mulher que reconhecemos da festa de Saint-Tropez. Ela era alta, razoavelmente bonita, branca e usava cabelos curtos. Na orgia da França, havia passado o tempo todo com cara de tédio, conversando com o marido, o rapaz vestido de guerrilheiro palestino. Até onde vimos, sem fazer sexo com ninguém.

Na Itália ela fez diferente. A orgia ainda nem começara oficialmente, e a moça já se atracava com homens. Cinco deles ao mesmo tempo, sendo um deles o companheiro da festa anterior. Em cima do genuflexório, dentro de uma capela. No fundo do recinto, uma pequena plateia de três casais se recostava na parede. Juntamo-nos a ela. Todos olhávamos para a cena com mais curiosidade que tesão. Era um quadro um pouco difícil de decifrar. Nua, a mulher tinha a bunda apoiada na tábua superior do móvel e as pernas abertas. Seus pés encostavam no chão. Havia um homem ajoelhado entre as pernas dela, com a cabeça enfiada no meio das coxas, e outro, seu companheiro, que a abraçava por trás, acariciava seus seios e ocasionalmente beijava a nuca ou o pescoço. Os três restantes rodeavam esse trio na tentativa de se encaixar de alguma forma no ato, e com isso bloqueavam boa parte da nossa visão. Permanecemos por alguns minutos e saímos de volta para o salão principal, onde o anão seguia firme e forte com sua ginástica de língua. Mais tarde, quando as festividades do andar de cima já haviam sido inauguradas, vimos o par oficial da bela da capela a andar desorientado pelo palácio, olhando para os lados como se tentasse encontrar algo ou alguém que havia perdido.

Enquanto o anão se aproximava de bater o recorde mundial do cunilíngua de longa distância, os convidados já se amontoavam, em pé, ao redor do espetáculo. Peguei Mariana pela mão e abri espaço até chegar a uns três metros do palco. Vindo da área do bar, surgiu mais uma figura que já conhecíamos da festa francesa: o ator gigante que usava máscara antigás. Desta vez, a cabeça estava coberta por um tipo de capuz de vinil

negro colado na pele que só tinha pequenas aberturas nos olhos, no nariz e na boca, como as máscaras usadas no tratamento de queimados. Do topo desse capuz, pendia um feixe de fitas de couro preto que se assemelhava a um rabo de cavalo. Também de couro negro, uma cinta cravejada de rebites cobria os antebraços do rapaz. Ele estava sem camisa e vestia sunga de vinil, além de botas com salto plataforma que o deixavam com quase dois metros e meio. Tinha um chicote na mão direita.

O gigante afastou o anão e passou ele a lambar a vulva da mulher que estava amarrada há mais de uma hora na maca. De quando em quando, recuava a cabeça e trazia para a frente os antebraços cheios de pontas metálicas para esfregá-los na genitália dela. Depois se levantou e passou a desferir chibatadas leves e ritmadas ali mesmo. Então as luzes diminuíram, e o chão ficou coberto por uma nuvem de vapor de gelo seco enquanto o grandalhão se deslocava para a outra extremidade da maca, onde o anão já assistia impassível à performance. Um canhão de luz apontou para a entrada do salão, onde estava a ruiva compacta e musculosa que encarnava Erzebeth Báthory, a tal Condessa Negra.

Trajando uma capa vermelha, corpete da mesma cor, cinta-liga sem calcinha, salto alto e a máscara que o protocolo exigia, a atriz assumiu o posto do gigante e tomou-lhe a chibata. Ela deu uma volta em torno da mulher imobilizada, examinando-a como um leão que estuda a melhor maneira de começar a devorar a presa. Ainda caminhando ao redor da mesa, chicoteou a outra nos mamilos e nos genitais. Tirou a mordaca da vítima e sentou-se, sem se livrar da capa, com as pernas abertas sobre a boca dela, enquanto o anão retomava sua função ao pé da maca. O grandalhão também voltou ao jogo, beijando a ruiva por cima ao mesmo tempo em que a moça amarrada a beijava por baixo.

Aparentemente satisfeita, a “condessa” saiu de cima da outra atriz, deu-lhe um longo beijo na boca e retomou a posição em que estava o anão. Esperou uma assistente, também caracterizada como uma cortesã do século XVII, entregar-lhe um objeto. Era um *strap-on dildo*, nome em inglês para designar um pênis de borracha acoplado a uma cinta que a pessoa (em geral uma mulher) prende aos quadris. Enquanto a baixinha usava o consolo – coisa de uns vinte e tantos centímetros – para penetrar sua colega, o homem alto beliscava os mamilos da indefesa e estapeava

teatralmente sua cara. Enfim, sacou o pênis para fora e o pôs para ela chupar.

Quando a “condessa” se cansou do vaivém com o pênis falso, ela o removeu e ficou em pé, inerte. O gigante também interrompeu o que fazia e ficou parado. Subiram então ao palco duas “escravas” que removeram a capa da atriz e a conduziram até uma banheira que estava o tempo todo atrás da maca, mas que ainda não havia sido iluminada. A água dentro dela era tingida de vermelho para parecer o sangue das virgens sacrificadas por Erzebeth Báthory. As duas moças despiram totalmente a atriz principal, que entrou na banheira e fingiu lavar-se com sangue. Foi o momento em que as luzes no salão reduziram-se lentamente até tudo ficar escuro. A música que vinha da escadaria guiou os convidados para lá, com uma ajudinha da trupe de Jacques, que mostrava o caminho às pessoas. Estava aberta a passagem para o piso de cima. A orgia começava.

A coisa mais embaraçosa da orgia de Cassano – para todos que participaram dela, eu imagino – foi encarar no bufê do café da manhã de domingo as mesmas pessoas com quem você conversou ou transou na noite de sábado. Sim, elas tomam cappuccino e comem pão com manteiga, não apenas trepam feito depravadas.

Para não pegar a estrada para Milão na alta madrugada, uma parcela razoável dos convidados se hospedou em Cassano d’Adda. Por sugestão de Jacques, que intermediou as reservas, todos dormiram no mesmo hotel: Fortezza Viscontea, ou simplesmente o castelo, construído no século XIII por Ottone Visconti, arcebispo de Milão. No decorrer dos séculos, o lugar já foi forte militar, prefeitura, tribunal, delegacia de polícia, casa de veraneio e presídio. Diz o site do hotel que Leonardo da Vinci, o mais célebre hóspede, trabalhou lá em seus primeiros estudos para retratos de humanos.

Na manhã de 3 de novembro de 2013, as antigas paredes da fortaleza acolhiam libertinos da Itália, da França, da Espanha, da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Noruega e do Brasil, só para citar algumas nacionalidades estampadas nos passaportes e carteiras de identidade dispostos sobre o balcão da recepção para o check-out dos hóspedes (no check-in, a gerência pediu o documento para preencher as fichas dos clientes). No café da manhã, o casal na mesa ao lado da nossa era, muito

provavelmente, norueguês. Assim que a garçonete repunha a garrafa de água do bufê, eles a sequestravam para a própria mesa, e a esvaziavam sem dizer uma palavra ou mesmo trocar olhares entre si. A cada casal novo que chegava ao salão, se repetia esta sequência: um rápido silêncio, olhares discretos e murmúrios quase imperceptíveis. Era nítido que todos os outros o examinavam para tentar lembrar de algum episódio da festa. Se havia conhecidos na mesa, o cumprimento era um aceno tímido. Quando Júlio e Priscila entraram, nós fomos um pouco além disso e demos “bom dia” sem nos levantar da cadeira.

Na praça em frente ao hotel, os moradores de Cassano montaram uma feirinha, possivelmente a feirinha com os itens menos interessantes da Europa. Vendiam gibis usados, fitas cassete, eletrodomésticos velhos quebrados e artesanato de qualidade sofrível, entre outras quinquilharias. Além do mais, estava garoando desde a noite anterior e fazia frio. Tudo nos convidava a voltar para Milão a tempo de tomar um negroni na Brera antes do almoço.

Colocávamos a bagagem no carro e nos despedíamos do outro casal paulista, que também partia, quando alguém nos acenou do portão. Era Jacques. “Venham almoçar comigo”, convidou, e nos levou a uma ruazinha estreita nas redondezas que escondia uma pequena e simpática trattoria. Assim que sentamos à mesa, o dono do restaurante trouxe uma pizza de presunto cru. Jacques pediu também uma jarra do vinho da casa.

“Não dormi ainda”, disse o senhor Madame O. Enquanto os convidados se recuperavam dos excessos no confortável castelo, Jacques recolhia velas, ajudava na limpeza do palácio e cuidava para que todo o equipamento alugado de som, luz e decoração fosse embalado e despachado de volta. O homem estava um caco, mas ainda elétrico.

“Gostaram da festa?”, perguntou com interesse genuíno. Sim, havíamos gostado e queríamos saber como ele montava uma orgia daquelas. Aquilo era uma superprodução. Era o Cirque du Soleil das surubas.

No total, foram gastos 25 mil euros com a noitada. “Isso porque eu tenho minhas conexões, senão seria mais caro”, gabou-se o francês. As despesas incluíam o aluguel do palácio, de equipamentos, as compras de comida e bebida e o dinheiro pago às 40 pessoas que trabalharam na festa – *catering*, bar, seguranças e artistas. Os últimos são as pessoas

responsáveis pelos shows, para dizer o mínimo, impactantes que vimos em Saint-Tropez e Cassano d'Adda.

Nas duas cidades, o elenco era praticamente o mesmo. Jacques recrutou a trupe em cabarés e casas de show da França, da Itália, da Alemanha e de outros países europeus. A companhia teatral mais perversa do mundo viaja para onde a Madame O viaja.

A pizza acabou rapidamente, e Jacques pediu um prato de penne com abobrinha e guanciale, uma espécie de bacon feito com a carne da bochecha do porco. Como o sujeito pode comer tanto e ser tão magro?

Ele queria saber como seria retratado no livro. “Eu vou ser o quê? Um homem? Uma mulher? Quero manter a aura de mistério da Madame O.” Disse-lhe que poderia trocar seu nome, sua nacionalidade e outros dados que não distorcessem a essência da história, mas que não inventaria um personagem diferente do homem que conheci. Ele não levou a discussão adiante – dias mais tarde, me escreveria para pedir que seu nome no livro fosse Jacques (a versão francesa de Giacomo, prenome do célebre libertino Casanova). Naquele momento, estava mais interessado em falar de seus ambiciosos planos para a sociedade libertina. “Não faço isso por dinheiro. É uma paixão real para mim.”

Começou então a detalhar as diversas frentes de negócio que abriu a partir da Madame O: uma boutique virtual de roupas sensuais, uma agência de viagens para o público que frequenta suas orgias e uma produtora de eventos e festas, não necessariamente orgias. “Já fiz eventos que misturavam libertinos e inocentes” – “inocentes” é a palavra que ele usa para definir quem não faz *swing* e nunca frequentou orgias. Em tais festas, os convidados dividiam-se entre os portadores de pulseiras vermelhas e aqueles que usavam pulseiras brancas. Só os vermelhos tinham acesso a determinados cômodos da casa, onde acontecia orgia; nas áreas comuns, ambas as cores se comportavam com recato. “É claro que os inocentes ficavam curiosos. Alguns acabaram por tornar-se libertinos e ganhar a pulseira da outra cor.”

O Brasil, na visão de Jacques, é muito importante para a expansão de sua rede. Dos cerca de 1600 casais cadastrados na Madame O, 25% são brasileiros recrutados nas três festas que a sociedade promoveu em São Paulo. Seus dois parceiros no país desistiram do negócio por razões pessoais, e as orgias paulistanas foram interrompidas. Desde 2011, o

contato da Madame O com ¼ de seus associados era puramente virtual. Naquele momento, Jacques planejava um retorno triunfal às terras tropicais. Viria para cá no início do ano seguinte para recrutar parceiros, organizar uma orgia maior e melhor que as anteriores em São Paulo ou no Rio (ou em algum lugar entre as duas cidades) e estabelecer ao sul do Equador uma base da Ordem Secreta dos Libertinos.

Ordem Secreta dos Libertinos?

Sim, Jacques estava envolvido em uma sociedade secreta nos moldes da maçonaria, que reúne pessoas poderosas com um fraco para práticas sexuais menos convencionais. Ele não quis me dar muitos detalhes. “Se for escrever sobre a Ordem, quero que seja somente sobre a Ordem.” A ideia remete inevitavelmente ao culto do filme *De Olhos Bem Fechados*, ao complô maligno que a ex-atriz-pornô-que-virou-autora Sasha Grey descreveu no livro *Juliette Society* ou a qualquer conspiração envolvendo maçons, templários, *illuminati* e afins. Perguntei se a Ordem tem algo a ver com ocultismo ou qualquer coisa que mexesse com o sobrenatural. “Não, tenho medo dessas coisas”, foi a resposta que ouvi. Jacques se limitou a dizer que ele e seus parceiros retomaram uma antiga sociedade secreta que existia em Veneza para, basicamente, fazer negócios com as mesmas pessoas que vão às suas orgias. “O sexo quebra barreiras”, disse.

Mais tarde descobro que a tal Ordem é mencionada em muitos sites de teoria conspiratória, que citam o site secretorderoflibertines.org – cuja existência Jacques dizia desconhecer – como um portal indevassável de uma organização baseada em quatro países: Reino Unido, França, Itália e Grécia. Até o fim de 2013, a página de abertura do site era uma tela negra com um símbolo (a letra “L” adornada com uma pinha no topo) e ameaças a quem tentasse acessar seu conteúdo sem pertencer à sociedade. Em fevereiro de 2014, o mesmo endereço remetia a uma página com o seguinte texto:

Oi, galera. Desculpem-nos, este site não está mais ativo. Ele foi criado para uma festa à fantasia para a qual não conseguimos juntar dinheiro suficiente. Apesar de a festa nunca ter acontecido e de termos tirado o site do ar, ainda recebemos e-mails de “teóricos da conspiração”.

Em 2009, nós encomendamos o site para divulgar um baile de máscaras que deveria parecer o culto do filme De Olhos Bem

Fechados para as pessoas que convidávamos. (...) Nós postamos o link em blogs, fóruns e páginas da Wikipédia para que ele parecesse real a quem fizesse a busca no Google, mas – desculpem a decepção – ele não era real! Se fosse, nós não colocaríamos “secreta” no título!

A Ordem de Jacques não parece ser uma brincadeira. Talvez suas reuniões se assemelhem a assembleias de condomínio com rituais e códigos estranhos. Ou não. O fato é que, na visão de Jacques, o projeto é grande e muito importante. O idealizador da Madame O não consegue pensar pequeno. “Assim como hoje falam de Casanova, daqui a 300 anos as pessoas vão falar de nós.”

Pode ser pretensão. Pode ser megalomania. Jacques, entretanto, tem o dom de fazer coisas que são difíceis de esquecer. Enquanto viajávamos de volta para Milão naquela feia tarde de domingo, ainda estávamos atordoados pela experiência da noite anterior. A orgia de Cassano d’Adda havia mexido com nossas mentes de forma irreversível.

Dezenas de pequenas velas iluminavam os degraus da escadaria que leva ao primeiro andar da Villa Borromeo quando, um pouco depois da meia-noite, foi liberado o acesso dos convidados àquele setor do palácio. Os casais começaram a subir paulatinamente, sem alvoroço. Alguns eram barrados pela segurança porque carregavam copos de bebidas. Outros simplesmente não tinham pressa. Permaneciam no térreo, conversando com seus amigos enquanto aguardavam o momento que julgavam ideal para conhecer o restante dos aposentos – dos 142 ambientes do edifício, número que inclui os antigos estúbulos e dependências de funcionários, somente 18 salas do térreo e do primeiro piso são alugadas para eventos.

A área superior da festa compreendia oito cômodos conectados entre si diretamente, sem corredores nem passagens: para se chegar ao último é necessário passar por todos os outros. O primeiro deles, adjacente à escada, é o maior. Equivalia em tamanho ao salão principal do andar de baixo. À esquerda de quem chega, ficam as outras salas abertas aos convidados; do lado oposto há um banheiro. Sete dos oito ambientes estavam mobiliados com camas revestidas de material impermeável: às vezes espalhadas pelo espaço, outras vezes unidas para formar camas

maiores. Uma das salas tinha quase toda a sua área ocupada por sete ou oito desses móveis, que juntos formavam um playground sexual com 30 metros quadrados ou mais. A decoração incluía também sofás, divãs, poltronas e pufes. O último cômodo era o único com iluminação direta, que permitia ver qualquer coisa que se passasse por lá. Estava equipado com uma cama alta, como uma cama de hospital, e com alguma parafernália fetichista – chicotes, algemas, dildos e outros aparatos mais difíceis de identificar. Não havia portas para serem fechadas: quem fosse transar teria de fazê-lo na frente de todos. Estrategicamente distribuídos por todos os quartos, havia potes com preservativos, caixas de lenços de papel, álcool gel e cestos de lixo.

Ao subir, encontramos pela primeira vez na festa o outro casal de brasileiros. “Demorei tanto para me arrumar que quase perdemos a hora”, disse Priscila. “Onde já se viu servir vitela à milanesa acompanhada de... limão?”, reclamou Júlio. Ele não se conformava com a ausência de guarnições no prato de carne servido no jantar do hotel. Meu macarrão estava bom, mas a conversa sobre comida era subterfúgio para disfarçar a estranheza da situação. Após alguns segundos de papo furado, cada casal foi para um lado.

Àquela altura, a orgia seguia o mesmo roteiro da festa da Madame O em São Paulo: no afã de estimular os convivas a partir para a ação, pessoas da equipe contratada para o evento ocupavam uma das camas. Quando o primeiro casal de convidados pôs os pés no andar superior, já se deparou com quatro pessoas em pleno ato sexual na sala adjacente à escada. Desta vez, foram dispensados os anões, os instrumentos de tortura, as posições bizarras e as fantasias estranhas. Os atores estavam nus e se limitavam ao papai e mamãe. No máximo, posições com a mulher por cima ou de quatro na cama. Tudo para parecer natural, tudo para parecer que se tratava de convidados.

Percorremos todos os cômodos para reconhecer terreno. Outros casais faziam o mesmo. Ninguém, exceto os performáticos da primeira sala, transava ainda. Aqui e ali, encostadas pelas paredes, algumas duplas já se pegavam em carícias um tanto ousadas. O ar ia ficando progressivamente abafado e pesado. A temperatura podia estar agradável para as moças em vestidos curtos, mas certamente não para quem estava enfiado em um terno. A máscara começava a incomodar e fazer o rosto suar. Vi que

alguns dos convidados a levantavam para ficar mais à vontade. Decidi imitá-los e também buscar refresco no moscow mule, drinque de vodca, limão e gengibre que o barman havia me sugerido. No caminho, encontrei Jacques.

“Bela festa. Que lugar fantástico”, disse porque não tinha nada melhor para dizer.

“Ponha a máscara”, ele retrucou. Obedeci.

Na segunda vez que subimos, o cenário tinha mudado bastante. Contei seis pessoas na cama gigante, transando ou se preparando para transar. No quarto dos fundos, uma moça loira transava com três homens na cama alta. Um pouco depois, a mesma cama receberia a atriz que havia sido lambida pelo anão e penetrada pelo consolo da “condessa”: ela chupava o pênis de um colega. Por todos os ambientes, os convidados já perdiam a timidez. Alguns começavam a brincar a dois, fazendo o que é possível fazer quando se está em pé, recostado em um canto da parede. Nas camas havia poucos casais. O que mais chamava a atenção eram grupos cujo tamanho variava de três a doze indivíduos – resultado da contagem mais recente da supercama. Alguns faziam sexo sem tirar a roupa: elas levantavam o vestido e abaixavam a calcinha, eles simplesmente arriavam calça e cueca. Outros se despiam totalmente e deixavam as roupas cuidadosamente dobradas num pufe ao lado da cama.

Circulando pelos dois andares da festa, encontravam-se figuras como a (bela) mulher que desfilava com um vestido sem tecido, feito apenas com uma armação metálica. Ou o ator careca que usava tapa-olho na festa em Saint-Tropez: ali na Itália ele tinha lentes de contato brancas nos dois olhos, o que o fazia parecer um homem cego. Ou a sueca Alexia, superamistosa no bar em Milão, que agora se limitava a nos cumprimentar de longe. Ou a garota loira que, sem nenhuma peça de roupa acima da cintura, foi pedir uma taça de espumante no bar. Ou o homem que puxava sua mulher nua por uma coleira e de vez em quando parava para encará-la por vários minutos, sem se mover, sem dizer uma palavra e sem expressão facial em nenhum dos dois. O público da festa era, no geral, bonito e (principalmente) bem-cuidado na aparência. Eram quase todos brancos, quase todos europeus, quase todos ricos. Havia alguns jovens, mas a maior parte das pessoas já tinha adentrado a quarta década de vida ou estava

avançada na terceira. As mulheres, como costuma acontecer nesse meio, eram ligeiramente mais novas do que os homens.

Jacques só trabalhava. Andava de um lado para o outro, dava instruções ao pé do ouvido de seus funcionários, recolhia copos deixados nas mesinhas e verificava se tudo corria bem com seus convidados. “Comecei a fazer essas festas porque eu era um garoto que gostava muito de mulher e de sexo”, ele me diria no almoço do dia seguinte. Só que o chefe da sociedade libertina não relaxava nas próprias festas. Se ele faz sexo com alguém nas orgias que promove, não o fez em nenhuma das três em que eu estava presente.

Passei de novo ao lado da cama gigante: ela acomodava 20 pessoas que trepavam e metiam e lambiam e chupavam e beijavam e se agarravam entre si numa cena difícil de processar visualmente, quanto mais converter em palavras. Eu tinha um recorde ali. Desde que comecei a trabalhar nesse livro, não havia visto tanta gente transando junta.

No quarto dos fundos, a moça – sim, ainda estava lá a parceira do anão – se posicionava de quatro, com os cotovelos apoiados na cama e o ânus e a vagina voltados para o ator que ela chupava um pouco antes. As paredes ao redor eram ocupadas pela plateia, casais que assistiam ao ato ou atuavam eles mesmos. Um desses casais, na parede oposta à que nos recostamos, eram os paulistas que conhecemos na noite anterior. Eles perceberam nossa presença e acenaram com a cabeça. Enquanto isso, na cama, o ator vestiu uma luva cirúrgica na mão direita e a encharcou com lubrificante íntimo. Começou enfiando um dedo na vagina da mulher, depois dois e depois três. Encostados no batente da entrada, um homem e uma mulher tinham os olhos fechados enquanto ela praticava sexo oral nele. Estavam tão absortos que nem percebiam que atrapalhavam a passagem. Tampouco notavam que, no centro do quarto, o rapaz da luva de borracha já tinha todos os dedos da mão direita dentro da garota que passou por todas as provações possíveis no decorrer da festa. Mariana, que estava com as costas apoiadas no meu corpo, apertou minha mão para eu desviar o olhar da performance. Do outro lado da sala, Priscila e Júlio se afastavam do grupo que olhava o espetáculo para procurar um canto mais confortável. Encontraram uma mesa em que ela se deitou, deixando apenas as pernas penduradas para fora. Enquanto isso, o rapaz que protagonizava o show havia fechado a mão, que enfiava lentamente até a metade na vagina da

parceira. Ela pouco se movia e não emitia som de nenhuma espécie. Lá atrás, Priscila já estava com o torso nu, exibindo os bonitos seios – turbinados com silicone – enquanto o marido, em pé, a beijava e tentava desfivelar o cinto. Após desvencilhar-se também dos botões da calça, ele a puxou para mais perto e arrancou sua calcinha. Eles estavam em um ambiente claustrofóbico, quente e úmido, na presença de outras 20 pessoas, mas transavam como se estivessem sozinhos em seu quarto. Fora do mundo particular do casal, o fist fucking já ocorria em sua plenitude: o ator enfiava na parceira toda a mão, o punho e um pedaço do antebraço, saindo e entrando em movimentos lentos que não despertavam nenhuma reação aparente na moça.

Segurei firmemente no braço de Mariana e a puxei para a sala ao lado, mais escura e menos ocupada. Recostamo-nos em um nicho na parede e nos abraçamos forte. Nunca mais seríamos os mesmos depois do que aconteceu naquela noite.